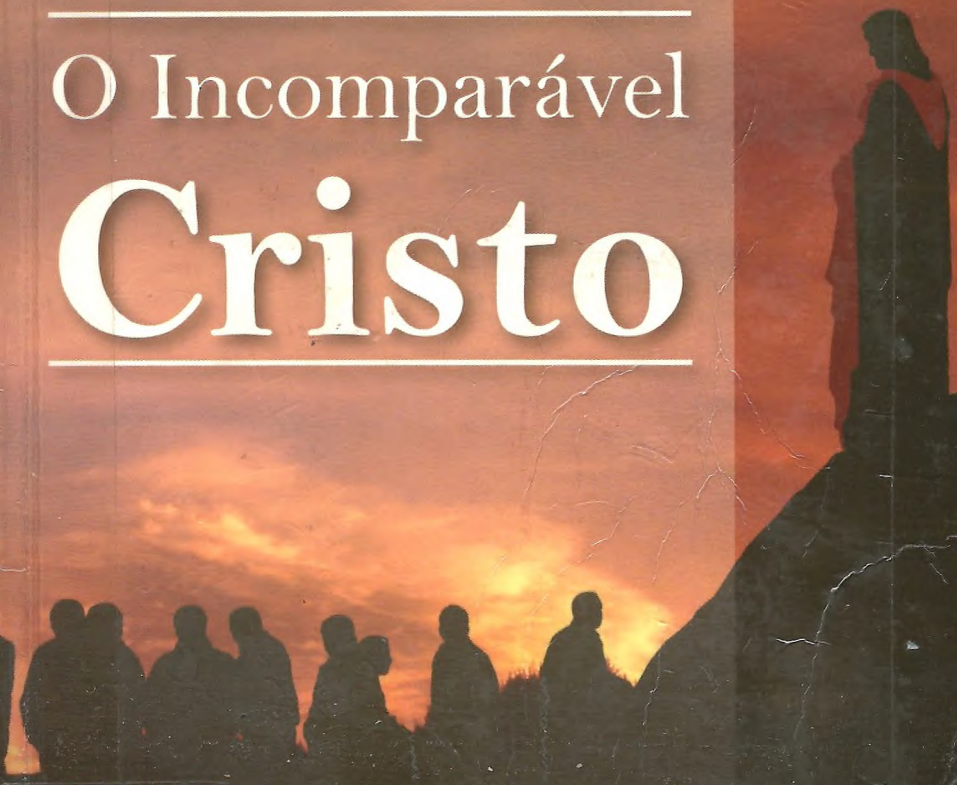
ABU
EDITORA

O Incomparável Cristo



John Stott

O Incomparável

Cristo

Jesus Cristo tem sido a figura dominante da cultura ocidental há dois mil anos e seu nascimento é a referência de nosso calendário. Ele é o centro das Escrituras, conforme declarou Lutero: "a Escritura inteira, em cada parte dela, só trata de Cristo". Ele é o coração da missão, a mensagem que incontáveis cristãos atravessam terras e mares, continentes e culturas para transmitir.

Em análises magistrais, John Stott examina o testemunho do Novo Testamento, o retrato que a igreja tem feito de Cristo ao longo dos séculos e a influência que Cristo tem exercido sobre indivíduos nos últimos vinte séculos. Por fim, voltando-se para o livro de Apocalipse, ele pergunta o que Jesus Cristo significa hoje. Eis o fruto de toda uma vida de estudo bíblico, reflexão cristã rigorosa e devoção à pessoa de Jesus Cristo.

"John Stott pinta um quadro do Cristo incomparável sobre uma grande tela. Ele aplica sua mente incisiva, seu compromisso com as Escrituras e seu senso de temor diante do propósito de Deus na história humana, concentrando-se com humildade no Jesus a quem conhece e tem amado a vida inteira. O resultado é uma rara combinação de sabedoria e inspiração."

Roy McCloughry
Diretor, Kingdom Trust

A B U
EDITORA
Respostas bíblicas
para o mundo hoje

ISBN 85-7055-069-3
9 788570 550699

Conhecido em todo o mundo como mestre da Bíblia, escritor, pastor e líde[r] missões, John Stott é autor de muitos livros , entre eles "Ouça o Espírito, o[uça] o mundo", "Crer é também pensar", "A mensagem do Sermão do Monte", e[m] outros. Ele é Reitor Emérito da Igreja de All Souls em Londres e Presidente do Instituto Londrino de Cristianismo Contemporâneo.

A B U

O Incomparável Cristo

Mazinho Rodrigues!

John Stott

O Incomparável Cristo
Traduzido do original em inglês *The Incomparable Christ*
Inter-Varsity Press, Leicester, Inglaterra
Copyright © John Stott, 2001

Direitos reservados pela:
ABU Editora S/C
Caixa Postal 2216 – CEP 01060-970 – São Paulo – SP
E-mail: editora@abub.org.br Home page: www.abub.org.br/editora
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a permissão por escrito da ABU Editora.

Tradução de Lucy Hiromi Kono Yamakami - Fronteiras Editoração Ltda-ME
Revisão de Edison Mendes de Rosa
Capa: Fernando Oki

1ª. Edição - 2006

A ABU Editora é a publicadora da ABUB - Aliança Bíblica Universitária do Brasil.

A ABUB é um movimento missionário evangélico interdenominacional que tem como objetivo básico a evangelização e o discipulado de estudantes – universitários e secundaristas – e profissionais, em parceria com igrejas e profissionais cristãos. Sua atuação se dá através dos próprios estudantes e profissionais, por meio de núcleos de estudo bíblico, acampamentos e cursos de treinamento. A ABUB faz parte da IFES – *Internacional Fellowship of Evangelical Students*, (CIEE, em português) entidade internacional que congrega mais de cem movimentos estudantis semelhantes por todo o mundo.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stott, John
O incomparável Cristo / John Stott ; [Tradução e revisão de Lucy Hiromi Kono Yamakami] . -- São Paulo : ABU, 2006.

Título original: The incomparable Christ.
Bibliografia.

1. Jesus Cristo - História das doutrinas
I. Título.

06-6016 CDD-232

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo : Cristologia 232

SUMÁRIO

Prefácio (Dr. George Carey, Arcebispo de Cantuária) 7
Prefácio do presidente 8
Agradecimentos (Jonh Stott) 9

INTRODUÇÃO

1. A centralidade de Jesus 11
2. História e teologia 14

PARTE I - O JESUS ORIGINAL

(Ou como o Novo Testamento testifica a seu respeito)

Os quatro evangelhos 19
1. O Evangelho de Mateus: Cristo, o cumprimento das Escrituras 19
2. O Evangelho de Marcos: Cristo, o Servo sofredor 22
3. O Evangelho de Lucas e Atos: Cristo, o Salvador do mundo 27
4. O Evangelho e as cartas de João: Cristo, a Palavra que se tornou carne 33
5. O quádruplo evangelho 37
6. Jesus e Paulo 39
As treze cartas de Paulo 41
7. Uma carta polêmica (Gálatas): Cristo, o libertador 43
8. As primeiras cartas (1 e 2 Tessalonicenses): Cristo, o juiz que virá .. 44
9. As principais cartas (Romanos, 1 e 2 Coríntios): Cristo, o Salvador. 47
10. As cartas da prisão (Colossenses, Filemom, Efésios e Filipenses): Cristo, o Senhor supremo 60
11. As cartas pastorais (1 Timóteo, Tito e 2 Timóteo): Cristo, a cabeça da igreja 63
Mais três autores judaicos 65
12. A carta de Tiago: Cristo, o mestre de moral 65
13. A carta aos Hebreus: Cristo, nosso grande sumo sacerdote 68
14. As cartas de Pedro: Cristo, o sofredor exemplar 71
Conclusão: Diversidade na unidade 73

PARTE II - O JESUS ECLESIÁSTICO

(ou como a igreja o tem apresentado)

Introdução: "um outro Jesus" 79

1. Cristo, o cumprimento completo: Justino Mártir 80
   Os profetas e os filósofos
2. Cristo, o Deus-homem singular: Os primeiros concílios 83
   A importância da cristologia
3. Cristo, o monge perfeito: São Bento 86
   Duas questões em torno do monasticismo
4. Cristo, o devedor feudal: Anselmo 90
   A teologia medieval da expiação
5. Cristo, o noivo celestial: Bernardo de Claraval 92
   O misticismo cristão
6. Cristo, o exemplo ético: Thomas a Kempis 96
   Uma imitação ascética de Cristo
7. Cristo, o Salvador gracioso: Martinho Lutero 100
   A justificação somente pela fé
8. Cristo, o mestre humano: Ernst Renan e Thomas Jefferson 102
   O ceticismo do Iluminismo
9. Cristo, a vítima trágica: John Mackay 106
   Sexta-feira da Paixão sem Páscoa
10. Cristo, o libertador social: Gustavo Gutierrez 110
    Boas novas para os pobres
11. Cristo, o Messias judaico: N. T. Wright 115
    Exílio e êxodo
12. Cristo, o Senhor global: Missão no século XX 120
    De Edimburgo, 1910, a Lausanne, 1974

Conclusão: Autenticidade versus acomodação 124

PARTE III - O JESUS INFLUENTE

(ou como ele tem inspirado as pessoas)

Introdução: A história de Jesus 129

1. O estábulo de Belém: Francisco de Assis 130
   O nascimento do rei pobre
2. O banco do carpinteiro: George Lansbury 133
   A dignidade do trabalho braçal
3. O ministério de compaixão: Padre Damien e Wellesley Bailey..... 139
   Tocando nos intocáveis
4. O Sermão do Monte: Leon Tolstói, Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr. 143
   O desafio da não-resistência
5. O amor pelas crianças: Thomas Barnardo 147
   "Uma porta sempre aberta"
6. O lava-pés: Samuel Logan Brengle 151
   Uma lição necessária de humildade
7. A cruz: Toyohiko Kagawa 155
   A revelação do amor de Deus
8. A ressurreição: Joni Eareckson Tada 159
   "Vou dançar com meus próprios pés"
9. A exaltação: Henry Martin 162
   Zelo pela honra do nome de Cristo
10. O dom do Espírito: Roland Allen 165
    O Espírito Santo é um Espírito missionário
11. A segunda vinda: Anthony Ashley Cooper (Lorde Shaftesbury).. 168
    Um programa para reforma social
12. O último julgamento: Willian Wilberforce 171
    A abolição da escravatura e do tráfico de escravos

A natureza radical da influência de Cristo..... 175

PARTE IV - O JESUS ETERNO

(ou como ele nos desafia hoje)

Introdução: "A Revelação de Jesus Cristo" 181

1. Cristo alegando ser o Primeiro e o Último, e Aquele que Vive (Ap 1) 185
   Uma visão do Cristo ressuscitado e eterno
2. Cristo supervisionando suas igrejas na terra (Ap 2–3) 189
   Sete marcas de uma igreja ideal
3. Cristo dividindo o trono de Deus no céu (Ap 4–5) 194
   O trono, o rolo e o Cordeiro
4. Cristo controlando o curso da História (Ap 6–7) 200
   Os sete selos e as duas comunidades
5. Cristo chamando o mundo ao arrependimento (Ap 8–11) 203
   As sete trombetas, o rolo pequeno e duas testemunhas
6. Cristo vencendo o diabo e seus aliados (Ap 12 – 13) 211
   A mulher, o dragão, o menino e as duas bestas
7. Cristo sobre o Monte Sião com seu povo redimido (Ap 14.1 – 15.4) 218
   A alternativa radical: salvação e julgamento
8. Cristo vindo como um ladrão na noite (Ap 15.5 – 19.10) 222
   O chamado à prontidão
9. Cristo em triunfo sobre um cavalo branco (Ap 19.11 – 20.15) 232
   A ruína da besta e de Satanás
10. Cristo vindo como o noivo para buscar sua esposa (Ap 21 – 22) .. 238
    O novo universo, a cidade e o jardim

Epílogo (Ap 22.6-21) 244

Conclusão: Um livro em quatro partes 249

PREFÁCIO

Não tenho dúvidas, como Arcebispo da Cantuária, que a maior e mais importante das tarefas que temos como cristãos hoje, qualquer que seja nossa denominação, é exaltar o Nome, e fazê-lo não só com a maior consideração pelas crenças dos outros, mas também com uma convicção de que a pessoa de Cristo continua correspondendo aos anseios e esperanças de cada coração humano.

O Dr. John Stott fez do tema Jesus Cristo o centro de sua vida, trabalho e estudo. De sua pena têm fluído obras penetrantes que combinam erudição com anos de compromisso apaixonado com a obra pastoral e evangelística da igreja. De seus lábios têm fluído exposições poderosas e convincentes da relevância de Cristo para os dias de hoje.

Mas apesar de ser intelectual brilhante e erudito, John nunca foi um teólogo fechado numa torre de marfim. Ele se coloca na tradição anglicana clássica do "pastor mestre". Sua sala de aula tem sido primeiro a paróquia e depois o mundo. Ele não busca postos acadêmicos nem promoção eclesiástica. Mesmo assim, de acordo com uma autoridade do calibre de David Edwards, "Com exceção de William Temple, John Stott é o clérigo mais influente na Igreja da Inglaterra do século XX".

Os quatro objetivos principais das Preleções Londrinas são: "expor algum aspecto do cristianismo bíblico histórico; relacioná-lo com uma questão contemporânea igreja no mundo; ser acadêmico em conteúdo, ainda que popular o suficiente em apelo e estilo para atrair o público culto; e apresentar cada tópico de tal maneira que seja de interesse tanto para o público secular como para o cristão".

Esses quatro objetivos são, em minha opinião, a estrutura exata do próprio ministério de John, desde tempos remotos, quando era cura aqui em All Souls, Langham Place, até sua função atual como embaixador internacional de Jesus Cristo. Seu biógrafo, Bispo Timothy Dudley-Smith, resume seu ministério com as seguintes palavras: "ninguém pode ler os escritos de John Stott sem perceber que sua preocupação é ensinar e expor

uma fé revelada e interpretar as Escrituras autorizadas e atemporais para o mundo contemporâneo". John, como pastor, pregador, estudioso, escritor, apologista, evangelista e irmão em Cristo, somos gratos a Deus por sua pessoa e por seu longo e bendito ministério.

As Preleções Londrinas de Cristianismo Contemporâneo, fundadas pelo próprio John em 1974, ao que parece nunca teve um fundador como preletor até agora. É mais do que adequado, portanto, que neste ano do milênio, seja ele quem desenvolva esta série. Também é muitíssimo adequado que, no ano em que comemoramos dois milênios, o tema seja o que sempre foi o centro do ministério de John: o Cristo incomparável.

Dr. George Carey
Arcebispo da Cantuária

Prefácio do presidente

Parecia próprio à Comissão Administrativa das Preleções de Londres no ano do milênio que devíamos concentrar nossa atenção em Jesus e especialmente adequado que John Stott, cuja visão e energia havia gerado a série de preleções, fosse convidado para ser o preletor.

Nossas esperanças não foram vãs. Uma multidão entusiasmada assistiu às preleções. A Igreja de All Souls em Londres esteve quase repleta em cada uma das quatro quintas-feiras. A última palestra foi dada na presença de Sua Alteza Real, Princesa Alexandra, e foi introduzida pelo Arcebispo da Cantuária. As preleções proveram muito conteúdo para estimular a mente e aquecer o coração. A erudição e o entusiasmo pessoal do preletor ficaram evidentes, enquanto se amparava no trabalho de toda sua vida e no estudo de grande amplitude e profundidade, cujo foco e centro sempre foram Cristo.

Tenho o prazer de recomendar este estudo instigante e inspirador sobre Jesus em nome da Comissão das Preleções de Londres.

John Grayston
Presidente, Comissão das Preleções de Londres

Agradecimentos

Sou profundamente grato à Comissão das Preleções de Londres pelo convite para proferir as preleções de 2000 AD e por propor que o único tópico adequado seria o próprio Jesus, cujo aniversário milenar supúnhamos estar celebrando. Depois de tomar essas duas decisões, a Comissão me deu liberdade para desenvolver o tema escolhido sob minha responsabilidade. Mas me ofereceram incentivo sólido com John Grayston, excelente presidente, e Betty Baker, secretária conscienciosa e eficiente.

Também sou grato a alguns amigos que me emprestaram livros, deram-me conselhos e me ajudaram a compilar uma bibliografia. Penso especialmente em Richard Bewes, Dick France, Timothy Dudley-Smith, Paul Barnett, Paul Blackham, John W. Yates III, René Padilla e Eunice Burton.

Além disso, sou grato à Inter-Varsity Press, aos produtores, a Stephanie Heald, a editora, e a Steve Motyer e David Wright. Eles foram destacados pela IVP como leitores oficiais do manuscrito e fizeram uma série de comentários perspicazes.

Mas minha gratidão especial são devidas a Corey Widmey, atual assistente de estudos, cujos horizontes foram marcados por leituras durante cerca de dezoito meses. De um modo bem pessoal, ele as abrigou no coração. Ele tem demonstrado persistência notável em navegar pela internet, procurando referências que eu não conseguia encontrar e descobrindo livros que eu precisava consultar ou ler, e fazendo pleno uso das facilidades da Biblioteca Britânica recém-aberta. Quanto ao texto das preleções, deve tê-las lido pelo menos dez vezes em diferentes estágios. Suas sugestões sempre são positivas e úteis, e ele também escreveu o guia de estudos que acompanha o conjunto de quatro videoteipes das preleções. Por tudo isso sou-lhe muitíssimo grato.

Depois nós dois dependemos muito de Frances Whitehead: sua perseverança sem igual como minha secretária particular há 45 anos, suas habilidades notáveis com o computador e sua disposição de repassar o texto em seus três estágios principais — a edição original, sua abreviação para as preleções orais e sua conversão neste livro. Quando, em abril de 2001, foi anunciado numa reunião pública que o Arcebispo da Cantuária havia

decidido honrá-la com um título de Mestre *Honoris Causa*, de imediato os presentes a ovacionaram em pé espontaneamente.

Assim, apresento este livro com a esperança e a oração de que muitos leitores reconheçam Jesus Cristo como o devido objeto de nosso culto, testemunho e esperança e como alguém que merece a descrição "incomparável". Pois ele possui não rivais nem pares.

John Stott
Julho de 2001

INTRODUÇÃO

1. A centralidade de Jesus

"Não importa a idéia ou crença pessoal de alguém acerca dele, Jesus de Nazaré vem sendo a figura dominante na história da cultura ocidental há quase vinte séculos." Assim escreveu Jaroslav Pelikan no início de seu abrangente livro *Jesus through the Centuries.*[1]

Pareceu adequado, portanto, que as Preleções Londrinas de Cristianismo Contemporâneo neste ano do milênio girassem em torno de Jesus Cristo, já que é seu aniversário que estamos celebrando (seja qual for a data precisa). Considere seu domínio em três esferas.

Primeiro, Jesus é *o centro da história*. Pelo menos grande proporção da raça humana continua dividindo a história em a.C. e d.C., numa referência a seu nascimento. No ano 2000, a população do mundo chegou a 6 bilhões, enquanto o número estimado de cristãos era de 1,7 bilhões ou cerca de 28%.[2] Assim, quase um terço da raça humana professa segui-lo.

Em segundo lugar, Jesus é *o eixo das Escrituras*. A Bíblia não é uma coletânea aleatória de documentos religiosos. Como Jesus mesmo disse, "as Escrituras ... testificam de mim" (Jo 5.39). E os estudiosos cristãos sempre reconheceram isso. Jerônimo, por exemplo, o grande patriarca da igreja nos séculos IV e V, escreveu que "a ignorância das Escrituras é a ignorância de Cristo".[3]

No século XVI é notável que tanto Erasmo da Renascença como Lutero da Reforma tenham dado ênfase à mesma centralidade de Cristo. A Bíblia "vos dará Cristo", escreveu Erasmo, "numa proximidade tão estreita que ele vos seria menos visível, caso se postasse diante de vossos olhos".[4] Lutero, de

---

[1] *J Pelikan, Jesus through the Centuries (Yale University Press, 1985), p. 1.* [2] *P. Brierly (ed.), UK Religious Handbook, Religious Trends (Christian Research, 1999).* [3] *Do prólogo de seu Comentário de Isaías, citado em Dogmatic Constitution on Divine Revelation, para. 25, The Documents of Vatican II (Geoffrey Chapman, 1966).* [4] *Introdução ao Novo Testamento Grego de Erasmo (1516).*

maneira semelhante, em seus *Sermões em Romanos*, deixou claro que Cristo é a chave das Escrituras. Em sua glosa sobre Romanos 1.5 escreveu: "Aqui escancaram-se as portas para o entendimento das Sagradas Escrituras, ou seja, que tudo precisa ser compreendido em relação a Cristo". E, adiante, escreveu: "a Escritura inteira, em cada parte dela, só trata de Cristo".[5]

Em terceiro lugar, Jesus é *o coração da missão*. Por que motivo alguns cristãos atravessam terras e mares, continentes e culturas como missionários? O que os impele? Não saem para propagar uma civilização, instituição ou ideologia, mas uma pessoa, Jesus Cristo, que crêem ser sem igual. Isso fica especialmente claro na missão cristã ao mundo islâmico. "Nossa tarefa", escreveu o bispo Stephen Neill, erudito missionário, "é prosseguir dizendo ao muçulmano com paciência infinita: 'senhor, considere Jesus'. Não temos outra mensagem ... O caso não é que os muçulmanos viram Jesus de Nazaré e o rejeitaram; ele nunca foi visto..."[6]

Mas os que de fato vêem Jesus e se rendem a ele reconhecem que ele é o centro de sua experiência de conversão. Tome por exemplo Sadhu Sundar Singh. Nascido em 1889 numa família *sikh* afluente na Índia, ele cresceu odiando o cristianismo como uma religião estrangeira (segundo entendia). Chegou a expressar sua hostilidade aos quinze anos, queimando em público um evangelho. Mas três dias mais tarde ele se converteu por meio de uma visão de Cristo e, depois, apesar de ainda adolescente, resolveu tornar-se *sadhu*, santo pregador peregrino.[7] Certa vez, Sundar Singh visitou uma faculdade hindu e foi atacado de maneira bem agressiva por um professor que lhe perguntou o que ele havia encontrado no cristianismo que não houvesse em sua antiga religião. "Tenho Cristo", respondeu ele, "Sim, eu sei", continuou o professor, impaciente, "mas que princípio ou doutrina específica que o senhor encontrou não havia encontrado antes?" "O que encontrei de específico", replicou Sundar Singh, "é Cristo".[8]

---

[5] *Sermões em Romanos no vol. 25 de Luther's Works (1515; versão em inglês, Concordia, 1972). Glosa sobre Rm 1.5 (p. 4) e comentário sobre Rm 10.6 (p. 405).* [6] *S. C. Neill, Christian Faith and Other Faiths (OUP, 1961), p. 69.* [7] *Sadhu Sundar Singh, With and Without Christ (Cassell, 1929), p. 100-101.* [8] *E. Stanley Jones, The Christ of the Indian Road (1925; Hodder & Stoughton, 1926), p. 64.*

Mas de que Cristo estamos falando? Pois o fato é que há muitos "Jesuses" nas prateleiras abarrotadas dos mercados religiosos do mundo. Antes do fim do primeiro século cristão, já começou a tendência de os mestres criarem uma imagem de Jesus de acordo com suas próprias idéias e gostos. De modo que Paulo teve de lembrar aos cristãos coríntios que ele os havia desposado "a um só esposo, que é Cristo", para que por fim pudesse apresentá-los como "virgem pura" a ele. Mas temia, acrescentou, que a mente deles fosse desviada de sua "simplicidade e pureza devidas a Cristo" (2 Co 11.2-3).

Meu plano, portanto, é investigar (nas Partes I e IV deste livro) o Cristo testificado no Novo Testamento e considerar na história da igreja como algumas pessoas o apresentaram (Parte II) e como outros foram influenciados por ele (Parte III).

Para desenvolver isso, minha preocupação é questionar e responder quatro perguntas básicas acerca de Cristo.

Primeiro, *como o Novo Testamento testifica a seu respeito?* Espero demonstrar que seu testemunho a respeito de Jesus, embora se admita rico em diversidade, é ao mesmo tempo um testemunho reconhecidamente homogêneo. Dou o título de "O Jesus original" à Parte I.

Segundo, *como a igreja tem retratado Jesus Cristo ao longo dos séculos?* Dou o nome de "O Jesus eclesiástico" à Parte II porque quero considerar como a igreja em diferentes épocas tem apresentado Cristo ao mundo, ora com fidelidade, ora sem.

Terceiro, *qual a influência que Cristo tem exercido na história?* Essa terceira parte complementa a segunda, uma vez que passamos da apresentação que a igreja faz de Cristo para o desafio de Cristo à igreja. Nossa perspectiva presente, porém, não será a dos estágios sucessivos da história da igreja, mas a dos estágios sucessivos da carreira de Cristo e de como cada estágio (com suas diferentes ênfases) vem inspirando diferentes pessoas. Chamo essa parte de "O Jesus influente".

Quarto, *o que Jesus Cristo deveria significar para nós hoje?* Na Parte IV vamos lembrar que Jesus Cristo não é apenas histórico (aliás, personagem de uma história remota), mas eterno (na realidade "ontem, hoje e para sempre") sendo, pois, também nosso contemporâneo. Ele se confronta

com cada nova geração, século e milênio em suas funções como Salvador, Senhor e Juiz. O contexto desse quarto e último estudo será o último livro do Novo Testamento, o livro de Apocalipse, o apocalipse cristão, uma vez que em seu primeiro versículo ele alega não ser basicamente uma profecia, mas a "revelação de Jesus Cristo". Vamos nos concentrar nas dez visões principais de Cristo no livro de Apocalipse.

Este livro, portanto, será uma mistura de Escrituras e história. Vamos considerar a apresentação que a igreja faz de Cristo e a influência de Cristo na igreja, no cenário do Novo Testamento em geral e do livro de Apocalipse em particular. Desse modo, o retrato bíblico de Cristo é considerado normativo. Ele é o Jesus autêntico de acordo com o qual os retratos humanos falíveis dele devem ser julgados. Minha esperança é que esses estudos da Bíblia e da história da igreja venham a justificar meu título, *O Incomparável Cristo*. Não há ninguém como ele, nunca houve nem haverá.

2. História e teologia

Muitos nos aconselhariam a começar nossa pesquisa do Novo Testamento pelas cartas, não pelos evangelhos, já que as cartas vieram antes. A primeira carta de Paulo aos tessalonicenses foi escrita em Corinto em 50 d.C. ou logo depois, apenas vinte anos após a morte e ressurreição de Jesus, enquanto os evangelhos foram publicados pelo menos uma ou duas décadas mais tarde. O Bispo Paul Barnett montou uma crítica bem fundamentada a essa tendência de começar pelos evangelhos. "A avalanche de literatura tentando recuperar o Jesus 'histórico' tem limitado seu campo de pesquisa ao Jesus dos evangelhos; as cartas e a igreja primitiva são em geral desconsiderados".[9]

Ainda assim, a igreja primitiva colocou os evangelhos primeiro porque, apesar de publicados depois, os eventos registrados ocorreram antes. Além disso, quando os lemos primeiro, logo somos confrontados com a figura histórica de Jesus. Mas será que seu retrato nos evangelhos é autenticamente histórico?

No século XX, a ênfase entre os estudiosos de teologia era a busca do

[9] *P. W. Barnett, Jesus and the Logic of History (Apollos, 1997), p. 163.*

Jesus histórico. A chamada "primeira busca" ou "busca original" está associada a Albert Schweitzer, cujo livro com esse título foi publicado em 1906.[10] Trata-se de uma pesquisa monumental de todas as "Vidas de Jesus" do romântico século XIX. O próprio Schweitzer retratou Jesus como um profeta escatológico, cuja expectativa de um fim iminente jamais se cumpriu. Essa busca iniciada por Schweitzer foi concluída por Bultmann, que pertence ao século XX e afirmava que demonstrar a historicidade de Jesus não era nem possível nem (mesmo que possível) necessária para a fé.

Assim, depois de Segunda Guerra Mundial, começou uma nova busca pelo Jesus histórico. Em geral, ela é datada por uma preleção feita em 1953 por Ernst Käsemann, antigo discípulo de Bultmann, intitulada "O Problema do Jesus Histórico". Ele expressou sua insatisfação com o ceticismo extremo de Bultmann. Ele e outros "pós-bultmannianos" ansiavam por uma visão mais positiva da história e tendiam a considerar Jesus um mestre sábio, um gênio religioso ou um revolucionário social – construções que apresentam Jesus por demais dócil para provocar a própria crucificação ou lançar um movimento cristão mundial.

E agora, desde a década de 1980, alguns estudiosos têm anunciado o nascimento da terceira busca do Jesus histórico.[11] Um de seus aspectos mais significativos é que os estudiosos cristãos e judeus envolvidos nela estão destacando tanto o caráter judeu de Jesus como sua missão de vindicar e restaurar Israel. Essa terceira busca expressa uma confiança maior na fidedignidade do retrato de Jesus apresentado nos evangelhos.

Essa confiança, porém, não é de modo algum universal, conforme se evidencia no "Seminário de Jesus", nos Estados Unidos. Fundado conjuntamente em 1985 por Robert W. Funk e John Dominic Crossan, seus cerca de setenta e cinco "membros" reúnem-se duas vezes por ano para conferir a autenticidade de todos os ditos atribuídos a Jesus. Eles usam um código de cores, ou seja, vermelho para ditos indubitavelmente autênticos;

---

[10] *Versão em inglês, 1910.* [11] *"Ainda creio", escreveu N. T. Wright, "que o futuro da pesquisa séria a respeito de Jesus repouse no que chamo de 'Terceira Busca'". (Jesus and the Victory of God, SPCK, 1996, p. 78).*

rosa para os provavelmente autênticos; cinza para ditos não autênticos, mas quase; e preto para os que não são autênticos de maneira alguma, mas sim tradição posterior. O livro deles, *The Five Gospels: what did Jesus really say?* (dos quais o quinto é o Evangelho de Tomé, apócrifo) conclui que, pelo que entendem, "82% das palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos não foram de fato ditas por ele". Agora eles passaram do exame das palavras de Jesus para suas obras. Não parece, porém, que o estudo deles virá a ser mais útil, pois seus critérios são em grande parte subjetivos.[12]

Antes de examinar por nós mesmos os evangelhos, precisamos registrar uma mudança significativa de ênfase entre os estudiosos: da história para a teologia. Enquanto a "crítica da forma" estava preocupada com o que dizia respeito à igreja primitiva, a "crítica da redação" preocupa-se com o que diz respeito ao autor de cada evangelho. Por maior que possa ser a nossa convicção de que são historiadores conscienciosos (conforme alega Lucas em 1.1-4), é também importante sustentar que são evangelistas, proclamando conscienciosamente o evangelho; e teólogos, desenvolvendo sua própria ênfase distintiva. Sendo assim, fica claro que o processo de inspiração divina não sufocou a personalidade dos autores humanos. Pois essa é a dupla autoria das Escrituras: que Deus optou por falar sua palavra por meio de palavras humanas. O Espírito Santo selecionou, moldou, preparou e capacitou os autores humanos para comunicar por intermédio de cada um deles uma mensagem que é tanto apropriada quanto distintiva.

[12] *R. W. Funk, R. W. Hoover e o Jesus Seminar, The Five Gospels (Macmillan, 1993), p. 5.*

PARTE I

O JESUS ORIGINAL
(ou como o Novo Testamento
testifica a seu respeito)

Os quatro evangelhos

1. O Evangelho de Mateus: Cristo, o cumprimento das Escrituras

Devemos ser muitíssimo gratos porque pela providência de Deus temos quatro evangelhos! Jesus Cristo é uma pessoa grandiosa e gloriosa demais para ser captada por um autor ou retratada de uma única perspectiva. O Jesus dos evangelhos é um retrato com quatro faces, um diamante com quatro facetas.

Qual, pois, é a característica principal de Jesus de acordo com Mateus? Pode-se declará-la com uma palavra: *cumprimento*. Fortemente judaico em sua origem e cultura, Mateus retrata Jesus como o cumprimento do Antigo Testamento. Ora, seu Evangelho serve como ponte entre os dois testamentos, entre a preparação e o cumprimento. Considere as palavras de Jesus registradas em Mateus 13.16-17: "Felizes são os olhos de vocês, porque vêem, e os ouvidos de vocês, porque ouvem. Pois eu lhes digo a verdade: Muitos profetas e justos desejaram ver o que vocês estão vendo, mas não viram, e ouvir o que vocês estão ouvindo, mas não ouviram".

Em outras palavras, os profetas do Antigo Testamento viveram no período de anúncio; os apóstolos estavam vivendo no tempo do cumprimento. Os olhos deles estavam vendo de fato, e seus ouvidos, ouvindo de fato, o que seus predecessores haviam ansiado ver e ouvir. Assim, Mateus retrata Jesus não tanto como outro profeta, mais um vidente na sucessão dos séculos, mas como o cumprimento de toda a profecia. Foi no e com o ministério de Jesus que chegou o reino de Deus aguardado havia tanto tempo.

Primeiro, por conseguinte, o Cristo de Mateus era *o cumprimento da profecia*. Somos forçados a dar atenção a isso por causa da genealogia com que começa o Evangelho (1.1-17). Ora, Mateus remonta a linhagem de Jesus a Abraão, o pai do povo escolhido, por meio de quem Deus prometeu abençoar o mundo, e a Davi, o maior dos reis de Israel, que era o protótipo do grande rei que viria. Assim, Mateus dá a genealogia da linhagem

real. Sua preocupação é mostrar que Jesus era "o filho de Davi" (título que ele usa com maior freqüência que os outros três evangelistas juntos), que tinha direito ao trono de Davi.

A fórmula favorita de Mateus é "[isso ocorreu agora] para que se cumprissem as Escrituras". Ela é repetida onze vezes. Sua preocupação é demonstrar que tudo o que ocorreu fora predito e que tudo o que fora predito havia se cumprido. Além disso, Mateus vê na história de Jesus uma recapitulação da história de Israel. Assim como Israel fora oprimido no Egito sob um faraó despótico, também o pequeno Jesus tornou-se refugiado no Egito sob o despótico Herodes. Assim como Israel passara pelas águas do Mar Vermelho para ser provado no deserto por quarenta anos, também Jesus passou pelas águas do batismo de João no Rio Jordão para ser provado no deserto da Judéia por quarenta dias. De novo, assim como Moisés deu a Israel a lei no Monte Sinai, também Jesus deu a seus seguidores a verdadeira interpretação e amplificação da lei no Monte das Beatitudes.

O tema do cumprimento é apresentado com a máxima clareza no fato de Jesus inaugurar o reino de Deus. Todos os quatro evangelistas escrevem que ele proclamou o reino, mas Mateus deu sua ênfase especial. Em deferência à relutância judaica em pronunciar o nome sagrado de Deus, Mateus usa em seu lugar a expressão "o reino dos céus" (cerca de cinqüenta vezes). Mateus também percebe que o reino é tanto uma realidade presente (pois o reino "chegou" a eles 12.28) como uma expectativa futura (pois no final da história o Rei sentaria em seu trono glorioso e julgaria as nações, 25.31-46). De todas essas maneiras – na genealogia, na fórmula favorita de Mateus, na recapitulação da história de Israel e em seu ensino acerca do reino – o Cristo de Mateus é o cumprimento das profecias.

Segundo, o Cristo de Mateus é *cumprimento da lei*. Jesus parecia, a seus contemporâneos, desrespeitoso em relação à lei; por exemplo, quebrando a lei do sábado, desprezando as leis de purificação ritual e negligenciando a lei do jejum. Ele parecia relapso onde eles eram estritos. Mas Jesus insistia que era fiel à lei. Alguns estudiosos pensam que Mateus retratou Jesus deliberadamente como o novo Moisés, pois assim como há cinco livros de Moisés no Pentateuco, há quatro coletâneas do ensino de Jesus no Evangelho de Mateus, um tipo de Pentateuco Cristão.

Em todo o caso, Mateus registra essas palavras de Jesus:

> *Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra ... Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus. (Mt 5.17-18, 20).*

Os discípulos devem ter ficado perplexos com essas palavras de Jesus, pois os fariseus eram as pessoas mais justas do mundo. Como, então, os seguidores de Jesus poderiam ser mais justos que as pessoas mais justas sobre a terra? O Mestre devia estar brincando! Mas a justiça cristã é maior que a justiça farisaica porque é mais profunda. É uma justiça do coração, uma justiça não apenas de palavras e atos, mas especialmente de pensamentos e motivações (veja Mt 5.21-30). É nesse sentido que Jesus era o cumprimento da lei. Ele a levou à sua conclusão lógica. Ele ia além de um entendimento superficial dela, chegando à sua demanda radical de justiça no coração.

Terceiro, o Cristo de Mateus é *o cumprimento de Israel.* Esse é o mais sutil dos três cumprimentos. É possível ler Mateus e não o perceber. Mateus vê Jesus confrontando Israel com um convite final ao arrependimento. Assim, Jesus disse aos apóstolos que foi enviado "apenas às ovelhas perdidas de Israel" (15.24) e que eles só deviam ir às "ovelhas perdidas de Israel" (10.6). Mais tarde, claro, a grande comissão de Jesus abriria os horizontes dos apóstolos ao mundo gentio; agora, porém, durante seu ministério terreno, Israel devia receber mais uma oportunidade. Mas Israel persistiu em sua rebelião. De modo que Jesus chorou sobre a cidade, expressou seu anseio de juntar seus cidadãos sob o abrigo de suas asas e o alertou que seu julgamento recairia sobre aquela mesma geração, o que aconteceu obviamente em 70 d.C. (Mt 23.36-39).

Assim, Jesus via-se como o único representante vivo do Israel autêntico. Só ele permaneceu fiel; caso contrário, toda a nação ter-se-ia tornado apóstata. Ao mesmo tempo, ele era o início de um novo Israel. Então,

ele escolheu deliberadamente doze apóstolos como equivalentes às doze tribos e como o núcleo do novo Israel. A eles seria transferido o reino de Deus (21.43). Além disso, ele chamou essas pessoas de sua "igreja", uma comunidade contracultural caracterizada pelos valores e padrões de seu reino, conforme descritos no Sermão sobre o Monte.

Jesus também deixou claro que esse novo Israel seria inter-racial e internacional, e sal e luz para o mundo. É especialmente notável que Mateus, o mais judeu dos quatro evangelistas, ainda assim retrate quase no início de seu Evangelho a visita daqueles magos misteriosos, representantes das nações gentias, e, ao seu final, a comissão do Senhor ressuscitado de ir e discipular as nações. De modo que a comunidade do reino cresceria como uma semente de mostarda de um início minúsculo e pouco propício até preencher a terra: "Eu lhes digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa com Abraão. Isaque e Jacó no Reino dos céus" (Mt 8.11).

2. O Evangelho de Marcos: Cristo, o Servo sofredor

Se Mateus apresenta Jesus como o Cristo das Escrituras, Marcos o apresenta como o Servo Sofredor do Senhor, que morre pelos pecados de seu povo. A cruz fica no centro do que Marcos entende de Jesus.

O Evangelho de Marcos, como os outros três, é estritamente anônimo. O autor não revela sua identidade, mas uma tradição muito antiga atribui o segundo evangelho a Marcos. Ao mesmo tempo, sabe-se que houve uma associação muito próxima entre Marcos e o apóstolo Pedro. Papias, Bispo de Hierápolis no início do segundo século, chamou Marcos de "intérprete" de Pedro, aquele que registrou as memórias e os sermões de Pedro. Certamente há mais referências a Pedro no Evangelho de Marcos do que nos outros, e Marcos conta de maneira mais completa e viva que os outros evangelistas as tolices, fraquezas e negações de Pedro. Alguns entendem que isso dava a Marcos um sentimento de camaradagem com Pedro, porque Marcos também fora um fracasso. Se o jovem que escapou

nu no jardim do Getsêmani era Marcos (14.51-52), então ele fracassou uma vez. E durante a primeira viagem missionária de Paulo, ele fugiu pela segunda vez (At 13.13; 15.37-38). Mas se, como Pedro, Marcos havia negado Jesus, também como Pedro havia sido restaurado, pois, mais tarde em cartas do Novo Testamento, encontramos Marcos oferecendo serviço leal tanto a Pedro como a Paulo. Por exemplo, "Marcos ... me é útil para o ministério", escreveu Paulo (2 Tm 4.11).

Considere agora uma passagem crucial do Evangelho de Marcos, que junta três de seus temas favoritos, a saber, quem era Jesus, o que ele veio fazer e o que ele requer de seus seguidores. Esse texto é um marco no Evangelho porque foi um marco no ministério de Jesus. Antes desse incidente Jesus fora festejado como um mestre e "curandeiro" popular, a partir de então ele alertou seus discípulos acerca da cruz iminente.

Jesus e os seus discípulos dirigiram-se para os povoados nas proximidades de Cesaréia de Filipe. No caminho, ele lhes perguntou: "Quem o povo diz que eu sou?"
Eles responderam: "Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; e, ainda outros, um dos profetas".
"E vocês?" perguntou ele: "Quem vocês dizem que eu sou?"
Pedro respondeu: "Tu és o Cristo".
Jesus os advertiu que não falassem a ninguém a seu respeito.
Então, ele começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas e fosse rejeitado pelos líderes religiosos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei, fosse morto e três dias depois ressuscitasse. Ele falou claramente a esse respeito. Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo.
Jesus, porém, voltou-se, olhou para os seus discípulos e repreendeu Pedro, dizendo: "Para trás de mim, Satanás! Você não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens"
Então ele chamou a multidão e os discípulos e disse: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Pois, que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou, o que o homem poderia dar em troca de sua alma? Se

alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora, o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos" (Mc 8.27-38).

Primeiro, *considere quem era Jesus.* Ele sabia que havia uma diferença entre as percepções públicas que as pessoas tinham de sua identidade e a convicção particular que começava a surgir nos apóstolos. De acordo com a opinião pública, ele era João Batista, Elias ou outro profeta; de acordo com os Doze, ele não era outro profeta, mas "o Cristo", o cumprimento de toda a profecia. Mateus acrescenta "o Filho de Deus", provavelmente não querendo dizer que fosse o Filho eterno, mas (como em SI 2.7-8), o Messias.

Imediatamente depois de os discípulos fazerem essa confissão de fé, "advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito" (8.30), mas permanecessem calados e mantivessem sua identidade em segredo. Essa ordem de silêncio e segredo tem intrigado muitos leitores. Mas não é difícil compreender, pois Marcos já havia dado dois exemplos da ordem de silêncio. Depois de curar um leproso, Jesus "ordenou-lhes que não o contassem a ninguém" (7.36). Mas por que deviam manter a boca fechada? O motivo é que o público tinha noções políticas falsas acerca do Messias. Por mais de 700 anos, Israel fora oprimido por jugos estrangeiros, exceto por um breve e embriagador período de liberdade sob os macabeus. Mas agora o povo estava sonhando, pensando que Javé voltaria a intervir, que seus inimigos seriam destruídos, que seu povo seria libertado e que raiaria a era messiânica. A Galiléia era uma incubadora para expectativas nacionalistas desse tipo.

Jesus, evidentemente, temia que aquelas pessoas lhe lançassem nessa função revolucionária e ele tinha bons motivos para esse temor. Depois de alimentar os 5 mil, de acordo com João, as multidões "pretendiam proclamá-lo rei à força" (Jo 6.15). Mas ele não viera para ser um Messias político. Pelo contrário, ele viera para morrer e, por meio da morte, garantir uma libertação espiritual para seu povo. Assim (8.31), depois que os discípulos o reconheceram como o Messias, "ele começou a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas coisas e fosse rejeitado pelos líderes religiosos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei, fosse morto e três dias depois ressuscitasse" (v. 32), ou seja, de

maneira aberta e pública; não devia haver nenhum segredo acerca do tipo de Messias que ele viera para ser.

Segundo, *considere o que Jesus veio fazer*. Marcos explica que, depois que os Doze perceberam sua identidade, ele depositou toda sua ênfase na cruz. Em três outras ocasiões distintas, Jesus predisse claramente seus sofrimentos e morte (9.31; 10.33, 45). Aliás, um terço de todo o Evangelho de Marcos é dedicado à história da cruz.

Três fases nas predições de Jesus são dignas de nota especial. Primeiro, "*era necessário* que o Filho do homem sofresse muitas coisas ... e ... fosse morto" (8.31, ênfase minha). Introduz-se essa nota de compulsão. Por que *era necessário* que ele sofresse e morresse? Resposta: porque as Escrituras precisam ser cumpridas. Ouvindo a predição que Jesus faz da cruz, Pedro teve ousadia suficiente para censurá-lo, de modo que Jesus voltou-se e censurou Pedro (v. 32-33). Não se pode permitir que nada mine a necessidade da cruz.

A segunda frase digna de nota é que "o *Filho do homem*" é quem deve sofrer. Embora "filho do homem" seja a expressão hebraica comum para designar o ser humano, sendo usado com freqüência nesse sentido nas Escrituras, parece claro que Jesus a adotou como designação para si mesmo em referência à visão de Daniel 7. Aqui, "alguém semelhante a um filho de homem" (ou seja, uma figura humana) chegou com as nuvens do céu, aproximou-se do Ancião de Dias (Deus Todo-Poderoso) em seu trono e recebeu autoridade, glória e poder soberano, de modo que, em conseqüência disso, todos os povos, nações e homens de todas as línguas o cultuaram. Seu domínio, acrescenta Daniel, é um domínio eterno que não passará, e seu reino é um reino que nunca será destruído (Dn 7.13-14). Mas agora Jesus faz a assombrosa declaração de que o filho do homem precisa sofrer. Isso significa que Jesus adotou o título, mas mudou sua função. De acordo com Daniel, todas as nações virão a servi-lo. De acordo com Jesus, ele não seria servido, mas serviria. Assim, Jesus faria o que ninguém mais jamais havia feito. Ele fundiu as duas imagens do Antigo Testamento – o servo que sofreria (Is 53) e o filho do homem que reinaria (Dn 7). Oscar Cullmann escreve:

"Filho do homem" representa a mais elevada declaração de exaltação

> *conceptível no judaísmo;* ebed Yahweh *(o servo do Senhor) é a expressão da mais profunda humilhação ... Esse é o novo ato de Jesus, de que nunca se ouvira, que ele unia essas duas tarefas aparentemente contraditórias em sua autoconsciência e que expressava essa união em sua vida e ensino.*[1]

A terceira expressão que Jesus usou em referência à sua morte é que "Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e *dar a sua vida em resgate por muitos*" (Mc 10.45, ênfase minha). O "resgate" é um preço pago para libertar cativos. Assim, Jesus ensinou que os seres humanos são cativos (especialmente do pecado, culpa e julgamento), e que não podemos salvar a nós mesmos. Assim, ele se daria como resgate em lugar de muitos. A cruz seria o meio de nossa libertação. Só porque ele morreu em nosso lugar, podemos ser livres. Tudo isso faz parte do que Jesus Cristo entendia por cruz, de acordo com Marcos.

Terceiro, *considere o que Jesus pede de nós.* Depois de falar de sua morte iminente, Jesus chamou a multidão para junto de si e disse: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me" (8.34). Ou seja, Jesus passou de imediato da cruz dele para a nossa e retratou o discipulado cristão em termos de abnegação e até morte. Ora, só podemos compreender o significado de levar a cruz dentro do cenário cultural da Palestina ocupada pelos romanos. Os romanos reservavam a crucificação para os piores criminosos e compeliam os condenados à morte por crucificação a carregarem a própria cruz até o lugar de execução. De modo que se estamos seguindo a Cristo e carregando a cruz, só há um lugar ao qual podemos estar rumando, e esse é o cadafalso.

O discipulado cristão é muito mais radical que um amálgama de crenças, boas obras e práticas religiosas. Nenhuma figura pode fazer justiça, a não ser a morte e a ressurreição, pois quando nos perdemos, nos encontramos, e quando morremos, vivemos (8.35).

---

[1] *O. Cullmann, The Christology of the New Testament (SCM. 2. ed., 1963), p. 160.*

Eis três temas fundamentais de Marcos. Quem é Jesus? O Cristo. O que ele veio fazer? Servir, sofrer e morrer. O que ele pede de seus discípulos? Tomar nossa cruz e segui-lo atravessando a morte pela abnegação e entrando na glória da ressurreição.

Ao longo da história da igreja as questões cruciais sempre foram cristológicas. Dizem respeito à identidade, missão e exigências de Jesus. Ao procurar descobrir essas coisas, devemos nos acautelar tanto da opinião pública ("Quem o povo diz que eu sou?") como de líderes eclesiásticos idiossincráticos (que, como Pedro, são impertinentes o bastante para contradizer Jesus). Antes, devemos ouvi-lo em seu próprio testemunho a respeito de si mesmo, especialmente quando Marcos registra sua ênfase na cruz. Não há fé ou vida cristã autêntica, a menos que a cruz esteja no centro.

3. O Evangelho de Lucas e Atos: Cristo, o Salvador do mundo

Há uma correspondência fundamental entre quem são os evangelistas e como eles apresentam Jesus Cristo, pois a inspiração divina moldou, mas não obliterou a personalidade humana dos escritores. O melhor exemplo neotestamentário desse princípio é Lucas. Ele é o único contribuinte gentio do Novo Testamento. Portanto é totalmente adequado que ele apresente Jesus não como o Cristo das Escrituras (como faz Mateus) nem como o Servo Sofredor (como Marcos), mas como o Salvador do mundo, independentemente de raça ou nacionalidade, posição, sexo, necessidade ou idade.

Primeiro, Lucas era *médico* (Cl 4.14). Por conseguinte, era bem instruído, homem de cultura (escrevendo grego refinado) e um ser humano compassivo (que, presume-se, teria feito o Juramento de Hipócrates).

Segundo, Lucas era *gentio*, pois Paulo o distingiu dos "únicos da circuncisão que são meus cooperadores" (Cl 4.11). Assim, ele pertencia ao extenso mundo do Império Romano. Durante pelo menos três períodos (as seções de Atos em "nós"), Lucas acompanhou Paulo em suas viagens. Ele era um homem de horizontes amplos e grande misericórdia. Enquan-

to os outros três evangelistas referem-se ao Mar da Galiléia, só Lucas o chama de lago. Em comparação com o Grande Mar (o Mediterrâneo) pelo qual navegou, a Galiléia não passava de uma lagoa.

Terceiro, Lucas era *historiador*. Precisamos levar a sério o que ele escreve acerca de seu método no prefácio de seu Evangelho. Ele não escreveu um mito ou um *midrash*; ele afirma ter escrito uma verdade histórica, pois os eventos em torno do nascimento, ministério, morte e ressurreição de Jesus foram transmitidos por testemunhas oculares. Lucas mesmo os havia investigado e agora os registrava, de modo que seus leitores pudessem se certificar da veracidade do que haviam aprendido e criam.

Quando Lucas empreendeu suas investigações? Ele não era um dos Doze nem era uma testemunha ocular. Mais tarde, porém, começando em cerca de 57 d.C., gozou de dois anos de residência na Palestina. Ele chegou de navio com Paulo, que logo depois foi detido e preso. Então, enquanto Paulo estava na prisão em Cesaréia por dois anos, Lucas estava livre (At 21.17 e 24.27). Como ele se ocupou durante esse período? Não sabemos, mas é uma conjectura razoável que ele tenha gastado o tempo viajando de um extremo a outro do país, visitando os lugares sagrados associados a Jesus, familiarizando-se com os costumes judaicos e entrevistando testemunhas oculares. Entre elas é provável que se incluísse a Virgem Maria, agora idosa, pois como Lucas compartilha com seus leitores a história de Maria com detalhes íntimos do nascimento e da infância de Jesus, provavelmente encontrou-se com ela.

Assim, pois, era Lucas – médico, gentio e historiador – bem qualificado para escrever essa obra em dois volumes sobre as origens do cristianismo, que ocupam mais de um quarto do Novo Testamento e dos quais podemos nos aproximar confiantes de sua fidedignidade.

Qual, pois, é a mensagem de Lucas? Ela está encerrada no *Nunc Dimittis* ou Cântico de Simeão, que afirma:

> *Pois os meus olhos já viram a tua salvação...*
> *luz para revelação aos gentios*
> *e para a glória de Israel, teu povo. (2.30-32)*

Essa referência à salvação para os gentios é repetida em Lucas 3.6: "e

toda a humanidade verá a salvação de Deus". Todos os quatro evangelistas referem-se ao ministério de João Batista e citam Isaías 40 sobre uma "voz do que clama no deserto", mas só Lucas continua a citação, incluindo a declaração de que "toda a humanidade verá a salvação de Deus" (3.6).

Em primeiro lugar, portanto, a mensagem de Lucas é de *boas novas de salvação*. "Salvação" é uma palavra chave no Evangelho de Lucas. Ele deixou claro que ela incluía dois componentes. Negativamente, é a remoção da culpa (trazendo perdão). Positivamente, é a concessão do Espírito Santo (trazendo o novo nascimento). Ambos se apresentam com proeminência nos dois volumes da história de Lucas.

Tome-se o perdão. Só Lucas registra a profecia de Zacarias de que seu filho, João, daria "ao seu povo o conhecimento da salvação, mediante o perdão dos seus pecados" (1.77). Só Lucas conta como Jesus deu perdão à mulher que lhe havia ungido os pés com óleo e os molhado com as próprias lágrimas (7.48). Só Lucas conta a parábola incomparável do filho pródigo que se arrependeu e voltou para casa e foi recebido com abraços, beijos e uma festa de celebração (15.11-32). Só Lucas registra a grande comissão em termos de que o "arrependimento para perdão de pecados" seria proclamado a todas as nações (24.47). E só Lucas descreve como Paulo, em Antioquia da Psídia, proclamou "mediante Jesus ... o perdão dos pecados" (At 13.38).

O aspecto complementar da salvação é a concessão do Espírito Santo para trazer novo nascimento e nova vida. De todos os evangelistas, Lucas mostra o maior interesse na obra do Espírito. Ele retrata Jesus como alguém que foi ungido pelo Espírito e exerce seu ministério no poder do Espírito (3.22; 4.1, 14, 18). E só Lucas descreve a vinda do Espírito no Dia de Pentecostes e o desenvolvimento subseqüente da missão cristã (At 2.1-12; 13.2, etc.).

De modo que esses são os dois componentes da salvação. O perdão erradica nosso passado, e o Espírito transforma nosso futuro. Pedro resume isso na conclusão de seu sermão no Dia de Pentecostes, pois, para os que se arrependem, crêem e são batizados, promete tanto o perdão de seus pecados como o dom do Espírito Santo (At 2.38). E mais: essa grande salvação traz grande alegria. Lucas começa seu Evangelho com o anúncio de "boas novas de grande alegria" (2.10) e termina com a declaração de

que os apóstolos "voltaram para Jerusalém com grande alegria" (24.52). Aliás, durante todos os dois volumes de Lucas, a alegria acompanha o dom da salvação, já que há grande alegria no céu para cada pecador que se arrepende (15.7, 10, cf. At 8.8, 39).

Em segundo lugar, a mensagem de Lucas é de boas novas de salvação *por meio de Cristo*. Essa verdade fica clara na história de Simeão, pois ele tomou o menino Jesus nos braços e falou o que viu. O que de fato viu foi um bebê; o que ele disser ter visto foi a salvação divina (2.28, 30), pois é isso que Jesus era. Assim, Lucas conta à sua própria maneira elegante a história ímpar de Jesus Cristo: como ele nasceu da Virgem Maria na cidade de Davi, para ser nosso Salvador; como ele disse a Zacarias que a salvação havia chegado à sua casa naquele dia, acrescentando que o Filho do Homem viera para "buscar e salvar o que estava perdido" (19.9-10); como ele orou pelo perdão de seus executores e prometeu ao criminoso penitente na cruz um lugar no paraíso naquele mesmo dia (23.34, 43); e como, tendo sido exaltado ao lugar de autoridade suprema à direita de Deus, enviou o Espírito Santo e ainda hoje concede salvação (At 2.33). Além disso, porque Jesus é singular em seu nascimento, morte, ressurreição e exaltação, sua salvação é também singular. Já que em nenhum outro Deus tornou-se humano, morreu, ressuscitou e foi exaltado ao céu, não há outro salvador, porque ninguém mais possui suas qualificações. Lucas preserva a afirmação do apóstolo Pedro de que "Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos" (At 4.12).

Em terceiro lugar, a mensagem de Lucas é de boas novas de salvação por meio de Cristo *para o mundo inteiro*. Lucas coloca deliberadamente no início de cada um de seus dois volumes uma declaração de universalidade: por um lado, "toda a humanidade verá a salvação de Deus" (3.6) e, por outro, "derramarei do meu Espírito sobre todos os povos" (At 2.17). Os dois versículos contêm a mesma expressão *pasa sarx*, significando "toda carne" ou "todas as pessoas". Eles servem como placas sinalizadoras, indicando a história que se segue, pois Lucas retrata Jesus saindo de sua trilha para honrar pessoas desprezadas pelo mundo, para ser amigo dos que não têm amigos, incluir os excluídos.

Primeiro, *os enfermos e os sofredores*. É claro que todos os quatro evan-

gelistas descrevem Jesus em seu ministério de cura, mas o dr. Lucas mostra interesse especial por ele. Em 1882 foi publicado o livro The Medical Language of St Luke de W. K. Hobart. ele alistou mais de 400 palavras partilhadas por Lucas e pelos escritores médicos gregos de sua época. Embora sua tese fosse exagerada, permanecem algumas evidências. Conforme escreveu William Barclay, "Lucas usa palavras médicas por instinto".[2] Ele tinha um interesse médico por sintomas, diagnósticos e remédios. É interessante que, embora Marcos diga que a mulher hemorrágica sofrera muito sob muitos médicos e gastou todo seu dinheiro, mas que em vez de melhorar, piorou, Lucas parece preocupado em preservar a reputação de sua profissão e se contenta em simplesmente escrever que "ninguém pudera curá-la" (8.43).

Segundo, a*s mulheres e as crianças*. No mundo antigo, as mulheres eram em geral desprezadas e oprimidas, enquanto crianças indesejadas eram abandonadas ou mortas. Mas Lucas enfatiza que Jesus amou e respeitou ambas. Só ele conta as histórias de Isabel e Maria, de Maria e Marta, da viúva de Naim que perdeu o único filho (7.11-17), das mulheres que sustentavam Jesus com recursos próprios (8.3) e das mulheres que permaneceram junto à cruz e chegaram cedo ao túmulo na manhã seguinte (23.49, 55-56; 24.1). Quanto às crianças, Mateus e Marcos registram o convite de Jesus: "Deixem vir a mim as crianças", mas Lucas refere-se a elas como "criancinhas" e acrescenta que Jesus "tomou uma criança e a colocou em pé, a seu lado" (9.47; 18.15-17).

Terceiro, *os pobres e os oprimidos*. Lucas está mais interessado que os outros evangelistas em questões de riqueza e pobreza. Ele se preocupa com a igualdade econômica e afirma que Jesus foi ungido "para pregar boas novas aos pobres" (4.18). Ele conta três parábolas sobre dinheiro e retrata a generosidade da igreja primitiva de Jerusalém que partilha seus bens com os necessitados.

Quarto, *os publicanos e os pecadores*. Ambos os grupos eram párias sociais: os "publicanos" (coletores de impostos), porque eram empregados pelos odiosos romanos, e os "pecadores", porque eram ignorantes quanto às leis e tradições judaicas. Mas Lucas nos conta que os publicanos e peca-

[2] *W. Barclay, The Acts of the Apostles (St Andrew's Press, 1953, 2. ed., 1955), p. xiv.*

dores reuniam-se em torno dele (15.1), que apesar das críticas Jesus comia com eles (5.30; 15.2) e que ele era tachado de amigo deles (7.34). Era uma antecipação viva do banquete messiânico.

Quinto, *os samaritanos e os gentios*. Os judeus não se associavam com os samaritanos por estes serem um povo híbrido, meio judeu e meio gentio, descendentes da uma população mista do século VIII a.C. Mas Jesus censurou Tiago e João por desejar, como Elias, fazer descer fogo do céu para destruir uma vila samaritana (9.54-55); ele contou a memorável parábola do bom samaritano, em que um samaritano fez por um judeu o que nenhum judeu faria por um samaritano (10.25-34); e ele comissionou seu povo para serem testemunhas após o Pentecostes em círculos cada vez mais amplos, incluindo Samaria (At 1.8). Quanto aos gentios, Lucas era, claro, um deles. Assim, ele remonta a genealogia de Jesus a Adão e, em Atos, seguiu a progressão do evangelho de Jerusalém, a capital dos judeus, até Roma, a capital do mundo. O ator humano principal nesse empolgante drama era Paulo, o apóstolo aos gentios e herói de Lucas.

Assim, Lucas relata os eventos principais das três viagens missionárias de Paulo, primeiro evangelizando cidades da Galácia, depois chegando à Europa e em terceiro lugar gastando cerca de cinco anos em Éfeso e Corinto. Sua detenção em Jerusalém, subseqüentes julgamentos e a perigosa viagem a Roma culminaram em sua detenção naquele lugar, onde ele disse aos líderes judeus que "a salvação de Deus é enviada aos gentios" e por dois anos inteiros "ensinava a respeito do Senhor Jesus Cristo, abertamente e sem impedimento algum" (At 28.28-31).

A justificativa para acrescentar Atos ao Evangelho de Lucas nesta seção possui três elementos. Primeiro, Lucas foi o autor de ambos os livros. Segundo, ele mesmo declarou existir uma continuidade fundamental entre eles, sendo que a obra anterior (o Evangelho) contém tudo o que Jesus "começou" a fazer e a ensinar durante seu ministério terreno (At 1.1), e sua obra posterior (os Atos) evidentemente contém tudo o que Jesus continuou a fazer e a ensinar por meio de seus apóstolos escolhidos. Terceiro, ambos os livros concentram-se na mesma mensagem, isto é, a salvação de Deus para o mundo inteiro por meio de Cristo (Lc 2.30-32; At 28.28).

Esses, portanto, são os parâmetros da história de Lucas em dois vo-

lumes: salvação (compreendendo perdão e o Espírito), Cristo (que, por seu nascimento, morte e ressurreição era singularmente competente para salvar) e o mundo que ele veio salvar, independentemente de etnia, classe, sexo, idade ou necessidade. O amor de Deus em Cristo engloba todos e, em especial, os que são empurrados para as margens da sociedade. Ele se estende para tocar aqueles que os outros consideram intocáveis. O Cristo de Lucas é o Salvador do mundo.

4. O Evangelho e as cartas de João: Cristo, a Palavra que se tornou carne

Cada um dos quatro evangelhos possui um início distinto. Mateus começa com a genealogia de Jesus, remontando sua árvore de família a Abraão, e Lucas, com a concepção, nascimento e infância de Jesus. Marcos começa com o ministério de João Batista, enquanto João vai bem para o princípio dos tempos: "No princípio era aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus" (1.1). Essa palavra pessoal e eterna era também o agente da criação, que jamais deixou o mundo que fez e é a luz e vida de todos os seres humanos.

Foi essa Palavra de Deus, a expressão perfeita do Ser Paterno que um dia "tornou-se carne e viveu entre nós" (1.14). É dele que testifica João. Não se tratava de visita, mas de encarnação. Ele se tornou ser humano em Jesus de Nazaré. O paradoxo é surpreendente. O Criador assumiu a fragilidade humana de suas criaturas. O eterno entrou no tempo. O onipotente fez-se vulnerável. O santíssimo expôs-se à tentação. E por fim o imortal morreu.

Qual era o propósito de João ao escrever seu Evangelho? Ele nos conta: "Jesus realizou na presença dos seus discípulos muitos outros sinais miraculosos, que não estão registrados neste livro. Mas estes foram escritos para que vocês creiam que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus e, crendo, tenham vida em seu nome" (20.30-31).

Três estágios claros são apresentados: (1) João selecionou e registou certos "sinais", (2) para que seus leitores possam crer em Jesus e (3) para que, crendo, possam receber vida por intermédio dele. Assim, o testemunho levaria à fé e a fé, à vida.

Aliás, João parece considerar seu Evangelho em termos de testemunho em favor de Cristo. É quase como se fosse um tipo de cena de tribunal, em que Jesus está sob julgamento e uma sucessão de testemunhas é chamada, começando por João Batista que "veio como testemunha, para testificar acerca da luz" (1.6-7). Qual foi seu testemunho? Foi duplo: "Vejam! É o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (1.29) e "o Espírito ... é o que batiza com o Espírito Santo" (1.33). Mas seguiram-se outros testemunhos, tanto humanos como divinos. Pois o próprio Pai testemunhou em favor do Filho por meio de uma combinação de palavras e obras (5.31-40, 8.12, 14). Suas palavras interpretavam sua obras, e suas obras dramatizavam suas palavras. E após sua morte, o Espírito da verdade também lhe prestaria testemunho (15.26-27).

Muitos estudiosos crêem que João reuniu deliberadamente sete testemunhos em forma de sete milagres principais. Esses milagres são definidos tanto como "poderes" (*dunameis*), porque eram expressões do poder criativo de Deus, e como "maravilhas" (*terata*), porque evocavam assombro. Mas a palavra favorita de João para eles era "sinais" (*sēmeia*), porque mais importante que o fenômeno material era seu significado espiritual. Os milagres de Jesus eram parábolas encenadas, dramatizando de maneira visível suas alegações por meio das quais revelava-se a sua glória (2.11). Cada sinal contribuía para os testemunhos que João estava reunindo, para o retrato que ele estava pintando.

Milagre 1: Jesus transformou água em vinho, como sinal do fato de ter inaugurado uma nova ordem. As seis grandes talhas de água feitas de pedra, usadas para purificação cerimonial, eram vistas no casamento de Caná como sinais da velha ordem, do judaísmo. Mas Jesus transformou a água em vinho com um sinal de que, em sua vinda e com ela, chegava o reino de Deus. A mesma verdade básica foi elaborada quando ele purificou o templo (2.13ss.), quando disse a Nicodemos sobre a necessidade do novo nascimento (3.1ss.) e quando ofereceu água viva à mulher samaritana (4.1ss.). Jesus havia introduzido um novo começo.

Milagres 2 e 3: Jesus realizou dois milagres de cura como sinais do fato de dar nova vida. Primeiro, ele curou o filho de um oficial real em Cafarnaum (4.43, 54). Esse foi seu segundo sinal. Depois, junto ao tanque

de Betesda em Jerusalém, curou um homem que fora inválido por trinta e oito anos (5.1ss.). Depois desses sinais, João registra outro dos discursos de Jesus em que afirma que o Pai lhe havia dado autoridade para conceder vida e para executar o julgamento. Os atos de julgar e conceder vida são prerrogativas divinas (5.24-27).

Milagre 4: Jesus alimenta miraculosamente 5.000 pessoas com cinco pães de cevada e dois peixes, como sinal do fato de ser o pão da vida. A alimentação dos 5.000 é o único milagre registrado por todos os quatro evangelistas, mas só João acrescenta o discurso que se seguiu, em que Jesus declarou: "Eu sou o pão da vida. Aquele que vem a mim nunca terá fome; aquele que crê em mim nunca terá sede" (6.35). Há uma fome no coração humano que nada, senão Cristo, pode satisfazer; uma sede que nada, senão ele, pode saciar. O ato de alimentar a multidão foi uma parábola dramatizada dessa afirmação.

Milagre 5: Jesus andou sobre as águas como sinal do fato de que os poderes da natureza estavam sujeitas à sua autoridade de rei. Quando Jesus subiu uma encosta para orar e os Doze entraram num barco para atravessar o lago, estes foram engolfados por uma tempestade violenta. Os discípulos sentiram-se sós e abandonados, mas então, na escuridão e tormenta, Jesus chegou a eles andando sobre as águas. Os discípulos ficaram aterrorizados, mas Jesus lhes disse; "Sou eu! Não tenham medo!" Até o vento e as águas lhe obedeciam (6.16-21).

Milagre 6: Jesus deu visão a um cego de nascença, como sinal do fato de ser luz do mundo: "Eu sou a luz do mundo. Quem me segue, nunca andará em trevas, mas terá a luz da vida" (8.12). Quando João relata essa história, traça um contraste entre os fariseus e o cego de nascença. Os fariseus tinham a visão, mas eram espiritualmente cegos, enquanto o cego de nascença teve a visão restaurada e, ao mesmo tempo, creu.

Milagre 7: Jesus ressuscitou Lázaro que estava morto havia quatro dias, como sinal do fato de ser a ressurreição e a vida. Nessa história revelam-se as fortes emoções da Palavra que se tornou carne. Pois ele se "agitou" de ira e indignação em face da morte (11.33, literalmente, "ficou profundamente comovido") e "chorou" de compaixão pelas irmãs enlutadas, Maria e Marta (11.35). Então Jesus disse: "Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente"

(11.25-26). Em outras palavras, Jesus é a vida dos vivos e será a ressurreição dos mortos, pois os que vivem jamais morrerão e os que morrem voltarão a viver.

Eis, pois, os sete sinais selecionados por João, cada um dramatizando uma de suas prerrogativas. Esse é o Jesus de quem João presta testemunho e em quem viemos a crer. Ele inaugurou uma nova ordem. Ele é o doador da vida e o juiz. Ele controla os poderes da natureza. Ele é o pão da vida, a luz do mundo e a ressurreição e a vida.

Mas há um outro lado no testemunho de João a respeito de Jesus. Os sete sinais são sinais de poder e autoridade e são todos registrados na primeira metade do Evangelho. Na segunda metade, João registra os sinais de humildade e fraqueza. Ele começa no cenáculo quando Jesus despiu a capa, enrolou uma toalha na cintura e, ajoelhando-se, lavou os pés dos Doze. Acima de tudo estava a cruz. De acordo com João, embora Jesus revelasse sua glória em sinais e poder (2.11), o meio principal de sua glorificação era a cruz. "*Chegou a hora*", disse ele, "de ser glorificado o Filho do homem" (12.23).

Se o propósito de João em seu Evangelho é testificar acerca de Cristo de tal modo que seus leitores creiam nele e recebam vida (20.31), seu propósito nas cartas, a que uma breve referência pode ser convenientemente colocada aqui, é levar os leitores um passo adiante. Ele escreve "a vocês que crêem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna" (1 Jo 5.13). Pois uma coisa é receber vida; outra é saber que a recebemos. Assim, depois de reunir os sete sinais que testificam de Cristo, João passa a desenvolver três testes que minam a falsa segurança dos pseudocristãos e confirmam a verdadeira segurança dos cristãos genuínos. Ele não mede palavras. João identifica três mentirosos. Primeiro, quem nega que Jesus veio na carne é mentiroso (1 Jo 2.22). *Esse é o teste doutrinário.* Em segundo lugar, quem alega gozar de comunhão com Deus enquanto anda em trevas mente (1 Jo 1.6). *Esse é o teste moral.* Em terceiro lugar, quem diz que ama a Deus mas odeia o irmão é mentiroso (1 Jo 4.20). *Esse é o teste social.* Por outro lado, (1) conhecemos o Espírito de Deus, porque ele reconhece a Cristo (1 Jo 4,2; cf. 2 Jo 9); (2) sabemos que o conhecemos, porque obedecemos aos seus mandamentos (1 Jo 2.3); e (3) sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos cristãos (1 Jo 3.14). João chega a reunir três

verbos que caracterizam o povo de Deus: crêem em Cristo, amam uns aos outros e obedecem aos seus mandamentos (1 Jo 3.23-24).

5. O quádruplo evangelho

Até aqui vislumbramos as quatro faces de Cristo, cada uma com uma expressão facial diferente. Agora precisamos afirmar que elas não são incompatíveis entre si. Como escreveu o Bispo Stephen Neill, "a mensagem central dos evangelhos não é o ensino de Jesus, mas o próprio Jesus".[3] Falando por mim, considero útil detectar nos quatro evangelistas quatro dimensões do propósito salvador de Deus: seu comprimento, profundidade, largura e altura. Mateus revela seu comprimento, pois retrata o Cristo das Escrituras, aquele que olha para trás, para longos séculos de expectativa. Marcos destaca sua profundidade, pois retrata o Servo Sofredor que olha para baixo, para as profundezas da humilhação que sofreu. Em Lucas é a largura do propósito de Deus que emerge, pois ele retrata o Salvador do mundo que olha em volta, com misericórdia para com o espectro mais amplo possível de seres humanos. Por fim João revela sua altura, pois retrata a Palavra que se tornou carne e olha para cima, para as alturas de onde veio e para onde pretende nos elevar.

Não surpreende que Paulo tenha orado para que todo o povo de Deus possa ser capaz de "compreender a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo" (Ef 3.18) – as dimensões que alguns dos antigos pais da igreja viram simbolizados no formato da cruz.

Houve ao longo da história da igreja algumas tentativas de compor uma harmonia dos evangelhos. A primeira parece ter sido de Taciano, que se converteu a Cristo quando visitava Roma em meados do segundo século e tornou-se discípulo de Justino Mártir. Sua harmonia ficou conhecida como *Diatessaron*, originalmente um termo musical que designava uma harmonia de quatro partes. A obra era notavelmente bem elaborada, juntando os quatro evangelhos, sem nenhum acréscimo editorial do autor.[4]

[3] *S. C. Neill e T. Wright, The Interpretation of the New Testament 1861–1986 (1964; OUP, 2. ed., 1988), p. 205.*

A próxima tentativa séria de harmonizar os quatro evangelhos foi feita por Agostinho. Sua preocupação era vindicá-los contra críticas injuriosas de filósofos pagãos. Ele comparou de maneira sistemática os relatos feitos pelos evangelistas acerca da palavras e obras de Jesus, alegando que há uma "harmonia" ou "coerência" genuína entre elas e uma ausência de "discrepâncias" ou "contradição".[5]

A tensão entre o único Jesus autêntico e suas quatro faces conforme retratadas nos evangelhos é o tema de um livro fascinante chamado *Four Gospels, One Jesus?* (Quatro Evangelhos, um Jesus?) do Dr. Richard Burridge, deão do King's College, Universidade de Londres. O Dr. Burridge possui imaginação viva, fé sincera e espírito devotado. Ele toma as quatro "criaturas" de Ezequiel 1.10 e Apocalipse 4.7, cujas faces, dizem, lembram a de um homem, um leão, um boi e uma águia, que são respectivamente o rei de todas as criaturas (o ser humano), das feras selvagens (o leão), dos animais domésticos (o boi) e das aves (a águia). Os pais da igreja aplicaram esses símbolos aos quatro evangelistas, a seus evangelhos e, assim, ao Cristo por eles retratado. Eles são muito comuns na arte cristã. Assim, o Jesus de Marcos é como um leão que urra ("andando ao redor, rugindo enigmático e morrendo terrivelmente só"). O Cristo de Mateus possui uma face humana (porque ele é o novo Moisés, o mestre supremo de Israel que, entretanto, rejeitou seu ensino, abrindo com isso o caminho para os gentios). O Jesus de Lucas lembra um boi (porque é forte, suporta com paciência as cargas dos pobres, necessitados e marginalizados). Por fim, o Jesus de João é "uma águia que voa alto, enxerga longe e conhece tudo" (porque vem das alturas do céu para habitar conosco na terra e depois levar-nos consigo para a glória).

Qual, pois, é a relação "entre os quatro evangelhos e o Jesus único?" O Dr. Burridge responde que precisamos permitir que cada evangelista pinte seu próprio retrato e conte sua própria história. Não temos liberdade nem

---

[4] *O Diatessaron de Taciano encontra-se em Allan Menzies (ed.), The Ante-Nicene Fathers (Eerdmans, 1973), vol. X, p. 33-138.* [5] *A Harmonia dos Evangelhos de Agostinho encontra-se em Philip Schaff (ed.), The Nicene and Post-Nicene Fathers (Eerdmans, 1973), vol. VI, p. 64-236.*

para transformar os quatro em um, suprimindo a individualidade de cada um, nem para transformar o único em quatro, exagerando a individualidade de cada um e, com isso, impossibilitando um quadro composto. Não, "há quatro evangelhos com quatro retratos, contando quatro versões da única história de Jesus". E essa história única em quatro versões continua normativa; é o critério pelo qual julgamos a autenticidade de todas as tentativas de reconstruir outros Jesuses.[6]

6. Jesus e Paulo

Quando passamos dos evangelhos para as epístolas e, assim, de Jesus para Paulo, somos confrontados de imediato com um problema. A relação de Paulo com Jesus é de continuidade ou de descontinuidade? A partir de meados do século XIX, alguns estudiosos começaram a descrever Paulo como "o segundo" e até o "verdadeiro" fundador do cristianismo. Ele é visto como quem corrompeu a religião simples e sem sofisticação de Jesus, transformando-a na teologização complicada que tendemos a associar a ele. Paulo tachou de anátema qualquer um que pervertesse o evangelho de Cristo (Gl 1.6-9); será que ele próprio era culpado de pervertê-la? Albert Schweitzer declarou que não via uma continuidade perceptível entre Cristo e Paulo.[7] Ele considerou Paulo um "excêntrico mórbido" que falsificou o evangelho verdadeiro com seus dogmas. De modo semelhante, em nossos dias, A. N. Wilson escreveu: "Se existe algum indivíduo único que possa ser rotulado 'originador' do cristianismo ... é Paulo".[8] Por conseguinte, desenvolveu-se um movimento "retorno de Paulo para Jesus" no início do século XX e ainda hoje continua a ressoar.

É obviamente verdade que Paulo citou Jesus em quatro ocasiões apenas (1 Co 7.10; 9.14; 11.23ss. e 1 Ts 4.15). É também verdade que as

---

[6] *R. A. Burridge, Four Gospels, One Jesus? (SPCK, 1994), p. 166.* [7] *A. Schweitzer, The Quest of the Historical Jesus: a critical study os its progress from Reimarus to Wrede (1906: versão em inglês Adam e Charles Black, 1910).* [8] *A. N. Wilson, Paul: The Mind of the Apostle (Pimlico, 1998), p. 18.*

cartas de Paulo apresentam algumas omissões surpreendentes. Por exemplo, não fazem referência direta ao batismo ou à transfiguração de Jesus, suas parábolas ou milagres. Entretanto, há evidências abundantes, com freqüência mais por alusão do que por citação, que Paulo estava familiarizado com o ensino e a história de Jesus. Jesus proclamou o reino de Deus como realidade presente e também como expectativa futura, com a implicação de que estamos vivendo um período intermediário, entre o "já" e o "ainda não" da salvação. Paulo ensinou a mesma perspectiva dupla. Jesus também alegou gozar de um relacionamento ímpar com Deus como "aba, Pai", o que Paulo confirmou chamando-lhe Filho de Deus (Rm 1.3-4).

Acima de tudo, Jesus destacou a necessidade de seu sofrimento e morte em cumprimento às Escrituras, como resgate pelos pecadores, que seriam seguidos pela ressurreição. E a cruz e ressurreição estão colocadas no centro do evangelho de Paulo. É por causa delas que os pecadores podem ser justificados só pela fé, sem obras, conforme Paulo enfatizou e Jesus também insistiu na parábola do fariseu e do publicano. Jesus também delineou o estilo de vida apropriado a seus discípulos, quando lhes disse que se acautelassem da hipocrisia e da cobiça e destacou a prioridade do amor que não revida, cumpre a lei e se expressa em serviço humilde. Tudo isso tem seu paralelo no ensino ético de Paulo. W. D. Davies chega a dizer que "Paulo está impregnado da mente e das palavras de seu Senhor".[9] Isso não deve surpreender, pois "Cristo é todo o assunto do pensamento e evangelho de Paulo".[10]

Quando se passa do ensino de Jesus para a sua vida e ministério, sua "história", fica evidente que Paulo não era nem ignorante nem indiferente em relação à carreira terrena de Jesus. Ora, Paulo refere-se em suas cartas ao nascimento de Jesus (Gl 4.4), sua descendência de Abraão e Davi (Rm 9.5; 1.3) e sua família humana (1 Co 9.5; Gl 1.19). Paulo sabia que Jesus era "aquele que não tinha pecado" (1 Co 5.21), além de manso (2 Co 10.1), humilde e obediente (Fp 2.8) e, acima de tudo, disposto a se sacrificar pelos outros (2 Co 8.9). Se Paulo tinha conhecimento da vida de Jesus, tinha

[9] *W. D. Davies, Paul and Rabbinic Judaism (SPCK, 1948), p. 140.* [10] *J. W. Fraser, Jesus e Paul (Marcham Manor Press, 1974).*

conhecimento especial de sua morte e a destacava, sabia que fora precedida pela ceia por ele instituída (1 Co 10.16; 11.23ss.) e seguida pelo sepultamento, ressurreição, exaltação e dádiva do Espírito. Depois, ele enviou seus apóstolos para evangelizar primeiro os judeus, depois os gentios, e para reunir seu povo entre todas as raças (Gl 3.28). A missão deles preencheria o intervalo entre sua primeira e segunda vinda. Depois ele viria como um ladrão, como Jesus e Paulo ensinaram, para completar sua salvação e julgamento.

O Dr. David Wehham escreveu um estudo abrangente sobre o uso que Paulo faz das palavras e da história de Jesus, intitulado *Paul: Follower of Jesus or Founder of Christianity?*[11] (Paulo: Seguidor de Jesus ou fundador do Cristianismo?). Sua conclusão, após uma pesquisa de campo muito completa, foi que "há uma interseção gigantesca" entre Jesus e Paulo.[12] Ao mesmo tempo, há diferenças de ênfase teológica que, porém, "não representam nenhuma divergência fundamental de perspectiva".[13] Quase todas elas refletem a mudança da situação em que ocorreram. Por um lado, Jesus ensinava judeus na Palestina, falando de sua morte e ressurreição, que ainda estavam no futuro. Por outro lado, Paulo escreveu para congregações principalmente gentias no mundo greco-romano, ensinando sobre a cruz e a ressurreição, que já haviam ocorrido.

Assim, David Wenham demonstrou com sucesso "que é muito melhor descrever Paulo como 'seguidor de Jesus' do que como 'fundador do cristianismo'".[14] Assim como nos quatro evangelhos, também entre Jesus e Paulo o que encontramos é unidade na diversidade.

As treze cartas de Paulo

Nosso argumento passa agora da relação entre Paulo e Jesus para uma consideração do próprio Paulo. Ele demonstra uma versatilidade extraordinária em suas cartas, que juntas respondem por um quarto do Novo Testamento. Treze cartas são atribuídas a ele (excluindo Hebreus), só sete

[11] *D. Wenham, Paul: Follower of Jesus or Founder of Christianity? (Eerdmans, 1995).* [12] *Ibid., 377.* [13] *Ibid., 378.* [14] *Ibid., 33.*

das quais são em geral consideradas indubitavelmente paulinas, a saber: Gálatas, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Filipenses, Filemom e 1 Tessalonicenses. As mais questionadas são as cartas pastorais, embora no século XX um número significativo de estudiosos do Novo Testamento tenha montado uma vigorosa defesa de sua autenticidade. Eu mesmo tentei resumir os argumentos a favor e contra a autoria de Paulo e creio que as variações de estilo e vocabulário nas pastorais têm melhor explicação no uso construtivo que Paulo faz de amanuenses pessoais.

Assim, para meus propósitos (pesquisar todo o Novo Testamento) vou assumir a autoria paulina de todas as treze cartas que são atribuídas a ele. Não é fácil fazer justiça a seus testemunho de Jesus Cristo, mas de novo espero mostrar que se trata de uma combinação de unidade e diversidade. Proponho agrupar suas cartas de acordo com sua data durante um período de vinte anos, começando com a primeira viagem missionária (c. 48–49) e terminando com seu martírio em Roma, que pode ter ocorrido tarde, em 68 d.C. Em cada um dos cinco grupos, Cristo é retratado sob uma luz um pouco diferente. (Isso pode ser tabulado conforme a tabela abaixo)

Data aprox.	Período	Grupo	Cartas	Apresentação de Cristo
48–49	Fim da 1ª viagem missionária	Uma carta polêmica	Gálatas	Cristo, o libertador
50–52	Durante a 2ª viagem missionária	As primeiras cartas	1 e 2 Tessalonicenses	Cristo, o juiz que virá
53–57	Durante a 3ª viagem missionária	As principais cartas	Romanos, 1 e 2 Coríntios	Cristo, o Salvador
60–62	Durante sua 1ª prisão em Roma	As cartas da prisão	Colossenses, Filemom, Efésios e Filipenses	Cristo, o Senhor supremo
62–67	Durante a libertação e a 2ª prisão	As cartas pastorais	1 Timóteo e Tito, 2 Timóteo	Cristo, a cabeça da igreja

Tabela 1: As treze cartas de Paulo

7. Uma carta polêmica (Gálatas): Cristo, o libertador

Alisto-me entre os que crêem que Gálatas foi a primeira carta escrita por Paulo. Meu motivo principal é que ela não contém nenhuma referência ao Concílio de Jerusalém, que marcou época, e aos seus decretos que declaravam que os convertidos judeus não precisavam ser circuncidados nem observar a lei cerimonial. Embora um argumento baseado no silêncio seja sempre precário, a falta de uma menção de Paulo a esses decretos em Gálatas deve significar que ainda não haviam sido promulgados. Isso dataria Gálatas em 49 d.C., entre a primeira e a segunda viagem missionária.

Gálatas recebe adequadamente o nome de carta "polêmica", pois percebe-se em toda ela a forte indignação em relação aos falsos mestres que estavam importunando a igreja, pervertendo o evangelho (1.7). Paulo pronuncia um anátema contra eles. Sejam homens, sejam anjos ou até o próprio apóstolo, os que pregam um evangelho diferente do evangelho apostólico original de graça merecem ficar sob o julgamento de Deus (1.8-9). Paulo sentiu necessidade tão premente de ser leal à "verdade do evangelho", que estava até disposto a um confronto público embaraçoso com seu companheiro, apóstolo Pedro, por causa dela (2.11-14).

É provável que o texto chave de Gálatas seja 5.1, onde Paulo escreve: "Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão". Assim, Paulo retrata Cristo como o libertador supremo, e a salvação em termos de liberdade. O que é essa liberdade?

Primeiro, liberdade cristã é *ser livre da lei*. Paulo escreve sobre a "maldição da lei", querendo indicar com essa expressão não a lei em si, mas o julgamento que a lei pronuncia contra os que desobedecem a ela. Ora, todos os que confiam na observância da lei para a salvação estão sob o julgamento divino (3.10). Mas Cristo nos redimiu desse julgamento, tornando-se maldição por nós (3.13). Ele tomou nosso lugar, levou nossa maldição e morreu nossa morte. Mas os gálatas ("ó gálatas insensatos!", o apóstolo os rotula, 3.1), em vez de colocar a confiança no Cristo crucificado, estavam confiando em si mesmos, considerando-se justos e assim colocando-se contra a cruz. "Pois, se a justiça [i.e., a justificação] vem pela

Lei, Cristo morreu inutilmente!" (2.21). Não surpreende que Paulo estivesse determinado a não se gloriar em nada, exceto na cruz (6.14).

O fato de sermos livres da lei e de sua maldição, porém, não nos dá a liberdade de desobedecer à lei moral ou indulgenciar nossa natureza pecaminosa (5.13). Pelo contrário, liberdade cristã é liberdade para servir, não liberdade para pecar (5.13). Aliás, "Toda a Lei se resume num só mandamento: 'Ame o seu próximo como a si mesmo'" (5.14, cf. 6.2).

Segundo, liberdade cristã é *ser livre da carne* (*sarx*), de nossa natureza decaída autocomplacente. Paulo escreve em Gálatas que mesmo os que foram justificados pela graça mediante fé em Cristo estão envolvidos num conflito sem tréguas entre a carne (nossa natureza decaída) e o Espírito (o Espírito Santo que habita em nós). Entre os atos de nossa natureza pecaminosa estão imoralidade, idolatria, ódio, ciúmes e ambição egoísta (5.19-21). "Mas o fruto do espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio" (5.22-23). A vitória nesse conflito interno depende da atitude que adotamos com ambos (a carne e o Espírito). Por um lado, se pertencemos a Cristo, já "crucificamos" (ou seja, repudiamos radicalmente) nossa "natureza pecaminosa com as suas paixões e os seus desejos" (5.24). Por outro lado, devemos viver "pelo Espírito" e andar "pelo Espírito" (5.16, 25), ou seja, seguir as orientações do Espírito, pois então a carne será subjugada pelo Espírito e o fruto do Espírito amadurecerá em nosso caráter.

O testemunho de Paulo em favor de Cristo, o libertador, em Gálatas é que por sua cruz podemos ser redimidos da maldição da lei e que pelo seu Espírito podemos ser libertados do poder de nossa natureza decaída. Por conseguinte, já não somos escravos, mas descendentes de Abraão e filhos e filhas de Deus (3.29; 4.7).

8. As primeiras cartas (1 e 2 Tessalonicenses): Cristo, o juiz que virá

Paulo e seus companheiros visitaram Tessalônica durante sua segunda viagem missionária e sua primeira carta a eles foi evidentemente escrita e enviada dentro de meses, até semanas, depois da visita. E sua

segunda carta seguiu logo depois. Assim, as duas cartas foram dirigidas aos mesmos novíssimos convertidos. Fazia bem pouco tempo que haviam voltado para Deus , "deixando os ídolos a fim de servir ao Deus vivo e verdadeiro" (1 Ts 1.9). O propósito imediato de Paulo na primeira carta era defender-se contra a calúnia daqueles que diziam que ele fugira da cidade e não se importava com os novos crentes tessalonicenses.

Seu segundo propósito era pastoral. Ele os amava como pais e mães amam os filhos (1 Ts 2.7, 11), e estava ansioso para ajudar os que estavam especialmente carentes. Apesar de instá-los a serem "pacientes para com todos", destacou três categorias em particular. Ele ordenou: "Advirtam os ociosos, confortem os desanimados, auxiliem os fracos" (1 Ts 5.14). Parece plausível, como entendem alguns comentaristas, que "os fracos" seja os sexualmenfe fracos, a quem ele exortou a terem autocontrole em 4.1-8; que os "ociosos" (*ataktoi*), que desertavam do trabalho, precisavam ser admoestados, cuidar dos próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos (4.9-12); e que "os desanimados" eram os enlutados vencidos pelo pesar excessivo (4.13-18).

Mas a principal ênfase das cartas aos tessalonicenses diz respeito à vinda de Cristo para salvar e julgar. Cada um dos oito capítulos em que 1 e 2 Tessalonicenses foram divididos contêm uma referência à *parousia* (a volta de Cristo).[16] As expectativas em relação ao futuro são um ingrediente essencial do discipulado cristão, caracterizado não só pela fé e pelo amor, mas também pela "esperança" (1 Ts 1.3). E tendo deixado os ídolos por Deus, servimos ao Deus vivo e também esperamos "dos céus seu Filho" (1 Ts 1.10).

Como sempre, Paulo está tratando de problemas pastorais que, sabe, só a doutrina sadia pode resolver. As cartas tessalonicenses contêm quatro passagens escatológicas principais, cada uma das quais voltada para um grupo específico de pessoas.

Primeiro, alguns estavam *sofrendo de luto* (1 Ts 4.13-18). Eles temiam que seus amigos ou parentes mortos estariam em desvantagens quando

[16] *Isso, desde que possamos considerar que os* ataktoi *em 2 Ts 3 estão ociosos por causa do que William Hendriksen chamou de "histeria de* parousia*" dos tessalonicenses. W. Hendriksen, Exposition of I & II Tessalonians (Baker, 1955), p. 107.*

Cristo viesse e até fossem privados das bênçãos que ele traria. A resposta de Paulo é fornecer um credo escatológico simples: "Se cremos que ... cremos também que ... Dizemos a vocês ..." (v. 14-15): (1) o próprio Senhor Jesus virá do céu; (2) os cristãos mortos serão os primeiros a ressuscitar; (3) Deus os trará com Cristo; (4) então os cristãos vivos, longe de preceder os cristãos mortos, serão reunidos a eles e ao Senhor; e (5) assim estaremos com o Senhor para sempre. Isso não responde todas as nossas perguntas, mas nos dá informações básicas sobre a volta, a ressurreição, o arrebatamento e a reunião.

Segundo, alguns estavam *curiosos sobre a cronologia* (1 Ts 5.1-11). Evidentemente, esses estavam apreensivos para saber se estariam prontos para comparecer diante de Cristo em sua volta e pensavam que a melhor maneira de se prepararem seria conhecer a data. Mas essa era a solução errada para o problema que tinham. Ora, eles sabiam que a vinda do Senhor seria repentina e inesperada (como um ladrão na noite), repentina e inevitável (como o trabalho de parto ao final da gravidez). Em vez disso, a maneira certa de preparar-se é lembrar que já somos filhos da luz. Já que somos do dia, precisamos nos manter despertos, não podemos adormecer. Então não seremos tomados de surpresa.

Terceiro, alguns estavam *sofrendo severa perseguição* (2 Ts 1.4-10). Sua perseverança e fé em meio às provações, porém, eram evidência do julgamento justo de Deus, pois os que partilham dos sofrimentos de Cristo também partilharão de sua glória. Ademais, Deus é justo e um dia vingará seu povo publicamente. Ao mesmo tempo, punirá os que conscientemente rejeitam a verdade, "os que não conhecem a Deus e os que não obedecem ao evangelho" (v. 8). Os destinos alternativos de céu e inferno são apresentados com imagens vivas. Por um lado, o Senhor Jesus será glorificado em seu povo (v. 10). Por outro, os que o rejeitam serão excluídos da "presença do Senhor e da majestade do seu poder" (v. 9).

Quarto, alguns estavam *confusos por causa de rumores* de que o dia do Senhor já havia chegado. Paulo refuta esse erro expondo a filosofia cristã da história (2 Ts 2.1-12). A *parousia* (a vinda de Cristo) não pode ocorrer, explica ele, antes que ocorra a rebelião (a vinda do Anticristo), e essa rebelião não ocorrerá antes que seja removido o que a detém. A identidade

da influência restritiva (v. 6), personalizada no versículo 7, vem há muito ocupando a mente dos estudiosos. Mas a reconstrução mais provável é que se refere a Roma e ao poder do estado. Pois "que obstáculo existe", perguntou Tertuliano, "senão o estado romano?"[17] Aliás, é por desígnio de Deus que todo estado, sendo o guardião oficial da lei e da ordem, da paz pública e da justiça, restrinja o mal.

Nesse ínterim, mesmo durante o período de restrição e antes da revelação do iníquo (Anticristo), "o mistério da iniqüidade já está em ação" (v. 7a). Seu movimento contra a sociedade, contra a lei e contra Deus é no presente em boa parte subterrâneo. Detectamos sua influência subversiva no ateísmo, totalitarismo, materialismo, relativismo moral e permissividade social. Mas a subversão um dia secreta tornar-se-á rebelião aberta, quando o iníquo for revelado. Então podemos esperar um período (curto, por misericórdia) de caos político, social e moral em que tanto Deus como a lei serão pulverizados até que o Senhor voltará subitamente para vencê-lo.

Eis, portanto, os três atos no drama escatológico. Agora é tempo de *restrição*, em que a iniqüidade está sendo mantida em cheque. Depois virá o tempo de *rebelião*, em que o controle da lei será removido e o iníquo será revelado. Por fim, virá o tempo de *retribuição*, em que o Senhor Cristo derrotará e destruirá o Anticristo. Esse é o programa divino. Enquanto isso, os tessalonicenses deve manter-se firmes no ensino que receberam previamente do apóstolo. Quaisquer que sejam os problemas que enfrentem, Paulo os faz voltar para a vinda de Cristo.

Mazinho Rodrigues!

9. As principais cartas (Romanos, 1 e 2 Coríntios): Cristo, o Salvador

Durante a dita terceira viagem missionária de Paulo, ele passou dois anos em Corinto e três em Éfeso. Nas duas cidades ele começou na sinagoga e foi só quando os judeus rejeitaram o evangelho que passou para o

[17] *Tertuliano, Sobre a Ressurreição da Carne, cap. XXIV.*

ambiente secular: em Corinto para a casa de Tício Justo e em Éfeso para a escola de Tirano.

Apesar de atarefado nesses cinco anos em ministérios exaustivos de evangelização, apologética e instrução, pelo menos Paulo não estava viajando. Assim, parece que ele tinha tempo para escrever. Foi nesse período que ele escreveu sua carta aos romanos (cujo material pode ter testado na escola de Tirano) e suas duas cartas sobreviventes a Corinto.

Os conteúdo dessas três "cartas principais" é repleto e variado, já que cada uma foi escrita em resposta a necessidades e questões específicas. Ainda assim, não seria incorreto, penso eu, identificar "salvação" como o tema dominante delas. Aqui, por exemplo, estão alguns textos chaves:

Romanos 1.16: *"Não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu, depois do grego".*

1 Coríntios 1.21: *"Visto que, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por meio da sabedoria humana, agradou a Deus salvar aqueles que crêem por meio da loucura da pregação".*

1 Coríntios 15.1-2: *"... quero lembrar-lhes o evangelho que lhes preguei, o qual vocês receberam ... Por meio deste evangelho vocês são salvos..."*

2 Coríntios 6.2: *"Digo-lhes que agora é o tempo favorável, agora é o dia da salvação".*

Romanos

Em Romanos, após uma breve introdução que se concentra em Cristo (1.1-5), a necessidade universal de salvação é proposta com vigor. Primeiro pagãos depravados, depois moralizadores críticos e então judeus autoconfiantes são acusados, até que toda a raça humana é considerada culpada e inescusável (1.18–3.20). "Mas agora", continua Paulo, com uma adversativa vigorosa, "uma justiça que provém de Deus" (ou seja, a maneira justa divina para "justificar" os injustos) foi revelada no evangelho (3.21-31), e deve ser recebida somente pela fé, conforme se evidencia no caso de Abraão (cap. 4).Por conseguinte, tendo sido justificados pela fé, gozamos de paz com Deus, estamos na graça e regozijamos na perspectiva de partilhar da glória de Deus (5.1-11).

Retratam-se agora duas humanidade, uma caracterizada pelo pecado e culpa, e a outra pela graça e fé. O cabeça da velha humanidade é Adão, o cabeça da nova é Cristo. Com precisão quase matemática, Paulo compara e contrasta os dois (5.12-21).

Em seguida, Paulo responde a duas críticas. Em Romanos 6 ele refuta a calúnia de que o evangelho encoraja o pecado. Tendo sido unidos com Cristo (pelo batismo) em sua morte e ressurreição, embora não seja impossível continuarmos pecando, ainda assim é inconcebível que o façamos. Como poderíamos viver naquilo para o qual morremos?

Em Romanos 7 Paulo responde a uma segunda crítica, isto é, que a lei é a culpada pelo pecado. Pelo contrário, Paulo culpa nossa "carne" ou natureza humana decaída. Romanos 7 está repleto do poder do pecado que habita nas pessoas, mas Romanos 8 preocupa-se com o Espírito que habita em nós, o único por meio de quem podemos fazer "morrer os atos do corpo" e assim viver (8.13). O apóstolo também aguarda a redenção do universo criado (8.18-27) e expressa sua convicção inabalável de nossa salvação final, já que nada pode nos separar do amor de Deus (8.28-39).

Romanos 9-11 não são, decididamente, os parênteses que alguns leitores supõem, mas parte importante do argumento de Paulo. Em toda a primeira metade de sua carta ele não esqueceu nem a mistura étnica da igreja de Roma ("primeiro do judeu, depois do grego", 1.16; 2.9-10), nem as tensões que continuavam brotando entre os cristãos judeus em minoria e os cristãos gentios em maioria. Era tempo de atacar diretamente o problema teológico por trás daquilo. Como o povo judeu como um todo havia rejeitado o Messias? E como a inclusão dos gentios se encaixava no plano de Deus? No início de cada capítulo Paulo faz uma declaração emocional de seu anseio pela salvação deles e pela manutenção da identidade judia dele próprio (9.1-6; 10.1; 11.1).

No capítulo 9 Paulo defende a lealdade à aliança divina baseado no fato de que suas promessas não foram feitas a todos os descendentes de Jacó, mas a Israel dentro de Israel, o remanescente eleito. No capítulo 10, porém, a incredulidade de Israel é atribuída não ao propósito divino da eleição (como no cap. 9) mas a seu orgulho, ignorância e teimosia. Então, no cap. 11, Paulo olha para o futuro. Ele declara que o pecado de Israel

não é nem total (pois existe um remanescente que crê) nem final (pois haverá uma recuperação). Sua visão é que a "plenitude" dos judeus e dos gentios serão finalmente reunidas (11.12, 25). Não surpreende que essa perspectiva o leve a irromper numa doxologia em que louva a Deus pela profundidade de suas riquezas e sua sabedoria (v. 33-36).

Em Romanos 12 Paulo passa da doutrina para a ética. Com base nas misericórdias de Deus, que vinha expondo, ele insta à consagração de nosso corpo e à renovação de nossa mente. A escolha fica entre conformar-nos com os moldes do mundo e sermos transformados de acordo com a vontade de Deus.

Além disso, a vontade de Deus diz respeito a nossos relacionamentos – todos eles são transformados radicalmente pelo evangelho. Paulo trata sete deles: primeiro, nosso relacionamento com Deus (12.1-2), depois com nós mesmos na avaliação de nossos dons (12:3-8) e, em terceiro lugar, uns com os outros (12.9-16), num amor que une a família cristã. Quarto, há o relacionamento com os nossos inimigos e malfeitores, que ecoa o chamado de Jesus à não-retaliação (12.17-21) e, quinto, com o estado, reconhecendo sua autoridade e ministério concedidos por Deus (13.1-7). Nos versículos 8-10 Paulo reverte para o amor, enfatizando que o amor para com nosso próximo é um débito não quitado e o cumprimento da lei. Este sexto relacionamento é mais urgente, quanto mais se aproxima o último dia (13.11-14).

O sétimo e último relacionamento, que Paulo trata em detalhes consideráveis, diz respeito ao nosso comportamento para com "os fracos", cuja consciência superescrupulosa não deve ser atropelada (14.1–15.13). Pelo contrário, eles devem ser recebidos na família, assim como Cristo nos aceitou.

O aspecto mais notável das instruções práticas de Paulo acerca dos fracos é que ele as baseia em sua cristologia e, em particular, na morte, ressurreição e *parousia* de Jesus. Os fracos são irmãos por quem Cristo morreu. Cristo ressuscitou para ser o Senhor deles e não temos liberdade para criar obstáculos para seus servos. Ele também está vindo para ser nosso juiz; não devemos assumir o lugar de juízes.

Paulo termina essa seção com uma linda visão de crentes judeus e

gentios ligados por um "espírito de unidade" tal que, "com um só coração e uma só voz", glorificam juntos a Deus (15.14-22).

A epístola termina com notícias de planos de viagem de Paulo, cumprimentos pessoais de e para uma série de pessoas alistadas, um alerta contra falsos mestres e uma doxologia final semelhante à da introdução da carta, que alude ao evangelho de Cristo, à comissão de Deus, à transmissão do evangelho às nações e exorta à obediência de fé (16.1-27).

Romanos é a exposição mais completa da salvação em todo o Novo Testamento, descrevendo sua necessidade, natureza e meios, indicando suas implicações radicais na comunidade multirracial e celebrando Jesus Cristo que foi crucificado, ressuscitou, reina e virá como o único Salvador.

1 Coríntios

A primeira carta de Paulo aos coríntios tem quase o mesmo tamanho que sua carta aos romanos, mas o conteúdo é bem diferente. Romanos é uma exposição do evangelho ordenada, construída com cuidado, enquanto 1 Coríntios lida com uma miscelânea de vinte temas diversos, em que Paulo atende ou a necessidades pastorais que percebeu em Corinto ou responde perguntas enviadas a ele pelos coríntios. Mas cada tópico é tratado com cuidado, de modo que a carta contém algumas instruções valiosíssimas sobre assuntos doutrinários, éticos e sociais, assuntos que as igrejas locais ainda hoje precisam reconsiderar.

Paulo começa reconhecendo a ambigüidade da igreja. Ele a descreve como algo simultaneamente santo e chamado para ser santo, unido ("a igreja de Deus", v. 1) e dividido, completo e incompleta. Em particular, o apóstolo está horrorizado com as facções na igreja e pelo culto à personalidade que está por trás delas. Isso o leva a desenvolver o tema da "força pela fraqueza", tão necessária em nosso mundo contemporâneo faminto de poder. Paulo o viu em ação no evangelho da cruz (1.18-25), nos convertidos coríntios (1.26-31) e nele mesmo como pregador (2.1-5), quando levou uma mensagem fraca em sua própria fraqueza pessoa, confiando, porém, no poder do Espírito.

Paralelo à "força pela fraqueza" é o princípio da "sabedoria pela loucura". "A mensagem da cruz é loucura para os que estão perecendo" (1.18),

mas é o poder e a sabedoria de Deus. E Paulo prossegue, escrevendo acerca da verdadeira sabedoria que é revelada por Deus pela inspiração do Espírito Santo (2.6-16).

O apóstolo percebe claramente que as facções coríntias deviam-se em última análise a suas concepções errôneas de igreja e de ministério pastoral. Quando temos uma concepção pobre de igreja, temos uma concepção pobre de liderança cristã. Assim, no capítulo três Paulo nos fornece um entendimento trinitário da igreja como "lavoura de Deus" em que Deus é o agricultor; como "edifício de Deus", em que Cristo é o fundamento; e como o "templo de Deus" habitado pelo Espírito Santo. Se o capítulo três nos dá um retrato da igreja, o capítulo quatro nos fornece um retrato do pastor (na realidade, primeiro do pastor, mas em nível secundário, da liderança cristã hoje). São ministros de Cristo, mordomos da revelação de Deus, a escória da terra (v. 13) e os pais da família da igreja. Cada modelo evoca humildade.

Nos capítulos seguintes Paulo dá instruções apostólicas sobre como disciplinar, até excomungar, um ofensor grave (cap. 5); sobre não levar irmãos cristãos à corte (6.1-6); sobre imoralidade sexual e a perspectiva cristã do corpo humano (6.7-20); e sobre casamento, solteiros e divórcio (cap. 7). O ensino é um golpe direto que atinge o alvo em cheio. Paulo não faz concessões à cultura de sua época, pois sabe que a igreja é chamada para ser uma contracultura. Somos convocados, não para um conformismo de uma mente tímida, mas a um inconformismo radical em relação ao mundo à nossa volta.

Nos capítulos 8 e 9 Paulo trata da questão delicada de nossos direitos e da renúncia a eles. Seu primeiro exemplo trata da carne consagrada a ídolos. Ou seja, os cristãos devem comprar e comer carne que, antes de ser vendida no açougue, foi usada num ritual sacrificial pagão? Essa carne não estaria contaminada? Crente instruído, Paulo podia declarar com veemência que há um só Deus, que os ídolos nada são e que, portanto, não há razão para não comer carne oferecida a ídolos. Mas como devemos nos portar com companheiros cristãos, provavelmente recém-convertidos, que não partilham desse conhecimento e então possuem consciência fraca ou superescrupulosa? Se ele nos vir comendo, pode ser incentivado a seguir

nosso exemplo contra a própria consciência e, com isso, feri-la ou até pecar contra Cristo. Se o fato de eu comer vai fazer com que meu irmão caia em pecado, Paulo acrescentou com uma hipérbole característica, "nunca mais comerei carne" (8.13). O princípio, pois, é claro: o conhecimento traz liberdade, mas o amor a limita, pois o amor é maior que o conhecimento (8.1; 13.2; cf. 10.23-33).

O segundo exemplo de Paulo é mais pessoal para ele, sendo apresentado no capítulo 9. Ele é apóstolo, pois viu o Senhor ressuscitado (uma das condições do apostolado). Como tal, tem o direito de casar-se e receber sustendo. Afinal, os soldados, lavradores e pastores não trabalham de graça. E a lei do Antigo Testamento diz que os bois podem comer dos grãos que estão trilhando e que os sacerdotes no templo podem servir-se dos sacrifícios. E como terceiro argumento, o Senhor Jesus mesmo mandou que "aqueles que pregam o evangelho, ... vivam do evangelho" (v. 14). Assim, não há dúvidas quanto ao princípio. Mas, continua Paulo (v. 12b e 15), ele não usou o direito nem o estava reivindicando naquele momento. Ele preferia morrer a ser privado de seu orgulho de pregar de graça. Ademais, não era um orgulho, mas uma compulsão. "Ai de mim se não pregar o evangelho!" (v. 16). Ele se fez escravo de todos para ganhar o maior número possível de pessoas (v. 19).

Os dois exemplos ilustram o mesmo princípio fundamental: embora possamos ter direitos, é possível que haja razões sadias para renunciar a eles.

Nos capítulos 10 – 14 o apóstolo trata de questões importantes acerca da vida e do culto na igreja. Ele começa com um alerta extraído da história da Israel: a igreja visível e professa pode não ser o povo genuíno de Deus. Pois todos os israelitas haviam sido batizados no Mar Vermelho e todos haviam participado da mesma comida e bebida. Em outras palavras, eram todos membros batizados e comungantes da igreja visível. Entretanto, Deus não estava satisfeito com a maioria e seu julgamento recaiu sobre eles no deserto (10.1-13). Depois de fazer essa distinção vital entre a igreja nominal e a igreja real (distinção ainda hoje necessária), o apóstolo passa para vários aspectos do culto público.

Primeiro, eles devem fugir da idolatria, como Israel devia ter feito, já que a participação no corpo e sangue de Cristo é incompatível com festas

pagãs e sacrifícios a ídolos. "Vocês não podem beber do cálice do Senhor", declara Paulo, "e do cálice dos demônios" (10.21).

Em seguida, Paulo dá instruções sobre o culto público dos coríntios que estava sendo maculado por comportamentos impróprios. O primeiro dizia respeito ao sexo. A dificuldade que temos para interpretar o ensino de Paulo é que ele combina questões teológicas e culturais na mesma passagem. A maioria concorda que questões de comprimento de cabelo e uso de véus são culturais, pois podem variar de acordo com o lugar e a época. Mas o ensino de Paulo sobre "primazia" (Deus – Cristo – homem – mulher) é profundamento teológico. Além disso, o que ocorre entre Deus e Cristo, também deve ocorrer entre o homem e a mulher: a "primazia" não é incompatível com a igualdade.

A segunda situação de que Paulo trata é a Ceia do Senhor. Ele lamenta profundamente que as facções coríntias se manifestassem até na mesa do Senhor e que aquelas distinções de classe aparecessem de modo que alguns adoradores voltavam famintos, enquanto outros ficavam embebedados. Assim, Paulo lembra a seus leitores a instituição da Eucaristia durante a Última Ceia (11.23-26). Ele, portanto, enfatiza a seriedade de comer e beber de maneira indigna e insiste na necessidade de auto-exame antes de chegar à mesa, para não mais experimentarem o julgamento de Deus.

Em seguida, nos capítulos 12–14 Paulo responde as perguntas deles sobre os *charismata*, dons espirituais. Essa passagem é mais um exemplo, e notável, de nosso tema da diversidade na unidade. Por quatro vezes Paulo insiste na unidade fundamental deles, como o cenário em que se pode apreciar a diversidade. Primeiro, todos haviam recebido o Espírito Santo, porque "ninguém pode dizer: 'Jesus é o Senhor', a não ser pelo Espírito Santo" (12.3). Em segundo lugar, eles tinham tido a mesma experiência da Trindade, pois por trás de seus diferentes dons e ministérios "o Espírito é o mesmo", "o Senhor é o mesmo", "é o mesmo Deus" (12.4-6). Em terceiro lugar, depois de alistar nove dons (outros ocorrem em outras listas), Paulo conclui: "todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito..." (12.7-11). E, em quarto lugar, Paulo recorre à metáfora favorita do corpo humano, que é "uma unidade, embora tenha muitos membros ... assim também com respeito a Cristo. Pois em um só corpo todos nós

fomos batizados (por Cristo) em (ou com) um único Espírito" (parênteses meus) e, mudando a metáfora, "e a todos nós foi dado beber de um único Espírito" (12.12-13).

No restante do capítulo 12 o apóstolo desenvolve o modelo de "um corpo, muitos membros". Todos os membros do corpo são úteis de diferentes maneiras. Assim, não podemos nem desprezar nossos próprios dons nem depreciar os dos outros. A arrogância que diz "não preciso de vocês" e a falsa modéstia que diz "vocês não precisam de mim" são atitudes destrutivas. Elas minam a "unidade na diversidade" do corpo. É preciso que ouçam a afirmação: "vocês são o corpo de Cristo, e cada um de vocês, individualmente, é membro desse corpo" (12.27).

Depois de reconsiderar o perigo de a diversidade levar à desunião, Paulo mostra aos coríntios o que ele chama de "caminho ainda mais excelente". Seu hino ao amor não tem paralelos na literatura mundial. O amor é maior que as línguas; e a profecia, maior que o conhecimento; e a fé, maior que a filantropia e o heroísmo (13.1-3). É a maior coisa no mundo. O amor é paciente e gentil; portanto não é ciumento nem ufanista, nem orgulhoso nem rude, nem egocêntrico nem irritável. Ele se alegra não no mal, mas na verdade. Ele sempre protege, confia, espera e persevera (13.4-7). E o amor dura para sempre (13.8-13). Esse amor acolhe a diversidade do corpo de Cristo. Ele nem se ressente nem é presunçoso. É a atmosfera essencial dentro da qual podem operar os dons espirituais.

No capítulo 14 Paulo reverte para os dons espirituais e, em particular, para a profecia, que declara ser mais proveitosa que as línguas porque é inteligível e leva força, encorajamento e consolo às pessoas (14.3). Isso é coerente com o princípio do apóstolo: "procurem crescer naqueles [dons] que trazem a edificação para a igreja" (14.12).

A carta começou com as facções que estavam dividindo a igreja de Corinto. Em contraste, o capítulo 15 (o último capítulo principal, à parte das mensagens pessoais do cap. 16) é uma magnífica exposição do evangelho que, mais que tudo, é planejada para unificar a igreja.

Paulo diz que deseja lembrar aos coríntios o evangelho que ele entende ser uma mensagem que pode ser reconhecida universalmente. Ele mesmo o proclamou ao mundo e o mundo o recebeu. E mais, o mundo

tomou posição em relação a ele. E as pessoas estavam sendo salvas por ele, desde que se mantivessem firmemente apegadas a ele, pois de outro modo teriam crido em vão. Qual era esse evangelho? Era a tradição apostólica que Paulo recebera e transmitira. De máxima importância nesse evangelho eram quatro eventos, a saber: a morte, sepultamento, ressurreição e manifestações do Senhor Jesus.

Talvez valesse, porém, pela clareza, deixarmos explícito o que certamente já está implícito, isto é, que esses quatro eventos não são de igual importância. De suprema importância, conforme sabemos de repetidas referências no Novo Testamento, são a morte e ressurreição de Jesus; a importância do sepultamento e das aparições são relativas a elas. Assim, Cristo morreu por nossos pecados de acordo com as Escrituras, e depois foi sepultado para demonstrar a realidade de sua morte. Em seguida, Cristo foi ressuscitado no terceiro dia de acordo com as Escrituras, e depois apareceu e foi visto, para demonstrar a realidade de sua ressurreição.

Paulo prossegue alistando as principais manifestações após a ressurreição – oficiais e pessoais, a grupos e a indivíduos – colocando-se no final da lista. É preciso dizer algumas coisas acerca da experiência na Estrada de Damasco.

Primeiro, foi uma manifestação genuína do Jesus ressuscitado, não algum tipo de visão ou aparição. Sabemos disso porque Paulo a inclui entre outras que alista e porque o que foi "ressuscitado" foi o que fora "sepultado", ou seja, seu corpo. Além disso, Paulo passa diretamente do "depois disso apareceu também a mim" para "sou o menor dos apóstolos", pois uma manifestação do Jesus ressuscitado era qualificação indispensável para o apostolado (veja At 1.21-22, 25; 1 Co 9.1).

Segundo, apesar de ser uma manifestação autêntica do ressuscitado, ainda era atípica porque não ocorreu durante os quarenta dias (como todas as outras), mas após a ascensão.

Terceiro, foi a última manifestação, tendo ocorrido "depois de todos" (1 Co 15.8 RA). Quaisquer que sejam as visões de Jesus que alguns tenham alegado desde estão, não devemos pensar nelas como manifestações do ressuscitado.

Depois de dar sua lista de manifestações, Paulo agora conclui com uma declaração importante acerca do evangelho (15.11): "Portanto, quer tenha sido eu, quer tenham sido eles, é isto que pregamos, e é isto que vocês creram".

Os quatro pronomes são extremamente significativos: eu, eles, nós e vocês. "Eu" é o apóstolo Paulo e "eles" os apóstolos de Jerusalém. "Nós" são todos os apóstolos juntos, os quais pregam o mesmo evangelho, e "vocês" são os membros da igreja de Corinto: todos os que o receberam. É uma declaração da unidade da proclamação dos apóstolos e também da crença da igreja, juntamente com sua diversidade nos dons.

O restante de 1 Coríntios 15 é uma declaração bem argumentada acerca de diferentes aspectos da ressurreição: as calamitosas conseqüências se Cristo não tivesse ressuscitado (v. 12-19); o fato de Cristo ter ressurgido, colocando em curso o programa escatológico (v. 20-28); mais perguntas sobre a situação se não houver ressurreição (v. 29-34); instruções sobre a natureza do corpo ressuscitado, combinando continuidade em relação ao nosso corpo terreno e descontinuidade (v. 35-49); uma garantia de que os que morrerem serão ressuscitados e de que os que sobreviverem até a volta de Cristo serão transformados, de modo que a morte será tragada em vitória (v. 50-57); e uma exortação final a seus leitores para que se mantenham firmes e se esforcem, sabendo que, diante da ressurreição, seu empenho não será vão (v. 58).

2 Coríntios

As relações do apóstolo com a igreja coríntia (suas visitas e cartas) são complicadas e não precisam nos preocupar aqui. Mas observamos que há bons motivos para alegar que 2 Coríntios é a mais pessoal de todas as cartas de Paulo, porque ele precisa defender-se de muitas críticas dos que se consideravam "superapóstolos" (11.5), embora na realidade fossem "falsos apóstolos" (11.13). Em contraste com eles, Paulo delineia os elementos essenciais de um ministério cristão autêntico.

Ele começa com uma referência aos próprios problemas e dificuldades. Em Cristo e por meio dele, declara Paulo, vem experimentando consolo no sofrimento e até a vida ressuscitada através da morte (1.3-11).

Em resposta às críticas, ele agora defende sua alteração de planos. Ele não fora culpado de vacilar, de mudar de idéia de maneira leviana ou mundana, ou de dizer "sim" e "não" no mesmo fôlego. Esse comportamento seria incompatível com a fidelidade de Deus e com a verdade de que todas as promessas de Deus encontram seu "sim" em Cristo (1.12-22).

Isso leva Paulo adiante, para uma defesa geral de si mesmo e de seus colegas como "ministros de uma nova aliança" (3.6). Certamente o ministério da antiga aliança era servida por um grau de glória; mas a glória do ministério da nova aliança é "insuperável" (3.9), já que é um ministério do Espírito (não de morte), um ministério de justificação (não de condenação) e permanente (que não desvanece) (3.1-18).

Porque recebemos esse ministério glorioso, "não desanimamos" (4.1, 6), mas "temos sempre confiança" (5.6, 8). Pense, há bons motivos pelos quais podemos perder a coragem. O primeiro é "véu" que fica sobre a mente dos incrédulos, impedindo-os de ver a luz do evangelho da glória de Cristo (3.12-18; 4.3-4). O segundo é "o corpo", nosso corpo frágil e mortal que é como um jarro de barro em que o tesouro do evangelho é depositado (4.7). É-nos totalmente impossível resolver nenhum desses dois problemas por nós mesmos. Só Deus pode remover o véu fazendo com que a luz brilhe dentro da escuridão humana (4.6). Só Deus pode fazer com que "a vida de Jesus" seja revelada agora em nosso corpo mortal (4.10-11) e no último dia "nos ressuscitará com Jesus" (4.14–5.10). Não surpreende que tenhamos muita coragem e nos recusemos a desanimar!

O ministério da nova aliança é também um ministério de reconciliação, e em 5.18-21 é uma das passagens mais sublimes no Novo Testamento dentro do tema da reconciliação. Primeiro, Deus é seu *autor* ("tudo isso provém de Deus ... Deus em Cristo estava reconciliando..." v. 18-19); jamais poderia haver alguma insinuação de que Jesus tomou a iniciativa de arrancar a reconciliação de um Deus relutante. Segundo, Cristo é o *agente* da reconciliação. Em duas expressões ousadas de Paulo, Deus recusa-se a contar os pecados dos seres humanos contra eles (v. 19), antes, fez com que o Cristo sem pecado tornasse pecado por nós (v. 21). Terceiro, somos os *embaixadores* da reconciliação, pois o ministério e a mensagem da reconciliação nos foram confiados (v. 18-19) e Deus agora faz seu apelo por

nosso intermédio, implorando que as pessoas reconciliem-se com Deus por amor a Cristo (v. 20; cf. 6.1-2).

Paulo continua seu apelo no início do capítulo 6 e depois passa a descrever o próprio ministério. Por um lado, ele está decidido a não colocar nenhuma pedra de tropeço no caminho de ninguém, para que seu ministério não seja desacreditado. Por outro lado, ele está igualmente determinado a recomendar o próprio ministério de todas as maneiras possíveis, pela perseverança em todas as aflições e por qualidades morais como pureza e amor. Os paradoxos dos versículos 8 e 10 (por exemplo, "entristecidos, mas sempre alegres" e "pobres, mas enriquecendo muitos outros") colocam frente a frente a aparência e a realidade, o que ele é na opinião dos homens e de Deus.

Os capítulos 8 e 9 são dedicados à coleta que Paulo estava organizando entre as igrejas ricas da Grécia em favor das igrejas empobrecidas da Judéia. Ele emprega todos os argumentos possíveis para persuadir as igrejas gregas a contribuírem com generosidade. Mas o maior de todos eles é "a graça de nosso Senhor Jesus Cristo". O que é isso? É que ele "sendo rico, se fez pobre por amor de vocês, para que por meio de sua pobreza vocês se tornassem ricos" (8.9). Paulo nunca se esquece de Cristo: sempre volta a ele, mesmo no meio de seu apelo financeiro.

No restante da carta (cap. 10–13), o apóstolo volta para a defesa do próprio ministério contra os falsos apóstolos. Ele não tem certeza do quanto pode ou deve ser duro. Por ser apóstolo genuíno de Cristo, autenticado por seus milagres e sua evangelização pioneira de Corinto (10.8; 12.12), parte dele quer asseverar a própria autoridade apostólica. Mas outra parte dele fica extremamente hesitante. Paulo sabe que é muito mais adequado apelar a eles "pela mansidão e pela bondade de Cristo" (10.1). Em todo o caso, seus motivos são puros. Ele zela pelos coríntios com "um zelo que vem de Deus". Ele os prometeu para um marido, Cristo, mas teme que estejam sendo desviados "da sua sincera e pura devoção a Cristo" (11.1-3).

Ele se sente tolo, pois sabe que em seu orgulho autoconfiante, não está falando "segundo o Senhor" (11.17). Mas seus oponentes o forçam a isso (11.18). Então prossegue. Ele alista sua árvore genealógica judia e sua lealdade a Cristo apesar de açoites e prisões, sem mencionar todos os perigos a que tem se arriscado em mares e rios, com bandidos e inimigos,

na cidade e no campo, em fome e sede, em nudez e em noites sem dormir. E, acima de tudo o mais, tem experimentado a pressão de sua preocupação com as igrejas (11.21-33). E depois havia as "visões e revelações do Senhor" (12.1). Para evitar que ficasse convencido por causa disso, continua ele, "foi-me dado um espinho na carne, um mensageiro de Satanás, para me atormentar" (12.7). É evidente que se tratava de algum tipo de enfermidade física. Apesar de ter pedido por três vezes que o removesse, o Senhor Jesus lhe disse, pelo contrário, que sua graça era suficiente para ele, pois seu poder era aperfeiçoado na fraqueza. Assim, ele aprendeu a alegrase na fraqueza, pois quando era fraco, então era forte (12.7-10). Ele volta ao paradoxo da "força pela fraqueza". Trata-se de um dos principais temas da correspondência coríntia de Paulo. Era verdade em Cristo e em Paulo; é verdade também em nós.

10. As cartas da prisão (Colossenses, Filemom, Efésios e Filipenses): Cristo, o Senhor supremo

Que Paulo foi encarcerado algumas vezes como "prisioneiro no Senhor" (Ef 4.1; cf. 2 Co 11.23) é bem conhecido. De novo, "lembrem-se das minhas algemas" (Cl 4.18; Fm 10, 13). Mas nem todos os estudiosos concordam sobre o tempo e o lugar em que ocorreram essas prisões. Devo seguir a opinião tradicional de que ele sofreu dois períodos principais de detenção em Roma, com alguns anos de liberdade entre eles (At 28.30-31).

O que parece razoável conjecturar é que enquanto preso, livre da atividade frenética de seu estilo de vida missionário, tinha tempo extra para meditar. Ele declarou que em uma ocasião, durante sua primeira defesa, nenhum ser humano veio para apoiá-lo, pois todos o abandonaram. Contudo, acrescentou ele, "o Senhor permaneceu ao meu lado e me deu forças" (2 Tm 4.16-17). Lucas nos conta que algo semelhante havia ocorrido antes, após sua detenção em Jerusalém (At 23.11) e enquanto estava viajando para Roma (At 27.23). Assim, não há motivos pelos

quais não possa ter ocorrido outras vezes. As barras da prisão podiam confinar seu corpo, mas não sua alma. Parece que durante esses anos, ainda que não pudesse evangelizar mais cidades nem visitar as igrejas, sua mente voava para o céu.

Efésios e Colossenses são muito ligadas uma à outra. Seus textos e tópicos correm paralelos em alguns pontos importantes. Em particular, ambas expressam uma cristologia maravilhosamente sublime.

Em Efésios 1.15-23 Paulo ora para que os olhos do coração de seus leitores possam ser iluminados para compreenderem o grande poder incomparável que Deus manifestou quando ressuscitou Cristo e o colocou à sua direita no lugar de máxima honra, muito acima de todos os rivais imagináveis. Aliás, "Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche as coisas, em toda e qualquer circunstância" (v. 22-23).

Colossenses contém uma passagem semelhante sobre a absoluta preeminência do Cristo cósmico, exceto por iniciar com a criação e incluir a cruz. Identificando Jesus como a imagem visível do Deus invisível, Paulo prossegue (opondo-se a todas as formas de dualismo gnóstico) chamando-o de primogênito sobre toda a criação, o agente por quem todas as coisas foram criadas e agora estão sujeitas a ele, e o herdeiro para quem todas as coisas foram feitas. Portanto ele é "antes de todas as coisas" tanto no tempo como em posição. Ele é a cabeça do corpo – a igreja, e o primogênito dentre os mortos, "para que em tudo tenha a supremacia". Pois Deus se comprazia em ter toda sua plenitude habitando em Cristo e por meio de Cristo para reconciliar todas as coisas consigo, "estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz" (1.15-20).

A perspectiva é quase opressiva, já que Jesus é considerado a cabeça suprema das duas criações: do universo e da igreja.

Mas há algo mais. A morte e ressurreição de Jesus Cristo não são apenas fatos objetivos salvadores; o propósito de Deus é também que participemos pessoalmente de sua realidade. Paulo afirma isso em Efésios e em Colossenses. Ele escreve em Efésios que Deus "deu-nos vida com Cristo ... nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus" (2.5-6).

Essa união de crentes com Cristo é expressa de maneira ainda mais contundente em Colossenses, onde o advérbio *sun* (que significa "com") é usado quatro vezes: "vocês morreram com Cristo ... vocês ressuscitaram com Cristo ... a sua vida está escondida com Cristo ... vocês também serão manifestados com ele em glória" (2.20; 3.1, 3, 4).

Efésios e Colossenses, contudo, não retratam a vida cristã só nesse nível exaltado, como participação em Cristo "nos lugares celestiais". As duas epístolas são também conhecidas por suas exortações realistas relacionadas por um lado com a igreja, a nova sociedade divina, cuja unidade, verdade e santidade Paulo descreve, e, por outro, com a família ou ambiente doméstico onde nossa nova vida exige novos relacionamentos. Isso é ilustrado de maneira belíssima na pequena carta a Filemom.

A carta aos filipenses também combina grandes picos de fé cristológica com as boas obras do comportamento cristão. É amplamente aceito que o chamado *carmen Christi* ("Cântico de Cristo") no capítulo 2 é um hino cristão primitivo que Paulo usou por empréstimo. Se composto por ele ou se emprestado, porém, não importa muito, pois em todo o caso goza da chancela apostólica de Paulo. Em harmonia com o epigrama de Jesus de que "todo aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado", o hino descreve as profundezas da humilhação a que a encarnação e a expiação o levaram ("humilhou-se a si mesmo e foi obediente até a morte, e morte de cruz!") e as alturas da exaltação a que, por conseguinte, o Pai o elevou, dando-lhe "o nome que está acima de todo nome", ou seja, a posição acima de todos os outros, conforme implica o título "Senhor", para que todo joelho se dobre para ele e toda língua o confesse Senhor (2.9-11).

Assim como em Efésios e Colossenses, também em Filipenses: a soberania suprema de Jesus não está limitada a uma teologia de torre de marfim. Paulo também escreve de seu compromisso pessoal com Cristo. Ele esboça um tipo de relatório "perdas e ganhos". De um lado do livro-caixa ele coloca tudo o que poderia ser considerado "lucro" – seus ancestrais, seus pais e sua formação, sua cultura hebraica, seu zelo religioso e justiça legalista. Na outra coluna ele coloca "Cristo". Então faz cálculos meticulosos e conclui: "considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor" (3.7-8).

Além disso, essa soberania de Cristo manifestava-se em sua vida diária - em alegria e bondade, na ausência de ansiedade e na paz interior, numa vida mental disciplinada e no contentamento em todas as circunstâncias (4.4-13). Por quê? Porque "perto está o Senhor" (4.5).

A convicção de que o Senhor Jesus é altamente exaltado e, ao mesmo tempo, está perto, domina as cartas da prisão.

11. As cartas pastorais (1 Timóteo, Tito e 2 Timóteo): Cristo, a cabeça da igreja

A autenticidade das cartas pastorais a Timóteo e Tito tem sido questionada regularmente desde que F. C. Baur de Tübingen as rejeitou em 1835. Ao mesmo tempo, durante a segunda metade do século XX um número considerável de estudiosos têm corrido em defesa da autoria paulina delas. Os que ainda rejeitam sua genuinidade são muitas vezes bem rudes na avaliação da teologia das cartas, ou melhor (na opinião deles), da falta dela. A. T. Hanson, por exemplo, declarou que "há nelas uma ausência completa de um tema unificador", até "uma impressão de relativa incoerência."[18]

Outros, porém, sustentam opinião radicalmente diferente. A preocupação dominante de Paulo em todas as três cartas pastorais é a igreja. Pois Cristo morreu para "purificar para si mesmo um povo particularmente seu..." (Tt 2.14). Por conseguinte, Paulo está preocupado com a vida da igreja local e, em especial, com a responsabilidade que ela tem de guardar e ensinar a verdade. Ora, ele define a igreja como "coluna e fundamento da verdade" (1 Tm 3.15); fundamento para mantê-la firme e coluna para impulsioná-la para o alto.

Em 1 Timóteo Paulo dá instruções sobre doutrina sadia, culto público, supervisão pastoral, liderança local, responsabilidades sociais e posses materiais – todos de importância vital para a igreja local. Em sua carta a Tito, Paulo o orienta sobre como selecionar e nomear pastores e

[18] *A. T. Hanson, Studies in the Pastoral Epistles (SPCK, 1968). p. 110.*

como juntar o dever e a doutrina na vida doméstica e pública. A segunda carta a Timóteo parece ter sido escrita da prisão, logo antes de Paulo ser executado. É provável a mais íntima e afetiva de todas as cartas de Paulo. Sabendo que a morte se aproxima, Paulo exorta Timóteo a não se envergonhar de Cristo, mas a ser consciencioso em sua vida e ministério, a se apegar ao Antigo Testamento e ao ensino dos apóstolos em tempos difíceis e a pregar a Palavra.

Talvez o texto que melhor resume a mensagem principal de todas as três pastorais seja 2 Timóteo 2.2, "as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensinar outros". Eis quatro estágios na transmissão da verdade.

Primeiro, há o próprio Paulo, "apóstolo de Cristo Jesus", cuja autoridade apostólica consciente é manifesta em suas cartas. Ele se refere várias vezes ao que chama indiscriminadamente de "a verdade", "a fé", "a sã doutrina", "o ensino" ou "o depósito". A implicação clara é que existia um corpo de doutrina apostólica, o qual ele ensinava.

Segundo, há Timóteo e Tito. Eles estão entre o apóstolo e a igreja, no sentido de o representarem e de transmitir seu ensino à igreja. Durante a ausência pessoal do apóstolo, sua autoridade é mediada por suas cartas. Por dez vezes em 1 Timóteo e Tito Paulo escreve "ensine estas coisas", "ordene e ensine estas coisas" ou "transmita essas instruções". Eles deviam transmitir fielmente para os outros as preciosas verdades que o apóstolo lhes havia ensinado.

Terceiro, há os pastores verdadeiros e dignos de confiança que Timóteo e Tito nomeariam. Em 1 Timóteo e Tito Paulo apresenta as condições de elegibilidade que devem preencher. À parte de um caráter coerente e vida familiar, eles devem ser leais ao ensino dos apóstolos e ter o dom de ensiná-lo (Tt 1.9; 1 Tm 3.2).

Quarto, esses pastores devem ser "também capazes de ensinar outros". Essa é a verdadeira sucessão apostólica – a transmissão do ensino dos apóstolos de geração a geração por meio do Novo Testamento.

Em nossa era pós-moderna, foi-se a autoconfiança do Iluminismo, o próprio conceito de "verdade" objetiva é rejeitado, e tudo o que ficou são opiniões puramente pessoais e subjetivas. Assim, é um alívio ouvir

o apóstolo Paulo. Ele não só se chama apóstolo, pois o "conhecimento da verdade ... conduz à piedade" (Tt 1.1), e define a igreja em relação à verdade, como também descreve os falsos mestres como pessoas que "se desviaram da verdade" (2 Tm 2.18) e até "resistem à verdade" (2 Tm 3.8). Nada é mais necessário para a vida, saúde e crescimento da igreja que o ensino fiel da verdade.

Esse rápido panorama das cartas de Paulo demonstra de maneira conclusiva que sua fé, vida e ministério estão centrados em Cristo. "Porque para mim o viver é Cristo", podia dizer (Fp 1.21) e ainda "o que para mim era lucro, passei a considerar como perda, por causa de Cristo" (Fp 3.7). Cada carta ou conjunto de cartas, respondendo a diferentes situações, contribui para um quadro composto de Cristo – o libertador, o juiz, o Salvador, o Senhor supremo e a cabeça da igreja. Paulo não se contradiz. Uma rica variedade de fios coloridos é entrelaçada nessa tapeçaria de Cristo.

Mais três autores judaicos

Tendo considerado as treze cartas atribuídas a Paulo, passamos para o restante das cartas do Novo Testamento: a carta de Tiago, a carta aos Hebreus e as duas cartas de Pedro (incluindo Judas que apresenta grandes semelhanças com 2 Pedro). Paulo era reconhecido como apóstolo aos gentios (vide Rm 15.16; Gl 1.16; 2.7), enquanto as três cartas cujo testemunho acerca de Cristo vamos examinar agora (Tiago, Hebreus e 1 Pedro) foram direcionadas em diferentes níveis para leitores judeus. Tomo primeiro a carta de Tiago, por causa da suposta discordância entre ele e Paulo.

12. A carta de Tiago: Cristo, o mestre de moral

Esse Tiago era um dos irmãos do Senhor que, apesar de incrédulo enquanto Jesus vivia, parece ter chegado à fé por intermédio de um encontro com o ressuscitado (Mc 6.3; Jo 7.5; 1 Co 15.7). Mais tarde, ele se

tornou o líder reconhecido da igreja de Jerusalém e dos cristãos judeus (At 12.17; Gl 1.18-19). Ele presidiu o Concílio de Jerusalém (At 15.13-21) e continuou sustentando que, ainda que a circuncisão não fosse necessária para gentios convertidos, os crentes judeus deviam manter grande respeito pela lei cerimonial mosaica (vide em At 21.17-26).

Tiago veio a ser conhecido como "Tiago, o Justo" por sua justiça e piedade pessoal. Hegésipo teria registrado pelo final do século II, segundo citação: "Ele costumava entrar sozinho no templo, sendo com freqüência visto de joelhos, intercedendo para que o povo fosse perdoado, de modo que seus joelhos ficaram duros como os de um camelo por causa de suas súplicas habituais, ajoelhando-se diante de Deus".[19]

Não surpreende, portanto, por causa da santidade de Tiago, o Justo, que sua carta (que na realidade é um panfleto ou tratado), dirigida "às doze tribos dispersas entre as nações" (1.1), concentre-se na vida que agrade a Deus. Que tipo de testemunho, pois, Tiago apresenta a respeito de Jesus? "Muito pouco", responderiam alguns. E é verdade que Jesus só é mencionado nominalmente duas vezes, uma no primeiro versículo em que Tiago se identifica como "servo ... do Senhor Jesus Cristo", e outra na ocasião em que seus leitores são chamados "crentes em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo" (2.1). Eles são também referidos como os que levam "o bom nome" (2.7) e, nas oito ou mais vezes que "o Senhor" ocorre, é mais freqüente significar "Jesus" do que não (1.7; 4.10, 15; 5.7, 8, 10, 11, 15). Mas indiretamente Tiago testemunha de Jesus o tempo todo, pois um dos aspectos mais interessantes de sua carta é o número de vezes que ele alude de maneira clara ao ensino registrado de Jesus e, especificamente, a seu Sermão do Monte, como se ele o tivesse presenciado e ouvido – o que não é impossível. Há pelo menos vinte ecos, por exemplo: herdar o reino prometido; a bem-aventurança dos pacificadores, dos que sofrem pela justiça e dos que demonstram misericórdia; questões de riqueza e pobreza; não falar mal dos outros nem julgá-los; e ser paciente até a vinda do Senhor. É inquestionável, por conseguinte, que Tiago apresenta Jesus essencialmente como mestre de moral.

[19] *Citado por Eusébio, História Eclesiástica, 2.23.46.*

Essa ênfase leva naturalmente à aparente contradição entre ele e Paulo. Paulo ensinou que Abraão foi justificado, não por obras, mas pela fé (Rm 4.2-3). Mas Tiago pergunta aqui: "Não foi Abraão, nosso antepassado, justificado por obras ... ?" (2.21). A discrepância parece óbvia e levou Lutero a rejeitar a carta de Tiago, considerando-a feita de "palha". Mas o Novo Testamento apresenta os dois líderes respeitando um ao outro. Tiago havia reconhecido a missão de Paulo aos gentios (Gl 2.9) e Paulo havia aceitado a preocupação de Tiago com os escrúpulos dos judeus (At 15.12-30; 21.17-26).

Uma harmonia natural entre eles emerge quando observamos que estão respondendo a situações diferentes, precisando de diferentes ênfases teológicas. Paulo estava escrevendo contra judaizantes, que ensinavam a justificação por obras da lei; Tiago, contra intelectualizadores que ensinava justificação pela "fé" no sentido de ortodoxia estéril. Os dois grupos estavam errados. Em oposição aos judaizantes, Paulo enfatizou a justificação pela fé somente, sem obras; em oposição aos intelectualizadores, Tiago enfatizou a justificação, não pela fé de uma ortodoxia estéril (em que "os demônios crêem – e tremem!" Tg 2.19), mas por uma fé viva que é frutífera em boas obras. Assim, os dois apóstolos ensinavam o mesmo caminho da salvação, a saber, a justificação pela fé para boas obras. Paulo escreveu que a "fé ... atua pelo amor" (Gl 5.6) e Tiago escreveu "você tem fé; eu tenho obras" (2.18). Mas Paulo deu ênfase à fé que resulta em obras, enquanto Tiago deu ênfase às obras que resultam da fé.

O melhor sumário das preocupações de Tiago encontra-se em 1.26-27, onde se diz que a "religião pura e imaculada" possui três características: (1) refrear a língua, (2) cuidar de órfãos e viúvas necessitados e (3) não nos deixar corromper pelo mundo. Eis nossa tarefa ética tríplice, ou seja, com nós mesmos, com nosso próximo, com nosso Deus. O controle da língua é um índice do autocontrole. O cuidado com viúvas e órfãos é um exemplo de amor ao próximo. Manter-se livre da corrupção do mundo é o paralelo negativo de dar a Deus o culto devido a seu nome. O restante da carta de Tiago contém variações desafiadoras sobre esse tema tripartido.

13. A carta aos Hebreus: Cristo, nosso grande sumo sacerdote

A carta aos Hebreus é anônima e o debate sobre sua autoria continua. Ainda assim, apesar de a identidade do autor ser incerta, seu propósito não é. Ele está escrevendo sua carta ou tratado para uma igreja local de cristãos hebreus, talvez em Jerusalém ou perto dela, com o fim de que parem de apostatar. Devido em parte às perseguições (10.32-39), mas mais especificamente à confusão teológica, eles correm sério risco de cair no judaísmo. O autor espera estabelecê-los em Cristo, demonstrando sua supremacia.

Que o autor é bem qualificado para cumprir a tarefa fica evidente em seu conhecimento abrangente do Antigo Testamento e da história de Jesus. Ele faz cerca de setenta alusões ao Antigo Testamento e vinte e cinco à história do Novo Testamento. Conhecendo ambos intimamente, está bem colocado para defender a superioridade da Nova Aliança sobre a Antiga e, assim, mostrar que o vinho novo rompeu vasilhas velhas. Sua argumentação divide-se em três, ou seja, que o sacerdócio, o sacrifício e a aliança de Cristo são perfeitos e não podem ser superados.

Antes de desenvolver esse tema, nosso autor o introduz com uma declaração cristológica breve mas magnífica. O mesmo Deus, declara o autor, que falou aos pais por meio dos profetas em muitas partes e de muitas maneiras, tem-nos falado nestes últimos dias em seu Filho, o agente, mantenedor e herdeiro da criação. Quanto à sua pessoa, ele é "o resplendor da glória de Deus" (garantindo a comunhão de natureza com o Pai) e "a expressão exata do seu ser" (garantindo a singularidade de sua pessoa). E esse Jesus Cristo ímpar, que ainda não foi citado pelo nome, realizou a purificação dos pecados e depois assentou-se à direita do Pai. Desse modo ele, que é superior aos profetas, é superior também aos anjos. É nesse Filho exaltado, sem rivais na dignidade de sua pessoa e obra, que é dada a revelação final de Deus.

Depois dessa introdução, o autor entra em seu primeiro grande tema: a superioridade do sacerdócio de Cristo. Ele afirma que Jesus é superior a Moisés e também a Arão. Aliás, seu sacerdócio não é arônico (porque ele não descendia de Levi), mas "segundo a ordem de Melquisedeque". Melquisedeque é uma figura obscura do Antigo Testamento que aben-

çoou Abraão e cujo sacerdócio eterno é mencionado em Salmos 110.4. Os antigos sacerdotes levíticos precisavam ser continuamente substituídos, porque a morte impedia que continuassem em ofício, mas Jesus mantém seu sacerdócio de maneira permanente porque vive para sempre.

Tendo estabelecido a supremacia final do sacerdócio de Jesus, o autor chega à consecução de seu sacrifício. Ora, um sacerdote deve ter algo a oferecer. O que, então, Jesus tinha para oferecer? A resposta é "seu próprio sangue". Assim, ele foi a vítima e também o sacerdote, e o autor explica a superioridade de seu sacrifício. Só o sumo sacerdote podia entrar no santo dos santos; mas Jesus garantiu acesso à presença de Deus para todo o seu povo. O sumo sacerdote só podia entrar uma vez por ano (no Dia da Expiação); mas Jesus nos garantiu acesso contínuo. O sumo sacerdote só podia entrar com o sangue sacrifícios animais; mas Jesus entrou com o próprio sangue. Os sacrifícios do Antigo Testamento só garantiam purgação de impurezas cerimoniais; mas Jesus garantiu o perdão de nossos pecados. As pessoas só conseguiam manter-se puras por meio de sacrifícios regulares; mas Jesus morreu de uma vez por todas. Ponto por ponto, nosso autor demonstra o cumprimento em Cristo da sombra imperfeita representada pelo ritual do Antigo Testamento.

O escritor agora introduz seu tema principal. É que esse sacerdote singular, por meio de seu sacrifício singular estabeleceu uma aliança singular. Essa nova aliança é "superior" (7.22) porque é "baseada em promessas superiores" (8.6). Elas foram preditas por Deus por intermédio de Jeremias (Jr 31.31-34) e nosso autor as cita duas vezes. Deus promete (1) escrever suas leis em nosso coração; (2) revelar-se pessoalmente a cada um de nós e (3) perdoar nossos pecados e nunca mais se lembrar deles. Essas promessas de santidade interior, conhecimento individual e pleno perdão foram cumpridas mediante Cristo.

Quando percebemos a supremacia do sacerdócio, sacrifício e aliança de Cristo, não podemos imaginar alternativa alguma. Não pode haver nenhuma dúvida quanto a outros sacerdotes sacrificiais, já que por meio de nosso grande sumo sacerdote gozamos de acesso direto a Deus. Não pode haver nenhuma dúvida quanto a outros sacrifícios pelo pecado, pois nossa salvação foi realizada pelo sacrifício singular de Cristo; nossos sacrifí-

cios são sacrifícios de louvor e gratidão. Não pode haver nenhuma dúvida quanto a outra aliança, pois a nova aliança é a última aliança, e essa aliança é a melhor. Ela nunca será prescrita. A eternidade de nossa salvação final e perfeita preenche a mente do escritor. Cristo é um sacerdote "para sempre", que ofereceu "para sempre, um único sacrifício" e assim estabeleceu uma "aliança eterna" que traz ao povo de Deus uma "salvação eterna" (5.9), uma "redenção eterna" (9.12) e uma "herança eterna' (9.15).

Aqueles cristãos hebreus corriam o risco de recuar. Expostos à vil perseguição e argumentos enganosos, eles oscilavam na fé cristã e pensavam em apostatar em favor do judaísmo. Se pelo menos conseguissem perceber a supremacia absoluta de Jesus Cristo, podia-se conceber que se manteriam no prumo.

Depois de concluir sua exposição sobre a pessoa, obra e aliança singulares de Cristo, nosso autor continua com uma exortação:

> *Portanto, irmãos, temos plena confiança para entrar no Santo dos Santos [i.e., a presença imediata de Deus] pelo sangue de Jesus ... Temos, pois, um grande sacerdote sobre a casa de Deus. Sendo assim, aproximemo-nos de Deus com um coração sincero e com plena convicção de fé, tendo os corações aspergidos para nos purificar de uma consciência culpada, e tendo os nossos corpos lavados com água pura. Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos ... E consideremos uns aos outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras... (10.19-24, ênfases minhas).*

Seria difícil não perceber a referência do autor à famosa tríade cristã da fé, esperança e amor. E o restante da carta parece elaborá-la. É certo que o capítulo 11 está centrado na fé, primeiro a definindo e depois alistando diante de nós alguns dos grandes heróis da fé do Antigo Testamento. Mas eram pessoas de esperança e não só de fé, porque "a fé é a certeza daquilo que esperamos" (11.1). Algumas promessas foram recebidas enquanto viviam, mas em outro sentido, "nenhum deles recebeu o que havia sido prometido" (11.39), porque as promessas de Deus têm certa profundidade que não pode ser alcançada antes do próximo mundo. Daí a necessidade

de esperança e de aceitar a disciplina divina, uma vez que esperamos com paciência o cumprimento das promessas.

O capítulo 13 toca de maneira breve em aspectos do amor recíproco na família cristã, trata de como devemos ser hospitaleiros para com estrangeiros, lembrar dos prisioneiros, honrar o casamento, preferir o contentamento à cobiça, respeitar nossos líderes cristãos e sair a Jesus "fora do acampamento, suportando a desonra que ele suportou" (13.13).

Esses privilégios e obrigações cristãs, a saber, acesso a Deus pela fé, perseverança por meio da esperança e amor fraternal na família da igreja, tudo isso brota do grande fato que nosso autor se desdobra para enfatizar, ou seja, a singularidade e supremacia absolutas de nosso Senhor Jesus Cristo.

14. As cartas de Pedro: Cristo, o sofredor exemplar

Pode ser surpresa eu colocar Pedro sob o título "autores judaicos" já que foi por intermédio dele que Cornélio, o primeiro gentio, foi convertido (At 10). Mas a Pedro "foi confiada a pregação do evangelho ... aos circuncisos" (Gl 2.7) e parece claro que em sua primeira carta ele tem em vista principalmente leitores judeus (mas não só eles). Pedro se refere a eles como os da "diáspora" em cinco províncias da Ásia Menor e alude aos "gentios" como grupo distinto (2.12; 4.3). Seu vocabulário é igualmente sugestivo quando se refere, por exemplo, a nossa "herança" (1.4), ao chamado à santidade (1.6-7) e ao sangue de Cristo como ao de um cordeiro sem mancha (1.2, 19). Suas várias citações do Pentateuco, Salmos, Provérbios e Profetas também indicam que ele tem muita familiaridade com o Antigo Testamento.

A doxologia de abertura de Pedro louva a Deus por nos ter dado um novo nascimento para uma viva esperança pela ressurreição de Jesus Cristo (1.3). E essa viva esperança nos sustenta, por mais intensa que seja a oposição aos cristãos. Ainda que Pedro lide com muitos outros tópicos na primeira carta, sua ênfase principal está no comportamento cristão diante

da perseguição. As palavras "sofrer" e "sofrimento" ocorrem sete vezes em relação a Cristo e nove, em relação aos cristãos.

Pelo que sabemos, ainda não havia nenhum edito oficial que banisse o cristianismo e os cristãos. Entretanto, a oposição que os leitores de Pedro estavam experimentando era severa (4.12) e muito disseminada (5.9). Parece que nuvens de tempestade de uma perseguição mais séria e sistemática estavam escurecendo o horizonte. Começavam as explosões locais. Como os cristãos deviam comportar-se nessas circunstâncias? Qual a atitude cristã diante do sofrimento imerecido? Os cristãos não deviam revidar; isso era claro. Mas Pedro foi além disso. Sua primeira carta contém seis passagens sobre sofrimento; cada uma expressa uma admoestação diferente e cada uma direciona seus leitores para Cristo.

1 Pedro 1.6-7: Quando enfrentam todos os tipos de provações, devem lembrar que os *sofrimentos testam, fortalecem e purificam a fé*, assim como o fogo purifica o ouro. Isso resultará em glória a Deus quando Jesus Cristo for revelado.

1 Pedro 2.18-25: Esse parágrafo relaciona-se particularmente aos escravos cristãos cujos senhores não são ponderados, mas rudes. Eles precisam suportar um sofrimento injusto. Por quê? Porque o *sofrimento faz parte da vocação cristã.* Cristo lhes deixou um exemplo de não-retaliação, de modo que possam seguir seus passos.

1 Pedro 3.8-18: Quando sofrem pelo que é certo, os cristãos não devem temer, mas separar Cristo como Senhor no coração e sempre estar prontos para dar uma resposta a todos os que lhes perguntam um motivo para sua esperança cristã. *O sofrimento dá oportunidades de testemunho.*

1 Pedro 4.1-6: Pedro aqui enfatiza a natureza física da perseguição. É sofrimento "no corpo". Foi assim para Jesus; pode ser para nós. Depois vamos nos lembrar que "aquele que sofreu em seu corpo rompeu com o pecado". Uma vez que o *sofrimento exerce influência santificadora sobre nós*, devemos aceitá-la mais prontamente.

1 Pedro 4.12-19: Não devemos nos surpreender com provações dolorosas, como se algo estranho estivesse ocorrendo, mas nos alegrar porque o *sofrimento nos dá o privilégio de participar dos sofrimentos de Cristo* e assim de participar de sua glória (4.13; cf. 1.1; 5.1 e Lc 24.25-26).

1 Pedro 5.10-11: Precisamos lembrar que fomos chamados para a glória eterna de Deus em Cristo, mas que é necessário sofrer um pouco primeiro, pois o *sofrimento é o caminho para a glória*, assim como a morte é o caminho para a vida.

A glória vindoura é um dos temas principais da segunda carta de Pedro, cuja autenticidade é ainda defendida por alguns estudiosos. No capítulo 2 ele descreve os falsos mestres com termos vivos e avisa que o julgamento divino recairá sobre eles. No capítulo 3 Pedro argumenta com zombadores sobre a certeza da volta de Cristo (v. 3-7) e depois atribui sua demora à misericórdia de Deus (v. 8-10). Mas o dia do Senhor virá e levará a um novo céu e nova terra.

Então, que tipo de pessoa devemos ser enquanto esperamos (v. 11)? Devemos fazer todo o esforço para sermos encontrados "em paz, imaculados e inculpáveis" (v. 14), alertas contra falsos mestres (v. 17) e crescendo "na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (v. 18).

Conclusão: Diversidade na unidade

Mesmo este breve panorama da literatura do Novo Testamento (exceto pelo livro de Apocalipse que consideraremos na Parte IV) é suficiente para revelar sua variedade. Ela é diversa em seus autores (pelo menos nove envolvidos), em suas formas literárias (evangelho, crônica, carta, tratado e apocalipse), nos tópicos tratados de acordo com necessidades locais, nas ênfases teológicas e em sua apresentação de Jesus.

Mas esse mesmo Novo Testamento reclama para si unidade de mensagem. O mesmo evangelho de Cristo, de acordo com Paulo, foi proclamado por todos os apóstolos e é nisso que toda a igreja crê (1 Co 15.11). De novo, "há um só corpo e um só Espírito, assim como a esperança ... um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos" (Ef 4.4-6). E o chamado "movimento de teologia bíblica" que predominou na Europa durante e depois da Segunda Guerra deu ênfase a isso. A. M. Hunter, na Grã-Bretanha, por exemplo, podia escrever que "há um reconhecimento crescente da unidade essencial do Novo Testamento e da

necessidade de uma síntese",[20] "unidade que transcende e domina todas as diversidades".[21]

Outro livro influente da época foi *The Riddle of the New Testament* de Edwyn Hoskyns e Noel Davey. O "enigma" (*riddle*) em questão era a relação "entre a figura histórica de Jesus e a fé exuberante da igreja".[22] Depois de pesar com cuidado as evidências, Hoskyns e Davey concluíram que "todo o material variado do Novo Testamento concentra-se e tem origem em um único evento histórico singular e isolado", isto é, "a vida e morte de Jesus".[23]

Mas durante os últimos anos do século XX o pêndulo inclinou-se na direção oposta, para uma ênfase na diversidade. Em parte, era uma reação contra harmonizações artificiais, embora também revelasse que alguns estudiosos do Novo Testamento tinham o que Oscar Cullman chamou de "um prazer quase sádico"[24] de encontrar aparentes discrepâncias. Disseram que agora não existe uma "teologia bíblica"; há só algumas "teologias bíblicas" mutuamente incompatíveis. Os nomes dos apóstolos transformaram-se em adjetivos e os estudiosos escreveram sobre a concepção "lucana" ou "paulina" de alguma doutrina, ou de uma posição "petrina" ou "joanina", como se fossem mutuamente excludentes. Um dos mais destacados críticos da tentativa de unificar o testemunho do Novo Testamento é o professor James Dunn da Universidade de Durham. No livro *Unity and Diversity in the New Testament: An enquiry into the character of Earliest Christianity*, ele escreveu que não há um conceito uniforme de ortodoxia no cristianismo primitivo. Não há um evangelho único, continua ele: há pelo menos quatro – um de João, outro dos evangelhos sinóticos e dois mais em Atos e Paulo. "Qualquer tentativa de encontrar um *kerygma* único, que resolva tudo de uma vez por todas, está fadada ao fracasso".[25] Ao

---

[20] *A. M. Hunter, The Unity of the New Testament (SCM, 1943), p. 7.* [21] *Veja também sua Introduction to the New Testament (SPCK, 1945).* [22] *E. Hoskyns e N. Davey, The Riddle of the New Testament (1957; versão em inglês, SCM, 1959), p. 68.* [23] *Ibid., p. 170.* [24] *O. Cullmann, The Christology of the New Testament (1957; versão inglesa, SCM, 1959), p. 68.* [25] *James D. G. Dunn, Unity and Diversity in the New Testament (SCM/Trinity Press International, 1977; 2. ed. 1990), p. 32.*

mesmo tempo, o Professor Dunn admite que há um "elemento unificador" no Novo Testamento, isto é, "a unidade entre o Jesus histórico e o Cristo exaltado".[26] Mas diante de todo o seu livro, trata-se de uma concessão mínima, bem relutante.

Que resposta daríamos? Precisamos ser enfáticos em concordar que não temos liberdade para manipular textos bíblicos a fim de obter uma harmonia artificial; que não podemos desprezar aparentes discrepâncias e que precisamos permitir que cada autor do Novo Testamento diga o que realmente diz. E, se fizermos isso, a tensão continuará. Mas também vimos em nosso estudo que os quatro evangelhos complementam-se uns aos outros; eles não se contradizem. Jesus e Paulo também não se contradizem. As treze cartas de Paulo também não se contradizem. Os livros mais caracteristicamente judaicos (Tiago, Hebreus e 1 Pedro) também não emitem som destoante. Nem Paulo e Tiago pregam um evangelho diferente. Todos os autores do Novo Testamento encontram sua unidade, conforme escreveu o Professor Charlie Moule, na "devoção à pessoa de Jesus Cristo – o Jesus histórico reconhecido como indistinto daquele agora reconhecido como o Senhor transcendente".[27]

O Bispo Stephen Neill, conforme atualizado pelo Dr. N. T. Wright, em *The Interpretation of the New Testament 1861-1986*, juntou sua unidade e diversidade: "O evento de Jesus Cristo é grandioso demais para ser captado e sustentado em uma única interpretação". Assim, a igreja reuniu no cânon do Novo Testamento "várias correntes diferentes de tradições e interpretações ... O impressionante de todas essas tradições é a sua unidade; todas elas estão relacionadas com um evento que deve ter sido avassaladoramente grandioso, e com uma Pessoa que deve ter sido diferente de todas as outras pessoas que jamais viveram".[28]

E de novo: "É opinião de muitos estudiosos competentes hoje que todos os fragmentos da tradição cristã que possuímos no Novo Testamento dão testemunho com singular unanimidade a respeito de uma única figura

---

[26]*Ibid., p. 371.* [27]*C. F. D. Moule, The Birth of the New Testament (Adam & Charles Black, 1962; e. ed. 1981), p. 17.* [28]*Neill e Wright, The Interpretation of the New Testament 1861–1986, p. 204.*

histórica, diferente de qualquer outros que jamais andou entre os filhos dos homens..."[29] "O princípio da unidade está ali, na imponente originalidade e força espiritual de Jesus de Nazaré."[30]

Em nossa geração, não podemos fazer mais que endossar, com base em nossa convicção e experiência, o testemunho do Novo Testamento acerca de Cristo. Esse testemunho é uno e imensamente variado. Mas é exatamente isso o que esperamos encontrar se cremos na dupla autoria das Escrituras, isto é, que é a Palavra de Deus falada por intermédio de palavras humanas. Sua unidade é devida à mente divina única de onde provém e sua variedade, às muitas mentes humanas através de quem foi falada. Pagamos nosso tributo ao Jesus original, o Jesus do testemunho do Novo Testamento, o Cristo incomparável.

[29] *Ibid., p. 312.* [30] *Ibid., p.349.*

PARTE II

O JESUS ECLESIÁSTICO
(ou como a igreja o tem apresentado)

O Jesus Eclesiástico

Introdução: "um outro Jesus"

A idéia de um Jesus eclesiástico soa absurda à primeira vista. Jesus era "da igreja"? Será que a igreja exerce algum tipo de monopólio sobre ele? Não. O que me interessa nesta segunda parte é mais as maneiras pelas quais a igreja o tem apresentado ao longo das eras e o triste fato de o ter aprisionado com freqüência em seus preconceitos e tradições.

Considere a advertência que Paulo fez aos cristãos coríntios que estavam sendo condescendentes: "O que receio, e quero evitar, é que assim como a serpente enganou Eva com astúcia, a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua sincera e pura devoção a Cristo. Pois, se alguém lhes vem pregando um Jesus que não é aquele que pregamos ... vocês o toleram com facilidade" (1 Co 11.3-4).

"Outro Jesus." A própria expressão é provocativa e inaceitável, pois só há um Jesus autêntico, e esse é o Jesus do testemunho apostólico no Novo Testamento. Não há outro. De modo semelhante, só há "um Senhor", assim como só há "uma fé", "uma esperança" e "um batismo" (Ef 4.5). De novo, embora haja muitos "deuses" e muitos "senhores" reclamando a fidelidade das pessoas, "para nós, porém, há um único Deus, o Pai, de quem vêm todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos" (1 Co 8.5-6).

Mas o fato é que ao longo dos séculos da era cristã centenas de diferentes Jesuses têm sido oferecidos nos supermercados religiosos do mundo. Alguns estão em sintonia com a cultura contemporânea, mas só por manipularem as Escrituras. Outros são fiéis à Bíblia, mas estranhos à cultura. Ainda outros, em diferentes graus, conseguem relacionar-se tanto com as Escrituras quanto com a cultura. Em contraste com o "um só Senhor" do testemunho diverso mas uno do Novo Testamento, a igreja tem manifestado uma capacidade notável de adaptar, moldar e apresentar suas próprias imagens de Cristo.

Como na Parte I, em que tentei fazer um panorama do Novo Testamento em seu testemunho variado acerca do Jesus único, também na Parte II, tentarei fazer um panorama da história da igreja em seu testemunho assustadoramente versátil a seu respeito.

Note bem, a história da igreja não é tão maleável a ponto de aceitar bem um tratamento panorâmico como o Novo Testamento, pois ao longo de dois milênios vem envolvendo uma variedade de pessoas e movimentos vastos demais para incluir tudo. Tudo o que consegui fazer foi escolher doze exemplos de como Jesus tem sido apresentado pelas igrejas e seus líderes através das eras.

Os leitores bem podem indagar o critério para fazer minha seleção, já que parecerá arbitrário para alguns. Minha resposta é que, sendo impossível uma apresentação abrangente, tentei reunir alguns dos principais movimentos de pensamentos na igreja e seus representantes.

Começamos no segundo século d.C., no período pós-apostólico imediato. Uma das firmes convicções da igreja primitiva na época era que com Jesus começara algo maravilhoso. Ele havia inaugurado o reino de Deus. Ele havia introduzido a nova era. Suas primeiras palavras registradas quando iniciou seu ministério público foram: "O tempo é chegado ... O Reino de Deus está próximo" (Mc 1.15). Paulo escreveu algo semelhante: "Mas quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho..." (Gl 4.4). Mas ao mesmo tempo, em outro sentido, o novo início não era novo, porque fora predito e prometido havia séculos. O que ocorreu foi o cumprimento da promessa. Assim, havia uma continuidade vital entre os chamados "Velho" e "Novo" Testamentos.

1. Cristo, o cumprimento completo: Justino Mártir

Os profetas e os filósofos

O patriarca da igreja que expressou de maneira mais vigorosa esse sentido de cumprimento foi, provavelmente, Justino Mártir (c. 100 – c. 165). Justino nasceu numa família pagã em Samaria. Intelectualmente

precoce, sua busca da verdade começou na juventude. Ele se embrenhou sucessivamente na filosofia dos estóicos, de Aristóteles, Pitágoras e Platão. Mas não encontrou num verdade nem paz. Até que, um dia, pela bendita providência de Deus, perto do mar em Éfeso, encontrou um velho homem que o apresentou aos profetas do Antigo Testamento e, assim, a Cristo.

Após a conversão, ele continuou usando as vestes dos filósofos, viajou a pé para várias cidades importantes para ensinar e fundou uma escola cristã em Roma.

Justino tornou-se o maior apologista cristão do segundo século. Ele resolveu conciliar a fé com a razão, harmonizar a Escritura hebraica com a filosofia grega e defender o cristianismo contra distorções e calúnias. Sua *Primeira Apologia* foi dirigida ao Imperador Antônio Pio e a seu filho adotivo e sucessor, Marco Aurélio. Sua *Segunda Apologia*, dirigida ao senado romano, é um breve apêndice à *Primeira*, instigada pela perseguição injusta contra os cristãos. A terceira e mais longa obra de Justino é o *Diálogo com Trifo, um judeu*, um rabino culto. A obra tem sido descrita como "a primeira exposição elaborada das razões para considerar Cristo o Messias do Antigo Testamento e a primeira tentativa sistemática de exibir a falsa posição dos judeus em relação ao cristianismo".[1] Com cortesia e paciência Justino encontrou testemunho de Cristo em todas as Escrituras (ainda que se valendo às vezes de alegorias imaginosas), proclamando o evangelho de Cristo crucificado e ressuscitado. Ele concluiu com um apelo comovente a Trifo e seus amigos para crerem em Cristo: "Não faleis nenhum mal, meus irmãos, contra aquele que foi crucificado ... Aquiescei, portanto, e não lanceis ridículo contra o Filho de Deus".[2]

Em cerca de 165 d.C., Justino foi denunciado como cristão, recusou-se a oferecer sacrifício aos deuses e seguiu para o martírio com calma e coragem.

"Jesus Cristo, o cumprimento completo" é a frase que apresentou

---

[1]*Nota introdutória à Primeira Apologia de Justino Mártir em A. Roberts e J. Donaldson (eds.), The Ante-Nicene Fathers (1885; Eerdmans, s.d.), vol. I, p. 160.* [2]*Mártir, Primeira Apologia, parágr. 137.*

como sumário da teologia de Justino. Em sua *Primeira Apologia*, ele ordenou várias profecias do Antigo Testamento (com predileção particular por Moisés, Salmos e Isaías) que apontavam para Cristo. Seu conhecimento do Antigo Testamento era fenomenal. Mas ele também acreditava que, pelo menos em parte, o cristianismo é a concretização de tudo o que há de melhor na filosofia grega. Assim, ao se converter, apesar de renunciar ao paganismo, não renunciou à filosofia. Como, então, os filósofos vieram a conhecer as verdades que conheciam? Em parte, foi que Platão se valeu (assim afirmava Justino) de Moisés e dos profetas. Mas também ocorreu que o Logos divino, que estava no mundo desde o princípio e se tornou plenamente encarnado em Jesus Cristo foi distribuído em todas as partes pelo Semeador divino. Assim "parece haver sementes da verdade entre todos os homens".[3] Por exemplo, o ensino moral dos estóicos era admirável "por causa do *logos spermatikos* (semente racional ou semente da razão) implantada em cada raça humana".[4] Isso se aplica a todos os filósofos, "pois todos os escritores conseguiram ver realidades de maneira obscura por meio da germinação da semente implantada que estava neles".[5] Por conseguinte, "os que viveram de acordo com a razão são cristãos, ainda que fossem declarados ímpios [em relação aos deuses pagãos], tais como entre os gregos Sócrates ... e entre os bárbaros [i.e., não-gregos] Abraão ... Elias ... e muitos outros". Pois "os que viveram pela razão e os que assim vivem agora, são cristãos...",[6] ou seja, cristãos antes de Cristo.

Desse modo, os profetas e os filósofos, ainda que em graus diferentes, testificam de Cristo, e o que escreveram encontra seu cumprimento em Cristo. É de admirar a amplitude da visão de Justino, sua determinação de reclamar para Cristo tudo o que seja verdadeiro, onde quer que se encontre, e seu espírito gracioso e generoso.

Talvez então seja falta de generosidade e graça de minha parte acrescentar que gostaria que ele tivesse desenvolvido uma base mais obviamente bíblica para seu tema. Suas referências ao *logos* ("palavra" ou "razão") bem poderiam tê-lo levado ao prólogo do Evangelho de João, pois João

---

[3]*Ibid., parág. 44.* [4]*Mártir, Segunda Apologia, parágr. 8, 13.* [5]*Ibid., parágr. 13.* [6]*Mártir, Primeira Apologia, parágr. 46.*

1.9 parece resumir a convicção de Justino: "Estava chegando ao mundo a verdadeira luz, que ilumina todos os homens". Ou seja, antes de sua "vinda", na encarnação, ele "estava chegando" e ainda está chegando, dando luz a todos. Não é a luz salvadora (como sabia Justino), mas é luz, de modo que tudo o que é belo, bom e verdadeiro, onde quer que se encontre, tem origem no Logos, "a verdadeira luz", Jesus Cristo.

2. Cristo, o Deus-homem singular: Os primeiros concílios

A importância da cristologia

Justino Mártir enfatizou que o Novo Testamento era o desdobramento do Antigo e, portanto, que o evangelho não era uma novidade. Pelo contrário, Jesus era o cumprimento tanto das Escrituras como da filosofia.

Mas ainda era preciso entender o Jesus de Nazaré. Assim, por um século e meio, nos séculos IV e V, os líderes da igreja empenharam-se num debate cristológico sério.

O progresso rumo a um acordo foi traçado pelo que passou a ser conhecido como os primeiros quatro concílios ecumênicos. Talvez seja melhor considerá-los como dois pares. Assim, o Concílio de Nicéia (325) garantiu a verdade de que Jesus é verdadeiro Deus, enquanto o Concílio de Constantinopla (381) garantiu que Jesus é verdadeiro homem. Em seguida, o Concílio de Éfeso (431) garantiu que, apesar de Deus e homem, Jesus é só uma pessoa, enquanto o Concílio de Calcedônia (451) garantiu que, apesar de uma única pessoa, ele tinha duas naturezas, divina e humana.

Foi um desenvolvimento complexo, muitas vezes manchado por manifestações impróprias de ira, ciúmes, dolo e intriga política. Mas, ao mesmo tempo, pode-se detectar a obra paciente do Espírito Santo, que estava levando a igreja a ter uma concepção clara de sua cristologia.

Primeiro veio o Concílio de Nicéia (325). O que o tornou necessário foi o ensino do presbítero Ário. Ele estava dizendo que Jesus não era Deus, apesar de ser o primeiro e melhor de todas as criaturas de Deus. Ele não era eterno, pois tinha um princípio ("houve um tempo em que ele não

era") e até passou a existir a partir do nada. Assim, o Imperador Constantino convocou um concílio para promover a unidade e a paz. Reuniram-se mais de duzentos bispos, a maioria do Oriente, e muitos estavam aleijados e portavam cicatrizes por causa das recentes perseguições. O concílio condenou Ário e publicou o Credo de Nicéia (não confundir com o Credo Niceno), que afirmou que nosso Senhor Jesus Cristo foi "gerado não feito", "de uma só substância (*homoousios*) com o Pai". Ainda que alguns bispos expressassem hesitação quanto ao termo, já que não era bíblico, a maioria o aceitou, e o Concílio conquistou uma vitória memorável em favor da plena deidade de Jesus.

Em segundo lugar, o Concílio de Constantinopla (381) foi convocado pelo Imperador Teodósio. A origem desse concílio foi o ensino de Apolinário, que negava que Jesus possuía mente ou alma humana. então, depois de reafirmar contra Ário que Jesus era plenamente Deus, o Concílio também afirmou contra Apolinário que ele era plenamente humano. Mas agora, neste caso, era possível ele ser uma só pessoa? Essa foi a próxima questão.

Em terceiro lugar, o Concílio de Éfeso (431) foi convocado para considerar o ensino do bispo Nestório de Constantinopla. Nestório era acusado de dividir Cristo em duas pessoas, isto é, Deus a Palavra, e Jesus o homem, e de declarar que a Palavra habitava no homem. Ele sofreu oposição de Cirilo de Alexandria, que insistia na encarnação (diferente de uma habitação). A Palavra realmente tornou-se carne, unindo-se plenamente com a natureza humana.

Em quarto lugar veio o Concílio de Calcedônia (451), com participação de cerca de quinhentos bispos, convocada para tratar do ensino de Eutíquio, que fundiu a humanidade e a deidade de Jesus, de modo que ele só tinha uma natureza, a divina. Esses eram os monofisistas (as pessoas da "natureza única"); eles permanecem hoje como membros das Igrejas Ortodoxas Cóptica e Ortodoxa Etíope. Eles sofreram oposição do Papa Leão, o Grande, bispo de Roma entre 440 e 461. Seu famoso *Tomo* refutava Eutíquio, sendo lido e aprovado pelo Concílio. O Concílio produziu a chamada "Definição de Calcedônia", que enfatizava que, apesar de uma pessoa, Jesus possui duas naturezas distintas. Ela incluía o seguinte:

> *Confessamos unânimes que um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiramente humano ... consubstancial (*homoousios*) ao Pai, e também consubstancial (*homoousios*) a nós como homem ... Ele foi gerado pelo Pai antes dos séculos, mas por nós e para nossa salvação, nestes últimos dias, nasceu da Virgem Maria ... Esse único e mesmo Cristo ... se faz conhecido em duas naturezas, sem mudança, sem divisão, sem separação...*

Alguns cristãos hoje impacientam-se com o que lhes parece discussão em torno de palavras. Mas é possível apresentar alguns pontos em resposta.

Primeiro, os pais da igreja, não contaminados por nossa cultura pós-moderna, estavam profundamente preocupados com a verdade divina e viram a necessidade de combater falsos mestres como Ário, Apolinário e Eutíquio.

Segundo, eles entendiam que o debate sobre cristologia era um debate sobre a salvação, pois só um Salvador plenamente divino e plenamente humano poderia representar os dois lados e nos reconciliar com Deus.

Terceiro, eles fizeram tão bem o trabalho, que dura. Os reformadores do século XVI, por exemplo, que se engajaram numa controvérsia contra a Igreja de Roma sobre a supremacia e suficiência das Escrituras e sobre a justificação somente pela fé, não viram necessidade de alterar as declarações cristológicas dos primeiros séculos. Pelo contrário, as endossaram. Assim, o segundo Artigo Anglicano traz:

> *O Filho, que é a Palavra do Pai, gerado desde a eternidade do Pai, o próprio Deus eterno, e da mesma substância que o Pai, tomou a natureza humana no ventre da Virgem bendita, de sua substância, de modo que duas naturezas completas e perfeitas, isto é, a Deidade e a humanidade, foram unidas em uma pessoa, para jamais serem divididas, pelo que há um Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem...*

Quarto, a razão pela qual os reformadores foram capazes de endossar esse ensino é que reconheceram sua firme base bíblica. Como escreveu

B. B. Warfield, "A cristologia calcedônia ... é só uma síntese perfeita dos dados bíblicos".[7]

Quinto, apesar de admirarmos o equilíbrio atento dos pais da igreja no trabalho de definição, também reconhecemos que somos finitos e decaídos, que Deus em sua perfeição infinita está completamente acima de nós e que a encarnação é um mistério que sem dúvida vamos continuar explorando eternidade adentro.

Sexto, é sábio e humilde aceitar a antinomia maior, sem supor que vamos conseguir resolvê-la. O Papa Leão escrevem em seu *Tomo*: "Cristo é Deus e Cristo é homem. As duas naturezas coexistem. Nenhuma natureza diminui nem acrescenta algo às propriedades da outra".

Ninguém o enunciou melhor que o grande Charles Simeon de Cambridge, vigário da *Holy Trinity Church* por cinqüenta e quatro anos no início do século XIX, que influenciou profundamente gerações de estudantes. Ele insistiu no seguinte: "A verdade não está no meio nem num extremo; mas em ambos os extremos".[8] Simeon estava falando da soberania divina e responsabilidade humana. Mas seu princípio é igualmente aplicável à pessoa de Jesus Cristo. Ele não era Deus fingindo-se humano, nem um ser humano com faculdades divinas, nem semidivino e semi-humano, mas plenamente humano e plenamente divino, o Deus-homem singular.

3. Cristo, o monge perfeito: São Bento

Duas questões em torno do monasticismo

Marcos 8.34 sempre pareceu aos cristãos um texto fundamental e definidor. É a mensagem de Jesus para discípulos em potencial: "Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me". Além disso, é claro que "negar-se a si mesmo" e "seguir a Cristo" são aspectos complementares do mesmo relacionamento. para seguir a Cristo,

[7] *B. B. Warfield, The Person and Work of Christ (Presbyterian and Reformed, 1950), p. 215.*

[8] *W Carus, Memoirs of the Life of the Rev. Charles Simeon (CUP, 1847), p. 600.*

precisamos negar a nós mesmos. Mas o que implica essa abnegação? Será que envolve necessariamente uma vida monástica?

O ideal monástico não teve origem no cristianismo. Os *ashrams* hindus datam de antes da era cristã, e também havia comunidades judaicas. Não surpreende, portanto, que alguns cristãos, determinados a levar a sério o ensino de Jesus, tenham experimentado diferentes estilos de vida como eremitas e monges.

Não foi antes do século VI, porém, que o estilo de vida monástico cristão foi regularizado por São Bento de Núrsia no centro da Itália (480-550). Enviado a Roma para estudar quando adolescente, ficou horrorizado com a moral degenerada da cidade e, em reação, recolheu-se numa gruta em Subiaco. Mais tarde fundou doze comunidades monásticas, cada uma com doze monges e um prior, e por fim estabeleceu o próprio mosteiro em Monte Cassino, entre Toma e Nápoles, onde permaneceu até a morte. Ali desenvolveu a partir de regras embrionais de outros grupos, sua "Regra Beneditina" completa, que lhe valeu o título de "patriarca do monasticismo ocidental" e tem sido considerada "um dos documentos mais influentes da civilização ocidental".[9]

Ficamos imediatamente impressionados com duas qualidades do autor da Regra. Primeira, ele possuía mente metódica ao extremo, pois a Regra divide-se em setenta e três capítulos curtos, cada um sobre um tópico diferente, e contém além disso setenta e três obrigações cristãs expressas em uma sentença cada. Segunda, o autor conhece muito bem a Bíblia, pois a Regra está saturada das Escrituras.

Seu conteúdo cobre uma vasta variedade de questões práticas, incluindo instruções para o abade e também para os monges. O abade é responsável pela disciplina da comunidade, "mesclando bondade com severidade" (cap. 2). Quanto aos monges, a ênfase está na humildade e obediência. O "vício da propriedade privada" (cap. 5) é totalmente rejeitado, e os alimentos e as vestes necessárias lhes são designados pelo abade. A Regra prescreve um programa não muito rigoroso de culto e silêncio, leitura de livros da biblioteca e trabalho manual na cozinha ou no porão, la-

[9] *J. Pelikan, Jesus through the Centuries (Yale University Press, 1985), p. 112.*

vanderia, jardim ou padaria. Outras tarefas variam do desenvolvimento de seus dons artísticos, à prática da hospitalidade para com estrangeiros, a educação dos jovens e o cuidado com os enfermos, idosos e pobres.

As condições básicas da uma vida monástica sempre têm sido os três votos de pobreza, castidade (que significa celibato) e obediência (ao abade). E todos os três, afirma-se, têm seu exemplo em Cristo, que pode ser considerado o monge perfeito. Ele viveu em pobreza, não tendo "onde repousar a cabeça" (Mt 8.20); ele nunca se casou; e se diz que ele veio não para fazer a própria vontade, mas para fazer (i.e., obedecer) a vontade de seu Pai, que o enviou (Jo 6.38).

Não há dúvida que temos grande débito para com a tradição monástica. Primeiro, era um protesto radical contra um mundo perverso e uma igreja corrupta. Era uma expressão da fome cristã de santidade e do compromisso cristão com a abnegação.

Segundo, manteve viva a visão cristã da erudição e preservou por meio de suas valiosas bibliotecas, mesmo em tempos de barbarismo, uma cultura distintivamente cristã.

Terceiro, os monges medievais eram missionários, comprometidos com a evangelização e preocupação social pelos pobres. Alguns dos melhores missionários, como Francisco Xavier, eram monges. Nesses sentidos, eles mantiveram um necessário testemunho. O Padre Zossima, em *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoievski, estava correto em dizer que os monges da Igreja Ortodoxa Russa em sua solitude "mantêm a imagem de Cristo belo e impoluto".[10]

Ao mesmo tempo, tendo expressado uma genuína apreciação pelos ganhos do monasticismo, sinto-me obrigado a fazer algumas perguntas. É exato ou útil retratar o Senhor Jesus como o monge modelo? É correto pintar o ideal cristão em termos monásticos? Quem admira o compromisso, zelo e abnegação dos monges cristãos hesita em criticá-los. Mas precisamos fazê-lo, se quisermos ser fiéis ao retrato que o Novo Testamento faz de Jesus.

Primeiro, o monasticismo glorifica o afastamento do mundo. Eviden-

[10] *Dostoievski, Os Irmãos Karamazov (1880), Livro 6, capítulo 3.*

temente, assim como Jesus retirou-se de seu atarefado ministério público, indo às montanhas para descansar e orar, assim também devem fazer seus discípulos e ainda fazem. É saudável para todos os cristãos manter um ritmo de envolvimento e retiro. Mas uma coisa é um retiro temporário do mundo, com a intenção de voltar a ele; outra coisa é um estilo de vida de isolamento. A essência da encarnação é que o Filho de Deus entrou em nosso mundo, recusando-se a permanecer alheio a ele. Ele também deixou claro que desejava que seus seguidores se identificassem de maneira semelhante com o mundo. "Não rogo", disse ele ao Pai, "que os tires do mundo, mas que os protejas do Maligno" (Jo 17.15). E depois disse mais: "Assim como me enviaste ao mundo, eu os enviei ao mundo" (Jo 17.18). Portanto não devemos glorificar o afastamento do mundo, exceto temporário; isso poderia ser negar a encarnação.

Segundo, o monasticismo estabelece um padrão duplo. Ele implica que há dois tipos de cristãos, primeira classe e segunda, ou dois padrões morais, um bom e outro melhor. A suposta base bíblica para isso é a versão de Mateus daquilo que Jesus disse ao jovem rico e de posição: "Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres..." (Mt 19.21). Dessas palavras desenvolveu-se a distinção entre "mandamentos" (que são obrigatórios para todos os cristãos) e "conselhos de perfeição" (que são obrigatórios para os monges). Mas o que o Novo Testamento coloca diante de nós não são dois padrões, um mais elevado e melhor que o outro, mas uma variedade de vocações e ministérios, igualmente bons, mas diferentes uns dos outros. Alguns cristãos ainda são chamados para uma pobreza total voluntária, como o jovem rico no Evangelho, e como a falecida Madre Teresa e suas irmãs hoje. Mas a maioria dos cristãos é chamada para ser mordomo consciencioso e generoso de suas posses. Como disse o apóstolo Pedro a Ananias sobre sua propriedade: "Ela não lhe pertencia? E, depois de vendida, o dinheiro não estava em seu poder?" (At 5.4). Nenhuma dessas vocações (pobreza e mordomia) é superior à outra.

Ou tome o celibato. Sem dúvida, uma minoria de cristãos é chamada para a vida de solteiro. Jesus disse isso (Mt 19.11-12). Também Paulo (1 Co 7.1-7). Não que ser solteiro seja melhor que casar-se, nem que o casamento seja superior ao celibato. Ambos são *charismata*, dons da graça de

Deus (1 Co 7.7), mas alguns são chamados para um, outros para o outro. Esse versículo 7 é a chave para compreender todo o capítulo.

Para resumir, o paradoxo cristão aplica-se a todos os cristãos. Só quando servimos experimentamos liberdade. Só quando nos perdemos em amor, nos encontramos. Só quando morremos para nosso egocentrismo, começamos a viver.

4. Cristo, o devedor feudal: Anselmo

A teologia medieval da expiação

Por alguns séculos, desde Orígenes no século III e os Pais Capadócios no século IV, dominou a teoria do "resgate" da expiação, ou seja, que o pecado havia colocado a raça humana sob servidão do diabo, e que Cristo nos redimiu pagando o resgate ao diabo. Essa teoria inaceitável não foi questionada seriamente até o grande livro de Anselmo, *Cur Deus Homo* ("Por que Deus tornou-se homem"). Ele alegou que o débito era com Deus, não com o diabo.

Anselmo nasceu na Itália em cerca de 1033, peregrinou vários anos pela Normandia, chegou à Inglaterra após a Conquista Normanda em 1066 e sucedeu a Lanfranc como arcebispo da Cantuária em 1093. Ele era homem de erudição profunda, mente aguçada e piedade pessoal. *Cur Deus Homo*, seu livro sobre a cruz, foi um dos mais influentes sobre a expiação durante a Idade Média; mudando o pensamento da igreja. James Denney chegou a dizer que é "o mais verdadeiro e mais grandioso livro sobre a Expiação jamais escrito".[11]

Anselmo começou seu raciocínio pela condição humana. Pecado é "não render a Deus o que lhe é devido".[12] É, portanto, "tomar de Deus o que é dele" e assim desonrá-lo. Mas por que Deus não nos perdoa simplesmente, sem a necessidade da cruz? Como expressou o cínico Heine

[11] *J. Denney, The Atonement and the Modern Mind (Hodder & Stoughton, 1903), p. 184.*
[12] *Anselmo, Cur Deus Homo (1474; Williams & Norgate, 1863), i.xi.*

no século XIX, "*Le bom Dieu me pardonnera; cést son métier*".[13] "Afinal", pode continuar o objetante, "requer-se de nós que perdoemos uns aos outros.Por que Deus não pode praticar o que prega e ser igualmente generoso?" A resposta de Anselmo foi direta: "você ainda não considerou a seriedade do pecado".[14] Também, podemos acrescentar, ainda não consideramos a majestade de Deus. Quando vemos a Deus em sua santidade, porém, e a nós mesmos em nossa rebelião contra ele, a pergunta adequada a fazer não é por que considera difícil perdoar-nos, mas como ele o considera possível.

Anselmo rejeitou a teoria patrística do resgate com base na idéia de que "Deus não devia nada ao diabo, a não ser uma punição".[15] Em vez disso, o homem tinha um débito com Deus, e essa é a dívida que precisava ser paga. Mas não conseguimos pagá-la. O primeiro livro termina: "O homem pecador tem uma dívida com Deus, por causa do pecado, coisa que ele não consegue pagar e, a menos que a pague, não pode ser salvo".[16] Assim, só há uma saída para o dilema: "Não há ninguém ... que pode fazer essa satisfação, exceto o próprio Deus ... Mas ninguém deve fazê-lo, exceto o homem; de outro modo o homem não faz satisfação". Assim, "é necessário que alguém que seja Deus-homem o faça".[17] "É necessário que a própria pessoa que vai fazer essa satisfação seja perfeito Deus e perfeito homem, já que ninguém pode fazê-lo, exceto quem seja verdadeiro Deus, e ninguém deve fazê-lo, exceto quem seja verdadeiro homem."[18] Assim, a encarnação de Deus em Cristo, que se entregou à morte voluntariamente para honra de Deus. Ele é o único Salvador, pois só nele estavam unidos o "homem deve" e o "Deus pode".

Os grandes méritos do *Cur Deus Homo* de Anselmo são suas grandes ênfases (1) na seriedade do pecado como uma desobediência inescusável contra Deus; (2) na impossibilidade da auto-salvação; e (3) na necessidade da encarnação, pois ninguém deve fazer expiação, exceto o homem (que falhou) e ninguém pode, exceto Deus.

---

[13] *"O bom Deus me perdoará; é trabalho ou especialidade dele". Citado por S. C. Neill em Christian Faith Today (Penguin, 1955), p. 145.* [14] *Anselmo, Cur Deus Homo, i.xxi.* [15] *Ibid., ii.xix.* [16] *Ibid., i.xxx.* [17] *Ibid., ii.vi.* [18] *Ibid., ii.vii.*

É compreensível, porém, que Anselmo também tenha tido seus críticos. Primeiro, ele era um escolástico medieval, tentando conciliar a filosofia com a teologia. Ainda que estivesse ansioso por submeter-se às Escrituras, seu interesse principal era que seu ensino fosse "aceitável à razão".[19] Às vezes, pois, incidia em especulações, e parece sempre ter sido governado pela lógica fria. Sente-se falta do fogo aceso por Pedro Abelardo no século XII, quando contemplava o amor de Deus na cruz de Cristo.

Segundo, Anselmo reflete em todo o seu tratado a cultura feudal de seus dias. O feudalismo era um sistema social medieval de posse de terras e relacionamentos pessoais que implicavam jogos de direitos e obrigações por parte do senhor e de seus vassalos. O senhor investia o vassalo em seu feudo (terra) e se comprometia a protegê-lo. Em troca, o vassalo prestava homenagem ao senhor e assumia serviços específicos. Uma quebra do dever por parte do vassalo era considerada ofensa tão odiosa quanto uma traição, e era preciso satisfazer a honra ofendida do senhor. É adequado, porém, retratar Deus como um senhor feudal que exige honra, e Cristo como um devedor feudal que faz satisfação em nosso lugar?

Se pudéssemos somar a paixão de Abelardo à lógica de Anselmo! Se pudéssemos transformar a imagem de Deus segundo Anselmo, de um senhor feudal satisfazendo a própria honra, como se sentisse ofendido, para um Santo decidido a satisfazer pessoalmente seu próprio íntimo de amor e justiça! Então nosso equilíbrio seria mais compatível com a própria Escritura.

5. Cristo, o noivo celestial: Bernardo de Claraval

O misticismo cristão

O misticismo cristão floresceu plenamente na Europa entre os séculos XII e XIV. Ele se concentrava em Jesus Cristo como o amante, aliás, a noiva, da alma do cristão, e Bernardo de Claraval (1090–1153)

[19] *Ibid., ii.xi.*

foi seu expoente mais popular.

Apesar de sua timidez natural e seus constantes problemas de saúde por causa da austera disciplina pessoal, Bernardo nasceu líder, dotado de muitos e vários talentos. Ele pregava e escrevia com considerável eloqüência e era dedicadíssimo à reforma dos monastérios. Entretanto, era dado à política eclesiástica e exerceu uma enorme influência sobre sucessivos papas, bispos e concílios, além de toda a igreja. Durante as duas últimas turbulentas décadas de sua vida, foi amplamente considerado "a consciência de toda a Europa".

Ao mesmo tempo, era estudante diligente das Escrituras e teólogo ortodoxo. Aliás, sua mensagem centrada em Cristo era um aspecto essencial de seu protesto contra a ênfase exagerada no intelecto e contra o institucionalismo e nominalismo da igreja medieval.

É provável que a obra mais conhecida de Bernardo seja *Sermões sobre o Cântico dos Cânticos*. Ele não foi, de modo algum, o primeiro estudioso a desenvolver uma interpretação alegórica do Cântico dos Cânticos. Defendendo sua inclusão no cânon do Antigo Testamento, o celebrado rabino judaico Aquiba disse: "todas as Escrituras são santas, mas o Cântico dos Cânticos é o Santo dos Santos".[20] Também houve comentários cristãos sobre o Cântico da parte dos pais da igreja, uma de Orígenes no século III e outro de Gregório de Nissa, no século IV. Mas os sermões de Bernardo foram os mais lidos e apreciados.[21] Ele era conhecido como "o doutor melífluo" e, na opinião de Lutero, "Bernardo sobrepuja todos os outros doutores da igreja".[22]

Durante os últimos dezoito anos de sua vida (1135–1153), Bernardo pregou oitenta e seis sermões sobre o Cântico dos Cânticos, mas mesmo assim só cobriu os primeiros dois capítulos do livro. Ele não estava escrevendo, de modo algum, üm comentário, mas uma série de meditações para crentes de nível avançado "maduros para as núpcias místicas do Noivo Celestial".[23]

---

[20] *Citado por M. H. Pope em The Song of Songs, em Anchor Bible Commentary (Doubleday, 1977), p. 19.* [21] *St Bernard's Sermons on the Canticle of Canticles (Browne & Nelson, 1920), traduzido do original em latim, em dois volumes.* [22] *Ibid., vol. I, p. xiv.* [23] *Ibid., vol. I, p. 9.*

Seus primeiros oito sermões tratavam, todos, do mesmo texto, o segundo versículo do Cântico, isto é: "Beija-me com os beijos de tua boca" (RA).

Não é preciso dizer o tratamento que lhe dava era uma alegorização imaginosa. Por exemplo, elaborou três beijos (dos pés, da mão e da boca) que simbolizam três estágios do progresso da alma rumo à perfeição. Beijar os pés de Jesus é nos prostrar diante dele em humilde penitência, como Maria na história do evangelho. Esse é o início da conversão. Beijar a mão de Cristo é reconhecer que ele é o doador de todos os dons e que nosso relacionamento com ele é baseado em sua misericórdia, não em nosso mérito. Poucos, porém, alcançam o terceiro beijo. Esse é o "beijo supremo", quando com temor e tremor nos aventuramos a nos elevar "até aquela boca divinamente gloriosa" e com isso gozar do beijo da união de amor com Deus Pai, Filho e Espírito Santo".[24] Resumido na declaração de que "o meu amado é meu, e eu sou dele" (2.16), expressa a união final da alma com Deus, o anseio do místico.

É provável que muitos de nós tenham sido levados a crer que a devoção pessoal de Bernardo a Cristo expressava-se melhor em seus hinos. Penso especialmente no seguinte: "Jesus, só a lembrança tua / De doçura enche o peito" e "Jesus, o próprio pensamento é doce / Nesse querido nome encontram-se todas as alegrias do coração", e

Jesus, és alegria de corações amorosos,
És fonte de vida, és luz dos homens,
Do melhor gozo que a terra concede
A ti voltamos outra vez insatisfeitos.

Embora esses hinos tenham sido atribuídos por muito tempo a Bernardo, hinólogos dizem agora que não há evidências dessa atribuição. Eles se contentam em dizer simplesmente que os originais latinos dos hinos remontam ao século XII. Mas pelo menos uma autoridade como o Arcebispo Trench pode escrever que, se Bernardo não os compôs, "não é fácil imaginar quem os poderia ter escrito", pois "levam a estampa profunda de

[24] *Ibid., vol. I, p. 1–67.*

sua mente, sendo inferiores apenas em beleza à sua prosa".[25]

Antes de deixar Bernardo de Claraval e sua ligação mística com Cristo, precisamos fazer duas perguntas.

Primeira, qual a natureza do misticismo cristão? Uma vez que a linguagem do misticismo é usado no hinduísmo, budismo, taoísmo, neoplatonismo, judaísmo e islamismo, bem como no cristianismo, conclui-se muito rapidamente que ser "místico" significa o mesmo em todas as religiões. Mas não é. Decerto todos entendem por "misticismo" alguma experiência indefinida, algo como "união com o maior". Mas há pelo menos uma diferença fundamental entre o misticismo oriental e o misticismo cristão. O objetivo dos místicos orientais é perder a individualidade pela absorção no divino, como uma gota de água que se dissolve no oceano. No misticismo cristão, porém, o indivíduo crente mantém a própria identidade. Pois Deus nos criou com nossa própria individualidade ímpar e nos redime para que cada pessoa possa tornar-se ainda mais singular, não menos. Nosso destino não é nos perder, mas nos encontrar ao nos perder. Estar "em Cristo" (expressão freqüente de Paulo) é estar unido a ele de maneira tão íntima e orgânica, que signifique partilhar sua vida. Jesus orou para que seus seguidores fossem "um" assim como ele e o Pai são um (Jo 17.21-23). Mas as três pessoas da Trindade, ainda que uma, são eternamente distintas.

A segunda pergunta necessária é se é legítimo o uso do Cântico dos Cânticos como alegoria do amor entre Cristo e a alma cristã. Em geral, é legítimo usar alegorias para ilustrar, mas não para fundamentar, uma verdade. Ou seja, se uma doutrina ou um dever já está estabelecido pelo significado claro de uma passagem bíblica, é legítimo usar uma alegoria para ilustrar essa verdade. Assim, as Escrituras ensinam de maneira clara e freqüente que Deus e seu povo têm um compromisso mútuo numa aliança de amor. Assim, é legítimo usar o Cântico dos Cânticos, que expressa o amor mútuo dos noivos, para ilustrar essa verdade.

Em particular, o Cântico dos Cânticos tem sido individualizado de-

[25] *"Bernard of Clairvaux" em J Julina (ed.), A Dictionary of Hymnology (John Murray, ed. rev. 1907).*

mais, o que o faz expressar o amor privado e pessoal que une Deus e o indivíduo. Em contraste, os dois profetas do amor divino (Oséias e Jeremias) retratam o amor de Deus pelo povo da aliança. Por exemplo, promessas como "Eu me casarei com você para sempre" não são ditas para indivíduos, mas para a nação infiel (Os 2.19). De modo semelhante no Novo Testamento, Paulo escreve que "Cristo amou a igreja e entregou-se por ela" (Ef 5.25). É verdade que Paulo também escreveu que "o filho de Deus ... *me* amou e se entregou por *mim*" (Gl 2.20, ênfase minha), mas lampejos de individualismo como esse são raros, talvez pelo risco de erotismo espiritual, risco que – pelo menos na linguagem – os místicos cristãos nem sempre conseguem evitar.

6. Cristo, o exemplo ético: Thomas a Kempis

Uma imitação ascética de Cristo

No livro de Thomas a Kempis (ou Tomás de Kempis), *A Imitação de Cristo*, imensamente popular e universalmente recomendado, vemos a igreja do fim da Idade Média apresentando Cristo como o modelo supremo de discipulado cristão.

Thomas a Kempis nasceu em 1379, em Kempen (razão de seu nome) na Alemanha. Em 1400, aos vinte e um anos, entrou num convento agostiniano na diocese de Colônia e foi ordenado em 1413. Ele permaneceu a vida inteira no mesmo convento, morrendo como seu Superior em 1471, aos noventa e um anos.

Diz-se que teria sido tímido e estudioso. Thomas gastava o tempo lendo, escrevendo, copiando e orando.

No prólogo de uma nova tradução inglesa de *A Imitação de Cristo*, o Dr. L. M. Delaissé escreveu que o livro "estabeleceu-se no curso dos séculos, após a Bíblia, como o livro religioso mais influente da cristandade".[26]

[26] *Thomas à Kempis, The Imitation of Christ, trad. George F. Maine (1441; Collins, 1957), p. vii.*

O atrativo do livro deve-se, provavelmente, à sua combinação de ascetismo e misticismo. Seus dois primeiros livros ou seções são dedicados ao desenvolvimento da uma santidade ascética. Os temas recorrentes são desarraigar vícios, resistir à tentação, desprezar vaidades mundanas, ter opinião humilde a respeito de si, não crer nem pensar mal dos outros, suportar adversidades e "cruzes", evitar julgamentos precipitados e preparar-se para a chegada da morte.

O terceiro livro, porém, toma a forma de um diálogo entre "a voz de Cristo" e "a voz do discípulo", em que Thomas às vezes irrompe em expressões apaixonadas de amor a Cristo. Eis um exemplo extraído do capítulo 21:

> *Ó meu Jesus, esposo amabilíssimo e puríssimo amante das almas, Senhor de todas as criaturas! Quem me dará asas de verdadeira liberdade para voar e descansar em vós! Oh! quando serei assaz desapegado da Terra para ver quão suave sois, Deus e Senhor meu! Quando serei por tal modo absorto em Vós, por tal modo penetrado em vosso amor que não sinta mais a mim mesmo, e não viva mais senão em vós...?*[27]

Então, um pouco adiante no mesmo capítulo, ele extravasa de novo:

> *Ó Jesus! esplendor da eterna glória, alívio da alma aflita neste desterro! ... Até quando tardará o meu Senhor em vir à minha alma? Venha a mim na extrema pobreza em que jazo, e encha-me de alegria ... Vinde, meu Deus, vinde, sem vós não posso ter dia nem hora alegre, porque sois toda a minha alegria, e vós só podeis encher o vazio de meu coração...*[28]

> *Busquem outros em lugar de vós o que quiserem, que a mim nenhuma outra coisa me agrada, nem agradará nunca, senão vós, Deus meu, esperança minha, e minha eterna felicidade.*[29]

---

[27] *Thomas a Kempis, Imitação de Cristo, trad. J. I. Roquette (Edições de Ouro, 1969), III.21.3, p. 137.* [28] *Ibid., III.21.4, p. 138.* [29] *Ibid., III.21.5, p. 138.*

Embora o amor de Thomas por Jesus e seu anseio por santidade sejam no conjunto mantidos separados no livro, certamente há algumas passagens em que os dois se integram. Por exemplo, "Bem-aventurado o que conhece o que é amar a Jesus, e desprezar-se a si mesmo por amor de Jesus! Nosso amor para com Ele deve apartar-nos de outro qualquer amor..."[30] Ainda, "Quando Jesus está presente, tudo é bom e nada parece dificultoso; mas quando Jesus se retira, tudo enfada e cansa".[31] "O amor de Jesus é generoso; faz-nos empreender grandes ações, e sempre nos excita ao que é mais perfeito".[32]

Assim, o alvo e o motivo são claros – buscar a santidade no amor a Cristo. Isso está resumido em um dos epigramas de Thomas: "Muito obra quem muito ama".[33] Essas ênfases conquistam forte apoio nosso, nossa profunda admiração. Quem nos dera que todos nós que dizemos seguir a Jesus Cristo tivéssemos fome e sete de justiça como Thomas e ardêssemos de devoção a Cristo como Thomas ardia!

Parece grosseiro e pretensioso até tentar entrar com alguma restrição. Mas é necessário pelo menos fazer algumas perguntas. A igreja no final da Idade Média estava certa em apresentar Jesus Cristo como exemplo ético supremo e a vida cristã como uma imitação de Cristo? Certamente Jesus disse "siga-me", e Paulo escreveu: "Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo" (1 Co 11.1). Então, o que faltava no volume clássico de Thomas a Kempis? Faço mais quatro perguntas.

Primeira, Thomas captou a *essência do convite do evangelho*, que não é fazer boas obras em imitação a Cristo, mas primeiro colocar nossa confiança em Cristo crucificado como nosso Salvador? Não parece que ele tivesse alguma segurança de que Deus o havia aceitado, pois ele vive em contínuo temor do julgamento, purgatório e inferno. Além disso, suas referências ao amor de Cristo são quase que inteiramente a seu amor por Cristo do que ao amor de Cristo por ele. Ele nunca cita as grandes afirmações que "o amor de Cristo nos constrange" (2 Co 5.14) e que nada nos pode separar do amor de Cristo (Rm 8.35-39).

Segunda, Thomas captou *o caminho da santidade*, que não é por imita-

[30] *Ibid., II.7.1, p. 81.* [31] *Ibid., II.7.1, p. 82.* [32] *Ibid., III.5.3, p. 110.* [33] *Ibid., I.15.2, p. 36.*

ção de Cristo, mas pela união com Cristo? Não é tanto eu vivendo como Cristo, mas antes Cristo vivendo em mim. Como diz James Stalker, "Todo o ensino de S. Paulo move-se entre os dois pólos da justiça pela morte de Cristo por nós e da santidade pela vida de Cristo em nós".[34]

Terceira, Thomas captou *o contexto da ética cristã*? Seu contexto, para citar Stalker de novo, era "o pequeno mundo monótono do cláustro".[35] Mas no Novo Testamento o contexto da vida cristã é a arena barulhenta, agitada e desafiadora do local de trabalho, do mercado. É verdade que somos "estrangeiros e peregrinos" na terra (frase de 1 Pe 2.11, que Thomas cita muitas vezes), mas isso não exige recolhimento, como entende Thomas. "Deseja ser familiar só com Deus ", escreve ele, "e seus santos anjos; e foge de ser conhecido dos homens".[36] Ainda, "Evita quanto puderes, o bulício do mundo".[37] Ele vê os cristãos "completamente imersos" não no mundo, mas "em Deus".[38] Pois em sua opinião "os maiores santos evitaram quanto podiam a companhia dos homens, e preferiram viver para Deus em seu retiro"[39] e acrescentou, "como fez Jesus". Mas há um disparate ou engano sério aqui. Jesus de fato buscou a solidão para descansar e orar, conforme vimos quando consideramos o monasticismo, mas só para voltar fortalecido para as demandas de seu ministério público.

Quarta, Thomas captou *as implicações da imitação*? *A Imitação de Cristo* é o título popular interessante dado a seu livro, e provavelmente responde por boa parte de sua popularidade. Mas quando começamos a lê-lo, logo ficamos desapontados porque ele não consegue lidar com o tema da maneira que o Novo Testamento o faz. Praticamente todo o seguir a Cristo a que Thomas se refere, é o encargo de tomar nossa cruz e suportar o sofrimento, imitando a Cristo. Onde, então, estaria alguma referência à imitação da humildade de Cristo em sua encarnação e morte (Fp 2.5-8); ao amor aos outros como Cristo nos amou (Ef 5.2) e ao perdão aos outros como Deus em Cristo nos perdoa (Ef 4.32); à nossa purificação à semelhança dele (1 Jo 3.3); à decisão de seguir seus passos suportando

---

[34] *J. Stalker, Imago Christi: the example of Jesus Christ (Hodder & Stoughton, 1894), p. 27.*
[35] *Ibid., p. 24.* [36] *Thomas a Kempis, Imitação de Cristo, I.8.1, p. 24.* [37] *Ibid., I.10.1, p. 26.*
[38] *Ibid., vol. III, p. 12* [39] *Ibid., I.20.1, p. 46*

sofrimentos injustos sem retaliar (1 Pe 2.18-21); ou à saída pelo mundo em missão, assim como ele foi enviado pelo Pai (Jo 17.18; 20.21)? Esses grandes temas do Novo Testamento, que desenvolvem o que significa imitar Cristo, estão ausentes no livro de Thomas, para um empobrecimento considerável dele.

Quem nos dera que Thomas tivesse se permanecido mais próximo do ensino do Novo Testamento e juntado o Cristo Salvador com o Cristo exemplar (1 Pe 2.21, 24), o Cristo por nós e o Cristo em nós, e o chamado para seguir Cristo tanto no retiro como no envolvimento.

7. Cristo, o Salvador gracioso: Martinho Lutero

A justificação somente pela fé

É difícil para nós hoje compreender o pesado fardo de pecado e culpa sob o qual labutavam as pessoas da igreja medieval. Elas eram criadas para se concentrar na ira de Deus, no terror do julgamento e nas dores do purgatório e do inferno. Viviam no medo, empenhando-se para garantir o favor de Deus por meio de boas obras de justiça. Ora, esse era o ensino da igreja.

Quando jovem, Martinho Lutero não era exceção. Nascido em 1483, seu pai era ambicioso em relação a ele e o enviou à escola e à universidade. Mas ele estava o tempo todo dominado por uma profunda perturbação espiritual. Vendo um amigo cair morto atingido por um raio, ficou tomado pelo medo da morte e do julgamento. Assim, ele se lançou sem reservas ao serviço de Deus e entrou num mosteiro agostiniano, confiante de que ali certamente seria capaz de salvar a própria alma. Ele orava e jejuava e adotou outras austeridades extremas. "Eu era um bom monge", escreveu mais tarde. "Se algum monge algum dia alcançasse o céu por sua vida monástica, seria eu".[40] Mas o regime ascético aumentava, não diminuía, seu tormento. Fazia suas confissões e penitências. Tomou os três votos de

[40] *Citado em R. H. Bainton, Here I Stand (Hodder & Stoughton, 1951), p. 45.*

pobreza, castidade e obediência. Mergulhou nos estudos teológicos. Foi ordenado padre. Fez uma peregrinação a Roma e subiu de joelhos os vinte e oito degraus da Scala Santa. Mas foi tudo em vão. Lutero ficou desiludido com a igreja, convencido de que havia perdido as chaves do reino.

Em 1512, Lutero tornou-se professor de Bíblia na Universidade de Wittenberg. De início, suas dúvidas e temores persistiram. Estava decidido a satisfazer a Deus, mas não conseguia encontrar paz. "Quando procurava Cristo", disse certa vez, "parecia que eu via o diabo".[41] Essa declaração espantosa revela a falsa imagem de Jesus Cristo que ele abrigava por causa da intensidade de seu conflito moral. Para ele, na época, Cristo era raivoso, não amigo; perigoso, não misericordioso; seu juiz, não seu salvador. Onde encontraria um Deus gracioso? Esse era seu clamor angustiado.

Então Lutero voltou-se para as Escrituras. Preparando-se para suas aulas na universidade, estudou os Salmos em 1513-15 e a Epístola aos Romanos em 1515-16. Ele ficou perturbado com a oração em Salmos 31.1, "livra-me pela tua justiça" e com a declaração em Romanos 1.17, que a justiça de Deus é revelada no evangelho. Se a justiça de Deus é seu julgamento, perguntava-se, como pode trazer salvação ou fazer parte do evangelho? Lutero lutava com essa questão porque ainda entendia que "a justiça de Deus" se expressava na *punição* dos injustos. *Isso* não soa como uma notícia boa!

> *Dia e noite eu refletia ... até que percebi a verdade de que a justiça de Deus é aquela justiça com que, pela graça e pura misericórdia, ele nos* justifica *pela fé. Dali em diante senti-me renascido e senti ter passado por portas abertas para o paraíso. Toda a Escritura ganhou novo significado e enquanto antes "a justiça de Deus" me enchia de ódio, então tornou-se inefavelmente doce em maior amor. Essa passagem de Paulo tornou-se para mim um portão para o céu.*[42]

---

[41] *Citado em J. Atkinson, The Great Light: Luther and Reformation (Paternoster, 1968), p. 16.* [42] *Essa foi a chamada "experiência da torre" de Lutero por ter ocorrido na torre do Claustro Negro de Wittenberg. Seu relato a esse respeito apareceu primeiro na introdução à edição em latim de suas Obras (1545).*

Assim juntaram-se a teologia e a experiência de Lutero. Pelo evangelho depurado da justificação só pela graça, só em Cristo e só pela fé, Lutero descobriu a aceitação de Deus que vinha buscando desesperadamente havia anos. Ele não se tornou antinomiano, como entendem alguns críticos, declarando que as boas obras não importam, pois insistia que elas são o fruto da fé. Lutero também não era um inovador; pelo contrário, recuperou o evangelho apostólico original que a igreja havia perdido temporariamente. Ele escreveu no comentário sobre a Carta aos Gálatas: "Essa é a verdade do evangelho. É também o principal artigo de toda a doutrina cristã, aquilo em que consiste toda a piedade. É mais que necessário, portanto, conhecermos bem esse artigo, ensiná-lo aos outros e incuti-lo continuamente na cabeça deles".[43] É essa a doutrina, acrescentou, "que, de fato, marca os cristãos verdadeiros",[44] pois "se o artigo da justificação perder-se, então se perde toda a doutrina cristã".[45]

Em cada geração, pois, a igreja precisa re-recuperar a doutrina da justificação. Paulo a chamou "o evangelho da graça de Deus" (At 20.24; cf. Gl 1.6) e graça é o amor de Deus imerecido, não-solicitado. Ele foi visto em seu mais pleno esplendor na cruz. Ele oferece salvação aos pecadores como uma dádiva inteiramente gratuita. Portanto, não deixa nenhum espaço para a vanglória humana. O evangelho da graça dá glórias a Jesus Cristo apenas – a Jesus Cristo, nosso Salvador gracioso.

8. Cristo, o mestre humano: Ernst Renan e Thomas Jefferson

O ceticismo do Iluminismo

O chamado "Iluminismo Europeu" ou a "Idade da Razão", que floresceu durante os séculos XVII e XVIII, constituiu-se um assalto frontal às crenças tradicionais da igreja. Sua intenção professa era declarar a autonomia da mente humana e, assim, substituir a revelação pela razão, o

[43] *Martinho Lutero, Commentary on the Epistle to the Galatians (1535; James Clarke, 1953), p. 10.* [44] *Ibid., p. 143.* [45] *Ibid., p. 26.*

dogma pela ciência, o sobrenatural pelo natural e a concepção pessimista da condição humana pela confiança na bondade fundamental da natureza humana e na conseqüente inevitabilidade do progresso social.

Nesse ataque geral contra o cristianismo ortodoxo, a pessoa de Jesus não escapou ilesa. O Iluminismo o apresentava como um mestre meramente humano. A expressão mais franca disso encontra-se nas "Vidas de Jesus", publicadas entre o fim do século XVIII e o fim do século XIX, dos quais Albert Schweitzer documentou cerca de oitenta em seu famoso livro *A Busca do Jesus Histórico*. Os autores radicais dessas "Vidas", escreveu Schweitzer, "estavam ansiosos por retratá-lo como alguém verdadeira e puramente humano, por despi-lo dos trajes de esplendor com que foi adornado e vesti-lo novamente com as roupas comuns com que ele andou na Galiléia".[46]

A *Vida de Jesus* mais famosa foi escrita por David Friedrich Strauss e publicada em dois volumes e 1.480 páginas em 1835–36, quando tinha apenas vinte e sete anos. Schweitzer dedica três capítulos a ele e declara que, embora não fosse o maior nem o mais profundo dos teólogos, "era o mais absolutamente sincero".[47] Ele entendia que, por questões de integridade, não podia pregar aquilo em que acreditara anteriormente. Ele percorre os evangelhos com grande detalhamento, incidente por incidente e parábola por parábola, aplicando seu conceito de "mito" a eles e classificando-os como puramente lendários, embora acreditasse na autoconsciência messiânica de Jesus. Ele se tornou celebridade instantânea no centro de uma tempestade teológica, o que arruinou sua carreira.

Mais conhecido entre os leitores de língua inglesa deve ser *La Vie de Jésus de Ernst Renan* (1863). Aconteceu com Renan o mesmo que com Strauss: uma explosão de indignação e ira recebeu a publicação de sua *Vida*. Contra Renan, porém, as críticas vieram dos dois lados. Para os ortodoxos, era herege; mas para os liberais, não era liberal o bastante. Mas não há dúvida quanto ao liberalismo. No início do livro ele escreveu: "Que os Evangelhos são em parte lendários, é evidente, já que estão repletos de milagres e do sobrenatural".[48] Apesar de Jesus acreditar que era o Messias, não era en-

[46] *A. Schweitzer, The Quest of the Historical Jesus: a critical study of its progress from Reimarus to Wrede (1906; versão inglesa Adam & Charles Black, 1910), p. 4–5.* [47] *Ibid., p. 68.*

carnação de Deus; os evangelhos estão "repletos de erros e enganos";[49] e em lugar de uma ressurreição real, "a paixão de uma possessa [*d'une hallucinée*, referindo-se a Maria Madalena] deu ao mundo um Deus ressuscitado".[50]

Mas o motivo pelo qual a *Vie* de Renan atraiu leitores que a apreciaram é a evidente admiração e até devoção que o autor tinha por Jesus. Renan escreve sobre "o coração sensível e bondoso de Jesus"[51] e de seu "temperamento gentil e perspicaz".[52] Ele chega a escrever da "divindade" de Jesus; mas não com o mesmo sentido. Depois de recontar sua morte, Renan dirige-se pessoalmente a Jesus: "Descansa agora em tua glória, nobre iniciador. Teu trabalho está completo; tua divindade foi estabelecida".[53] "Por milhares de anos o mundo te exaltará ... Entre ti e Deus os homens já não farão distinção".[54]

Mas não podemos nos deixar enganar por esse tipo de tributo retórico. Ele mesmo diz isso. "Essa pessoa sublime ... podemos chamá-lo divino, não no sentido de que Jesus tenha absorvido todo o divino ... mas no sentido de que Jesus é aquele que fez com que os homens, seus iguais, dessem o maior passo rumo ao divino".[55]

Mas no final ele era apenas um homem. "Vamos colocar, então, a pessoa de Jesus no ponto mais elevado a grandeza humana".[56] Pois em meio à "mediocridade uniforme" da raça humana, "há pilares que se elevam ao céu". "Jesus é o mais elevado desses pilares".[57]

Eis a conclusão de Renan:

> *Não importam os fenômenos inesperados que possam advir no futuro, Jesus não será suplantado. Seu culto renovará constantemente sua juventude, a história de sua vida causará lágrimas incessantes, seus sofrimentos comoverão os melhores corações; e todas as eras proclamarão que entre os filhos dos homens ninguém que tenha nascido é maior que Jesus.*[58]

Mazinho Rodrigues!

[48] *Ernest Renan, The Life of Jesus (1863; Watts/Racionalist Press Association, 1904), p. 12.* [49] *Ibid., p. 148.* [50] *Ibid., p. 144.* [51] *Ibid., p. 119.* [52] *Ibid., p. 121.* [53] *Ibid., p. 141.* [54] *Ibid., p. 142.* [55] *Ibid., p. 151.* [56] *Ibid., p. 148.* [57] *Ibid., p. 151.* [58] *Ibid.*

Um exemplo particularmente notável do pensamento do iluminista foi Thomas Jefferson, principal arquiteto da Declaração da Independência Americana (1776) e terceiro presidente dos Estados Unidos (1801–1809). Homem de capacidade excepcional, foi simultaneamente inventor, arquiteto, fazendeiro, filósofo, estadista, diplomata e fundador da Universidade de Virgínia. Ao mesmo tempo era livre-pensador e deísta. Apesar de reverenciar Jesus por sua benevolência e ensino ético, rejeitava os milagres, considerando-os incompatíveis com a natureza e a razão, além de todos os mistérios como a Trindade. Assim, estava determinado a reconstruir um cristianismo sem dogmas e um Jesus sem milagres. Ele escreveu:

> *Quando tivermos afastado o jargão incompreensível da aritmética trinitária, que três são um e um é três ... quando, em suma, tivermos desaprendido tudo que vem sendo ensinado desde seus [de Jesus] dias, e voltarmos para as doutrinas puras e simples que ele inculcou, seremos verdadeira e dignamente seus discípulos.*[59]

Por conseguinte, usando tesoura e cola, Jefferson produziu por duas vezes sua própria edição dos evangelhos, eliminando todos os milagres e mistérios. A primeira foi obra de apenas duas ou três noites na Casa Branca, intitulada *The Philosophy of Jesus of Nazareth* (1804). Ela continha só seu ensino moral, agrupado por tópicos. A segunda, chamada "Bíblia de Jefferson" apareceu em 1820 e se intitulava *The Life and Morals of Jesus of Nazareth*. Ela continha um panorama de sua vida, terminando de maneira abrupta com seu sepultamento: "rolaram uma grande pedra para a porta da sepultura e partiram". Essas são as últimas palavras. A ressurreição não é mencionada.

Jefferson afirmava que sua obra era produto do bom senso. Assim como as verdades "manifestas" de sua Declaração da Independência, também o ensino de Jesus: ele o considerava simples questão de abstrair "o que é realmente dele do lixo em que foi enterrado ... o diamante do monte de

[59] *Dickenson W. Adams (ed.), The Papers of Thomas Jefferson, second series, Jefferson's Extracts from the gospels (Princeton University Press, 1983), p. 403.*

esterco".[60] Mas seu tom era de autoconfiança infundada e seus critérios, em grande parte subjetivos. As duas reconstruções de Jefferson pereceram, mas os evangelhos continuam vivos.

9. Cristo, a vítima trágica: John Mackay

Sexta-feira da Paixão sem Páscoa

Jesus, o exemplo ético, pertencia à Idade Média; Jesus, o Salvador gracioso, à Reforma; e Jesus, o mestre humano, ao Iluminismo do século XVIII. Todos os três eram europeus. É tempo, então, de considerar outro retrato eclesiástico de Jesus Cristo, que começou na Espanha, mas depois desenvolveu formas nativas próprias em toda a América Latina.

Nesta análise, baseio-me num livro famoso publicado em 1932 intitulado *The Other Spanish Christ*. Seu autor era escocês, John A. Mackay que, depois de estudar na Espanha e descobrir a alma ibérica passou vinte anos como missionário presbiteriano em Lima, no Peru (onde foi o primeiro protestante a ocupar a Cadeira de Filosofia na Universidade Nacional do Peru), em Montevidéu, Uruguai, e na cidade do México. Mais tarde, de 1936 a 1959, John Mackay tornou-se o notável presidente do Seminário Teológico de Princeton.

O clássico de Mackay, *The Other Spanish Christ: a study in the spiritual history of Spain and South America* reconta a história terrível dos conquistadores espanhóis que, no início da século XVI, subjugaram e colonizaram os povos nativos do continente usando a força bruta.

Qual foi o retrato de Jesus que o catolicismo espanhol introduziu na América Latina? O Cristo que veio para a América Latina, reclama Mackay, foi uma figura de tragédia. "Cristo coloca-se diante de nós como a vítima trágica."[61] Artistas religiosos espanhóis retratavam Cristo "machucado, pálido, exangue e manchado de sangue", "Cristos retorcidos que lutam com a morte e Cristos prostrados que sucumbiram a ela ... São a

[60] *Ibid., p. 388.* [61] *John Mackay, The Other Spanish Christ (SCM, 1932), p. 96*

quintessência da tragédia completa".[62]

Sobre um quadro em particular Mackay escreve: "ele está morto para sempre. Ele se tornou a encarnação da própria morte ... Esse Cristo ... não volta a se levantar".[63] Ele então cita o filósofo existencialista do início do século XX, Miguel de Unamuno: "esse Cristo cadáver ... jaz na horizontal esticado como um plano, sem alma e sem esperança, com olhos fechados voltados para o céu".[64] Mackay comenta: "Na religião espanhola, Cristo vem sendo o centro de um culto de morte",[65] "um Cristo conhecido em vida como bebê e na morte como cadáver, sobre quem, na infância indefesa e no destino trágico, preside a Virgem Mãe".[66]

De modo semelhante, o Cristo crioulo "aparece quase exclusivamente em duas funções dramáticas – a função do bebê nos braços da mãe e a função de vítima sofredora em sangue. É o retrato de um Cristo que nasceu e morreu, mas jamais viveu"[67] e (podemos acrescentar) jamais voltou a viver, ou seja, jamais ressuscitou.

Certamente é muito impressionante que cerca de cinqüenta anos depois de John Mackay ter estado no Peru, o falecido Henri Nouwen tenha visitado o país e que ambos – o missionário presbiteriano e o padre católico romano – chegaram à mesma conclusão. Henri Nouwen escreveu em seu diário que nas igrejas no centro de Lima "as múltiplas representações de Cristo tornaram-se uma impressão devastadora".[68] "Mas o mais assombroso de todos", continuou Nouwen,

> *foi um grande altar rodeado de seis nichos em que Jesus era retratado em diferentes estados de angústia: preso a um pilar, caído ao chão, sentado numa rocha e assim por diante, sempre nu e recoberto de sangue ... Em lugar algum vi um sinal da ressurreição, em lugar algum fui lembrado da verdade de que Cristo venceu o pecado e a morte e ressuscitou vitorioso do túmulo. Tudo era Paixão, não havia Páscoa ... A ênfase quase exclusiva no corpo torturado de Cristo*

---

[62] *Ibid., p. 97.* [63] *Ibid.* [64] *Ibid.* [65] *Ibid.* [66] *Ibid., p. 122.* [67] *Ibid., p. 110.* [68] *Henri Nouwen, Gracias: a Latin American Journal.*

me atinge como uma perversão das Boas Novas em uma história mórbida que intimida ... as pessoas, mas não as liberta.[69]

Ao chamar a atenção para esse retrato latino-americano popular do Cristo impotente, não estou, claro, dizendo que esse é o único retrato que os cristãos latino-americanos conhecem. O livro de Mackay é deliberadamente intitulado *The Other Spanish Christ* para mostrar que há uma tradição alternativa, mesmo que quase perdida. É a tradição dos místicos espanhóis do século XVI, cujo precursor foi o nobre Ramón Lúlio.

Ramón Lúlio nasceu em Maiorca em 1236 e, quando jovem foi cortesão e soldado em busca de prazer. Mas após a conversão, três objetivos de vida formaram-se em sua mente: (1) escrever um livro definitivo para provar que o cristianismo é verdadeiro e o islamismo, falso; (2) fundar escolas em que se pudessem aprender línguas missionárias; e (3) morrer como mártir por Cristo. Então fez três visitas missionárias ao norte da África aos cinqüenta e seis, setenta e oitenta anos. Em cada ocasião teve a coragem de proclamar publicamente a Cristo em árabe pelas praças das cidades. Nas duas primeiras ocasiões, foi detido, preso e banido. Na terceira visita, uma multidão enfurecida o arrastou até a praia e o apedrejou até a morte.

Eis uma de suas declarações mais memoráveis: "A imagem do Cristo crucificado encontra-se mais em homens que o imitam no caminhar diário do que no crucifixo feito de madeira ... Quem não ama não vive. Aquele que vive pela Vida não pode morrer".[70]

Depois vieram os místicos espanhóis do século XVI, dos quais os mais famosos foram São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila. São João da Cruz é mais conhecido por seus poemas *A Noite Escura da Alma* e *Um Cântico Espiritual da Alma*, enquanto Santa Teresa de Ávila é lembrada por *O Caminho da Perfeição* e *O Castelo Interior.* Ambos foram "grandes

---

[69]*Ibid., p. 106.* [70]*W. T. A. Barber, Raymond Lull: the Illuminated Doctos: A study in medieval missions (1903; Charles H. Kelly, s.d.). Veja também R. Lull, The Book of the Lover and the Beloved: Proverbs xii (Sheldon Press, 1978).* [71]*Mackay, The Other Spanish Christ, p. 126.*

almas solitárias",[71] expressões do individualismo ibérico. Ambos foram passionalmente devotados a Cristo, e Santa Teresa combinava Maria com Marta. "O Senhor anda entre os potes e as panelas", gostava de dizer às suas freiras. Ela escrevia regularmente de Cristo como "Sua Majestade Divina". Ambos, João e Teresa, eram também, cada um à sua maneira, rebeldes contra o sistema. A tradição deles foi trazida ao século XX por Don Miguel Unamuno, a quem Mackay chamou de "rebelde santamente cristão",[72] e Ricardo Rojas, presidente da Universidade de Buenos Aires na década de 1920, autor do livro provocativo, *El Cristo Invisible* (1927), e crítico radical do catolicismo latino-americano.

Se John Mackay tivesse escrito sobre a América Latina na segunda (e não na primeira) metade do século XX, sem dúvida teria incluído seções substanciais sobre o surgimento da teologia da libertação e do crescimento fenomenal das igrejas pentecostais e do movimento carismáticos dentro das igrejas históricas. Esses desenvolvimentos são aspectos posteriores dos "outros Cristos espanhóis". Vamos considerar agora o pentecostalismo e, mais tarde, a teologia da libertação.

Sendo agora um fenômeno mundial, o pentecostalismo com certeza deve ser atribuído à obra do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, em geral sua atuação não é direta, mas por meio de circunstâncias sociais correntes. É provável que a melhor análise ainda seja do livro do Prof. David Martin, *Tongues of Fire: the explosion of protestantism in Latin America.* Contra um cenário de mudanças sociais rápidas e ameaçadoras, o pentecostalismo oferece abrigo ou o que tem sido chamado de "refúgio das massas", reproduzindo a proximidade e proteção da fazenda. O pentecostalismo possui quatro características fundamentais: (1) autenticidade latina: é nativa (embora o sacerdócio católico romano seja essencialmente estrangeiro), entusiástica e emocional; (2) participação ativa: é leiga e igualitária, envolvendo pessoas que antes não tinham voz nem poder, eram marginalizadas; (3) bênção material: promete melhora econômica, cura física e livramento das ansiedades; e (4) uma família substituta: o pentecostalismo "cria uma rede protetora e reproduz algumas das solida-

[72] *Ibid., p. 147.*

riedades e estruturas de autoridade encontradas na fazenda".[73]

Para resumir, na desorientação causada pelo movimento da fazenda para a megalópole e pela modernização, o pentecostalismo oferece "uma esperança, uma terapia, uma comunidade e uma rede".[74] Ela oferece uma afirmação de valor e dignidade pessoal e, com isso, a descoberta de uma nova identidade.

Vimos, portanto, nas igrejas da América Latina, que há vários retratos diferentes de Cristo e também que eles são mutuamente necessários. Precisamos atentar para o desequilíbrio. Não temos liberdade de proclamar o menino Jesus sem a vida a que levou sua infância, nem sua vida e morte sem sua ressurreição gloriosa, nem o Jesus histórico objetivo sem a devoção pessoal a ele, nem o culto tradicional, litúrgico e respeitável sem nenhuma alegria ou espontaneidade carismática. Também não podemos desconsiderar o retrato de Jesus o libertador, com seu toque de clarim para a liberdade a que chegamos agora.

10. Cristo, o libertador social: Gustavo Gutierrez

Boas novas para os pobres

Jesus nos é apresentado no Novo Testamento como o libertador supremo do mundo. Não pode haver dúvidas quanto a isso, pois ele mesmo o disse. "Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará" (Jo 8.31s). E Paulo escreveu aos gálatas: "Foi para a liberdade que Cristo nos libertou" (Gl 5.1). Assim, em cada área da história da igreja a "salvação" tem sido interpretada em termos de algum tipo de "liberdade".

Há um quarto de século, porém, na década de 1970, desenvolveu-se a chamada "teologia da libertação" na América Latina. Seus expoentes mais conhecidos foram Rubem Alves (*Uma Teologia da Esperança*, 1969),

[73] *D. Martin, Tongues of Fire: the explosion of Protestantism in Latin America (Blackwell, 1990), p. 231.* [74] *Ibid., p. 155.*

Gustavo Gutiérrez (*Teologia da Libertação*, 1971) e Hugo Assman (*Oppression-Liberation: a challenge to Christians*, 1972). Orlando Costas fez distinção entre eles dizendo que "se Alves é o profeta do movimento e Assman é o apologista, então Gutiérrez é o teólogo sistemático".[75]

O pano de fundo para o influente livro de Gustavo Gutiérrez, que recebeu o sub-título *História, política e salvação* (em inglês), é a realidade social de que a América Latina é um continente oprimido. Apesar de libertado no início do século XIX do domínio colonial da Espanha e de Portugal, as repúblicas latino-americanas ainda viviam em servidão política e econômica. O Prof. José Miguez Bonino, que proferiu as primeiras Preleções Londrinas em 1974 sob o título *Cristãos e marxistas: o desafio mútuo à revolução*, começou mais tarde seu livro *Revolutionary Theology Comes of Age*[76] com uma breve análise histórica. Ele demonstrou que os cristãos entraram na América Latina em dois estágios distintos, mas igualmente opressivos, ou seja, "o colonialismo espanhol (catolicismo romano) e o neo-colonialismo norte-atlântico (protestantismo)".[77] Não, porém que a dominação tenha sido inteiramente externa. Dom Helder Câmara, que foi arcebispo católico romano de Recife, no nordeste do Brasil, protestava contra o "colonialismo interno", ou seja, a opressão política e econômica contínua pelas próprias oligarquias latino-americanas de direita e governos militares.

Não pode haver dúvida quanto à compaixão sincera de Gutiérrez e seus companheiros liberacionaistas pelos oprimidos. Ele convoca a igreja para "um compromisso mais evangélico, mais autêntico, mais concreto e mais eficaz com a libertação".[78] Ele cita algumas vezes com aprovação a famosa frase de Marx de que "os filósofos só têm interpretado o mundo ... o importante, porém, é mudá-lo".[79] Gutiérrez vê o processo de libertação e transformação como "uma busca para satisfazer as aspirações humanas mais fundamentais – liberdade, dignidade e a possibilidade de

---

[75] *O. Costas, The Church and its Mission: A Shattering Critique from the Third World (Coverdale, 1974), p. 223.* [76] *J. M. Bonino, Revolutionary Theology Caomes of Age (SPCK, 1975). Seu título americano é Doing Theology in a Revolutionary Situation (Fortress, 1975).* [77] *Ibid., p. xxiii.* [78] *Ibid., p. 145.* [79] *Da décima primeira de suas Theses on Feuerbach, encontrados em Marx e Engels, On Religion (Schocker, 1964), p. 72.*

realização pessoal para todos".[80]

Assim definida, todos os cristãos com certeza deveriam ser igualmente dedicados à libertação. Aliás, aqueles dentre nós que são protestantes bem podem sentir-se envergonhados por não estarmos na vanguarda do movimento de libertação e por não desenvolvermos uma teologia evangélica da libertação. Ora, cremos que Deus criou o homem, macho e fêmea, à sua imagem; que os seres humanos, sendo seres semelhantes a Deus, possuem um valor intrínseco, pelo que devem ser servidos, não explorados; e que devemos nos colocar, em nome de Cristo, contra todas as tendências desumanizadoras, contra tudo o que impeça a liberdade e realização humana.

Isso levanta uma questão imediata. A teologia original da libertação estava voltada para a opressão social, opolítica e econômica. Mas de lá para cá surgiram outras teologias da libertação. Há a teologia dalit, tratando da questão das castas entre os "intocáveis" da Índia; a teologia negra nos Estados Unidos e na África, tratando da questão racial; a teologia feminista, tratando da questão da discriminação da mulher; e a teologia da liberação homossexual, tratando da questão da orientação sexual.[81] Os politicamente corretos insistem que todas são igualmente válidas e que não se devem permitir discriminações de casta, raça, sexo ou orientação sexual.

Mas a perspectiva cristã é diferente. É verdade, conforme escreveu Paulo, "Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus" (Gl 3.28). Esse texto é uma carta régia da liberdade cristã, mas deve ser interpretada com cuidado, de maneira conscienciosa. Ele afirma que, em nosso relacionamento com Cristo pela fé, as distinções étnicas, sociais e sexuais são irrelevantes. Somos iguais em valor e dignidade diante dele. Mas essas distinções não foram abolidas. Nossa origem étnica ainda é uma parte essencial de nossa identidade. Também: os homens continuam homens e as mulheres, mulheres; e têm funções e papéis sexuais diferentes.

---

[80] *G. Gutierrez, A Theology of Liberation: History, politics and salvation (SCM, 1974), p. 21. (Teologia da Libertação [Vozes, 1972].)* [81] *Veja uma análise delas em C. Rowland (ed.), The Cambridge Companion to Liberation Theology (Cambridge University Press, 1999).*

Assim, precisamos redefinir libertação. Ela tem por propósito garantir que sejamos livres de toda e qualquer coisa que iniba os seres humanos de serem o que Deus desejou que fossem na criação e na redenção – o que inclui o casamento como uma parceria heterossexual, monógama, instituída por Deus e endossada por Jesus Cristo.

Outro aspecto notável da teologia da libertação é sua ênfase na *praxis* como "um novo caminho para a teologia".[82] O primeiro passo para "fazer teologia", sustenta Gutiérrez, não é abrir a Bíblia, mas firmar um compromisso sério com a luta pela libertação. Assim, o primeiro texto a estudar não é o bíblico, mas um texto social, ou seja, a realidade ao redor e nossa experiência dela. Só então estaremos prontos para o segundo passo, isto é, o estudo bíblico. A teologia, portanto, é definida como "uma reflexão crítica sobre a *praxis* cristã à luz da Palavra".[83] E o contexto essencial para os dois passos são "as comunidades eclesiais de base", ou seja, grupos populares de cristãos comuns.

Sem dúvida, muitos consideram esse processo iluminador e desafiante. Entretanto, pode-se questionar se os dois passos devem ser dados invariavelmente na mesma ordem, desde que a Palavra e o mundo interfiram criativamente um com o outro. Aliás, pode ser que começando com um estudo sério da realidade social, o estudo sério do texto bíblico tenha sido negligenciado. Andrew Kirk reclama disso: "Nenhum de nossos autores desenvolveu um estudo exegético das passagens (populares) ... A maioria deles não se esforça para verificar exegeticamente a correção dos próprios métodos ou o uso que faz do texto".[84]

Isso fica especialmente claro quando se considera o uso que os liberacionistas fazem do tema do êxodo. Eles o entendem como um paradigma de todo e qualquer resgate da opressão, sem um reconhecimento adequado de que o êxodo de Israel da servidão egípcia foi *sui generis*. Aquilo não só foi um ato poderoso de Deus ("sua mão poderosa"), como ocorreu para cumprir a aliança divina firmada com Abraão, Isaque e Jacó (Êx 2.24) em preparação para sua renovação no Monte Sinai (Êx 19.4-6).

Vê-se a mesma displicência hermenêutica em relação ao vocabulário da

---

[82] *Gutierrez, A Theology of Liberation, p. 15.* [83] *Ibid., p. 13.* [84] *J. A. Kirk, Liberation Theology: a evangelical view from the Third World (Marshall Morgan and Scott, 1979), p. 95.*

salvação. Gutiérrez de fato reconhece a diferença entre salvação (do pecado e da morte) e libertação (da pobreza e da opressão), mas é provável que não com suficiente clareza. Uma queixa a esse respeito vem de uma fonte inesperada, ou seja, do Bispo K. H. Ting de Xangai, muitos anos Presidente do Conselho Cristão da China. Ao apresentar a teologia da libertação aos estudantes do Seminário de Nanquim em 1985, ele disse: "A teologia da libertação é uma coisa tão boa que nos dói não sermos capazes de endossá-la por inteiro". Mas "o tema eterno do cristianismo e sua teologia não deve ser político ... pelo contrário, deve ser a reconciliação da humanidade com Deus ... A reconciliação entre Deus e a humanidade é o tema eterno da teologia cristã".[85]

Ainda é crucial esclarecer melhor o assunto. William H. Lazareth, que escreveu a Introdução ao livro de Bonino, *Revolutionary Theology Comes of Age*, considerou necessário fazer as seguintes perguntas:

> *A questão decisiva para a teologia da libertação é a relação entre a liberdade cristã e a liberdade política. Por qual autoridade apostólica podemos juntar a libertação do pecado, da morte e do demoníaco com a libertação da injustiça, opressão e pobreza? Em termos mais pessoais, como relacionar as atividades de Jesus e Paulo no primeiro século com as atividades de Che Guevara e Camilo Torres? Elas são semelhantes, são repetições, são distintas ou são desconexas?*[86]

Quanto a mim, fico contente porque o Pacto de Lausanne tratou diretamente desse assunto. Eis o parágrafo cinco, intitulado "Responsabilidade Social Cristã":

> *Afirmamos que Deus é tanto Criador como Juiz de todos os homens. Portanto, devemos participar dessa solicitude divina pela justiça e reconciliação em toda a sociedade humana. e pela libertação do homem de toda forma de opressão. Sendo o ser humano feito à imagem de Deus, toda pessoa, independentemente de raça, religião, cor, cultura,*

[85] *Ensaios do Bispo K. H. Ting, Love Never Ends (Yilin Press, 2000), p. 198-199.* [86] *Bonino, Revolutionary Theology Comes of Age, p. xv.*

> *camada social, sexo ou idade, possui uma dignidade intrínseca, razão pela qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Quanto a isto, também, externamos o nosso arrependimento por nossa negligência por termos, às vezes, considerado a evangelização e ação social como mutuamente incompatíveis. Embora a reconciliação do homem com o homem não signifique a reconciliação deste com Deus, nem a ação social evangelização, e nem a emancipação política salvação, contudo, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sociopolítico são ambos parcelas do nosso deve cristão. Ambos são expressões necessárias das nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, do nosso amor para com o próximo e da nossa obediência a Jesus Cristo...*[87]

Agora precisamos voltar ao Jesus libertador e à convicção de jovens idealistas de que ele é o defensor dos pobres e oprimidos. Quando Salvador Allende, o presidente marxista do Chile, caiu em 1973, realizou-se uma grande concentração de estudantes marxistas em Quito, Equador. O discurso foi feito por Leonides Proaño, Bispo de Riobamba, que, embora conhecido por *o bispo rojo* (o bispo vermelho), não era de fato marxista, pois insistia que a motivaçâo para seu ministério não era Karl Marx, mas Jesus Cristo, que se identificou com os pobres. Assim, na concentração por Allende, ele proclamou o Jesus autêntico e compassivo, o Jesus crítico em relação à ordem estabelecida, o Jesus radical dos evangelhos. No período de perguntas que se seguiu, os estudantes reagiram: "Se conhecêssemos *esse* Jesus, nunca nos teríamos tornado marxistas".

11. Cristo, o Messias judaico: N. T. Wright

Exílio e êxodo

Um dos primeiros movimentos heréticos que surgiram na igreja primitiva foi o docetismo, a crença de que a humanidade, os sofrimentos e

[87] *A Missão da Igreja no Mundo Hoje (ABU, 1982), p. 241-242.*

a morte de Jesus foram só aparentes (de *dokein*, aparentar) e não reais. Baseados na concepção grega de que a matéria é má, os docetas negavam a humanidade genuína de Jesus e, com isso, tanto a encarnação como a expiação. O apóstolo João percebeu a seriedade desse ensino e o confrontou tanto em seu evangelho como em suas cartas. "De fato, muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo" (2 Jo 7).

Alguns hoje levam culpa pela mesma heresia sem se darem conta disso. Eles sabem que atualmente é mais comum negar a deidade que a humanidade de Jesus. Assim, gastam tempo e energia para defender as provas de sua divindade até que, no processo, ele já não é mais um ser humano autêntico.

Se, porém, Jesus era um ser humano, era também uma figura histórica que viveu num tempo específico num lugar específico e dentro de uma cultura específica. Todas essas particularidades faziam parte de sua realidade histórica. Negá-las seria rejeitar alguns aspectos essenciais de sua identidade.

Em 1937, Henry J. Cadbury, professor de Harvard, produziu o livro *The Peril of Modernizing Jesus*. Ele observou que os grandes mestres italianos e holandeses "simplesmente não podem alegar verossimilhança palestina". E nem tentam. Pelo contrário, modernizam seus personagens. Assim, Adão é retratado num Jardim do Éden flamengo exuberante, Dalila tosa os cabelos de Sansão com tesouras de prata gofrada e Maria Madalena usa penteado flamengo, enquanto o tempo todo o cenário é ou as "campinas italianas ou os pôlders da Holanda".[88] Em contraste, escreve Cadbury, o alvo de seu livro era "minimizar a modernidade de Jesus", reconhecendo, ao mesmo tempo, sua originalidade e sem cair no extremo oposto, o de "torná-lo arcaico demais".[89] Seu terceiro capítulo é intitulado "o caráter judaico dos evangelhos", em que enfatiza o caráter judaico do próprio Jesus. Nossa tendência é esquecer o contexto de Jesus na Palestina do primeiro século e criar um Jesus à nossa semelhança e gosto. Fazemos com ele o que fizeram os soldados de Pilatos o despiram das próprias roupas, vestiram-nos com uma capa militar

[88] *H. J. Cadbury, The Peril of Modernizing Jesus (Macmillan, 1937), p. 1.* [89] *Ibid., p. 48.*

vermelha e zombaram dele. "Os soldados colocaram em Jesus o mesmo tipo de roupa que usavam".[90] Temos a tendência de fazer o mesmo hoje. Vestimos Jesus com "nossos pensamentos".[91]

É em relação ao caráter judaico de Jesus que eu gostaria de me referir à obra de um teólogo contemporâneo, Dr. Tom Wright.[92] Ele é um estudioso muito capaz do Novo Testamento, tendo escrito livros acadêmicos e populares. Também um bravo defensor da ortodoxia cristã contra (por exemplo) o reducionismo radical do "Seminário de Jesus".

A ênfase principal de Dr. Wright é que Jesus deve ser localizado no contexto do judaísmo palestino do primeiro século; e sua hipótese principal é que o cativeiro babilónico (iniciado em 587 a.C.), embora encerrado *geograficamente* mais no fim do século VI, continuava *teologicamente* no primeiro século d.C. Israel vivia sob domínio estrangeiro. Mas agora, finalmente, o Messias os resgataria num novo êxodo que seria o clímax da história.

Jesus, portanto, ao proclamar a chegada do reino, estava também agenciando o fim do exílio. Mas sua mensagem era bem diferente das opções populares. Estas eram (1) a opção de Qumran, de separatismo e quietismo, (2) a opção do rei Herodes, de transigência política e (3) a opção zelote de revolução violenta.

Em lugar delas, quando andava de vilarejo em vilarejo, Jesus instava as pessoas a se arrependerem (i.e., rejeitar as outras opções) e aceitar sua contra-agenda radical (i.e., os métodos do reino: não-retaliação, misericórdia e amor pelos inimigos). Assim, Israel foi redefinido e reconstituído, com os doze apóstolos como seu núcleo e Jesus, seu centro.

---

[90] *Ibid., p. 42.* [91] *Ibid.* [92] *O Cânon de Westminster do Rev. Dr. N. T Wright. Foi Tom Wright quem afirmou no início da década de 80 que havia começado a "Terceira Busca" do Jesus histórico. Todos esses estudiosos saíram ao trabalho como historiadores, decididos a colocar Jesus em seu contexto judaico. Entre eles estavam Anthony Harvey, Jesus and the Constraints of History (Duckwpth, 1982), Marcus J. Bong, Conflict, Holiness and Politics in the Teaching of Jesus (Edwin Mellen Press, 1984), E. P. Sanders, Jesus and Judaism (SCM, 1985), Gerd Theissen, The Shadow of the Galilean (SCM, 1986) e James H. Charlesworth, Jesus within Judaism (SCM, 1988).*

A dádiva do perdão de Jesus demonstrou que o exílio (a pena do pecado) estava encerrado. Seus milagres de cura, livrando as pessoas de deficiências (cegueira, surdez, etc.) que as excluiriam da comunidade de Qumran, mostraram que o reino seria caracterizado por uma inclusividade básica. O fato de receber párias sociais e comer com eles mostrou que o banquete messiânico havia começado. Além disso, o povo de seu reino deve renunciar à preocupação com a própria identidade e aceitar, em lugar dela, sua vocação de ser luz do mundo. Por meio de Jesus, Israel seria renovado, o mundo seria abençoado.

Nesse caso, será que Jesus mesmo acreditava ser o Messias? Sim, de acordo com Dr. Wright, que entra em grandes detalhes quanto às implicações messiânicas de vários textos. Em particular, ele destaca dois atos simbólicos complementares que Jesus realizou de maneira deliberada e que "resumia toda sua obra e agenda".[93]

Primeiro, Jesus purificou o templo, indicando que o sistema corrupto de então estava maduro para julgamento e que ele o substituiria, de modo que no futuro a presença pessoal de Deus seria encontrada em qualquer lugar em que ele e seu povo estivessem.

Em segundo lugar, a última ceia era a nova refeição da Páscoa, a festa do reino para celebrar o fim do exílio, o verdadeiro exílio e a nova aliança.

Mas também se esperava que o Messias travasse a batalha final contra o inimigo. Jesus também transformou essa expectativa. Ele suplantava o mal não pela violência, mas pela não-violência, dando a outra face. Ele entendia a cruz como o ápice de sua vocação para identificar-se com Israel, para tomar sobre si o julgamento que ameaçava a nação e para carregar os sofrimentos de Israel como seu representante. Ele foi vindicado como o Messias pela ressurreição.

Será que Jesus também acreditava que era divino em algum sentido? A essa pergunta Dr. Wright dá uma resposta ambígua. Num ponto escreve de maneira abrupta: "Não penso que Jesus soubesse que era Deus".[94] Mas essa declaração vem no meio de uma seção sobre diferentes tipos de

[93] *N. T. Wright, Jesus and the Victory of God (SPCK, 1996), p. 609.* [94] *N. T. Wright, The Challenge of Jesus (SPCK, 2000), p. 90. Cf também ibid., p. 653.*

"conhecimento". Ele prossegue escrevendo que Jesus "acreditava que precisava fazer e ser, para Israel e para o mundo, aquilo que, de acordo com as Escrituras, só o próprio Javé podia fazer e ser".[95] Assim, no novo êxodo, ele não só era o novo Moisés, mas a coluna de nuvem e fogo, conduzindo o povo à liberdade; e agora sua última jornada para Jerusalém, culminando na entrada triunfal, parece ter sido um cumprimento dramático da expectativa daquele dia após o exílio em que Javé voltará a Sião. Ao afirmar que era o novo templo, Jesus estava dando a entender que era o *Shekinah*[96] em pessoa, a presença de Javé entre seu povo. Jesus também alegou possuir autoridade superior para ensinar até a Torá, o que o tornava "não um novo Moisés, mas, num sentido ou outro, um novo Javé".[97] Ou, resumindo, Dr. Wright diz: "Jesus ... incorporaria nele mesmo os efeitos de retorno e redenção da aliança divina".[98] Como ele poderia fazer essas afirmações de autoridade e ação divinas e não crer que era Deus?

Sem dúvida, é absurdo tentar resumir num parágrafo ou dois o argumento bem elaborado de vários livros. Também tenho consciência de que não expresso apreço suficiente pela abrangência, frescor e reverência com que Dr. Wright desenvolve sua tese. Mas nem todos os estudiosos conseguem aceitar sua reconstrução. O debate decerto permanece. Só tenho algumas perguntas:

Em primeiro lugar, é certo que o tema do exílio–êxodo era central no judaísmo palestino do século I e no entendimento de Jesus?

Segundo, não sabemos como Jesus passou a saber quem era. Também não podemos sondar sua autoconsciência. Mas é necessário, para manter sua verdadeira humanidade, evitar dizer que ele sabia quem era? É certo que ele reclamou autoridade divina para perdoar, ensinar e julgar.

Terceiro, há afirmações elaboradas sobre o Messias crucificado como o representante de Israel e sobre a cruz como a verdadeira janela para o centro do coração do Deus de amor. Dr. Wright também faz distinção clara entre respostas "históricas" e "teológicas" ao debate sobre o porquê da

---

[95] *Wright, The Challenge of Jesus, p. 91.* [96] *A Shekinah era a manifestação visível da presença imanente de Deus no templo.* [97] *Wright, The Challenge of Jesus, p. 84.* [98] *Ibid., p. 92; Wright, Jesus and the Victory of God, p. 653.*

morte de Jesus. Entretanto, sinto falta de um exame mais detido na frase crucial de resgate (Mc 10.45).

Quarto, Tom Wright alude várias vezes ao ápice e consumação da história. Mas ele inverte a direção da "vinda" de Cristo, de um "movimento descendente levado por nuvens" para sua exaltação da terra para o céu, envolvendo sua vindicação.[99] Isso significaria que a *parousia* pessoal, visível e gloriosa de Jesus Cristo foi completamente dissolvida em imagens apocalípticas?

Para concluir, aprecio a determinação de Dr. Wright em romper as barreiras entre a academia e a igreja, e seu compromisso apaixonado com a missão. Ele escreve sobre a oportunidade de uma "missão cristã séria e alegre ao mundo pós-moderno".[100]

Voltamo-nos a seguir para o tópico da missão.

12. Cristo, o Senhor global: Missão no século XX

De Edimburgo, 1910, a Lausanne, 1974

Foi o Cristo ressurrecto que fez a grande afirmação de que toda a autoridade lhe foi dada no céu e na terra (Mt 28.18). Por conseguinte, a igreja sempre vem testificando de sua soberania universal. Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome acima de todos os nomes (ou seja, Deus o colocou num nível superior a todos os outros), para que todo joelho dobre-se diante dele e toda língua o confesse "Senhor" (Fp 2.9-11). Essa é a base fundamental de missão mundial da igreja, conforme bem foi ilustrado no século XX.

Em 1910, realizou-se em Edimburgo a Conferência Missionária Mundial, sob a presidência de John R. Mott. Esse evento foi preparado ao longo de um período de mais de dezoito meses por oito comissões internacionais, cujos relatórios impressos foram lidos previamente pelos cerca de 1.200 delegados. John Mott mesmo afirmou que, pelo planejamento, pessoal, espírito e promessa, aquele era "o encontro mais significativo de

[99] *Wright, Jesus and the Victory of God, p. 361.* [100] *Ibid., p. 151.*

todos os tempos realizado em favor da evangelização mundial".[101]

O livro de John Mott, *The Decisive Hour of Christian Missions*, transpira euforia gerada durante a conferência. Diante dos despertamentos espirituais no Sudeste Asiático, dos movimentos de massa na Índia, do rápido progresso do evangelho na África, do enfraquecimento da influência de outras religiões e da "onda espiritual crescente no mundo não-cristão",[102] Mott escreveu que havia "base abundante para ter esperança e confiança".[103] Aliás, "é indubitável que se está preparando o caminho para que grandes massas de pessoas em muitas terras aceitem o cristianismo".[104] E, usando o que consideraríamos uma metáfora militar infeliz, Mott prosseguiu: "No campo de batalha mundial do cristianismo ... a vitória está segura..."[105]

Os delegados deixaram Edimburgo exultantes e inspirados. Eles não tinham ilusões quanto à imensidão da tarefa. Sabiam que ainda havia cerca de um bilhão de não-cristãos no mundo, dos quais não mais que um quinto já havia ouvido claramente acerca de Cristo. Mas estavam decididos. Em concordância com John Mott, entendiam que "é tarefa da igreja cuidar para que essa vergonha de longa data seja completamente removida".[106] Além disso, "é mais que tempo de a igreja atacar de maneira deliberada e resoluta algumas das fortalezas quase impugnáveis até o presente".[107] Eles acreditavam (um tanto ingênuos) que sob a influência de Cristo, outras religiões desapareceriam gradualmente, como os antigos deuses da Grécia e de Roma.

Quem imaginaria que nos poucos anos seguintes essa ênfase missionária evaporaria quase que por completo? Houve duas razões principais. Primeiro vieram os horrores da Primeira Guerra Mundial em 1914. Não só os cristãos ficaram divididos pelo conflito, como quase todos os empreendimentos internacionais foram prejudicados. E quando começou a reconstrução do pós-guerra, o mundo havia mudado e progredido.

Depois, a disseminação da teologia liberal entre as guerras colocou em discussão o conteúdo do evangelho e minou a confiança das pessoas

---

[101] *J.R.Mott, The Decisive Hour of Christian Missions (Student Volunteer Movemente, 1910), p.v.* [102] *Ibid., p. 94.* [103] *Ibid., p. 69.* [104] *Ibid., p. 39.* [105] *Ibid., p. 69.* [106] *Ibid., pp. 100-101.* [107] *Ibid., p. 106.*

nele. Isso ficou muito evidente nas duas conferências missionárias seguintes – em Jerusalém (1928) e em Tambaram, nas proximidades de Madras (1938). Enquanto em Edimburgo o ambiente era de confiança, em Jerusalém e Tambaram foi em geral tímido e hesitante.

Em Jerusalém (1928) reuniu-se um grupo comparativamente pequeno de cerca de 200 pessoas, mas o notável foi que cerca de cinqüenta delas pertenciam ao que eram então consideradas igrejas "jovens". Sua agenda maior, portanto, incluía relações entre as igrejas mais jovens e mais antigas, além de tópicos como relações raciais, questões urbanas e rurais, educação religiosa e a ameaça do secularismo. Teologicamente, reinava o relativismo. O cristianismo já não podia ser considerado nem único nem definitivo. William Temple salvou do desastre a conferência esboçando a "Mensagem", que incluía o epigrama acerca do evangelho de que ele "ou é verdade para tudo ou não é verdade para nada".

A Conferência Missionária Mundial em Tambaram (1938) reuniu cerca de 500 delegados, e os representantes das igrejas jovens eram iguais em número e condição aos das igrejas mais antigas. Mas a característica mais marcante de Tambaram foi o duro embate entre William E. Hocking e Hendrik Kraemer. Hocking era professor de filosofia em Harvard. Seu livro, *Re-thinking Missions*, fora publicado em 1932, de modo que os participantes da conferência haviam tido tempo para escrutiná-lo. Nele acabavam-se as velhas convicções missionárias. Assim também qualquer declaração de exclusividade em relação a Cristo. A busca de conversões foi desaprovada, devendo ser substituída pelo melhor em todas as religiões. O alvo maior da missão, dizia-se, era o surgimento de uma comunhão mundial de fés.

O sparring de Hocking em Tambaram foi Hendrik Kraemer, um leigo da Igreja Reformada Holandesa, experiente missionário-lingüista na Indonésia. Ele fora convidado a escrever um livro para a conferência. Este foi publicado em 1938 sob o título *The Christian Message in a non-Christian World*. Influenciado por Karl Barth (cuja investida contra o liberalismo em seu comentário de Romanos aparecera em 1919), ele defendia o que chamava de "realismo bíblico". Ele sustentava que havia uma descontinuidade radical entre a revelação singular de Deus em Jesus Cristo e todas as religiões humanas.

Esse debate continua hoje; não foi resolvido de modo algum. Um ano após Tambaram, irrompeu a Segunda Guerra Mundial e, de novo, houve uma suspensão geral das relações ecumênicas até que ela terminasse. Então, em 1948, realizou-se a primeira assembléia do Conselho Mundial de Igrejas em Amsterdã e, em 1961, em sua terceira assembléia em Nova Delhi, amalgamaram-se o Concílio Mundial de Igrejas e o Concílio Missionário Internacional. Garantia-se que a fusão levaria a missão à linha de frente da agenda do Concílio Mundial. Mas isso não ocorreu. Pelo contrário, o Concílio Mundial continua se afastando do evangelho bíblico.

Não que todos os líderes conciliares tivessem tomado o mesmo rumo. Por exemplo, Visser't Hooft, o primeiro Secretário Geral do Concílio Mundial de Igrejas, escreveu no livro *No Other Name*: "É mais que tempo de os cristãos redescobrirem que o ponto mais central de sua fé é que Jesus Cristo não veio para fazer uma contribuição para o depósito religioso da humanidade, mas que nele Deus reconciliou consigo o mundo".[108]

Ainda mais contundente é a declaração direta feita pelo falecido Bispo Lesslie Newbegin:

> *O embaraço contemporâneo com o movimento missionário do século passado não é, como gostamos de pensar, evidência de que nos tornamos mais humildes. É, temo, evidência muito mais clara de uma mudança no que se crê. É evidência de que estamos menos dispostos a afirmar a singularidade, a centralidade, o caráter decisivo de Jesus Cristo como Senhor e Salvador universal; o Caminho pelo qual o mundo, se o seguir, encontrará seu verdadeiro alvo; a Verdade pela qual qualquer outra alegação de verdade deve ser testada; a Vida, a única em quem se encontra a vida em sua plenitude.*[109]

O fato é que durante o último quarto do século XX, a iniciativa mis-

---

[108] *Visser't Hooft, No Other Name (SCM, 1963), p. 95.* [109] *The International Bulletin of Missionary Research (April, 1988). Publicado pelo Overseas Ministries Study Centre, New Haven, Connecticut, USA.*

sionária passou do Concílio Mundial para o movimento de Lausanne, lançado pelo Dr. Billy Graham. O Congresso Internacional de Evangelização Mundial foi realizado em Lausanne, Suíça, em 1974. Cerca de 2.700 participantes (50% do mundo em desenvolvimento) reuniram-se vindos de 150 nações e, após nove dias de intensa atividade, endossaram o Pacto de Lausanne que, de acordo com um teólogo da Ásia, talvez se prove "a confissão ecumênica mais significativa sobre evangelização jamais produzido pela igreja". E ele é ainda mais importante porque sua base é a do "pluralismo" que insiste na igual legitimidade de toda religião.

O Pacto consiste em quinze parágrafos e cito aqui o terceiro parágrafo sobre "A Natureza Ímpar e Universal de Cristo". É assim que a igreja proclama "Jesus Cristo o Senhor global":

> *Afirmamos que só existe um Salvador e um só evangelho ... Reconhecemos que todos os homens têm algum conhecimento de Deus através de sua revelação geral na natureza. Mas contestamos que tal conhecimento possa salvar alguém, pois os homens detêm a verdade pela injustiça. De igual modo, rejeitamos como sendo depreciativa a Cristo e ao evangelho toda forma de sincretismo ou de diálogo que implique em concordarmos que Cristo fale de modo igual através de todas as religiões e ideologias. Jesus Cristo, o único Deus-Homem, que deu a si mesmo como a única redenção pelos pecadores, é o único mediador entre Deus e o homem. Não existe outro nome pelo qual devamos ser salvos ... Jesus Cristo foi exaltado sobre todo e qualquer nome: anelamos pelo dia em que todo o joelho se dobrará perante Ele e toda língua o confessará como Senhor.*[110]

Conclusão: Autenticidade *versus* acomodação

Tivemos um panorama rápido – e inevitavelmente seletivo – da história da igreja, considerando um dúzia de seus movimentos influentes e

[110] *A Missão da Igreja no Mundo de Hoje, p. 240-241.*

líderes. Não é impressionante a extraordinária versatilidade da igreja ao pintar e repintar o retrato de Jesus?

Ao fazê-lo, a igreja tem motivações dúbias. É bom apresentar Jesus sob a melhor das luzes para recomendá-lo ao mundo. Mas não é bom, para tanto, eliminar do retrato tudo o que possa ofender, inclusive a ofensa da cruz. Isso seria alcovitar para os "desprezadores cultos" conforme Schleiermacher os chamava. Sempre há um preço a pagar por esse tipo de acomodação débil mental. Jesus é arrancado de seu contexto original. Ele fica manipulado e domesticado, e o que então se apresenta ao mundo é um anacronismo, até uma caricatura.

Como evitar esse erro em nós? Como apresentar Jesus Cristo ao mundo, de modo que seja simultaneamente autêntico e relevante? Ao que parece, é necessário uma dupla disciplina: negativa e positiva. A negativa é livrar nossa mente de todos os prejulgamentos e preconceitos e renunciar, de modo resoluto, a toda tentativa de forçar Jesus a caber em nosso molde predeterminado. Em outras palavras, precisamos nos arrepender do "procrusteanismo" cristão. Procrustes, na mitologia grega, era um ladrão violento que compelia as vítimas a se moldarem às dimensões de sua cama de ferro. Se fossem muito pequenos, os esticava. Se fossem grandes demais, cortava-lhes os pés. O "Procrustes" cristão demonstra inflexibilidade semelhante, forçando Jesus a se adaptar ao seu jeito de pensar e recorrendo a medidas impiedosas para conseguir que ele se conforme. Deus nos livre de Proscrustes e de todos os seus discípulos!

Segue-se o contraponto positivo. Precisamos abrir a mente e o coração para o que o texto bíblico nos dá, seja lá o que for, e ouvir todo o testemunho que o Novo Testamento dá de Cristo, conforme tentamos fazer na parte I. O Jesus autêntico é o Jesus original, o Jesus do testemunho apostólico no Novo Testamento. Por mais que admiremos a versatilidade criativa das muitas apresentações de Jesus feitas pela igreja, precisamos continuar voltando aos retratos do Novo Testamento como a norma pela qual devem ser julgados os retratos pintados pela igreja.

C. S. Lewis viu aqui uma analogia com a apreciação da arte. Ele escreve: "Precisamos observar e continuar observando até termos certeza

de que vimos exatamente o que está ali. Sentamo-nos diante do quadro para que algo se faça em nós, não para fazermos alguma coisa com ele. A primeira exigência que qualquer obra de qualquer arte nos impõe é o auto-abandono. Veja. Ouça. Receba. Fique fora do caminho".[111]

Essa dupla disciplina é da máxima necessidade na evangelização. Muitas vezes, não é que as pessoas rejeitam Cristo, mas um pseudo-Cristo. Dr. Peter Kuzmic, presidente do Seminário Teológico Evangélico em Osijek, Iugoslávia, explica isso da seguinte maneira:

> *Precisamos renovar a credibilidade da missão cristã. Missões e evangelização não são em princípio uma questão de metodologia, dinheiro, administração e números, mas de autenticidade, credibilidade e poder espiritual ... Ao sairem para evangelizar na Iugoslávia, com freqüência digo aos nossos seminaristas que nossa principal tarefa talvez seja simplesmente "lavar o rosto de Jesus", pois ele vem sendo manchado e distorcido pelas concessões feitas pelo cristianismo institucional ao longo dos séculos e também pela propaganda antagônica do comunismo ateu em décadas recentes.*[112]

Assim, pela atenção minuciosa ao testemunho do Novo Testamento e em favor da evangelização autêntica, espera-se que nossa visão de Cristo continue a se aclarar. Em todo o caso, por mais turva e distorcida que ainda possa ser a imagem que temos dele, foi-nos prometido que quando Cristo aparecer em glória "o veremos como ele é" (1 Jo 3.2), o Cristo autêntico e incomparável.

---

[111] *C. S. Lewis, An Experiment in Criticism (CUP, 1961), p. 16.* [112] *Citado de "A Credible Response to Secular Europe" em The Evangelical Review to Theology, June 1994.*

PARTE III

O JESUS INFLUENTE
(ou como ele tem inspirado as pessoas)

O Jesus influente

Introdução: A história de Jesus

Na Parte II consideramos as várias apresentações que a igreja veio fazendo ao longo dos séculos. Na Parte III invertemos a ordem e consideramos a influência de Cristo na igreja, aliás, no mundo. A pergunta que estamos fazendo foi bem expressa por K. S. Latourette da Universidade de Yale ainda no início de sua extensa obra em sete volumes intitulada *The History of the Expansion of Christianity*. É a seguinte: "Simplesmente, que diferença faz no mundo o fato de Jesus ter vivido?"[1]

Não é tão simples respondê-la como pode parecer à primeira vista. Primeiro, temos de fazer distinção entre a influência de Cristo no mundo e a influência da civilização ou cultura, que é um amálgama de muitas influências (e não só influências cristãs). Segundo, citando Latourette de novo, "também precisamos observar a ligação estreita entre o efeito do cristianismo em seu ambiente (social) e o efeito do ambiente no cristianismo".[2] Terceiro, precisamos reconhecer com humildade que o cristianismo (ainda que não pessoalmente Cristo) tem exercido tanto influências más como boas. Estou pensando em alguns dos pontos cegos da igreja como as Cruzadas, a Inquisição, o fato de não conseguir abolir a escravidão até 1.800 anos depois de Cristo e o imperialismo de algumas missões cristãs nos últimos dois séculos. Refletindo sobre coisas desse tipo, tudo o que podemos fazer é baixar a cabeça envergonhados.

Mesmo assim, ainda é possível afirmar – com cautela, mas confiança – que Jesus Cristo tem exercido uma influência enorme para o bem, não só na arte e na arquitetura, música e pintura, ciência, democracia e sistemas legais, mas especialmente nos padrões morais e valores, tais como a dignidade da pessoa humana.[3] Aliás, dificilmente seria culpado de hipér-

---

[1] *K. S. Latourette, The History of the Expansion of Christianity (Eyre and Spottiswoode, 1938), vol. I, p. 240.* [2] *Ibid., Vol. I, p. 241.*

bole quem afirmasse: "Todos os exércitos que jamais marcharam, todas as esquadras que jamais navegaram, todos os parlamentos que jamais se reuniram e todos os reis que jamais reinaram, juntos, não afetaram nossa vida sobre a terra tanto quanto aquela única vida solitária".[4]

O que me fascina é que diferentes cristãos têm sido influenciados por diferentes aspectos de Cristo a cumprir diferentes tarefas. O centro de nossa atenção na Parte III não é agora a história da igreja (e sua apresentação de Cristo), mas a história de Jesus (e seu desafio à igreja). As duas histórias decerto têm interseções: por exemplo, se Francisco de Assis teve influência na maneira de a igreja apresentar Cristo (o que de fato ocorreu), Cristo também influenciou a maneira pela qual Francisco desenvolveu o movimento franciscano. Ainda assim, as duas influências são distintas. Vamos considerar agora todo o ciclo da carreira de Jesus, desde sua primeira vinda à expectativa da segunda, e ver como cada estágio (seja um episódio, seja um ensino, nos evangelhos) tem fisgado a imaginação de alguém e o inspirado à ação.

1. O estábulo de Belém: Francisco de Assis

O nascimento do rei pobre

Em 1926, nos 700 anos da morte de São Francisco, algo como dois milhões de peregrinos visitaram Assis, o local de seu nascimento no centro da Itália. Na época, o Papa Pio XI confirmou oficialmente a designação extra-oficial de Francisco de Assis como "Alter Christus", "o segundo Cristo", tamanha era a semelhança que se atribuía a ele.

O que foi que inspirou Francisco a assumir uma vida de absoluta po-

---

[3] *Veja, por exemplo, H. R. Niebuhr, Christ and Culture (Fazer, 1952); P. Brooks, The Influence of Jesus (Macmillan, 1903) e W. B. Carpenter, The Witness to the Influence of Christ (Archibald Constable, 1905).* [4] *Intitulado* One Solitary Life, *mas anônimo, esse eloqüente testemunho tem sido citado com freqüência, mais recentemente por George Carey, Arcebispo da Cantuária, em sua mensagem do milênio, Jesus 2000.*

breza e simplicidade? Era em parte o ensino de Jesus, a saber, seu convite à abnegação e sua tarefa missionária deixada aos Doze. Mas em particular foi o exemplo de Jesus que Francisco ansiava por imitar em conformidade estrita e literal. Em particular, Francisco viu em seu nascimento num estábulo a suprema expressão a pobreza auto-imposta do Filho de Deus.

Parece que se passaram três ou quatro séculos após o nascimento de Cristo até o Natal gozar de uma posição fixa no calendário da igreja ocidental e ser regularmente celebrado pelos cristãos. Em parte, isso pode ter sido causado por uma confusão. As pessoas falavam de Cristo conduzindo sua carruagem cruzando o céu como o Filho de Deus. Aliás, porque os cristãos cultuavam aos domingos e com freqüência voltavam-se para o Oriente para fazê-lo, muitos pagãos pensavam que os cristãos cultuavam o sol. Foi apenas no século IV que a igreja ocidental começou a celebrar 25 de dezembro (o nascimento do Deus Sol no solstício de inverno, o dia mais curto do ano) como a natividade de Cristo.

Francisco encontrou grande inspiração nas circunstâncias em torno do nascimento de Jesus. "Ele dizia palavras fascinantes a respeito da natividade do Rei pobre e da cidadezinha de Belém".[5] Muitas vezes ele falava de Jesus "o Menino de Belém" e dizia-se dele que "O Menino de Belém está esquecido no coração de muitos; mas, por obra de sua graça, tem ganhado vida novamente por meio de seu servo S. Francisco".[6] Assim, "Francisco observava o aniversário do Menino Jesus com ávido interesse acima de todas as outras festas, dizendo que era a festa das festas em que Deus, tendo-se tornado um pequeno bebê, agarrava-se aos corações humanos."[7]

Embora a centralidade da cruz esteja nítida na fé e vida de Francisco, ele mantinha juntos no coração e na mente a encarnação e a crucificação, Cristo no berço e Cristo na cruz, pois via um e outro como manifestações da humildade e da pobreza divina que resolveu imitar. Ele acreditava ter sido comissionado para proclamar o reino, servir aos necessitados, renun-

---

[5] *M. A. Habig (ed.), St Francis od Assisi: Writing and Early Biographies (Herald, 1972), p. 301.* [6] *Ibid., p. 301.* [7] *Thomas of Celano, The Second Life of St Francis (J. M. Dent & Co., 1904), p. 521.*

ciar ao dinheiro e até viver sem uma muda de roupa.

Isso não significa que rejeitasse ou subestimasse o mundo material ou as boas dádivas do bom Criador. Pelo contrário, ele é bem conhecido por celebrar as criaturas de Deus, chamando-as de "irmãos" ou "irmãs" e alegrando-se nesses relacionamentos. Seu "Cântico do Sol" permanece como uma bela expressão de louvor, não obviamente à natureza, mas ao Deus da natureza. Ao que parece, ele não via dicotomia entre o reconhecimento do mundo natural como dádiva de Deus e a renúncia às posses materiais.

Outros, porém, sentem aqui um conflito não resolvido. G. K. Chesterton, por exemplo, em sua famosa obra sobre Francisco,[8] dá o título de "O Problema de S. Francisco" ao primeiro capítulo. Qual era esse problema? Chesterton, que em geral é considerado o mestre do paradoxo, encontrou em Francisco várias inconsistências, até contradições. Como conciliar a alegria de Francisco com a natureza e seu ascetismo rigoroso, perguntava; sua "alegria e austeridade",[9] "como ele glorifica o ouro e a púrpura e como persiste em andar vestido de trapos",[10] "sua fome por uma vida feliz" e "sede por uma morte heróica"?[11]

É impossível ler a história de Francisco sem ficar profundamente tocado, mesmo que não possamos concluir, como G. K. Chesterton, que Francisco "viveu para mudar o mundo".[12] Além disso, arrisco-me a perguntar: Será que a decisão de Francisco de imitar a Cristo em todas as coisas não foi literal demais? Será que não lhe passou despercebida a linguagem viva e dramática que Jesus empregava com freqüência? Por exemplo, em Lucas 14.25-33, Jesus apresentou três condições sem as quais um candidato a seguidor, disse, "não pode ser meu discípulo". Primeiro, ele deve "odiar" pai e mãe, esposa e filhos, irmãos e irmãs. Depois, deve "carregar sua cruz" e seguir a Cristo. Terceiro, deve "renunciar a tudo o que possui". Agora, certamente não temos permissão para diluir o remédio poderoso do evangelho. Ainda assim, "levar a cruz" é sem dúvida não literal; Jesus não exigiu que todos os seus discípulos fossem crucificados. A ordem de odiar nossos parentes mais chegados também não pode ser entendida li-

[8] *G. K. Chesterton, ST Francis of Assissi (1923; Hodder and Stoughton, 23. ed., 1943).* [9] *Ibid., p. 15.* [10] *Ibid., p. 17.* [11] *Ibid.* [12] *Ibid., p. 189.*

teralmente; é pouco provável que o Jesus que nos mandou amar até nossos inimigos nos mandasse odiar nossa própria família. Do mesmo modo, é certo que a terceira ordem (renunciar às propriedades) também não deve ser entendida literalmente. Não se trata de uma evasão covarde do ensino de Jesus, mas de um desejo honesto de descobrir o que ele estava querendo dizer. O preço do discipulado implica colocar Cristo à frente em tudo, até mesmo de nossos parentes, nossas ambições e nossas posses.

2. O banco do carpinteiro: George Lansbury

A dignidade do trabalho braçal

Sabemos bem pouco sobre os chamados "anos ocultos" de Jesus, antes do início de seu ministério público. A única história que sobreviveu desses dias é o relato de Lucas sobre como, aos doze anos, ele visitou Jerusalém e se perdeu no templo (Lc 2.41-51).O versículo imediatamente anterior cobre os doze anos entre seu nascimento e sua visita a Jerusalém, enquanto o versículo imediatamente posterior cobre os dezoito anos entre a visita a Jerusalém e seu batismo. Esses dois versículos (40 e 52) são, portanto, pontes; eles nos contam que Jesus crescia em sabedoria, bem como em estatura, e em favor diante de Deus e dos homens, e que a graça de Deus repousava sobre ele. Presume-se que isso seja tudo o que se espera que saibamos e tudo o que precisamos saber acerca dos primeiros trinta anos da vida de Jesus sobre a terra.

Em todos os quatro evangelhos a palavra "carpinteiro" aparece só duas vezes. Mateus refere-se ao "filho do carpinteiro" (13.55), enquanto Marcos registra a pergunta feita pelos habitantes da vila de Nazaré: "não é este o carpinteiro?" (6.3). Supomos com isso que José trabalhava como carpinteiro, que Jesus foi seu aprendiz e que talvez o tenha sucedido quando ele morreu.

A palavra *tektōn* podia ser usada para designar qualquer artesão ou artista, mas normalmente denotava alguém que trabalhasse com madeira: marceneiro, carpinteiro ou construtor. Como escreveu William Barclay, o *tektōn* podia "construir qualquer coisa: desde um galinheiro até uma casa".[13]

[13] *W. Barclay. The Gospel of Mark em The daily Study Bible (St Andrew Press, 2. ed. 1956), p. 138.*

Em outras palavras, ele trabalhava com as mãos. Ao mesmo tempo, o Prof. Martin Hengel salienta que "Jesus mesmo não veio do proletariado de diaristas e arrendatários sem-terra, mas da classe média da Galiléia, os trabalhadores qualificados". Ele acrescenta que *tektōn* significava "pedreiro, carpinteiro, fabricante de carroças e marceneiro, tudo junto".[14] Justino Mártir, em meados do século II, afirmou em seu *Diálogo com Trifo, um Judeu*[15] que Jesus "costumava fabricar arados e jugos". Além de instrumentos agrícolas, parece provável que deve ter aprendido a montar e a consertar móveis domésticos como mesas, cadeiras, camas e armários.

É importante lembrar que os romanos e os gregos abominavam ter de trabalhar com as mãos. "Entre os judeus", porém, escreveu Alfred Edersheim, "o desprezo pelo trabalho braçal, uma das características dolorosas do paganismo, não existia. Pelo contrário, era considerado obrigação religiosa, com freqüência e muita seriedade insistia-se na necessidade de se aprender algum ofício, desde ele não levasse a extravagâncias nem propiciasse um desvio da observância pessoal da lei".[16] Assim, o Talmude registra o ditado do Rabino Judá no século II d.C.: "Aquele que não ensina o próprio ofício ao filho ensina-o a ser ladrão".[17] Os judeus sabiam que o trabalho fora ordenado por Deus como conseqüência da criação, não da queda.

O apóstolo referiu-se várias vezes em suas cartas ao próprio ofício. Em Atos 18.3 Lucas o denomina *skēnopoios* que, sendo *skēne* ou *skēnos* uma tenda, costuma ser traduzido "fabricante de tendas", embora alguns comentaristas prefiram "artesão de couro" ou "seleiro", já que as tendas no mundo antigo eram em geral feitas de couro. O certo é que Paulo trabalhava com as mãos e se orgulhava do próprio ofício.[18]

Depois de esboçar esse pano de fundo, estamos prontos para pergun-

---

[14] *M. Hengel, Property and Riches in the Early Church (SCM, 1974), p. 26-27.* [15] *Justino Mártir, Diálogo com Trifo, um Judeu, cap. 88, em Thomas Falls (ed.), Saint Justin martyr, The Fathers of the Church (Catholic Press of America, 1977), vol. 6, p. 290.* [16] *A. Edersheim, The Life and Times of Jesus the Messiah (Longmans Green, 2. e 3. ed., 1886), vol. I, p. 251-252.* [17] *Citado pelo Rev. I. Boseley, Christ the Carpenter, his trade and his teaching (Arthur H. Stockwell, s.d.), p. 52-53.* [18] *Cf. Gl 6.6; 1 Co 11.7ss.; 12.13; 1 Ts 2.9; 2 Ts 3.8.*

tar: quem foi inspirado pelo conhecimento de que Jesus trabalhou sentado num banco de carpinteiro?

Poderíamos começar nossa resposta referindo-nos à irmandade pré-rafaelita, pintores em meados do século XIX que se empenharam em reviver a fidelidade à natureza na arte. Em 1850 um de seus membros, J. E. Millais, completou o quadro "Cristo na Casa dos Pais" ou "A Oficina do Carpinteiro". O menino Jesus fica no centro do quadro. Vê-se que ele se machucou com um prego; José curva-se sobre ele para examinar o ferimento; Maria tenta consolar Jesus com um beijo e o jovem João Batista carrega uma bacia de água para banhar a ferida. Jesus se apóia no banco de trabalho que parece simbolizar o altar de sacrifício e através da porta vêem-se ovelhas num cercado.[19]

Vinte e dois anos mais tarde Holman Hunt, amigo de Millais, completou o quadro "A Sombra da Morte". Mais uma vez estamos na oficina do carpinteiro. Mas dessa vez Jesus é adulto, despido até a cintura, em pé ao lado de um cavalete de madeira. Numa pausa do trabalho, ele se estica, levantando os braços acima da cabeça, apelando, ao que parece, ao céu. Ao fazer isso, uma sombra escura em forma de um crucifixo é lançada na parede atrás dele, onde a prateleira de ferramentas parece uma barra horizontal e nos faz lembrar o martelo e os pregos da crucificação.[20]

Os dois quadros são deliberadamente simbólicos. Falam de maneira pungente da cruz, mas falam sobre a dignidade do trabalho braçal. Assim, em minha pesquisa, voltei-me a seguir para os líderes cristãos do antigo movimento operário britânico. Comecei com James Keir Hardie (1856–1915), pioneiro do movimento operário escocês. Ele criou um alvoroço quando entrou na Câmara dos Comuns vestindo boné de tecido e terno de tweed. Ele era claro em seu compromisso com Cristo, a quem muitas vezes referia-se como "o Carpinteiro de Nazaré". Mas a principal inspiração para sua obra era não o exemplo de Jesus Cristo, mas seu ensino, em especial o Sermão do Monte que interpretava de maneira um tanto ingênua como um manifesto socialista.

---

[19] *Veja H. de Borchgrave, A Journey into Christian Art (Lion, 1999), próprio. 173-174.* [20] *F. A. Rees, The Gospel in Great Pictures (Arthur H. Stockwell, s.d.), p. 19-21.*

Mais tarde, porém, outros trabalhadores sentiram-se encorajados pelo fato de Jesus ter pertencido à classe trabalhadora. Um sindicalista anônimo escreveu em 1921 um livreto intitulado *Jesus, o Carpinteiro e seu Ensino*. "Seja como for", escreveu,

> *a vida de Jesus é a vida de um trabalhador. Pode-se dizer que é muito mais, muito maior! E é. Mas em seus dias na carne ele era carpinteiro. Não temos tido muitos grandes poetas, heróis, mártires entre nós, trabalhadores. Mas Jesus, o Carpinteiro de Nazaré, era um dos nossos. E, portanto, nestes dias em que tanta coisa agita a mente dos trabalhadores, cada um e nós bem podia estudar a vida e o ensino do Carpinteiro de Nazaré.*[21]

De modo semelhante, Ira Boseley, em seu livro chamado *Christ the Carpenter, his trade and his teaching*, dedicado à Companhia Adoradora de Carpinteiros, diz que procurou retratar Jesus como "o único trabalhador perfeito".[22]

Mas o melhor exemplo que encontrei de um líder inspirado pelo Jesus carpinteiro é George Lansbury, que dominou o movimento operário britânico durante boa parte da primeira metade do século XX.

George Lansbury nasceu em 1859 na área rural de Suffolk, mas nunca permaneceu no campo. Ele vivia mudando de casa porque o pai trabalhava nas estradas de ferro, de modo que passou a maior parte da vida no extremo leste de Londres. Deixando a escola aos catorze anos, foi trabalhar descarregando carvão de barcos e trens. Mesmo em tenra idade, ele experimentou os desafios do trabalho braçal e as influências desumanizadoras da pobreza e da fome.

Mas o coração de George Landsbury estava na política, de modo que passou mais de meio século no governo local e nacional. Após breve flerte com o Partido Liberal e algumas tentativas malogradas de entrar no Parlamento, acabou eleito em 1910 como membro operário pelo Partido Conservador, mas renunciou ao cargo dois anos mais tarde. Na década

[21] *Jesus the Carpenter and his Teaching por um trabalhador (Mills and Boon, 1921), p. 68-69.*

[22] *Boseley, Christ the Carpenter, p. 15.*

seguinte, embora não tivesse assento na Câmara dos Comuns, foi incansavelmente ativo na causa do movimento operário. Editava o *Daily Herald* e falava em reuniões por todo o país.

Em 1922 ele voltou à Câmara dos Comuns, mas só em 1929 alcançou os gabinetes como Primeiro Comissário de Obras, com responsabilidade especial de cuidar dos Parques Reais em Londres. Ele conseguiu dispô-los para a recreação de pessoas da classe operária. Em 1931 assumiu uma cadeira do Partido Trabalhista no Parlamento e, assim, tornou-se líder da oposição.

Durante todos esses anos Gerge Lansbury foi imensamente popular. Seu físico avantajado, personalidade exuberante, pele rosada, costeletas, voz altissonante, sotaque londrino, sorriso infantil e sinceridade transparente faziam-no querido de todos. O ilustre historiador A. J. P. Taylor o descreveu num rodapé como "a figura mais cativante da política moderna".[23] Medida ainda melhor da amplitude de sua popularidade era o fato de ser conhecido entre as crianças do East End, bairro popular de Londres, que o saudavam gritando "Velho Bom George" quando visitava suas escolas.[24]

A motivação de Lansbury em sua incansável carreira política era, sem dúvida, uma combinação de seu socialismo com seu cristianismo. Não que visse necessidade de fazer distinção clara entre eles. "O socialismo", escreveu, "que significa amor, cooperação e fraternidade em todos os departamentos dos interesses humanos, é apenas a expressão externa da uma fé cristã".[25] Ainda, "O cristianismo e o socialismo dominaram a própria existência de Lansbury. No primeiro ele encontrou os princípios e o poder da vida. No segundo, encontrou o sistema pelo qual era possível expressá-los".[26] Ele era apaixonado por uma sociedade justa em que a pobreza, o desemprego, a fome e a falta de teto teriam sido abolidos.

Parece ter sido Fenwick Kitto, reitor de Whitechapel, quem levou

---

[23] *A. J. P. Taylor, English History 1914–1945 (OUP, 1965), p. 142, n. 3.* [24] *B. Holman, Good Old George: The Life of George Lansbury (Lion, 1990), p. 181.* [25] *Citado em ibid., p. 174.* [26] *Ibid., p. 177.*

George Lansbury, pelo ensino e pelo exemplo, a um compromisso pessoal com Cristo. Kitto "entrou em nossa vida", disse ele. Depois de confirmado na igreja da paróquia, George tornou-se professor de escola dominical e, mais tarde, pregador em muitas igrejas.

Bob Homan escreveu: "É importante observar que o cristianismo de Lansbury precedeu seu socialismo, já que este brotaria em grande parte de seu entendimento daquele".[27] Numa revista católica romana do East End, escreveu um colaborador anônimo: "Nós, mais novos, jamais seremos capazes de dizer o quanto devemos a George Lansbury pelo exemplo que estabeleceu, para todos nós, de uma vida coerente de sacrifício pessoal, de um testemunho constante e destemido de Jesus Cristo".[28]

George Lansbury admirava as ditas "classes trabalhadoras" pela coragem, perseverança, solidariedade mútua e senso de humor, opondo-se terminantemente às tentativas de fazê-lo "subir na escala social". Estava determinado a manter sua própria cultura do East End. Bob Holman, seu biógrafo, escreveu: "Lansbury vinha da classe trabalhadora, gente simples, pertencia a ela, trabalhava com ela e para ela e, pelo seu estilo de vida, continuou sendo um deles".[29]

Bob Holman atribui essa decisão à teologia de Lansbury: "como cristão, ele ficou fascinado pelo Cristo que aplicou a si mesmo o princípio do amor ao ponto de vir à terra como carpinteiro comum e submeter-se a uma morte cruel em favor dos outros".[30]

Em termos teológicos, "seria difícil esgotar o significado do fato de que Deus escolheu para seu Filho, quando este habitou entre os homens, entre todas as posições em que o podia ter colocado, a condição de um trabalhador. Isso imprimiu honra eterna às labutas comuns dos homens".[31]

Ou, expressando a mesma verdade na linguagem e sintaxe dos trabalhadores, J. Paterson Smyth escreveu:

> *Não sei direito aonde ele se abrigava,*
> *Mas muitas vezes quando estou aplainando minhas tábuas,*

---

[27] *Ibid., p. 18.* [28] *Ibid., p. 172.* [29] *Ibid., p. 187.* [30] *Ibid., 177.* [31] *J. Stalker, The Life of Jesus Christ (1879; T. & T. Clark, rev. ed. 1939), p. 21.*

Tiro o chapéu só de pensar nele
Fazendo o mesmo trabalho que eu.[32]

3. O ministério de compaixão: Padre Damien e Wellesley Bailey

Tocando nos intocáveis

Em várias ocasiões lemos nos evangelhos que Jesus era movido de compaixão pelas multidões sem rumo, os famintos, os desprovidos, os cegos e, em especial, os doentes.[33] Aliás, fica bem claro que a cura era parte importante de seu ministério público. Jesus seguia "ensinando nas sinagogas deles, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo" (Mt 4.23; 9.35). Isso quer dizer que não só anunciava a vinda do reino, mas demonstrava sua chegada por meio de obras de compaixão e poder.

Por conseguinte, os cristãos estão na vanguarda dos que tentam desenvolver um ministério de compaixão para com os que sofrem de enfermidades e dores. Ao entrarmos na Clínica Mayo em Rochester, Minnesota, nos defrontamos com um vitral cujo painel central exibe a inscrição "Curar às vezes, aliviar com freqüência, confortar sempre".

Não se nega com isso que os hindus e os budistas, bem como os judeus, fundaram proto-hospitais antes de Cristo. Quer-se, antes, afirmar que Jesus de Nazaré introduziu no mundo uma nova motivação tríplice – sua parábola do Bom Samaritano, sua regra áurea e seu exemplo pessoal, tudo demonstrando seu respeito pelos seres humanos feitos à imagem de Deus.

Dr. Frank Davey escreve:

Jesus inverteu as prioridades sociais de sua época, demonstrando e ensinando um interesse especial pelos pobres, deficientes, marginali-

[32] *J. Paterson Smyth, A People's Life of Christ (1921: Hodder & Stoughton, rev. ed. 1949), p. 59.* [33] *Mt 9.36; 14.14; 15.32; 20.34; Mc 6.34; 8.2; Lc 7.13.*

> *zados e desprovidos. Essas pessoas não tinham direito a atenção até Jesus tornar-se defensor delas ... Ninguém consegue imaginar Hipócrates demonstrando muito interesse por uma prostituta com problemas, um mendigo cego, um escravo de um soldado da força de ocupação, um estrangeiro psicótico evidentemente sem dinheiro algum e uma velha senhora com problemas crônicos na coluna. Jesus não só se interessava, como esperava que seus seguidores fizessem o mesmo.*[34]

O melhor exemplo do respeito de Jesus pelos que o mundo desprezava está em seu encontro com um leproso, no início de seu ministério público:

> *Um leproso aproximou-se dele e suplicou-lhe de joelhos: "Se quiseres, podes purificar-me!" Cheio de compaixão, Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: "Quero. Seja purificado!" Imediatamente a lepra o deixou, e ele foi purificado. (Mc 1.40-42)*

A compaixão o levou a tocar um intocável e seu ato tem servido de inspiração contínua desde então. Foi o famoso capadócio, patriarca da igreja, Basílio de Cesaréia, quem parece ter fundado em 369 d.C. o primeiro grande hospital cristão. Ele construiu um conjunto de prédios que, além de um hospital de 300 leitos, "incluía abrigos para viajantes, um abrigo para pobres, um abrigo para idosos, uma unidade de isolamento e uma casa para leprosos, que eram tratados em isolamento".[35]

Durante os séculos seguintes abrigos para tratamento de vítimas de lepra disseminaram-se por toda a Europa. Eram conhecidos como "lazaretos", palavra derivada de Lázaro, que passou a ser considerado santo padroeiro dos leprosos.

Mas talvez ninguém na Idade Média tenha sido mais inspirado pelo

---

[34] *S. G. Browne, T. F Davey e W. A. R. Thomson (eds.), Heralds of Health: The Saga of Christian Medical Initiatives (CMF, 1985), p. 7. Veja também J. T. Aitken, H. W. C. Fuller e D. Johnson (eds.), The Influence of Christians in Medicine (CMF, 1984): "Aos cristãos cabe o mérito de elevar a condição social dos enfermos e deficientes e o tratamento dispensado a eles na antiguidade", p. 170.* [35] *Aitken, et al., The Influence of Christians in Medicine, p. 9-10.*

exemplo de Jesus e tenha, por sua vez, tornado-se inspiração para outros quanto S. Francisco de Assis. A história pode ter sido aumentada ao longo dos anos, mas Francisco confessou em seu último testamento que a "ternura da alma" o tomou pela primeira vez quando de defrontou com um mendigo leproso. De início, ele esporou o cavalo para se afastar do pedinte. Então foi de súbito tomado de remorso pois "dando as costas às necessidades do irmão, estava galopando para longe de Deus, que sofria em cada sofrimento humano". Assim, fez o cavalo dar meia volta, desmontou e beijou a mão do leproso.[36] O exemplo de Francisco foi contagioso. Diz-se, às vezes, que as pessoas pegavam dele não a doença, mas seu cuidado para com os doentes. Mais tarde, estabeleceu um hospital para leprosos e também uma "companhia de irmãos" para cuidar deles.

Saltamos agora em nossa história para meados do século XIX e para dois homens notáveis que dedicaram a vida ao cuidado dos leprosos. Um foi um católico romano belga, Padre Joseph Damien, nascido em 1840, que trabalhou no Havaí, e o outro, um protestante irlandês, Wellesley Bailey, que nasceu em 1846, trabalhou na Índia e tornou-se fundador da Missão da Lepra.

Em 1863, Padre Damien chegou de navio ao Havaí como missionário e ficou horrorizado com a sina das vítimas da lepra, banidas permanentemente na ilha de Molokai. Ali padeciam uma existência miserável na doença, imundície e pobreza, sem família nem igreja para os sustentar. Padre Damien apresentou-se como voluntário para viver entre eles. Sepultava-lhes os mortos. Levava-lhes higiene. Construía igrejas e capelas, limpava reservatórios de água, consertava as casas e o hospital, construiu um orfanato, ensaiava o coral e servia-lhes de professor, carpinteiro, pedreiro, sacerdote e amigo. Seu ministério altruísta continuou por dezesseis anos até que certa manhã de domingo em 1885, durante o culto na igreja, a congregação ficou atônita quando começou o sermão com as palavras: "Nós, os leprosos...", indicando que ele próprio

[36] *A. D. Miller, An Inn Called Welcome: The story of the Mission to Lepers, 1874-1917 (The Mission to Lepers, 1965), p. 5. Veja também M. A. Habig (ed.), "St Francis of Assisi", in English Omnibus of the Sources for the Life of St Francis (SPCK & Herald, 3. ed., 1972). Veja também Mt 10.8: "Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos..."*

havia contraído a doença. Damien morreu em Molokai em 1889.[37]

Wellesley Bailey nasceu só seis anos depois de Damien, mas eles trabalharam em extremos opostos da terra. Wellesley Bailey ensinava numa escola missionária no noroeste da Índia quando visitou um pequeno "asilo de leprosos" das redondezas e ficou abismado com o que viu. Mais tarde, escreveu:

> *[As vítimas] estavam em todos os estágios da moléstia, muito terríveis de olhar, com uma expressão deplorável no rosto – uma impressão de desespero total. Quase estremeci, mas ao mesmo tempo fiquei fascinado e senti: se havia algum trabalho à semelhança de Cristo neste mundo, era entrar no meio daqueles pobres sofredores e lhes levar o consolo do evangelho.*[38]

Bailey estava certo. Quando começou a visitar o asilo regularmente, viu o evangelho mudar completamente a vida e o aspecto dos internos. Ao mesmo tempo, empenhou-se para lhes melhorar a condição física. Assim, em 1872, fundou a "Missão aos Leprosos na Índia", que se tornou mais tarde "A Missão aos Leprosos" e, depois, como é hoje conhecida, "A Missão da Lepra".

Qual foi sua inspiração? Ele nos diz:

> *Desejo agora apresentar um pouco de minha própria experiência entre [os leprosos], e colocar diante de meus leitores um plano pelo qual podem ajudar todos quantos simpatizam com aquele que, quando sobre a terra, não pensava que o leproso era repugnante demais para tocar com a mão, mas que, "movido pela compaixão", estendia a mão, tocava o leproso e lhe dizia: "Quero; sê limpo".*[39]

---

[37] *Padre Auguste Pamphile, Life and Letters of Father Damien (CTS, 1889). Veja também Browne, et al., Heralds of Health, p. 156-157.* [38] *Padre Auguste Pamphile, Life and Letters of Father Damien (CTS, 1889). Veja também Browne, et al., Heralds of Health, p. 156-157.* [39] *De sua introdução a um pequeno panfleto intitulado Lepers in India, de sua autoria (1874; John F. Shaw, 1882).*

Essa linda tradição cristão de cuidado com os leprosos foi mantida no século XX por uma ilustre sucessão de leprologistas cristãos como Stanley Browne (Nigéria e Zaire). Frank Davey (Nigéria e Índia) e Robert Cochrane que, citando o exemplo de Jesus, "liderou uma campanha contra o estigma social prevalecente".[40] Depois veio Paul Brand, que descobriu que as mãos laceradas, a perda de dedos e as feridas e equimoses inexplicáveis em pacientes leprosos não eram causados por algum aspecto misterioso da doença em si, mas pela perda da sensibilidade, sua incapacidade de sentir dor.[41]

Em nossos dias, a Aids é às vezes descrita como "a lepra da era moderna", carregando um estigma semelhante e sendo marginalizada por um tabu similar. Mas Jesus estabeleceu o exemplo cheio de compaixão, "buscando e tocando – um ato de coragem inimaginável naquela época".[42]

4. O Sermão do Monte: Leon Tolstói, Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr.

O desafio da não-resistência

Todos os que conhecem um pouco o cristianismo têm alguma noção do Sermão do Monte, proferido por Jesus provavelmente durante um longo período de instrução. A maioria das pessoas também sabe que ele contém a proibição "Não resistam ao perverso" e a ordem "Amem os seus inimigos" (Mt 5.39, 44). Não só isso, mas Jesus praticava o que pregava. Como escreveu o apóstolo Pedro, "Quando insultado, não revidava; quando sofria, não fazia ameaças" (1 Pe 2.23). Antes, orou pedindo que Deus perdoasse aqueles que o estavam crucificando (Lc 23.34).

Gerações, tanto de cristãos como de não-cristãos, têm sido desafiadas e inspiradas pela combinação sermão e exemplo, palavras e atos de Jesus – sua persistência e autocontrole, seu amor pelos inimigos e sua total

[40] *P Brand e P. Yancey, The Gift of Pain (Zondervan, 1993), p. 88.* [41] *Veja D. Clarke Wilson, Ten Fingers for God: Paul Brand's biography (Hodder and Stoughton, 1966).* [42] *Brand e Yancey, The Gift of Pain, p. 323.*

isenção do espírito de vingança. Os reformadores radicais do século XVI (vários grupos anabatistas) e as igrejas pacifistas de hoje (e.g. os menonitas, quacres e irmãos unidos) dedicam-se ao pacifismo total, recebendo o mandato e a motivação do Sermão do Monte e do sofrimento de Jesus, conforme exemplificou em seu comportamento.

Meu objetivo neste capítulo é considerar três líderes do fim do século XIX ou início do século XX que confessaram ter recebido inspiração do sermão e do sofrimento de Jesus, a saber, o romancista russo, Leon Tolstói (1828-1910); o reformador social da Índia; Mahatma Gandhi (1869-1948) e o defensor americano dos direitos civis, Martin Luther King Jr. (1929-1968).

Tolstói nasceu num lar aristocrático, teve uma juventude dissoluta e depois voltou-se para a escrita séria. Seus romances mais conhecidos continuam sendo *Guerra e Paz* e *Anna Karênina*, mas para nossos interesses precisamos considerar sua obra curta, *Minha Confissão*. Nela Tolstói descreve como num momento de crise pessoal ele releu o Sermão do Monte e, de repente, compreendeu (diz ele) o que a igreja inteira não havia compreendido em 1.800 anos.

Isso era o que Jesus queria dizer quando convocou seus seguidores para a não-resistência.[43] É impossível crer em Cristo, continuou, e ao mesmo tempo "trabalhar pelo estabelecimento de propriedades, cortes legais, governos e forças militares...",[44] porque a polícia, as cortes e o exército usam, todos, a violência para resistir ao mal e são, portanto, incompatíveis com a lei do amor. Se tão somente os mandamentos de Cristo forem obedecidos literalmente, "todos os homens serão irmãos e todos estarão em paz uns com os outros".[45] Então, no último capítulo, defendendo-se contra a credulidade, trai seu conceito ingênuo de que todos os seres humanos são basicamente bons, racionais e amigáveis.

Mahatma Gandhi, ou "Gandhiji", como referem-se respeitosamente a ele os indianos, é, claro, o pai da Índia moderna. Tendo estudado Direito

---

[43] *Leon Tolstoi, Minha Confissão [A Confession, The Gospel in Brief e What I Believe, 1882-4 (World Classics, n. 229, Oxford University Press, new ed. 1940), p. 315-319].* [44] *Ibid., p. 323.* [45] *Ibid., p. 406.*

em Londres e o praticado na África do Sul, onde foi insultado por causa de sua cor, Gandhi voltou à Índia em 1914 e liderou a Campanha de Desobediência Civil. Ele ansiava por uma Índia livre do colonialismo, do materialismo e das castas.

Ainda criança, Gandhi aprendeu a respeito da *ahimsa*, "abster-se de ferir os outros". Mas depois, na juventude em Londres, leu o clássico hindu, o *Baghavad Gita*, e o Sermão do Monte. "É esse Sermão que me fez gostar de Jesus", disse, e sabe-se que refletia constantemente sobre ele, em especial através dos olhos de Tolstói. Na África do Sul leu *O Reino de Deus está dentro de ti*, de Tolstói, foi profundamente tocado por ele e, ao voltar para a Índia, resolveu colocar em ação seus ideais. Ele descrevia seus meios de ação como *satyagraha*, sua melhor tradução seria "força da verdade", a tentativa de conquistar os oponentes pelo poder da verdade e "pelo exemplo do sofrimento suportado voluntariamente". "O estado representa a violência numa forma concentrada e organizada", dizia. Assim, no estado perfeito que ele vislumbrava, a polícia ainda existiriam mas raramente usaria a força; a punição acabaria; as prisões seriam transformadas em escolas e o litígio seria substituído pela arbitragem.[46] Em tudo isso Gandhi encontrava inspiração em Jesus, "embora não possa afirmar que eu seja cristão no sentido sectário", disse, "o exemplo dos sofrimentos de Jesus é um fator na composição de minha fé imorredoura na não-violência que dirige todos os meus atos..."[47]

É impossível não admirar a humildade e sinceridade de Gandhi. Ainda assim, sua política certamente deve ser julgada irrealista. Ele disse que resistiria com uma "brigada de paz" aos invasores japoneses que se prenunciavam; ele instava os judeus a oferecerem resistência não violenta a Hitler; e apelava aos britânicos para que parassem com as hostilidades. Mas, conforme comentou Jacques Ellul, Gandhi não havia considerado o contexto. "Ponha Gandhi na Rússia de 1925 ou na Alemanha de 1933. A solução seria simples: depois de alguns dias ele seria preso e nada mais se ouviria dele".[48]

---

[46] *Citações de G. Woodstock, Gandhi (Fontana, 1972), p. 24, 39, 67 e 85-86.* [47] *M. K. Gandhi, What Jesus Means to Me (Ahmedabad: Navajivan Publishing Housa, 1959), p. 6.* [48] *J Ellul, Violence (SCM, 1970), p. 15.*

Mas nosso maior desacordo com Tolstói e Gandhi, porém, não deve ser pelo fato de a posição deles ser irrealista, mas por não ser bíblica. Não podemos interpretar a ordem de não resistir ao mal, dada por Jesus, como uma proibição absoluta do uso da força (incluindo-se a polícia), a menos que estejamos dispostos a dizer que a Bíblia contradiz a si mesma e que os apóstolos não compreenderam Jesus. Ora, a Bíblia ensina (por exemplo, em Rm 13) que o estado possui autoridade divina para punir o malfeitor, ou seja, a "resistir ao perverso", forçando-o a arcar com a penalidade de seu mal. Essa verdade não pode ser torcida, porém, para justificar a violência institucionalizada de um regime opressivo. Ela só justifica a "mínima força necessária" para deter malfeitores e os levar à justiça.

Fica claro, portanto, que a responsabilidade do estado é bem diferente da responsabilidade dos indivíduos. Em Romanos 12.17, se diz "não retribuam a ninguém mal por mal" (decerto um eco de "não resistam ao perverso") e também "nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: 'Minha é a vingança; eu retribuirei', diz o Senhor". Em outras palavras, a punição é prerrogativa de Deus, e ele a exerce por meio das cortes judiciais, conforme Paulo segue escrevendo em Romanos 13.4, ou seja, que a autoridade (um representante devidamente autorizado do estado) "é serva de Deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal". Isso não é incompatível com o ensino e a conduta de Jesus. Ele foi enfaticamente contra a retaliação, antes, "entregava-se àquele que julga com justiça" (1 Pe 2.23). Para resumir essa antítese, Jesus não estava proibindo a administração da justiça, mas impedindo-nos de tomar a lei nas próprias mãos e obrigando-nos, pelo contrário, a amar nossos inimigos e a ser *totalmente isentos* de maldade e retaliação. Conforme se costuma dizer, a receita do diabo é retribuir o bem com o mal; a receita do mundo é retribuir o mal com o mal e o bem com o bem; a receita de Cristo é vencer o mal com o bem (Ro 12.21).

Uma pessoa que compreendeu essa distinção foi Martin Luther King Jr. Ele havia aprendido de Gandhi tanto quanto este havia aprendido de Tolstói, embora eu pense que ele compreendia o ensino de Jesus melhor que ambos. Fundador da Conferência de Liderança Cristã do Sul, dedicava-se à não-violência e liderou a famosa marcha a Washington em 1963, a que se seguiram em 1964 e 1965 os Decretos dos Direitos Civis. Por

um lado, Luther King com freqüência reconhecia sua dívida para com o Sermão do Monte. Por outro, ele reconhecia a necessidade da legislação, até de leis coativas, para de algum modo banir a discriminação racial.

Um dos sermões mais eloqüentes de King, intitulado "Amar seus inimigos", foi composto numa cela na Geórgia. Ele descrevia como "o ódio multiplica o ódio ... numa espiral descendente de destruição" e é "tão injurioso para a pessoa que odeia" quanto para sua vítima. O amor, porém, "é a única força capaz de transformar um inimigo em amigo". Ele prosseguia aplicando esse tema à crise racial nos Estados Unidos. Por mais de três séculos os afro-americanos haviam sofrido opressão, frustração e discriminação. Mas King e seus amigos estavam decididos a "rebater o ódio com o amor". Com isso conquistariam a liberdade e também venceriam seus opressores, "e nossa vitória será dupla".[49]

5. O amor pelas crianças: Thomas Barnardo

"Uma porta sempre aberta"

O amor pelas crianças e a preocupação pelo bem-estar deles são elementos tão essenciais da cultura cristã, que acabamos achando-os naturais. Mas nem sempre foi assim. O sacrifício de crianças, por exemplo, ocorria em várias religiões pagãs e sua prática pelos amonitas para apaziguar o deus Milcom ou Moloque provocava fúria e horror nos profetas do Antigo Testamento.

Ao que parece, no mundo antigo não havia reprovação nem legal nem ética do aborto ou do infanticídio. Os pais tinham plenos direitos de sentenciar vida ou morte aos próprios filhos.[50] Por exemplo, encontrou-se entre

---

[49] *Martin Luther King Jr., Strength to love (1963: Fontana, 1969), p. 47-55.* [50] *W. B. Ryan, Infanticide, its law, prevalence, prevention and history (Churchill, 1862), p. 1862. Veja também República de Platão, V, 460 e o ensino de Aristóteles sobre a destruição secreta e o destino de bebês fracos e deformados, conforme documentado por I. Smale em A History of Children (Silver Fish Publishing, 1998), vol. I, p. 80.*

os papiros *Oxyrhynchus* a carta de um homem chamado Hilário à esposa grávida, Alis: "Se for menino, deixe-o viver; se for menina, abendone-a".[51]

É verdade que o Juramento de Hipócrates, feito pelos médicos, incluía a declaração: "não darei a nenhuma mulher substância abortiva". Grande parte do juramento talvez não tenha sido escrito por Hipócrates (460-377 a.C.), "o pai da medicina", mas por seus discípulos. Ainda assim, conforme escreveu W. H. S. Jones, "é muito difícil acreditar que o núcleo, pelo menos, do Juramento não remonte ao 'grande' Hipócrates em pessoa".[52] Mas essa parte do juramento costumava ser quebrada, já que nas sociedades permissivas da Grécia e de Roma a destruição ou abandono de crianças indesejadas tornaram-se práticas normais. Por outro lado, os cristãos opunham-se a isso com argumentos teológicos e morais. Por exemplo, Tertuliano, em *Apologia*, acusa os romanos de infanticídio e depois prossegue:

> *No nosso caso, já que o homicídio é proibido de uma vez por todas, não podemos destruir nem mesmo o feto no ventre, ainda que o ser humano receba o sangue de outras partes do corpo para manter-se. Impedir um nascimento é apenas um homicídio mais rápido; também não importa se o que se toma é uma vida já nascida ou se o que se destrói é uma vida por nascer. É um homem (i.é. um ser humano) que virá a ser; o fruto já está na semente.*[53]

Após a conversão de Constantino em 312 d.C., o aborto tornou-se crime e foram estabelecidos orfanatos em Roma, Atenas e outros lugares. E esse reconhecimento da santidade e dignidade das crianças do mundo é devido principalmente a Jesus Cristo. Os Evangelhos sinóticos descrevem duas ocasiões distintas em que recebeu crianças e ordenou que as pessoas fossem como elas. A primeira foi quando levavam crianças pe-

---

[51] *G. Milligan, Selections from the Greek Papyri (Cambridge University Press, 1910), p. 32.* [52] *W. H. S. Jones, The Doctir's Oath: an Essay in the History of Medicine (Cambridge University Press, 1924), citado por N. M. de S. Cameron em The New Medicine: Life and Death after Hippocrates (Crossway Books, 1991), p. 35.* [53] *Tertuliano, Apologética, cap. IX em Allan Menzies (ed.), The ante-Nicene Fathers (Eerdmans, 1973), col. 3, p. 25.*

quenas ("criancinhas", de acordo com Lc 18.15) para que lhes impusesse as mãos, abençoando-as. Mas quando os discípulos censuraram os que as traziam, Jesus ficou indignado, dizendo:

> *"Deixem vir a mim as crianças, não as impeçam; pois o Reino de Deus pertence aos que são semelhantes a elas. Digo-lhes a verdade: Quem não receber o Reino de Deus como uma criança, nunca entrará nele". Em seguida, tomou as crianças nos braços, impôs-lhes as mãos e as abençoou. (Mc 10.13ss.; cf. Mt 19.13ss.; Lc 18.15ss.).*

A segunda ocasião foi proporcionada por uma discussão sobre quem seria o maior no reino de Deus. Dessa vez Jesus tomou a iniciativa de chamar uma criança e colocá-la em pé no meio deles. Então, insistiu que a menos que os adultos se convertam e se tornem como criancinhas, jamais entrarão no reino. Assim, os que se humilham como uma criança são os maiores no reino (Mt 18.1ss.; Mc 9.35ss.; Lc 9.46ss.).

Entre todos os que foram inspirados pelo respeito que Jesus tinha pelas crianças, um dos mais impressionantes é o Dr. Thomas Barnardo (1845–1905). Convertido a Cristo aos dezessete anos, entrou no Hospital de Londres como estudante de medicina quatro anos mais tarde, com intenção de ir à China como médico missionário. Mas em poucos meses ocorreram fatos que mudaram a direção de sua vida. Ele descobriu a existência miserável de crianças pobres e, em 1870, aos vinte e cinco anos, abriu a primeira casa para elas em Stepney. Ele resolveu permanecer em Londres e dedicar a vida ao resgate daquelas "mais desamparadas e necessitadas de todas as criaturas de Deus – as crianças carentes".[54] Em quarenta anos levantou 3 milhões e 250 mil libras, estabeleceu redes de casas para recepção, cuidado e treinamento de crianças sem teto, carentes e enfermas,[55] e resgatou 60.000 meninos e meninas da miséria. Hoje podemos chamá-lo de santo padroeiro das crianças de rua.

O ministério de Thomas Barnardo, dedicado às crianças, teve um iní-

---

[54] *A. E. Williams, Barnardo of Stepney: the father of nobody's childreb (George Allen and Unwin, 1943), p. 7.* [55] *Ibid., p. 5.*

cio dramático. Entre os meninos de rua que conhecia havia John Somers, conhecido por "Cenoura" por causa dos cabelos vermelho-fogo, Ele tinha apenas onze anos e costumava dormir ao relento em alguma parte entre o Covent Garden e o Billinsgate. Em uma de suas rondas no meio da noite, Barnardo escolheu cinco meninos de rua para acomodá-los em casa. "Cenoura" pediu para ser incluído, mas não havia lugar. Então Barnardo lhe prometeu a vaga seguinte.

Algumas manhãs depois, quando um carregador empurrava vasilhames abertos colocados junto à parede, incomodou um garoto que dormia ao lado de outro, aparentemente também adormecido. Um deles, liso como uma cobra, escapou, mas quando o carregador tocou o outro, não houve reação nem movimento ... o garoto estava morto. Era o "Cenoura". A investigação do delegado concluiu "Morte por exaustão, conseqüência de abandono freqüente e carência alimentar".

> *Essa tragédia foi incendiando a alma sensível de Barnardo ... Aos poucos uma decisão formou-se em seu coração. "Nunca mais!", disse, "Nunca mais!" ... Pregou um quadro de avisos vistoso do lado de fora da casa de Stepney em letras garrafais: "NENHUMA CRIANÇA CARENTE JAMAIS SERÁ RECUSADA".*[56]

A isso acrescentou mais tarde as palavras "UMA PORTA SEMPRE ABERTA" – onde era possível obter abrigo, comida, roupa e cuidados médicos, se necessário, de imediato a qualquer hora do dia ou da noite.[57]

Mais tarde ainda, Dr. Barnardo podia dizer: "Recebemos crianças que nenhuma outra instituição de caridade tocaria ... crianças no último estágio de doenças terminais; crianças aleijadas, paralíticas e cegas; crianças que, em conseqüência de um longo período de negligência e sofrimento, são recebidas só para morrer. A única condição para que sejam recebidas é a carência..."[58]

Mas o que motivou essa carta régia extraordinariamente abrangente? A viúva de Barnardo decerto descobriu seu incentivo secreto. Em *The Me-*

---

[56] *Ibid., p. 72-73.* [57] *Ibid., p. 106.* [58] *Ibid., p. 191.*

moirs of the Late Dr Barnardo ela escreveu:

> *Em toda parte Barnardo procurava as crianças ... Pois as amava ... Amava-as todas ... No ardor altruísta da mocidade ele amava mais as piores, com aquela paixão que tem prazer no serviço altruísta ... Em meio a um povo que professa seguir Aquele que disse "Deixai vir a mim os pequeninos...", as crianças passavam fome pelas sarjetas e havia poucos que se importavam.*[59]

Logo após a morte de Barnardo, publicou-se um poema memorial em Punch, escrita por seu editor, Sir Owen Seamna. Eram oito estrofes. Eis as duas primeiras:

"Deixai vir a mim os pequeninos,
Os pequeninos", disse a voz de Cristo,
E para aquele cujos lábios hoje estão emudecidos
Bastou, como lei, a voz do Mestre

"Deixai vir a mim os pequeninos" —: assim o disse
E em seus passos seguiu o verdadeiro discípulo,
Levantando os desamparados, unicamente por amor,
Colocando-os nos braços de Deus.[60]

6. O lava-pés: Samuel Logan Brengle

Uma lição necessária de humildade

A lavagem dos pés, quer realizada por si mesmo, quer realizada por outro, era praticada em grande parte do mundo antigo. Em geral, na Bíblia, consistia em fornecer água aos visitantes, de modo que pudessem

[59] *Sra. Barnardo e J. Marchant, The Memoirs of the Late Dr Barnardo (Hodder and Stoughton, 1907), p. 64-65.* [60] *Ibid., p. 273.*

lavar os pés.[61] Lavar os pés de outra pessoa era considerado ato simbólico de condescendência e humildade, na verdade, um trabalho de escravo.[62]

O gesto de Jesus, lavando os pés dos apóstolos durante sua última noite com eles, estava repleto de simbolismo e significado. Aliás, o próprio Jesus indicou que ali havia um mistério, mais do que os olhos viam, quando disse: "Você não compreende agora o que estou lhe fazendo; mais tarde, porém, entenderá" (Jo 13.7).

Primeiro, era uma dramatização, manifestando que a hora havia chegado, que Jesus vinha da parte de Deus e estava voltando para ele (v. 1-3). Assim, "levantou-se da mesa" (v. 4a), como se havia levantado de seu trono. "Tirou sua capa" (v. 4b), como havia deixado de lado sua glória. "Colocou uma toalha em volta da cintura", como havia assumido a natureza de servo. "Derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos" (v. 4c), como se havia humilhado e se tornado obediente até a morte – até a morte na cruz. Então, "quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus tornou a vestir sua capa e voltou ao seu lugar" (v. 12), uma vez que estava para retornar ao Pai. Parece uma dramatização deliberada dos cinco ou mais estágios de sua carreira conforme esboçada por Paulo no hino cristão citado em Filipenses 2.

Em segundo lugar, era um sinal. Ele afirmava ser o "Senhor" e "Mestre" deles (v. 13-14). Mas ao invés de assumir a postura autoritária da maioria dos mestres, humilhou-se para servi-los. O mestre tornou-se escravo deles. De que outras evidências necessitamos para demonstrar sua deidade?

Em terceiro lugar, era uma parábola da necessidade universal de ser limpo do pecado. Aliás, Jesus disse a Pedro: "Se eu não os lavar, você não terá parte comigo" (ou seja, "em meu reino", v. 8). A implicação do protesto de Pedro era declarar desnecessária a cruz.

Em quarto lugar, era um exemplo. Jesus disse: "Eu lhes dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz" (v. 15). Ou seja, se transpusermos o ensino de Jesus para nossa cultura, nenhum ato é servil ou degradante demais para quem ama.

A igreja, porém, costuma interpretar o ensino de Jesus de maneira

---

[61] *E.g., Gn 18.4; 19.2; 24.32; 43.24; Jz 19.21 e Lc 7.44.* [62] *E.g., 1 Sm 25.41; Jo 13.1-17; 1 Tm 5.10.*

muito literal. O chamado *pedilavium*, ou *lava-pés litúrgico*, foi observado por muitos anos, especialmente em associação com o batismo em igrejas do Oriente e do Ocidente. O terceiro cânon do XVII Sínodo de Toledo (694 d.C.) censurou a não-observância desse ato, tornando-o obrigatório na Quinta-Feira Santa (o dia que antecede a Sexta-Feira da Paixão) "em todas as igrejas da Espanha e da Gália". E ainda hoje os menonitas ensinam que a lavagem dos pés é uma ordenança necessária juntamente com o batismo e a Ceia do Senhor. Os adventistas do sétimo dia a observam trimestralmente, como a "ordenança da humildade", assim também alguns grupos batistas.[63]

Em particular, a realização cerimonial ocasional por parte de líderes de igreja e de estado é considerada símbolo de sua humildade. Assim, em 1530, o cardeal Wolsey (não exatamente um paradigma de humildade) "lavou, secou e beijou os pés de cinqüenta e nove pobres em Peterborough".[64] Ainda hoje, na Quinta-Feira Santa na Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, o Patriarca da Igreja Ortodoxa Grega lava o pé direito de doze clérigos veteranos que representam os apóstolos, enquanto em Roma o Papa faz o mesmo – costume restaurado por João XXIII após um lapso de cerca de noventa anos.

Um dos exemplos mais interessantes da interpretação literal da ordem de Cristo encontra-se entre os reis e rainhas da Inglaterra desde o rei João em 1213. Além de lavar os pés, ele deu treze centavos para treze homens e isso passou a ser conhecido como o dinheiro da Quinta Real. A distribuição da Quinta Real continua em nossos dias. Os que a recebem são idosos que dedicaram toda a vida ao serviço voluntário e sofrem necessidades financeiras. O número deles é igual à idade da Rainha. Distribuem-se carteiras verdes, brancas e vermelhas que contêm moedas de prata especialmente cunhadas, em lugar de comida e roupa. Ainda que não haja lavagem de pés, os oficiais ainda usam toalhas brancas de linho à guisa de aventais e todos os principais participantes (inclusive o soberano) ainda carregam buquês de ervas e flores aromáticas – como faziam em

[63] *Veja G. A. Frank Knight, "Feet-washing", em James Hastings (ed.), Dictionary of Religion and Ethics (T. & T. Clark, 1904), vol. 5.* [64] *B. F Westcott, The Gospel according to St John 11–21 (Murray, 1892), p. 192.*

períodos de praga, para diminuir os riscos de infecção.[65]

Mas tudo isso é muito literal. Entendo que Calvino estava correto ao dizer que "Cristo não convocou com isso uma cerimônia anual, antes nos pede que estejamos dispostos, durante a vida inteira, a lavar os pés de nossos irmãos". Não que os lavemos literalmente, mas que vivamos uma vida de amor e de serviço humilde e sacrificial.[66]

Um exemplo notável disso é Samuel Logan Brengle, que se tornou o primeiro Comissário do Exército de Salvação nascido nos Estados Unidos. Ele era um jovem ministro metodista quando se encontrou com William Booth, ainda que abrigasse uma ambição secreta de ter sucesso e fama, talvez ser bispo. Em 1887, atravessou o Atlântico para juntar-se ao Exército. Mas no começo Booth desconfiava dele: "Brengle", disse, "você pertence às 'classes perigosas' [com o que queria referir-se ao clero]. Faz tanto tempo que você é seu próprio chefe, que não acho que vá querer submeter-se à disciplina do Exército de Salvação".

Apesar dessa desconfiança, concordaram em dar uma oportunidade a Brengle. Para instilar nele um pouco da necessária humildade, foi enviado a Leamington para ser treinado como cadete e sua primeira responsabilidade foi engraxar as botas dos outros cadetes. Ele se viu num cubículo subterrâneo escuro, "com dezoito pares de sapatos enlameados, uma lata de graxa e uma tentação intensa". Brengle ficou desanimado, até revoltado. "Será que segui meus caprichos 5.000 quilômetros", perguntava para si mesmo, "para engraxar botas?" Então,

> *viu a imagem de um quadro: Jesus era a figura central e estava lavando os pés dos discípulos! O Senhor dele, que viera das glórias do céu e da adoração de suas hostes, curvando-se sobre os pés de pescadores rudes e incultos, para lavá-los, humilhando-se, assumindo a forma de servo! O coração de Brengle foi quebrantado. "Senhor querido," murmurou, "lavaste os pés deles; eu lhes engraxarei as botas". E com um entusiasmo*

---

[65] *Veja R A. Wright, The Pictorial History of the Royal Maundy (Pitkin Pictorials, 1966).* [66] *Calvino, The Gospel according to St John 11—21 (Oliver & Boyd, 1961), p. 60, comentário sobre João 13.14.*

até então desconhecido na profissão de engraxate, agarrou-se ao trabalho com um cântico nos lábios e paz no coração.[67]

Brengle jamais se esqueceu daquela humilhação de seu orgulho. "Ele viveu ... uma vida semelhante à de Cristo", escreveu seu biógrafo, "e a semelhança de Cristo ... era a essência da experiência de santidade que ensinava ... Seu nome é familiar entre os salvacionistas ... Ele ocupa um lugar elevado entre os santos do movimento, e nos círculos do Exército ainda se fala dele num tom que chega perto da reverência".[68] E tudo por causa de uma visão de Jesus lavando pés!

Para atualizar o relato, Chuck Colson, sentenciado à prisão por seu envolvimento em Watergate, foi mais tarde transferido para a prisão federal localizada no campo da Base Aérea de Maxwell, onde foi destacado para ajudar na lavanderia. "O calor era brutal no verão", escreveu, e uma de suas tarefas era "separar um monte interminável de roupas de baixo e uniformes de trabalho marrons encharcados de suor". "Minha designação para a lavanderia também era, tenho certeza, outro passo no meu processo de contenção do ego. Havia certa lição de humildade em lavar as roupas de outras pessoas, não muito longe de lavar os pés delas".[69]

7. A cruz: Toyohiko Kagawa

A revelação do amor de Deus

A cruz de Cristo tem inspirado milhões. Aliás, de todas as suas obras e palavras, nada tem sido mais estimulante que a cruz. Todos os cristãos deviam ser capazes de dizer como Paulo que "o amor de Cristo me constrange" (2 Co 5.14), "não nos deixa escolha" (NEB) ou mesmo "fecha suas

[67] *C. W. Hall, Samuel Logan Brengle: Portrait of a Prophet (Salvation Army, 1933), p. 89. Veja também Richard Collier, The General Next to God (Collins, 1965), p. 72.* [68] *W. Clark, Samuel Logan Brengle: Teacher of Holiness (Hodder and Stoughton, 1980), p. 18, 156.* [69] *C. W. Colson, Born Again (Hodder and Stoughton, 1976), p. 278-279.*

garras sobre nós", de modo que tomamos a decisão de deixar de viver para nós mesmos, mas por aquele que morreu por nós.

Como exemplo de como a cruz motiva as pessoas, escolhi um líder cristão asiático, Toyohiko Kagawa (1880-1960). Ele nasceu em Kobe, Japão. Seu pai era aristocrata, comerciante rico, ministro de estado e conselheiro do Imperador, enquanto sua mãe biológica era gueixa, uma dançarina japonesa. Ambos os pais morreram quando ele só tinha quatro anos, de modo que o mandaram para o campo onde foi viver com a madrasta. Ali, indesejado e desamado, foi maltratado e teve de carregar as cicatrizes da solidão pelo resto da vida.

Quando estava na escola em Tokushima, foi apresentado a alguns missionários presbiterianos americanos, em especial ao Dr. Harry Myers, que se tornou seu mentor. Intensamente impressionado com o ensino e o exemplo de Jesus, Kagawa decorou o Sermão do Monte e começou a orar todos os dias: "Ó Deus, faça-me como Cristo". Então foi batizado aos quinze anos. Mas aquilo foi uma afronta para seus parentes. Ele foi repudiado e deserdado pelo tio.

No dia de Natal de 1909, aos vinte e um anos, saiu do Seminário Teológico de Kobe, carregando todas as suas posses num carrinho de mão para viver entre os pobres na terrível favela de Shinkawa. Seu barraco sem janelas media só dois por dois, mesmo assim, a dividia com qualquer um que precisasse de cuidados e abrigo, às vezes vários ao mesmo tempo. Ele vivia com duas tigelas de arroz por dia e usou o mesmo terno esfarrapado por anos. Não surpreende que muitas vezes adoecesse. Também foi mal interpretado. caluniado e atacado. Mas jamais revidou nem se deu por vencido. Um de seus biógrafos, William Axling, escreveu a respeito dele naquela época:

> *Ele visitava os doentes; consolava os que sofriam; dava abrigo aos sem-teto; tornou-se irmão mais velho das prostitutas, visitando-as quando ficavam doentes e providenciando remédios para elas. Pais buscavam seus conselhos. Jovens levavam a ele problemas existenciais intrincados. Criminosos o tinham como padre confessor ... As crianças apinhavam-se à sua volta.*[70]

[70] *W. Axling, Kagawa (SCM, 1932), p. 51.*

As experiências, junto com o que continuava estudando no seminário, o convenceram de que era preciso ir além da filantropia para a ação social. Assim, quando os portuários de Kobe fizeram uma greve, pediram-lhe que os liderasse, e assim ele os organizou para formarem o primeiro sindicato trabalhista do Japão. Ele também assumiu a causa dos lavradores arrendatários e os ajudou a organizar a primeira cooperativa nacional dos pequenos lavradores. Por causa dessa solidariedade com os trabalhadores, Kagawa foi tachado agitador, colocado na lista negra da polícia, investigadores o seguiam e, em decorrência disso, foi capturado, arrastado até a delegacia e ficou preso treze anos. Apesar disso, movido pelos seus escritos, o governo declarou sua intenção de abolir as favelas nas seis maiores cidades do Japão.

Após o terrível terremoto que destruiu Yokohama e dois terços de Tokyo e matou cerca de 100.000 pessoas, Kagawa empenhou-se na reconstrução. Mas ele nunca perdeu o zelo evangelístico. Em 1928 ele teve uma visão de um milhão de japoneses convertendo-se a Cristo, e "o tema central de sua pregação era a cruz de Cristo como a revelação do amor de Deus".[71]

Antes da Segunda Guerra Mundial ele foi detido três vezes por propaganda pacifista subversiva. Mas depois da guerra (que para ele significou quatro anos de aguda angústia), o Primeiro Ministro lhe fez um apelo nos seguintes termos: "Só Jesus Cristo foi capaz de amar seus inimigos ... Ajude-me a colocar o amor de Jesus Cristo no coração de nosso povo".[72] E o Imperador lhe concedeu meia hora de audiência privada para que lhe explicasse o significado da cruz.

Os livros de Kagawa eram extremamente populares: quando um novo era lançado, formavam-se longas filas do lado de fora das livrarias. Todas as suas obras aludem de algum modo à cruz.

Primeiro, embora suas crenças a respeito da expiação e da redenção não fossem formuladas de maneira clara, Kagawa afirmava com veemência que "Cristo ofereceu-se pelos pecados dos outros".[73] "Só um pecador que chora os próprios pecados consegue compreender a maravilha desse

---

[71] *C. J. Davey, Kagawa of Japan (Epworth, 1970), p. 95.* [72] *Ibid., p. 125-126.* [73] *Toyohiko Kagawa, Meditation o the Cross (SCM, 1936), p. 44.*

amor."[74] "Para mim, que nasci filho do pecado, esse amor redentor preenche e faz vibrar cada fibra de meu ser. Ele incute em mim um senso incisivo de gratidão."[75]

Segundo, "a cruz é a cristalização do amor".[76] Ou seja, ela manifesta tanto o amor de Deus por nós como a medida o amor que devemos demonstrar aos outros. "Numa única palavra, a obra de amor de Cristo é sumariado na cruz. A cruz é a essência de Cristo, a essência do amor."[77]

Terceiro, Kagawa viu na cruz algo sem paralelo algum. "O fato", escreveu, "singular em todo o mundo, de Cristo sacrificar-se e derramar seu sangue para redenção dos pecados da raça, é a própria revelação do amor em si".[78] Por fim, eis o que talvez seja sua mais eloqüente declaração pessoal:

> *Sou grato ao xintoísmo, ao budismo e ao confucionismo. Devo muito a essas crenças. O fato de eu ter nascido com um espírito de reverência, de ter uma sede insaciável de valores que transcendem esta vida terrena e de que me empenho para andar no caminho da moderação, devo inteiramente à influência dessas crenças étnicas. Mas essas três crenças falharam totalmente e não conseguiram ministrar às necessidades mais profundas do meu coração. Eu era um peregrino viajando por uma estrada muito, muito longa, sem volta. Eu estava cansado. Estava com os pés cansados. Andava tropeçando num mundo escuro e sombrio de tragédias pesadas. Lágrimas eram meu alimento dia e noite ... O budismo ensina grande compaixão ... Mas desde o princípio dos tempos, quem vem declarando: "este é o meu sangue da aliança derramado por muitos para remissão dos pecados?"*[79]

Deixamos Kagawa sem responder essa pergunta. Seu credo era que "a cruz é o centro do cristianismo",[80] e seu hino favorito era "Quero estar ao pé da cruz".

---

[74] *Ibid., p. 104.* [75] *Ibid., p. 105.* [76] *Ibid., p. 90.* [77] *Ibid., p. ix e 15.* [78] *Ibid., p. 95.* [79] *Toyohiko Kagawa, Christ and Japan (SCM, 1934), p. 99-100, 108, 113.* [80] *Kagawa, Meditations on the Cross, p. 95.*

8. A ressurreição: Joni Eareckson Tada

"Vou dançar com meus próprios pés"

No dia 30 de julho de 1967, uma jovem esportista de dezessete anos sofreu um acidente ao mergulhar na baía de Chesapeake. Aquilo a deixou totalmente tetraplégica, paralisada do pescoço para baixo.

De início, no hospital, ela lutou bravamente contra a própria condição, decidida a andar de novo. Mas aos poucos ela percebeu que o dano era permanente e que jamais recuperaria o uso das mãos e dos pés. Ela conta a história com grande honestidade em seu primeiro livro.[81] Joni foi tomada por toda a gama de emoções humanas – amargura, frustração, ressentimento, ira e até depressão suicida. Ela também experimentou o que chamou de "ataques de fúria rebelde contra Deus".

Passando por um período de reabilitação e terapia, porém, e mediante grande apoio dos pais, irmãs, namorado e outros amigos, aos poucos Joni arrastou-se para fora do profundo buraco escuro. Ela começou a confiar em Deus e a encarar o futuro com realismo. Ela aprendeu a pintar com a boca; ficou famosa como conferencista e escritora. Além disso, desenvolveu o JAF Ministries (Ministérios de Joni e Seus Amigos) para auxiliar portadores de deficiências.

E o centro de sua transformação foi a redescoberta da Bíblia. Ela reaprendeu suas grandes doutrinas. Joni foi auxiliada pela visão de Jesus na cruz, "imobilizado, desamparado, paralisado", assim como ela. Mas o que mais a ajudou foi a ressurreição. "Agora tenho esperança no futuro", escreveu. "A Bíblia fala que nossos corpos serão 'glorificados' no céu ... agora sei o significado de 'ser glorificado'. É o momento, depois de minha morte aqui, em que vou dançar com meus próprios pés."[82]

É essencial observar que o que sustenta Joni é a esperança cristã da ressurreição do corpo. Não haveria grande consolo na certeza de uma simples sobrevivência à morte. É crer na ressuscitação, uma restauração para

---

[81] J Eareckson Tada, Joni (Zondervan, 1976) [82] Citado por P. Yancey em Where is God When it Hurts? (Zondervan, 1977), p. 120.

esta vida, significaria o horror de mais um aprisionamento na cadeira de rodas. "Mal posso acreditar", escreveu:

> *Eu com dedos definhados e tortos, músculos atrofiados, joelhos retorcidos e sensibilidade nenhuma dos ombros para baixo um dia terei um corpo novo, leve, reluzente e revestido de justiça – forte e deslumbrante. Você consegue imaginar a esperança que isso dá a alguém com lesão na medula espinal como eu? Ou para alguém que teve paralisia cerebral, acidente cerebral ou esclerose múltipla? Imagine a esperança que isso dá a um maníaco depressivo. Nenhuma outra religião, nenhuma outra filosofia promete novo corpo, coração ou mente. Só o Evangelho de Cristo faz com que sofredores encontrem essa esperança incrível.*[83]

Consciente ou não, Joni estava ecoando algumas belas palavras do Arcebispo William Temple:

> *Pode-se dizer com segurança que uma base para a esperança do cristianismo, pela qual pode tornar justa sua reivindicação de ser a verdadeira fé, está no fato de ser a mais declaradamente materialista de todas as religiões. O cristianismo permite a expectativa de poder ser capaz de controlar o material, precisamente por não o ignorar ou negar, mas afirmar de maneira plena tanto a realidade da matéria como sua subordinação. Seu mote principal é "O Verbo se fez carne", onde o último termo foi, sem dúvida, escolhido por causa de suas associações especificamente materialísticas. Pela própria natureza de sua doutrina central, o cristianismo devota-se a uma crença na importância primordial do processo histórico e na realidade da matéria e de seu lugar no esquema divino.*[84]

Temple estava aludindo às três grandes verdades materiais, a saber, a criação, a encarnação e a ressurreição.

---

[83] *J. Eareckson Tada, Heaven Your Real Home (Zondervan, 1995), p. 53.* [84] *W. Temple, Nature, Man, and God (Macmillan, 1934), p. 478.*

Sempre que os cristãos recitam o Credo Apostólico ou o Credo Niceno, declaramos nossa crença em duas ressurreições – a ressurreição de Jesus Cristo (no passado) e a ressurreição de nosso corpo (que ainda é futuro). E ambas estão relacionadas, pois Jesus "transformará os nossos corpos humilhados, tornando-os semelhantes ao seu corpo glorioso" (Fp 3.21). Ainda, "assim como tivemos a imagem do homem terreno [Adão], teremos também a imagem do homem celestial [Cristo]" (1 Co 15.49). Entre nossos corpos presente e futuro, porém, haverá continuidade e descontinuidade, como ocorre no caso de Jesus. Seu corpo da ressurreição era reconhecidamente o mesmo, mas também possuía novos poderes surpreendentes. Esse paradoxo de igualdade e diferença foi bem ilustrado pela metáfora botânica de Paulo. A semente determina a identidade da flor – sementes de cardo produzem cardos, não figos, disse Jesus (Mt 7.16), mas a flor ultrapassa sua semente em muito quanto à beleza. De modo semelhante, nosso corpo atual é fraco e perecível, enquanto nosso corpo da ressurreição será forte e imperecível (1 Co 15.35-44). Para resumir, a esperança cristã não é a imortalidade da alma, mas a ressurreição e transformação do corpo.

É a natureza física da ressurreição que inspira Joni Eareckson. Ela fica empolgada, escreve, "pensando em como o céu seria parecido com o Rochedo de Gibraltar". "Vamos tocar e saborear, governar e reinar, mexer e correr, rir e nunca teremos razão para chorar."[85]

Joni descreve uma convenção cristã em que o pregador, ao final de sua mensagem, pediu ao auditório que se ajoelhasse para orar. Ela observou enquanto obedeciam. Mas, claro, ela não podia obedecer. Assim, não conseguia parar de chorar. Era ainda mais difícil para ela porque, tendo crescido na Igreja Episcopal Reformada, estava acostumada a ajoelhar-se para orar. Então lembrou-se da ressurreição:

> *Sentada ali, lembrei-me de que no céu serei livre para pular, dançar, chutar e fazer aeróbica. E embora tenha certeza de que Jesus ficará deliciado em me ver na ponta dos pés, há algo que planejo fazer e que pode alegrá-lo mais. Se possível, em algum lugar, em algum momento antes*

[85] *Eareckson Tada, Heaven Your Real Home, p. 70.*

da festa começar, em algum momento antes de os convidados serem chamados à mesa do banquete nas Bodas do Cordeiro, a primeira coisa que planejo fazer com minhas pernas ressuscitadas é cair sobre os joelhos gratos e glorificados. Em silêncio, vou me ajoelhar aos pés de Jesus.[86]

Joni escreve várias vezes em seus livros: "Mal posso esperar".

9. A exaltação: Henry Martin

Zelo pela honra do nome de Cristo

Em algumas passagens do Novo Testamento, a ressurreição e exaltação de Jesus parecem ter sido vistas num telescópio, juntadas num único evento. Mas sua ressurreição e ascensão foram separadas uma da outra por quarenta dias e, além disso, carregam significados diferentes. A ressurreição celebra sua vitória sobre a morte e a ascensão, sua exaltação à posição suprema de honra e autoridade à direita do Pai. Um bom exemplo do efeito telescópico é a declaração de Paulo de que, pelo fato de ter-se humilhado às profundezas da cruz, Cristo foi exaltado às alturas e recebeu nome acima de todo o nome (ou seja, a dignidade acima de toda dignidade), para que todo joelho dobrem-se para ele e toda língua o confesse Senhor (Fp 2.9-11).

Aqui repousa a suprema motivação missionária. Não é a obediência à grande comissão nem a compaixão pelos perdidos nem o entusiasmo com o evangelho, mas o zelo (até um "ciúme") pela honra do nome de Cristo. Assim, Paulo escreve sobre sua vocação de pregar aos gentios "por causa do seu nome" (Rm 1.5) e João descreve alguns missionários pioneiros como pessoas que saíram "por causa do Nome" (3 Jo 7). Ele nem chega a identificar o nome, mas o reconhecemos. É o nome que está sobre todo nome. Nenhum incentivo é maior que o anseio de ver Cristo receber a honra devida ao seu nome.

Não conheço exemplo mais contundente desse zelo que Henry

[86] *Ibid., p. 51.*

Martyn. Ele era da Cornualha, nascido em Truro em 1781. Em tenra idade, aos catorze anos, seguiu para o St John's College, em Cambridge. Henry interessava-se por muitas coisas. Adorava andar, cavalgar pelos campos e possuía dotes artísticos para música, pintura e poesia. Então, com a súbita morte do pai e o testemunho da irmã mais nova, Sally, buscou e encontrou misericórdia em Cristo.

Ao concluir os estudos, foi declarado "Senior Wrangler", título dado ao aluno mais destacado em matemática na Universidade de Cambridge e em 1802 tornou-se bolsista dessa escola. No ano seguinte foi ordenado curador da cadeira de Charles Simeon na Holy Trinity Church em Cambridge. Só permaneceu dois anos, porém, porque um tempo antes havia anunciado sua intenção de seguir para o exterior como missionário.

Assim, em julho de 1805, aos vinte e quatro anos, embarcou para Calcutá, Índia, voltando as costas para uma carreira acadêmica brilhante e (pelo menos, pensou ele, naquele momento) para Lydia Grenfell, a mulher a quem amava. "Meu coração às vezes ficava a ponto de quebrar de agonia", escreveu, "ao ser arrancado de seu ídolo mais querido".[87] Por cerca de oito anos, Henry e Lydia mantiveram correspondência, mas ela declinou de sua proposta e eles nunca se casaram.[88]

Henry Martyn mostrou-se um lingüista talentosíssimo. Ele dominou o urdu (bem ligado ao hindi), o persa e o arábico, as três principais línguas do mundo muçulmano, e seu Novo Testamento Urdu ainda serve como base de todas as traduções subseqüentes. Depois seguiu para Shiraz, Irã, onde completou seu Novo Testamento Persa em um ano, apesar do calor intenso. Ele recebeu ajuda de um estudioso islamita chamado Mirza Sayyid Ali, que certo dia lhe falou da recente vitória sobre os russos em que o príncipe herdeiro Abbas Mirza, filho do Xá, com suas tropas havia matado tantos cristãos russos, que "do quarto céu, Cristo segurou a roupa de Maomé para lhe suplicar que desistisse".[89]

---

[87] *C. E. Padwixk, Henry Moartyn (IVP, 1922), p. 177.* [88] *A narrativa do romance deles é dada por D. Bentley-Taylor em My Love Must Wait: the story of Henry Martyn (IVP, 1975).* [89] *J. R. C. Martyn, Henry Martyn (1781-1812), scholar and missionary to India and Persia: a biography, Studies in the History of Missions, vol. 16 (Edwin Mellen Press, 1999), p. 108.*

Imagine a cena. Cristo está ajoelhado diante de Maomé. Como Henry Martyn teria reagido? "Essa blasfêmia me cortou a alma", disse. Mirza Sayyid Ali ficou surpreso e perguntou o que lhe era tão ofensivo. Ele respondeu: "Eu não conseguiria suportar a existência se Jesus não fosse glorificado; seria um inferno para mim se ele fosse sempre desonrado dessa forma". Seu amigo acadêmico ficou atônito e voltou a perguntar por quê. "Se alguém arrancar seus olhos", Henry Martyn replicou, "não se fala em por que você sente dor; sente-se. É porque sou um com Cristo que fico assim terrivelmente ferido".[90] Um de seus biógrafos acusa Henry Martyn de "alto grau de suscetibilidade".[91] Mas não: era seu zelo pela honra do Cristo exaltado.

No dia 21 de outubro de 1811, Henry Martyn escreveu sua última carta a Lydia, dizendo-lhe que pensava nela sem cessar. Quatro meses mais tarde seu Novo Testamento Persa estava terminado. Ele preparou duas cópias decoradas para apresentar ao Xá e ao Príncipe Herdeiro, mas nunca chegaram lá. Henry Martyn deixou Shiraz a cavalo e dois meses mais tarde chegou a Tabriz. Ele já apresentava febre alta causada por tuberculose, mas voltou à estrada, querendo alcançar Constantinopla, a uns 900 quilômetros, em mais dois meses. Então, no início de outubro, quando fez sua última anotação no diário, estava sofrendo muito. Henry conseguiu continuar cavalgando por mais dez dias, mas morreu a 16 de outubro de 1812, em Tokat, Armênia, com apenas trinta e um anos.

O que motivou Henry Martyn a visitar a Índia e a Pérsia como missionário, a correr o risco de sofrer nas mãos de muçulmanos fanáticos, a aprender três línguas, a perseverar em seu trabalho de tradução apesar da saúde constantemente precária e a colocar a vocação antes de seu amor por Lydia? Era sua determinação de que o Cristo exaltado recebesse a devida honra. Henry Martyn "pertence àquele grupo de santos missionários", escreveu um de seus biógrafos, "devotado por um zelo consumidor que não lhes dava descanso, mas os conduzia sempre adiante para incursões

---

[90]*Padwick, Henry Martyn, p. 146.* [91]*Martyn, Henry Martyn, p. 108.* [92]*Padwick, Henry Martyn, p. 168.*

maiores para o avanço do reino de Deus".[92] Seu hino favorito, conta-nos outro biógrafo, era de Isaac Watts, uma paráfrase do Salmo 72:

Cristo Jesus há de reinar
Por onde quer que o sol passar.
Seu reino o mundo irá fruir
Enquanto a lua reluzir.[93]

10. O dom do Espírito: Roland Allen

O Espírito Santo é um Espírito missionário

"Exaltado à direita de Deus, ele recebeu do Pai o Espírito Santo prometido e derramou o que vocês agora vêem e ouvem" (At 2.33).

Foi o que disse Pedro no clímax de seu sermão no dia de Pentecostes. O ato final na carreira salvadora de Jesus, após a ressurreição e exaltação, foi a concessão do Espírito Santo à sua igreja que o espera, expectante. De todos os muitos ministérios do Espírito Santo, o Novo Testamento dá ênfase à missão (ainda que isso passe muitas vezes despercebido). O Pentecostes foi em essência um evento missionário. Aliás, o intervalo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre a ascensão (quando ele desapareceu) e a *parousia* (quando ele reaparecerá) deve, nos propósitos de Deus, ser preenchido com a missão mundial da igreja. Conforme afirmou o Bispo Lesslie Newbegin, "a igreja é o povo peregrino de Deus. Ela está em movimento – correndo para os confins da terra para buscar todos os homens a fim de que sejam reconciliados com Deus e correndo até o fim dos tempos para encontrar seu Senhor que os reunirá".[94] Aliás, os dois finais serão alcançados simultaneamente, pois, como disse Jesus, "este evangelho do Reino será pregado em todo o mundo como testemunho a todas as nações, e então virá o fim" (Mt 24.14).

---

[93] *Martyn, Henry Martyn, p. 128 [versão em português, J. W. Faustini, 1958]* [94] *L. Newbegin, The Household of God: lectures on the nature of the church (2953; SCM, 1964), p. 25.*

Uma pessoa grandemente inspirada por esse elo entre a concessão do Espírito por Cristo e a missão da igreja foi Rolland Allen. Nascido em 1868 em Bristol, Inglaterra, desde criança sentia-se chamado para ser missionário. "Desde meus mais tenros anos", escreveu, "eu tinha convicção tão firme da minha vocação quanto da minha existência".[95] Foi ordenado em 1892 e três anos mais tarde embarcou para o norte da China. Embora só tenha servido ali por oito anos (retornou enfermo em 1903), desenvolveu algumas convicções radicais acerca da natureza nativa da igreja e gastou os quarenta anos seguintes escrevendo a respeito delas. Ele também visitou o leste da África, a Índia e o Canadá e se estabeleceu por algum tempo no Quênia.

Seu primeiro livro, o mais conhecido e influente, foi *Missionary Methods: St Paul's or Ours?*[96] Ele começa com palavras provocativas:

> *Em pouco mais de dez anos, S. Paulo estabeleceu a igreja em quatro províncias do Império – Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. Antes de 47 d.C., não havia igrejas naquelas províncias; em 57 d.C., S. Paulo podia falar como se seu trabalho estivesse terminado e conseguia planejar viagens prolongadas para o longínquo Ocidente, sem ansiedades quanto ao perigo de as igrejas que havia fundado perecerem em sua ausência por falta de sua orientação e suporte.*[97]

Ora, "nada pode alterar ou camuflar o fato de que S. Paulo de fato deixou atrás de si, em sua primeira visita, igrejas completas".[98] Aliás, "a primeira diferença e a mais perturbadora entre sua ação e a nossa é que ele fundava 'igrejas', enquanto nós fundamos 'missões'."[99]

Em contraposição, quando Rolland Allen pesquisou o que era então conhecido como "o campo missionário", ele viu "três sintomas muito per-

---

[95] *D. M. Paton (ed.), The Ministry of the Spirit: selected writings of Rolland Allen (World Dominion Press, 1960), p. x.* [96] *R. Allen, Missionary Methodis: St Paul's or Ours? (1912; World Dominion Press, rev. ed., 1927). Outro livro seu famoso foi The Spontaneous Expansio of the Church, and the cause wich hinder it (1927; World Dominion Press, 2nd ed., 1949).* [97] *Allen, Missionary Methods, p. 3.* [98] *Ibid., p. 115.* [99] *Ibid., p. 109.*

turbadores". Primeiro, em toda parte o cristianismo ainda era uma planta estrangeira exótica. Segundo, em toda parte as missões cristãs dependiam de estrangeiros nas finanças e na liderança. Terceiro, em toda parte ele viu as mesmas formas estrangeiras de vida cristã, carregando "uma semelhança mais que surpreendente umas com as outras", sem nenhuma originalidade cultural. Assim, as missões cristãs eram "exóticas, dependentes, uniformes" – o oposto exato de nativas.[100] Em vez disso, "queremos ver o cristianismo estabelecido em climas estrangeiros vestindo roupas estrangeiras [i.e., nativas] e desenvolvendo novas formas de glória e beleza".[101]

O método missionário de Paulo era plantar uma igreja e depois retirar-se para dar lugar a Cristo. Mas não se arriscava a um desastre? Se todos os missionários se recolhessem, não exporiam a igreja a ensinos falsos e a tropeços morais? Rolland Allen encarava essas questões como uma crise de fé. Não se deveria confiar que Deus cuidaria de sua própria igreja? As únicas precauções que Paulo tomava eram de deixar atrás de si, ao partir, as Escrituras do Antigo Testamento, um pastorado local e o próprio ensino apostólico.[102] Mas acima de tudo, Allen escreveu que Paulo "cria no Santo Espírito ... como uma pessoa habitando em seus conversos. Ele cria, portanto, em seus conversos. Podia confiar neles. Não confiava neles por confiar na virtude natural ou na suficiência intelectual deles. Mas confiava no Santo Espírito neles".[103] Ele acreditava que o Espírito os estabeleceria, fortaleceria e consolidaria.

Os princípios de Rolland Allen ainda são debatidos porque há diferenças significativas entre a situação de Paulo e a nossa, coisa a que Allen talvez não desse a devida importância. Além disso, como escreveu Alexander McLeish em no livro Memoirs, Rolland Allen foi "sempre um rebelde em espírito".[104]

Ainda assim, em sua ênfase na atuação indispensável do Espírito Santo na missão, ele não pode ser criticado. "Sua maior preocupação e interesse estavam, num sentido nada usual, no lugar do Espírito Santo".[105] Aquilo dominava seu pensamento. Para ele, Atos era um livro missionário

---

[100] *Ibid., p. 184-185.* [101] *Ibid., p. 185.* [102] *Veja, e.g., At 14.22-23.* [103] *Allen, Missionary Methods, p. 194.* [104] *Paton (ed.), The Ministry of the Spirit, p. xv.* [105] *Ibid., p. xvi.*

e o Espírito, um Espírito missionário.[106] Sua visão de igreja nativa era a de uma igreja confiante no dom do Espírito Santo dado por Cristo.

11. A segunda vinda: Anthony Ashley Cooper (Lorde Shaftesbury)

Um programa para reforma social

O Livro de Orações de 1662 continha orientações sobre como determinar a data da Páscoa por 500 anos, até 2199 d.C. E, de acordo com um decreto do parlamento em 1732, o Livro de Orações Episcopal Americano permitiu a seus leitores calcular o calendário da igreja muito além, até 8500 d.C. Essas igrejas anglicanas não servem exatamente para encorajar seus membros a viver em vigorosa expectativa do retorno do Senhor! Uma notável exceção, porém, foi Anthony Ashley Cooper que, com a morte do pai, tornou-se o sétimo conde de Shaftesbury.

Nascido em 1801, teve infância infeliz, negligenciado e maltratado pelos pais. Seu único consolo era a governanta deles, Anna Maria Milles, que lhe contava histórias da Bíblia, o ensinou a orar e parece tê-lo levado a uma fé pessoal no Senhor Jesus Cristo.

Aos dezesseis anos, quando na Harrow School, ele viu um grupo de bêbados derrubar o caixão de um pobre na rua, amaldiçoando e rindo, mais tarde chamando aquilo de "a origem de minha carreira pública", pois naquela hora e lugar decidiu dedicar a vida à causa dos pobres e dos fracos.[107]

Ele entrou no Parlamento em 1826, com apenas vinte e cinco anos, e logo começou seu programa de reforma humanitária, procurando remediar algumas das priores conseqüências da Revolução Industrial. Seu trabalho incessante continuou por quase sessenta anos, e a legislação da qual foi o maior responsável representa uma façanha impressionante.

---

[106] *R. Allen, Pentecost and the World: the revelation of the Holy Spirit in the Acts of the Apostles (OUP, 1917), p. 36, 88.* [107] *John Pollok, Shaftesbury, The Poor Man's Earl (Hooder and Stoughton, 1986), p. 23.*

Em 1842 A Lei das Minas de Carvão proibiu o trabalho subterrâneo em minas e em instalações de mineradoras para mulheres e meninas e reduziu as horas de trabalho dos meninos. Em 1845 a Lei da Insanidade garantiu um tratamento humano para os dementes e destacou quinze "Comissários da Insanidade", dos quais fez parte por quarenta anos. Em 1847, 1850 e 1859, defendeu no Parlamento as Leis das Dez Horas de Fábrica que regulavam as horas de trabalho de mulheres e crianças. Ele foi o líder reconhecido de toda essa reforma fabril. Em 1851 a Lei da Hospedaria Comum tinha por alvo acabar com a insalubridade e condições de superlotação daquelas casas, estabelecendo padrões aceitáveis e permitindo que autoridades locais as inspecionassem e supervisionassem. Mesmo essa lista está longe de ser completa. Ashley Cooper também fundou a União da Escola Esfarrapada e se ocupou em favor de meninos limpadores de chaminés, meninas floristas, órfãos, prostitutas, prisioneiros, deficientes e crianças aleijadas. Embora seus projetos de lei muitas vezes fossem derrotados no parlamento, ele se recusava a desistir. "Preciso perseverar", registra seu diário.

O que o motivava? Para começar, ele acreditava no Evangelho e o amava. "Sou, na minha essência e por convicção profundamente arraigada", escreveu no diário, "... o evangélico dos evangélicos".[108] Isso significa que ele dava ênfase especial à "divindade de Cristo, seu sacrifício expiador em seu reino vindouro".[109] E suas boas obras de amor e justiça eram o produto natural de sua fé.

Durante a década de 1830, porém, desenvolveu uma convicção firme e vital da segunda vinda de Cristo. "Isso entrou em todos os seus pensamentos e sentimentos", escreveu Edwin Hodder, "isso deu tom e cor a todas as suas esperanças em relação ao futuro".[110] Porque "não há remédio real, dizia com freqüência, para toda essa massa de miséria, senão no retorno de nosso Senhor Jesus Cristo. Por que não rogamos por isso todas as vezes que ouvimos o relógio bater?"[111]

"Não sei lhe falar", Ashley Cooper disse certa vez a Edwin Hodder,

---

[108] *Edin Hodder, The Life and Workof the Seventh Earl of Shaftesbury KG, 3 vols. (Cassell, 1887), vol. 3, p. 2-3.* [109] *Ibid., p. 8.* [110] *Ibid., p. 10.* [111] *Ibid., p. 12.*

seu biógrafo autorizado, "como foi que o assunto chamou minha atenção pela primeira vez; ele tem sido, desde que me lembro, um assunto pelo qual sempre me ative tenazmente. Crer nele tem sido um princípio instigador em minha vida, pois vejo que tudo no mundo corre subordinado a esse grande evento singular."[112]

Não surpreende, portanto, que o texto favorito de Ashley Cooper fosse penúltimo versículo da Bíblia: "'Sim, venho em breve!' Amém. Vem, Senhor Jesus!" (Ap. 22.20). O diário, que cobre toda sua vida e a que confiou seus pensamentos particulares, é todo tingido dessa exclamação. Era o lema que tinha inscrito em grego na aba dos envelopes que usava todos os dias.[113] Alguns anos antes de morrer, deixou instruções para que esse texto (Ap 22.20) fosse um dos três inscritos em seu túmulo. E em seu leito de morte continuou murmurando "Vem, Senhor Jesus".

Anthony Ashley Cooper, sétimo Conde de Shaftesbury, morreu em 1885. Ele mereceu tão plenamente o título "o conde dos pobres", que dezenas de milhares de pessoas, de todas as classes sociais perfilaram-se ao longo da rota seguida pelo cortejo que levava seu corpo de sua casa em Grovesnor Square à Abadia de Westminster. Houve grande demonstração pública de dor, amor e respeito. Representantes de abrigos, asilos, escolas e sociedades que havia fundado carregaram bandeiras adornadas com frases de Mateus 25: "Tive fome, e me destes de comer", "Tive sede, e me destes de beber", "Era forasteiro e me hospedastes", "Estava nu, e me vestistes", "Enfermo, e me visitastes", "Preso, e fostes ver-me" (v. 35-36). Nem a chuva torrencial conseguiu conter-lhes o espírito.

"Meus lordes", exclamou o Duque de Argyll, num discurso político feito pouco depois, "as reformas sociais do século passado não se devem a um partido político: eles se devem à influência, ao caráter e à perseverança de um homem. Refiro-me, é claro, ao Lorde Shaftersbury". O Times também o reconheceu como um homem que "mudou toda a condição social da Inglaterra."[114]

E por quê? Qual foi seu incentivo? Ele nos conta. Perto do fim da vida ele disse: "Não penso que nos últimos quarenta anos eu tenha vivido

---

[112] *Ibid., p. 10.* [113] *Ibid.* [114] *Pollock, Shaftesbury, p. 172.*

uma hora consciente em que não fosse influenciado pela idéia da volta de nosso Senhor".[115]

12. O último julgamento
Willian Wilberforce

A abolição da escravatura e do tráfico de escravos

Meu último exemplo de alguém profundamente influenciado por Jesus Cristo é William Wilberforce. Ele relembrava constantemente este fato: que um dia teria de se colocar diante do tribunal de Cristo.

Wilberforce certa vez resumiu suas ambições na vida nos seguintes termos: "Deus Onipotente colocou diante de mim dois grandes objetivos: a supressão do tráfico de escravos e a reforma dos costumes".[116]

Proponho considerar esses dois alvos em ordem reversa. A influência de Wilberforce sobre os valores e padrões morais da Inglaterra pode ser atribuída principalmente a seu famoso livro com um título desajeitado: *Uma Visão Prática do Sistema Religioso Prevalecente de Cristãos Professos, nas classes alta e média neste país, em contraste com o cristianismo real.* Publicado em 1797, reimpresso cinco vezes no mesmo ano, traduzido para cinco línguas européias e popularmente conhecido como *Cristianismo Real*, causou um impacto sensacional.

O título da maioria dos capítulos começa com as palavras "Concepções Inadequadas de ...", já que seu propósito, partindo do amplo conhecimento da Bíblia, era tanto expor as inadequações do cristianismo "nominal" ou "professo" como esclarecer a essência do cristianismo "real", "verdadeiro", "vital" ou "prático". A principal diferença entre elas, insistia, "consiste na posição diferente dada ao Evangelho".[117] Suas doutrinas fundamentais são "a corrupção da natureza humana, a expiação do Salvador e

---

[115] *Citado por G. T. Manley, The Return of Christ (IVP, 1960), p. 20.* [116] *R. Isaac e S. Wilberforce, The Life of William Wilberforce (London: John Murray, 1838), vol. 1, p. 149.* [117] *W Wilberforce, Real Christianity, resumido e editado por J. M. Houston (1829); Multnomah Press, 1982), p. 89.*

a influência santificadora do Espírito Santo".[118] Dessas verdades, quando cridas e experimentadas, flui uma vida radicalmente nova, inspirada pela gratidão a Deus, que se caracteriza por amor, santidade e humildade e permeia cada parte de nós, tanto a parte privada como a pública.

Wilberforce tinha a triste consciência, conforme escreveu, de que a religião e a moral estavam em sério declínio na Inglaterra contemporânea. "A Bíblia fica fechada numa estante",[119] reclamou. Acima de tudo, "imperceptivelmente, o hábito fatal de considerar a moral cristã distinta das doutrinas cristãs vem ganhando força ... Mesmo na maioria dos sermões hoje é difícil alguém encontrar algum resquício de doutrina bíblica".[120]

Em particular, Wilberforce ficou indignado com o envolvimento dos britânicos no tráfico de escravos. Seus horrores foram descritos da seguinte maneira:

> *um ataque súbito contra alguma calma vila nativa (sc. no Oeste da África), o arrasto de homens, mulheres e crianças algemados à costa, a longa e lenta viagem através do Atlântico, o porão sujo e mórbido, onde os escravos eram amontoados em plataformas, e então o trabalho nas plantações de açúcar sob os chicotes dos capatazes.*[121]

Wilberforce entrou no Parlamento como membro por Yorkshire aos vinte e um anos em 1780 e, sete anos mais tarde, apresentou uma moção contra o tráfico de escravos. Ele não era uma pessoa muito influente. De pouca estatura, tinha visão precária e um nariz curvado para cima. Quando Boswell o ouviu falar, considerou-o "um perfeito camarão sem importância", mas depois reconheceu que "neste momento o camarão cresceu e virou baleia".[122] Ele também se defrontou com a oposição determinada dos interesses adquiridos. Mas, apesar de todos os problemas, perseverou. Em 1789 discursou na Câmara dos Comuns

---

[118] *Ibid., p. 85.* [119] *Ibid., p. 3.* [120] *Ibid., p. 103.* [121] *G. R. Balleine, A History of the Evangelical Party in the Church of England (1908; Church Book Room Press, 1951), p. 118.* [122] *J. C. Pollock, Wilberforce (Lion, 1977), p. 27.*

acerca do tráfico de escravos nos seguintes termos: "Tão enorme, tão terrível, tão irremediável pareceu sua perversidade, que minha mente foi completamente convertida em favor da abolição ... Sejam quais forem as conseqüências, naquele momento resolvi que jamais descansaria até conseguir efetuar sua abolição".[123]

Assim, Projetos de Abolição (com respeito ao tráfico) e Projetos de Escravos Estrangeiros (proibindo o envolvimento de navios britânicos) foram debatidos na Câmara dos Comuns em 1789, 1791, 1792, 1794, 1796, 1778 e 1799. Mas todos foram rejeitados, até que o Projeto de Abolição do Tráfico de Escravos finalmente passou em 1807. Então, depois das guerras napoleônicas, Wilberforce voltou suas energias contra a abolição da escravatura em si. Mas em 1825 problemas de saúde o fizeram renunciar à Casa e Thomas Fowell Buston assumiu a liderança da campanha. Em 1833, o Projeto de Abolição da Escravatura passou por maioria esmagadora nas duas Casas do Parlamento. Três dias depois, morreu Wilberforce. Ele foi sepultado na Capela de Westminster, em reconhecimento de sua perseverante luta de quarenta e cinco anos em favor dos escravos africanos.

Não que Wilberforce tivesse lutado só. Certamente ele era o líder reconhecido das campanhas, mas não poderia ter vencido sem um vagalhão de apoio do país e, em especial, de seus amigos chegados do sul de Londres, a quem o humorista Sydney Smith, um dos fundadores do The Edinburgh Review, alcunhou "A Seita de Clapham", embora o Parlamento fossem chamados de "Os Santos".

A agenda da Seita de Clapham era enorme. Aliás, "a característica mais marcante da caridade evangélica na era vitoriana", escreveu Dra. Kathleen Heasman, "são suas vastas dimensões".[124] Então, o que os motivava? Eis a resposta dada por R. C. K. Ensor, jornalista e historiador radical: "Ninguém jamais compreenderá a Inglaterra Vitoriana se não considerar que entre os países altamente civilizados ... era uma das mais

---

[122] *J. C. Pollock, Wilberforce (Lion, 1977), p. 27.* [123] *Ibid., p. 56.* [124] *K. Heasman, Evangelicals in Action: an appraisal of their social work in the Victoria era (Geoffrey Bles, 1962), p. 285.*

religiosas que o mundo já conheceu". Ensor referia-se à religião evangélica, cujo segundo princípio em sua opinião era:

> *certamente girava em torno da existência de prêmios e castigos pós-vida. Se alguém perguntar por que os mercadores ingleses do século XIX ganharam reputação de serem os mais honestos do mundo ... a resposta é: porque o céu e o inferno lhes pareciam tão certos quanto a alvorada de amanhã, e o Julgamento Final, tão real quanto a folha do balanço semanal.*[125]

John Venn, Reitor de Clapham (1792-1813), deu em seus sermões muita ênfase à nossa responsabilidade moral diante de Deus. Foi isso, escreveu Michael Hennell,

> *o que deu à Seita de Clapham toda aquela integridade que agiu como sal e fermento na Câmara dos Comuns; foi esse senso de responsabilidade diante de Deus que capacitou a turma Anti-Tráfico de Escravos a perseverar em suas campanhas durante uma grande guerra na Europa e diante de vinte e cinco anos de derrotas, desapontamentos e desilusões.*[126]

Michael Hennell também nos conta que o jovem primeiro ministro William Pitt certa vez perguntou a Henry Thornton (o membro banqueiro da Seita de Clapham) por que havia votado contra ele numa ocasião. Thornton respondeu: "Votei hoje de modo que se meu Senhor voltasse naquele momento eu pudesse prestar contas de minha mordomia".[127]

Wilberforce podia ter dito o mesmo. Seu forte senso de dever para com o próximo brotou de seu senso de responsabilidade diante de Cristo, seu Salvador, Senhor e Juiz.

---

[125] *R. C. K. Ensor, England 1870-1914 (OUP, 1936), p. 137-138.* [126] *M. Hennell, John Venn and the Clapham Sect (Lutterworth Press,, 1958), p. 207.* [127] *Ibid.*

A natureza radical da influência de Cristo

Que Jesus exerceu uma influência poderosa no desenvolvimento da história humana é amplamente reconhecido pelos historiadores. Eis o sumário apresentado por Kenneth Scott Latourette no final de seu sétimo volume:

> *Neste mundo de homens, com suas aspirações e lutas ... apareceu um, nascido de mulher ... Para a maioria de ... seus contemporâneos ele parecia um fracasso ... Mas nenhuma vida que jamais viveu neste planeta tem influenciado tanto os assuntos dos homens. Dela cresceu a maior comunidade quase universal, a igreja cristã, que o homem conheceu ...*
> *Daquela breve vida e sua aparente frustração brotou uma força mais poderosa para o resultado triunfal da longa batalha do homem do que qualquer outra jamais conhecida pela raça humana. Por meio dela milhões tiveram resolvidos seus conflitos interiores em vitórias progressivas contra seus impulsos mais baixos. Por meio dela milhões têm sido sustentados nas maiores tragédias da vida, saindo radiantes. Por meio dela centenas de milhões têm sido tirados do analfabetismo e da ignorância e colocados no caminho de uma crescente liberdade intelectual e de um controle sobre seu ambiente físico. Ela tem feito mais para abrandar os sofrimentos físicos de doenças e fome do que qualquer outro impulso conhecido pelos homens. Ela tem emancipado milhões da escravidão servil e milhões da servidão a vícios. Ela tem protegido dezenas de milhões da exploração por seus iguais. Ela tem sido a fonte mais frutífera de movimentos para amainar os horrores da guerra e para estabelecer as relações entre homens e nações sobre bases de justiça e paz.*[128]

Isso não significa que todos esses progressos possam ser atribuídos

[128] *K. S. Latourette, A History of the Expansion of Christianity, 7 vols. (Eyre and Spottiswoode, 1938–47), vol. 7, p. 503–504.*

exclusivamente à influência de Jesus Cristo, pois muitas outras pessoas deixaram uma marca sadia na sociedade. Também não se pretende afirmar que o relato cristão tenha sido imaculado, pois tem sido lamentavelmente manchado por pontos cegos e erros de que nos envergonhamos. Entretanto, em toda parte e em cada geração, sempre que o nome e a história de Jesus são conhecidos, pode-se perceber a natureza radical de sua influência.

Por trás de todo empreendimento científico de peso está a crença na racionalidade e uniformidade da ordem criada nela forjadas por seu Criador.

Por trás do processo democrático está o paradoxo de nossa humanidade ensinada por Jesus – nossa dignidade pela criação, exigindo que sejamos governados só por consentimento, e nossa depravação pela desobediência, exigindo que se empregue o poder político.

Por trás da campanha pela educação universal está o respeito de Jesus pelas crianças, exigindo o desenvolvimento do potencial que elas receberam de Deus.

Por trás de nossa luta pela justiça e pelos direitos humanos, por melhores condições numa fábrica, mina e prisão, e pela saúde das pessoas quanto ao corpo, mente, alma e comunidade está o valor de cada ser humano por quem Jesus viveu e morreu.

Por trás do corrente interesse pelo ambiente natural está o chamado para sermos mordomos responsáveis daquilo que Jesus herdou dos primeiros capítulos de Gênesis, mesmo que seus seguidores tenham sido lentos em discernir sua obrigação.

Por trás da busca de relacionamentos raciais harmoniosos está a convicção da igualdade fundamental de todos os seres humanos, feitos à imagem de Deus, independentemente de cor, cultura ou credo, o que Jesus ensinou em sua parábola do Bom Samaritano.

Por trás das famílias humanas como o alicerce da sociedade humana está a instituição divina da monogamia heterossexual que Jesus endossou, juntamente com os limites sexuais saudáveis por ela pressuposta.

Todos esses princípios sociais básicos foram ensinados e/ou confirmados direta ou indiretamente por palavras e atos, atitudes e exemplos de Jesus Cristo.

Mas, como Thomas Carlyle escreveu em seu famoso livro *On Heroes*

and Hero-worship (1841), os movimentos não surgem por acaso; eles pressupõem personalidades inovadoras. É por isso que optei por contar a história de uma dúzia de líderes que tiveram a imaginação incendiada, a compaixão aflorada e a ação inspirada por Jesus – pelo estábulo de Belém ou pela oficina do carpinteiro, por seu ministério de compaixão ou por seu Sermão do Monte, por seu amor pelas crianças ou pelo seu lava-pés, por sua cruz, ressurreição, exaltação ou dádiva do Espírito, por sua segunda vinda ou seu julgamento final.

É preciso que mais uma questão nos atenha. A pergunta é imposta pela longa história da igreja e feita pelo Bispo Stephen Neill: "Que tipo de pedra seria essa que, uma vez lançada no lago da existência humana, conseguiu provocar ondas que continuariam a propalar até o último recanto do mundo ser alcançado?"[129]

Minha resposta é: "Só o Cristo incomparável". E se estivermos prontos a assumir o risco de nos familiarizar com sua história e nos expor à sua personalidade, exemplo e ensino, não permaneceremos incólumes. Antes, também sentiremos o poder de sua influência e diremos como Paulo que o amor de Cristo fecha suas garras sobre nós, até ficarmos sem alternativas, a não ser viver – e morrer – por ele (2 Co 5.14).

[129] *S. C. Neill e N. T. Wright, The Interpretation of the New Testament 1861-1986 (1964; OUP, 2.ed. 1988), p. 19.*

PARTE IV

O JESUS ETERNO
(ou como ele nos desafia hoje)

O Jesus influente

Introdução: "A Revelação de Jesus Cristo"

Nas Partes II e III vimos a história da igreja e consideramos como a igreja apresenta a Cristo e como Cristo tem inspirado a igreja. Agora voltamos para o Novo Testamento, em particular ao livro de Apocalipse, que omiti deliberadamente de minha pesquisa original.

Pode parecer estranho que, após as três grandes pesquisas das Partes I a III, eu venha a estreitar o foco, concentrando-me em um único documento do Novo Testamento, devotando toda a Parte IV ao livro de Apocalipse. Por quê?

A primeira razão é que o livro de Apocalipse, aliás *o* apocalipse cristão, pertence a um *gênero* literário específico e, portanto, exige um tratamento especial.

A segunda é que ele contém uma galeria de retratos de Jesus Cristo. Em todos os outros livros do Novo Testamento, parece possível isolar as ênfases características deles. Cada evangelho e cada epístola possui um tema particular. Mas isso não acontece com o livro de Apocalipse, que contém uma variedade de retratos de Cristo. Ele o apresenta como o primeiro e o último, o cordeiro e o leão, o ladrão na noite, o Rei dos reis, o juiz divino e o noivo celestial. Essas e outras metáforas saem rolando da mente fértil de João. Precisamos fazer justiça a essa galeria de retratos.

A terceira é que o livro de Apocalipse é o ápice do Novo Testamento. Qualquer que tenha sido a data de composição dos documentos do Novo Testamento, a igreja foi sábia em ordenar o cânon de tal maneira que começa com a história de Jesus (os quatro evangelhos) e a história da igreja primitiva (os Atos); continua com vinte e duas cartas de instrução apostólica acerca da fé, vida e esperança cristãs; e termina com o livro de Apocalipse, que traz para perto a eternidade.

Por esses motivos, o livro de Apocalipse merece atenção especial, individual.

É notável como a reação dos leitores ao livro de Apocalipse é variada.

Alguns cristãos são obcecados por ele. Esses supõem que, juntamente com os capítulos apocalípticos do livro de Daniel no Antigo Testamento, Apocalipse contém uma história secreta do mundo, especialmente de eventos e pessoas contemporâneos, e que possuem a chave para decifrá-la. Assim predizem, muitas vezes com grande autoconfiança, o cenário mundial em desenvolvimento e nos proporcionam descrições sensacionalistas da batalha final de Armagedom.

Por exemplo, Edward Irving, que ajudou a fundar a Igreja Apostólica Católica em 1832, escreveu um comentário acadêmico sobre o texto hebraico de Daniel, em que encontrou referências a Napoleão Bonaparte, a Luis XVI como "o que aumenta os impostos" e à Grã-Bretanha como a divina "testemunha fiel". Ele também predisse que até 1867 começaria o milênio.

Depois, em nossa geração, em seu livro imensamente popular, *A Agonia do Grande Planeta Terra* (1970), Hal Lindsey cometeu o erro de identificar os dez chifres da besta em Daniel e Apocalipse com os dez estados membros da União Européia. Quando escreveu, eram seis. Mas em 1981, com o acréscimo da Grécia, tornaram-se dez. Agora, porém, são cinqüenta! Hal Lindsey ficou naturalmente desconcertado quando isso aconteceu. Sua explicação, dada num parêntese de uma única frase, foi que "mais de dez nações podem ser admitidas em algum pontos", mas que "nos estágios finais o número será dez"[1]. Hal Lindsey também se mostrou enganado em predizer que o ano de 1980 bem podia ser o auge da história[2].

É tão freqüente provar-se que esses supostos profetas estão errados em suas predições, que esperaríamos que seus sucessores desenvolvessem dose maior de humildade.

Outros cristãos, longe de se ficarem obcecados com o Apocalipse, correm para o extremo oposto, a negligência. Quando o lemos, encontramos um cordeiro, um leão, e um grande dragão vermelho, juntamente com dois monstros assustadores, um que emerge do mar e outro que aparece da terra. Os selos dos rolos são quebrados, trombetas soam, taças são derramadas e há terremotos,

---

[1] *H. Lindsey, The 1980's: Countdown to Armageddon (1981: Marshall Morgan & Scott, 1983), p. 104.* [2] *Ibid., p. 8.*

saraivadas, brilho de relâmpagos e estrondos de trovões. Os leitores ficam compreensivelmente confusos e até intimidados por esses fenômenos pouco familiares. Assim, passam longe do livro ou, quando começam, logo desistem desesperados, e o livro torna-se a Cinderela do Novo Testamento.

Uma terceira reação, positiva, é exemplificada pelo professor Richard Banckham, acadêmico especialista em Apocalipse. Ele começa seus estudos intitulados *The Climax of Prophecy* com as seguintes palavras: "O Apocalipse de João é uma obra de muita cultura, talento literário meticuloso impressionante, imaginação criativa notável, crítica política radical e teologia profunda"[3]. Essa avaliação profissional devia encorajar-nos a perseverar, assim como a bênção especial prometida no terceiro versículo tanto ao que lê o livro em assembléia pública como aos que ouvem a leitura e abrem o coração àquilo que ouviram (1.3; cf. 22.18s.).

Quatro princípios de interpretação

Consideremos agora quatro princípios de interpretação.

Primeiro, *o Apocalipse está repleto de simbolismo.* Aliás, muitos perguntam impacientes, por que João recorreu a tanto simbolismo estranho, porque isso torna seu livro difícil de entender. Há duas explicações prováveis. Para começar, João está lidando com verdades transcendentes que não podiam ser expressas em prosa direta. Em segundo lugar, não seria somente impossível, como imprudência dele fazê-lo. João está escrevendo sobre a recusa dos cristãos em cultuar o Imperador e sobre a derrota do Império, o que seria considerado sedicioso pelas autoridades. Além disso, os símbolos em Apocalipse devem ser compreendidos, não visualizados. Se tentarmos visualizá-los, o resultado muitas vezes será grotesco. Por exemplo, diz-se que o povo redimido de Deus usa vestes que "alvejaram no sangue do Cordeiro" (7.14). Agora confesso que nunca tentei lavar linho sujo em sangue de cordeiro, mas o conceito é um tanto repulsivo e a conseqüência não seria deixá-lo branco. A interpretação, porém, é bela: a única justiça que nos qualifica para nos colocar na presença de Deus é conseqüência da morte expiatória

[3] *R. Baickham, The Climax of Prophecy: Studies on the Book of Revelation (T. & T. Clark, 1993), p. ix.*

de Jesus Cristo, em quem depositamos nossa confiança.

Segundo, *o Apocalipse trata do passado, presente e futuro.* Aliás, essas são as três teorias clássicas de interpretação. A visão "preterista" considera que quase todos os livros aludem ao passado, na verdade aos eventos dos primeiros séculos depois de Cristo, especialmente à queda do Império Romano. Depois, a visão "historicista" lê os livros como se contassem a história da igreja, estágio por estágio, durante todo o período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, inclusive a nossa geração. Mas isso pressupõe um horizonte ocidental e há muito desacordo em torno de detalhes. A terceira visão ou a visão "futurista" espera que a maior parte do livro seja cumprida imediatamente antes da *parousia.* Mas nesse caso o livro tem sido irrelevante nos últimos 1.900 anos ou mais. É com certeza desnecessário ser forçado a escolher entre as três, pois entende-se que a Palavra de Deus fala à igreja em todas as eras. Parece melhor, pois, adotar uma visão "paralelista", que vê cada seção do livro recapitular todo o período "interadventual" entre as duas vindas de Cristo, cada uma concluindo com uma cena de julgamento e salvação. João tem visões consecutivas, mas as realidades que simbolizam não ocorrem de maneira consecutiva.

Terceiro, *o Apocalipse celebra a vitória de Deus.* O livro retrata o conflito entre Deus e Satanás, o cordeiro e o dragão, a igreja e o mundo, a cidade santa de Jerusalém e a grande cidade de Babilônia, a noiva e a meretriz, os marcados na fronte com o nome de Cristo (7.2ss.; 14.1; 22.4) e os marcados com o nome da besta (13.17; 14.9; 11; 16.2; 19.20). O Apocalipse retrata mais que um conflito; ele celebra uma vitória. A perspectiva do livro é que Cristo já "venceu" (5.5; cf. 12.9-10), e que seu povo deve participar de sua vitória. "Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono, assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono" (3.21). Desse modo, como escreveu o Professor Swete no início do século XX, "todo o livro é um *sursum corda*", uma exortação aos crentes cristãos a que "levantem o coração" e vejam suas tribulações em relação a um Cristo vitorioso e reinante que está voltando.[4]

Quarto, *o Apocalipse focaliza Jesus Cristo.* As primeiras três palavras do

[4] *H. B. Swete, The Apocalypse o St John (Macmillan, 1906), p. xcii.*

texto grego do livro são *apokalupsis Iesou Christou*, ou seja, um apocalipse ou uma revelação de Jesus Cristo. É verdade que muitos comentaristas pensam que se trata de um genitivo subjetivo, de modo que é Jesus Cristo quem revela o conteúdo do livro. Mas parece-me muito mais provável que o genitivo seja objetivo, de modo que o livro é, acima de tudo o mais, um desvendar da grandeza e glória de Jesus Cristo. Pois é disso que uma igreja sitiada e perseguida necessita mais que qualquer outra coisa, não de uma série de profecias acerca do passado ou do futuro, nem mesmo de um panorama codificado da história da igreja, mas de um desvandar do Cristo incomparável, antes crucificado, agora ressuscitado e reinante e que um dia retornará em poder e grande glória.

Precisamos agora considerar o contexto do livro. João foi banido para a Ilha de Patmos no Mar Egeu, por causa de sua fiel pregação da Palavra de Deus e seu testemunho de Jesus (1.2, 9). Ele se descreve como "companheiro" de seus leitores da Ásia, já que está junto com eles "no sofrimento, no Reino e na perseverança em Jesus" (1.9). E agora é instruído a partilhar com eles tudo o que vê (1.10), em particular sua visão de Cristo. O que ele tem a dizer?

Cada comentarista provê a própria análise estrutural do livro de Apocalipse e assim as muitas e diversas propostas formam o que o Professor G. K. Beale chama de "um labirinto de confusão interpretativa".[5] Meu plano é não aumentar a confusão com mais uma análise, mas concentrar-me nas dez visões cristológicas mais marcantes no livro. Cada uma dá alguma contribuição nova para sua "revelação de Jesus Cristo" multifacetada na plenitude de sua pessoa e obra.

1. Cristo alegando ser o Primeiro e o Último, e Aquele que Vive (Ap 1)

Uma visão do Cristo ressuscitado e eterno

Primeiro, portanto, no capítulo 1 (v. 17-18) vemos *Cristo afirmando*

[5] *G. K. Beale, The Book of Revelation, em The New International Greek Testament Commentary (Eerdmans/Paternoster, 1999), p. 108*

ser o Primeiro e o Último, e Aquele que Vive. Aliás, antes de lermos essas palavras, os primeiros versículos já nos deram uma cristologia rica. Mesmo na saudação de abertura (v. 4-5a), que na maioria das cartas é apenas uma fórmula convencional, João consegue incluir cumprimentos da Trindade. Ele deseja a seus leitores graça e paz "daquele que é, que era e que há de vir" (o Pai Eterno); e "dos sete espíritos que estão diante do seu trono" (presume-se que seja o Espírito Santo único, como no versículo 10, mas dito sete para indicar seu ministério nas sete igrejas e através delas); e "de Jesus Cristo", que então recebe uma tríplice designação exaltada "a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos e o soberano dos reis da terra" (v. 4 e 5), sendo a última especialmente audaciosa, já que é exatamente o que o Imperador Romano alegava ser.

Depois dessa saudação vem uma doxologia à pessoa a Cristo (v. 5b-6), celebrando o que ele fez por nós, a saber, que ele nos ama, que ele nos livrou de nossos pecados por sua morte sacrificial e que "nos constituiu reino e sacerdotes para servir a seu Deus e Pai" (v. 5, 6). Então essa doxologia é imediatamente seguida por uma aclamação (v. 7), declarando que Cristo está voltando. Sua vinda será um evento histórico que de algum modo será simultaneamente glorioso (as nuvens simbolizam a glória da presença de Deus), visível (nossos olhos a verão) e universal (pois "todo olho o verá", tanto de penitentes como de impenitentes).

E a introdução termina com uma declaração divina em que Deus repete que ele é Aquele "que é, o que era e o que há de vir" (v. 8) e acrescenta que é tanto "o Alfa e o Ômega" como "o Todo-poderoso".

O notável nesses oito versículos de abertura (a saudação, a doxologia, a aclamação e a declaração) é que neles João alude, sem constrangimento e de modo assistemático, a cada evento na carreira salvadora de Jesus, e assim à essência do evangelho apostólico. Ele se refere ao ministério terreno do Senhor ("a testemunha fiel"), sua morte sacrificial ("o primogênito dentre os mortos"), sua suprema exaltação ("o soberano dos reis da terra"), sua conquista salvadora (ele "nos constituiu reino e sacerdotes") e sua volta visível ("ele vem com as nuvens"). E tudo isso na introdução epistolar, antes mesmo de começar o assunto sério da carta!

Nos versículos 9-11 João monta o cenário para sua primeira visão, a

visão que define o Cristo glorificado. Era um domingo. João estava no exílio na Ilha de Patmos. E ele estava "no Espírito", quando o Espírito revelador e inspirador o dominou. Então, antes de ter a visão, João ouviu uma voz. Alta e decisiva, como o soar de uma trombeta e, evidentemente, a voz do próprio Cristo, ela ordenou que João escrevesse num rolo o que estava para ver e a enviar às sete igrejas da província romana da Ásia, começando por Éfeso, a capital e mais próxima de Patmos e continuando para o norte e depois sudeste, seguindo pela estrada circular que as ligava uma às outras.

Voltando-se para ver de quem era a voz, a atenção de João fixou-se primeiro em sete candelabros de ouro. Mas aquilo era só a moldura. Muito mais importante era a pessoa em pé entre eles, no meio deles. Ele é chamado "alguém semelhante a um filho de homem", ou seja, que lembra a figura humana, expressão tomada do livro de Daniel, cujos capítulos 7 e 10 fornecem boa parte da descrição a seguir.

João ficou impressionado com a roupa da pessoa. Ele vestia uma túnica longa que lhe chegava aos pés e era presa por um cinto longo de ouro em torno do peito. Parece que era o traje de um rei, sacerdote ou juiz.

Em seguida, João descreveu várias partes de seu corpo. Tanto sua cabeça como seus cabelos eram brancos como a lã ou a neve, o que era a descrição do "Ancião de Dias", ou seja, do próprio Deus, feita por Daniel (Dn 7.9). Agora transferida para Cristo, ela mostra que a figura humana era também uma figura divina. Seus olhos chamejavam como fogo, ferindo corações; seus pés eram fortes e firmes como bronze e sua voz, tão alta como vagalhões batendo contra os rochedos de Patmos.

Em sua mão direita o filho do homem segurava sete estrelas, identificadas posteriormente; de sua boca projetava-se uma espada afiada de dois gumes, simbolizando sua palavra poderosa; e sua face brilhava como o sol e todo o seu resplendor — a face da qual o impenitente clamará para ser escondido no dia do julgamento (6.16).

Não surpreende que, em reação a tão gloriosa visão, como Ezequiel (1.28) e Daniel (8.17; 10.9) antes dele, João caísse prostrado aos seus pés como se estivesse morto. Ainda que não surpreenda, é anômalo, pois ele caiu morto aos pés dAquele que Vive!

Mas o mesmo Cristo que inspirou temor trouxe conforto. Ele colo-

cou sua mão direita sobre João e lhe disse: "Não tenha medo". Mas como não ter medo? Não era só a visão que lhe causava medo, mas toda a situação em que se encontrava. Ele estava no exílio. O que o futuro guardava para ele e para as comunidades cristãs na Ásia pelas quais era responsável? O Imperador Domiciano estava exigindo ser chamado *Dominus et Deus Noster* ('nosso senhor e deus"), coisa que cristãos fiéis que haviam confessado Jesus como Senhor jamais poderiam fazer. Em Pérgamo, um homem chamado Antipas já havia pago com sangue por seu testemunho fiel (2.13). Quem seria o próximo nos anais do martírio cristão?

Que essas coisas estavam na mente de João evidencia-se no fato de que na carta a Esmirna, a seguir, Cristo se anunciará nas mesmas palavras dessa visão, como "aquele que é o Primeiro e o Último, que morreu e tornou a viver" (2.8). Ele prossegue, alertando Esmirna para aflição, calúnia, sofrimento (acrescentando de novo "não tenha medo", v. 10), prisão e perseguição, e exortará todos os membros da igreja: "Seja fiel até a morte, e eu lhe darei a coroa da vida" (2.10).

Para essa igreja que sofre perseguição e enfrenta a possibilidade do martírio, a mensagem de Cristo é mais do que a ordem "não tenha medo" (1.17 e 2.10). É também a base do destemor cristão que é dupla. Primeiro, Cristo partilha da eternidade divina. Ora, o título que ele assume, "eu sou o Primeiro e o Último" (1.17), é virtualmente idêntico ao que Deus reclama para si: "eu sou o Alfa e o Ômega" (1.8). Segundo, ele se autodenomina "sou Aquele que Vive", não no sentido de ter superado a morte ou de ter sido ressuscitado e devolvido à vida para morrer de novo, mas que seu corpo morto foi ressuscitado e simultaneamente transformado. Por conseguinte, ele diz "vivo para todo o sempre", vitorioso sobre a morte, para nunca mais morrer. Além disso, por causa da vitória na ressurreição, ele tem as "chaves da morte e do Hades",[6] ou seja, tem autoridade sobre eles.

Assim, por Cristo ser o Eterno e o Ressuscitado, a morte perdeu seu terror e temos todos os motivos para nos regozijar e não temer.

---

[6] *"Morte e Hades" são com freqüência agrupados no livro de Apocalipse, sendo "morte" o ato de morrer e "hades" a habitação do morto.*

Nos últimos dois versículos do capítulo 1, João é instruído a escrever sua visão que inclui tanto "as [coisas] presentes" como "as que acontecerão". Ele também é informado de que as sete estrelas na mão direita de Cristo são "os anjos das sete igrejas", simbolizando provavelmente os líderes das igrejas locais (ou talvez seus correspondentes celestiais) e que os sete candelabros são as próprias igrejas, brilhando como lâmpadas num mundo escuro (Mt 5.14).

Assim, a primeira "revelação de Jesus Cristo" é do Cristo ressuscitado e eterno. Sua ressurreição é fundamental. Ele é apresentado vitorioso do princípio ao fim, apesar dos ataques violentos do diabo, tendo conquistado uma vitória decisiva contra o mal por sua morte e ressurreição.

2. Cristo supervisionando suas igrejas na terra (Ap 2–3)

Sete marcas de uma igreja ideal

O cenário muda. Nossa visão agora se prende não tanto à figura humano-divina gloriosa de Cristo, mas às igrejas entre as quais, somos informados, ele anda (2.1) e para as quais João é instruído a escrever.

Nota-se de imediato que todas as sete cartas às sete igrejas têm estrutura idêntica.

Primeiro vem *um anúncio* do destinatário e do autor da carta. O destinatário é o "anjo" de cada igreja. O autor é, claro, Cristo, mas ele se descreve de diferentes maneiras em cada carta, tomando uma ou duas frases adequadas da visão de abertura. Por exemplo, ele escreve a Esmirna (2.8): "Estas são as palavras daquele que é o Primeiro e o Último, que morreu e tornou a viver..."

Em segundo lugar vem *uma afirmação* que começa em cada caso com a palavra *conheço*. Cristo conhece intimamente sua igreja, pois é aquele "cujos olhos são como chama de fogo" (2.18), "aquele que sonda mentes e corações" (2.23) e "anda entre os sete candelabros de ouro" (2.1). Quando inspeciona e supervisiona suas igrejas, conhece tudo a respeito delas, diferente em cada caso: "conheço as suas obras", diz cinco vezes, mas então faz afirmações como: "[conheço] o seu trabalho árduo e a sua perseverança";

"conheço as suas aflições e a sua pobreza"; "sei onde você vive"; "conheço o seu amor, a sua fé, o seu serviço"; "conheço a sua fama"; "conheço as suas oportunidades"; "conheço a sua complacência".

Em terceiro lugar, Cristo envia a cada igreja *uma mensagem* adaptada a sua situação, pois cada uma é digna de louvor e de censura, recebendo elogios ou críticas, conforme o caso. A maioria recebe um chamado ao arrependimento e, com ele, um alerta e uma exortação.

A quarta parte de cada carta é *um apelo* e neste caso é o mesmo: "aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas". Trata-se de uma frase extremamente significativa. Primeiro, embora cada carta fosse escrita por João, era o Espírito quem falava por meio dela. Segundo, embora as cartas de João talvez tivessem sido escritas meses antes, por intermédio delas o Espírito ainda estava falando (tempo presente). Terceiro, embora cada carta seja dirigida a uma igreja em particular, o Espírito estava falando às "igrejas" (plural).

Por fim, cada carta conclui com *uma promessa* para os cristãos vencedores. Em termos gerais, é uma promessa de vida eterna, mas essa dádiva é descrita de diferentes maneiras com frases tomadas do clímax de Apocalipse 21 e 22.

Já que o sete era o número perfeito ou completo (pelo menos nos círculos do autor e seus leitores), parece legítimo considerar que, juntas, as sete igrejas da província da Ásia representam a igreja universal. E já que um aspecto específico é destacado em cada igreja, talvez possamos entender essas sete características como as marcas de uma igreja ideal.

Amor. Essa é a primeira marca de uma igreja ideal. A igreja em Éfeso possuía muitas qualidades. Cristo conhecia seu trabalho árduo e perseverança, sua intolerância ao mal e seu discernimento teológico. Alguns anos mais tarde, no início do segundo século, o Bispo Inácio de Antioquia, a caminho de Roma para ser executado como cristão, escreveu aos efésios em termos muito elogiosos: "Vós todos viveis de acordo com a verdade e nenhuma heresia tem abrigo entre vós; aliás não vos prestais a ouvir ninguém que fale outra coisa senão acerca de Jesus Cristo e sua verdade".[7]

[7] *A Epístola de Inácio aos Efésios, cap. 6.*

Ainda assim, Jesus tinha algo contra a igreja efésia: "você abandonou o seu primeiro amor" (2.4). Todas as virtudes dos efésios não compensavam aquela falha. Não há dúvida de que na época da conversão o amor deles por Cristo havia sido ardente e vivo, mas agora as chamas haviam definhado. Lembramos da reclamação de Javé a Jeremias acerca de Jerusalém: "Eu me lembro de sua fidelidade quando você era jovem: como noiva, você me amava..." (Jr 2.2). Como em Jerusalém, assim também com Éfeso: o noivo celestial procurava cortejar a noiva para que ela voltasse ao primeiro êxtase de seu amor: "Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se e pratique as obras que praticava no princípio" (2.5). Sem amor, tudo é nada.

Sofrimento. Se a primeira marca de uma igreja viva é o amor, a segunda é o sofrimento. A disposição de sofrer por Cristo prova a genuinidade de nosso amor por ele.

Cristo conhecia as aflições, a pobreza e injúria que a igreja de Esmirna estava tendo de enfrentar. Talvez esses sofrimentos estivessem associados com o culto local ao imperador, pois Esmirna orgulhava-se de seu templo em homenagem ao Imperador Tibério. De tempos em tempos, os cidadãos eram convocados para jogar incenso no fogo que queimava diante do busto do Imperador e confessar que César era o senhor. Mas como os cristãos poderiam negar o senhorio de Jesus Cristo? Em 156 d.C., o venerável Policarpo era Bispo de Esmirna. Ele enfrentou esse mesmo dilema. No anfiteatro lotado, o procônsul instou-o a reverenciar o gênio de César e insultar Cristo, mas Policarpo recusou-se, dizendo: "Por oitenta e seis anos o tenho servido, e ele nenhum dano me causou; como então poderia eu blasfemar meu rei que me salvou?" Ele preferiu ser queimado numa estaca a negar a Cristo.[8]

Mais de um século antes daquilo, Cristo já havia alertado a igreja de Esmirna de que provações severas estavam chegando, inclusive prisão e talvez morte. "Seja fiel até a morte", disse-lhes Jesus, "e eu lhe darei a coroa da vida" (2.10).

Verdade. A igreja de Pérgamo era dedicada à verdade. Assim, Jesus se

[8] *O Martírio de Policarpo, cap. 9-16 em B. J. Kidd (ed.), Documents Illustrative of the History of the Church (SPCK, 1938), vol. 1, p. 68-71.*

apresenta como aquele que tem uma espada afiada de dois gumes saindo da boca, simbolizando sua palavra. Ele descreve a igreja de Pérgamo vivendo "onde está o trono de Satanás", pois Pérgamo era um centro de culto pagão. Mas "precisamos concluir", escreveu Colin Hemer, "que a expressão 'trono de Satanás' refere-se basicamente ao culto ao imperador conforme imposto por Pérgamo numa época de confronto para a igreja".[9] Ainda assim, apesar da oposição e até do martírio de Antipas, a igreja permanecera leal ao nome de Cristo e não havia renunciado à fé nele, embora alguns membros da igreja tivessem sucumbido a falsos ensinos que toleravam a idolatria.

Santidade. Jesus escreve a seguir à igreja de Tiatira, destacando que a santidade é outra marca de uma igreja viva. Ele começa em termos de elogios calorosos, pois conhece o amor e a fé, o serviço e a perseverança deles. Essas são quatro virtudes superiores e incluem a tríade de fé, esperança e amor.

Mas, infelizmente, esse não era o quadro completo pois, junto com as elevadas qualidades cristãs, a igreja era culpada de transgressão moral. A igreja tolerava uma pretensa profetisa maligna, simbolicamente chamada Jezabel por causa da esposa perversa de Acabe, que estava desviando servos de Cristo, levando-os à imoralidade sexual bem como à idolatria. Cristo lhe havia dado tempo para se arrepender, mas ela não se dispunha a tanto, de modo que o julgamento recairia sobre ela.

A santidade do autocontrole e da semelhança a Cristo é outra característica essencial de uma igreja viva. A tolerância não é uma virtude se o que se tolera é o mal. Deus ainda diz a seu povo: "Sejam santos porque eu sou santo".

Sinceridade. A carta de Cristo a Sardes é a única que não contém nenhum elogio de nenhuma espécie. Antes, ele reclama: "você tem fama de estar vivo, mas está morto". Essa igreja não parece ter tolerado o erro ou o mal, nem ter sido deficiente em amor, fé ou santidade. Ela apresentava todo sinal de vida e vigor. Mas sua reputação era falsa.

---

[9] *C. J. Hemer, The Letters to the Seven Churches of Asia in their local setting (JSOT Press, 1986), p. 87, cf. p. 104.*

As Escrituras têm muito a dizer sobre a diferença entre reputação e realidade, entre aquilo que os seres humanos vêem e o que Deus vê. "O SENHOR não vê como o homem: o homem vê a aparência, mas o SENHOR vê o coração" (1 Sm 16.7). Ser obcecado pela aparência e reputação leva naturalmente à hipocrisia (que Jesus odiava) e nos ensina que a sinceridade caracteriza uma igreja viva e verdadeira.

Missão. Ao escrever para Filadélfia, Jesus descreve-se como alguém que detém a chave de Davi com que era capaz de abrir portas fechadas e fechar portas abertas. Assim, ele podia dizer à igreja de Filadélfia: "Eis que coloquei diante de você uma porta aberta que ninguém pode fechar" (3.8). O significado mais provável é que se trata da porta da oportunidade, como quando Paulo escreveu que em Éfeso "se abriu para mim uma porta ampla e promissora" (1 Co 16.9). Isso significa que a missão é outra marca de uma igreja verdadeira. Citando G. K. Beale, todas as cartas às igrejas "tratam de maneira geral da questão do testemunho em favor de Cristo em meio a uma cultura pagã".[10]

Talvez isso seja destacado na carta à Filadélfia por causa de sua localização estratégica. A Filadélfia estava situada num vale amplo e fértil que dominava rotas mercantis em todas as direções. Sir William Ramsay escreveu que a intenção do fundador da cidade fora torná-la centro de disseminação da língua e da civilização grega. Filadélfia "era uma cidade missionária desde o início"[11]. Assim, pode ser que Cristo quisesse que Filadélfia fosse agora para a disseminação do evangelho o que fora para a cultura grega. A porta estava escancarada. Ainda que a igreja fosse comparativamente fraca, precisava atravessar a porta com ousadia, levando as boas novas.

Integridade. Não pode haver dúvidas acerca da mensagem de Cristo à igreja de Laodicéia: ele quer que sua igreja seja caracterizada pela integridade. Ele é muito franco. Cristo prefere que seus discípulos sejam ou quentes em sua devoção a ele ou gelados em sua hostilidade, e não mornos em sua indiferença. Ele considera a mornidão nauseante.

Do lado diretamente oposto de Laodicéia, do outro lado do Rio

---

[10] *Beale, Revelation, p. 226.* [11] *W. M. Ramsay, The Letters to the Seven Churches of Asia (Hodder & Stoughton, 1904), p. 391-392.*

Lico, ficava Hierápolis, cujas fontes quentes enviavam águas tépidas por sobre os penhascos de Laodicéia, deixando depósitos de calcário que podem ser vistos ainda hoje. Assim, o adjetivo "laodiceno" entrou no vocabulário inglês para denotar pessoas mornas quanto à religião, política ou qualquer outro assunto. Laodicéia parece representar uma igreja que por fora é respeitável, mas superficial por dentro, uma das igrejas puramente nominais com que estamos familiarizados.

Quando a metáfora muda para mendigos nus e cegos, começamos a perguntar se os membros da igreja de Laodicéia eram de algum modo cristãos genuínos. Então ela muda de novo para a de uma casa vazia. Cristo coloca-se à porta, bate, fala e espera. Se abrirmos a porta, ele entra, não só para comer conosco, mas para tomar posse. Essa é a essência da integridade a que Cristo nos chama.

Assim, o Senhor ressuscitado revela-se como o pastor principal de seu rebanho. Vigiando, inspecionando e supervisionando suas igrejas, ele possui um conhecimento íntimo delas e é capaz de apontar as sete marcas que gostaria de ver manifestas em todas as igrejas: amor a ele e a disposição de sofrer por ele, verdade doutrinária e santidade de vida e dedicação à missão, junto com sinceridade e integridade em tudo.

Também observamos a igreja afligida internamente pelo pecado, erro e letargia e, externamente, por tribulação e perseguição, especialmente pela tentação de trair Cristo por César e pelos riscos reais de martírio.

Assim, com Apocalipse 4 nos voltamos abruptamente da igreja sobre a terra para a igreja no céu, de Cristo entre candelabros cintilantes para Cristo bem no centro do trono imutável de Deus. É o mesmo Cristo, mas de uma perspectiva inteiramente diferente.

3. Cristo dividindo o trono de Deus no céu (Ap 4–5)

O trono, o rolo e o Cordeiro

"Depois dessas coisas olhei, e diante de mim estava uma porta aberta no céu. A voz que eu tinha ouvido no princípio, falando comigo como trombeta, disse: 'Suba para cá, e lhe mostrarei o que deve acontecer depois dessas

coisas'" (4.1). Era a porta aberta da revelação e quando João olhou através da porta o que viu desenvolveu-se em três partes: primeira, *um trono*, do qual Deus governo o universo; segunda, *um rolo*, o livro da história, fechado, selado e mantido na mão direita de Deus; e, por fim, *um cordeiro*, como que morto, o único digno de abrir o rolo, interpretar e controlar a história.

A visão de um trono (4.1-11)

É mais do que significativo que, quando João espiou pela porta aberta, a primeiríssima coisa que viu fosse um trono, símbolo da soberania, majestade e governo régio de Deus. Sua visão possui raízes profundas no Antigo Testamento em Ezequiel 1 e Daniel 7.[12] O trono é mencionado dezessete vezes em Apocalipse 4 e 5.

As igrejas a Ásia eram pequenas e enfrentavam dificuldades; o poder de Roma parecia invencível. O que poderiam fazer uns poucos cristãos indefesos se um edito imperial os banisse da face da terra? Os poderes das trevas já pareciam estar se fechando sobre eles. Mas eles não precisam temer, pois no centro do universo existe um trono. Dele recebem instruções os planetas rotantes. A ele se aliam galáxias gigantescas. Nele encontra vida o menor ser vivente.

Tudo o que João viu em sua visão estava relacionado com o trono. Ele usa sete expressões para indicar a centralidade do trono de Deus.

Sobre o trono havia alguém sentado (v. 3). Quem ocupa o trono não é descrito, porque Deus é indescritível. Tudo o que João viu eram cores brilhantes como jóias reluzentes, "jaspe e sardônio", significando talvez diamantes e rubis.

Circundando o trono havia um arco-íris de esmeralda (v. 3), simbolizando a misericórdia divina relacionada à aliança e nos lembrando que o trono exaltado de Deus é ao mesmo tempo um trono da graça (cf. Gn 9.8-17).

Ao redor do trono havia outros vinte e quatro tronos (v. 4) em que se assentavam vinte e quatro anciãos que, presume-se, representavam os doze cabeças tribais do Antigo Testamento e os doze apóstolos de Jesus Cristo. As vestes brancas e as coroas de ouro indicavam a justiça e autoridade deles.

[12] *Beale lista catorze semelhanças entre Dn 7 e Ap 4 em Revelation, p. 313ss.*

Do trono saíam relâmpagos, vozes e trovões (v. 5a), reminiscências da revelação de Deus no Monte Sinai, indicações da presença e do poder do Santo.

Diante do trono sete lâmpadas ardiam (v. 5b), sendo os sete espíritos de Deus, a saber, o Espírito Santo em todos os seus muitos ministérios, não menos em relação às sete igrejas, pois a igreja e o Espírito caminham juntos.

Em frente do trono estendia-se algo parecido com um mar de vidro infinito (v. 6a), falando-nos da transcendência e da intangibilidade divinas.

No centro, ao redor do trono, como um tipo de círculo menor, estavam quatro criaturas viventes (v. 6b). Elas estavam: "cobertos de olhos, tanto na frente como atrás" (expressando a vigilância incessante delas) e lembravam um leão, um boi, um homem e uma águia, representando "tudo o de mais nobre, forte, sábio e rápido na natureza animada".[13] Dia e noite toda a natureza jamais pára de cantar louvores do Senhor Deus Todo-Poderoso, e disso participam os vinte e quatro anciãos. Assim, a natureza e a igreja, a velha criação e a nova unem-se para proclamar que Deus é digno de louvor porque por sua vontade todas as coisas foram criadas e continuam tendo existência.

Fazemos uma pausa e refletimos que essa é nossa visão da realidade última. Nossa visão do futuro tende a ser muito negativa. Nós nos apegamos às promessas do livro de Apocalipse de que um dia não haverá mais fome nem sede, dor nem lágrimas, pecados, morte ou maldição, pois essas coisas terão passado.

Seria melhor e mais bíblico, porém, concentrar não tanto nessas ausências, mas na causa de sua ausência, a saber, a presença central dominadora do trono de Deus. Pois quando Deus assumir o poder e dominar sem rival e o reino vier em sua plenitude, então tudo que for incompatível com seu reinado será destruído e Deus será "tudo em todos" (1 Co 15.28). Por enquanto, somos chamados para antecipar na terra a vida celestial centrada em Deus, para viver agora em relacionamento consciente com o trono, de modo que cada pensamento, palavra e ação estejam sob o governo de Deus.

---

[13] *Swete, Apocalypse, p. 70. Ou talvez fossem querubins. Veja Ez 10.20.*

A visão de um rolo (5.1-6)

Atendo-se mais agora ao trono e seu ocupante, João percebe em sua mão direita um rolo. Ele era inscrito dos dois lados e lacrado com sete selos. João não nos diz o que é, mas daquilo que se segue quando os selos são rompidos, trata-se do livro da história, o relato selado do futuro desconhecido, "o que deve acontecer depois dessas coisas" (4.1).[14]

Na visão de João (5.2) um anjo poderoso aparece e pergunta em alta voz exatamente o que todos nós gostaríamos de perguntar, ou seja: "Quem é digno de romper os selos e de abrir o livro?", isto é, de desvendar o futuro, tanto mais de controlá-lo? Pois o futuro está na mão de Deus. Quem mais é digno de conhecê-lo? Não houve resposta para a pergunta desafiadora do anjo. Assim, João diz (v. 4): "eu chorava muito". Ele foi tomado de emoção, profundamente desapontado porque ninguém era apto para abrir o rolo ou mesmo ver seu interior.

Vamos tentar imaginar a situação. A igreja cristã era uma pequena comunidade em meio ao poderoso Império Romano. Os cristãos não só eram uma minoria insignificante, mas também uma minoria perseguida. Todos pareciam estar contra eles. Os cristãos podiam agarrar-se ao trono; mas que segredos o rolo poderia conter? Será que seus sofrimentos tinham algum significado? Será que Deus tinha um plano? Será que a história possuía uma trama? Quem poderia fornecer uma chave para resolver o mistério da história?

Então (v. 5) um dos anciãos adiantou-se e falou. Ele disse a João que não chorasse e acrescentou: "Eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi" (ou seja, o Messias) "venceu para abrir o livro e os seus sete selos", e assim para revelar o conteúdo e o significado da história.

Foi um momento dramático. João procurou esse leão triunfante, mas, para seu espanto, viu um Cordeiro que parecia ter sido morto, porém estava em pé bem no centro do trono, dividindo-o com Deus (veja 3.21). Nessa posição central ele era rodeado tanto pelas quatro criaturas vivas (natureza) como pelos anciãos (igreja). Ele também é descrito como tendo

[14] *Beale o descreve como "um livro que contém o plano de julgamento e redenção divinos" em Revelation, p. 340.*

sete chifres e sete olhos que são identificados como "os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra" (v. 6).

Assim nossa atenção é redirecionada do trono para o rolo e agora do trono para o Cordeiro.

A visão do Cordeiro (5.7-14)

O Cordeiro agora começou a agir. Ele chegou para o ocupante do trono e tomou o rolo de sua mão direita. Esse era o sinal para os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos caírem prostrados diante do Cordeiro e cantar um cântico novo, declarando sua dignidade para tomar o rolo e abrir seus selos não agora por causa da criação, mas por causa da redenção:

> *pois foste morto,*
> *e com teu sangue compraste para Deus gente*
> *de toda tribo, língua, povo e nação.*
> *Tu os constituíste reino*
> *e sacerdotes para o nosso Deus,*
> *e eles reinarão sobre a terra (5.9-10).*

A seguir juntam-se milhões de anjos, proclamando a dignidade do Cordeiro, pelo fato de ter sido morto, de receber sete bênçãos, já que todo poder e sabedoria são a ele atribuídos.

E, por fim (v. 13), João ouviu todas as criaturas em todo o universo atribuindo louvor e honra "Àquele que está assentado no trono e ao Cordeiro". Os quatro seres viventes o endossaram com um amém e os vinte e quatro anciãos prostraram-se e adoraram.

É uma visão mais que magnífica de toda a criação prostrada diante de Deus e de seu Cristo e é realmente espantoso que o Cordeiro esteja ligado ao ocupante do trono como alguém que o partilha o lugar com ele e recebe igual louvor.

Mas o drama também provoca perguntas. Por que Jesus Cristo é a única pessoa digna de abrir e explicar o rolo? O que há no Cordeiro de Deus que faz dele o único qualificado para interpretá-lo? É evidente que é

por ter sido morto e por aquilo que obteve com sua morte. Mas o que há na cruz que a torna a chave da história?

Primeiro, a cruz ilumina a história porque fala da *vitória*. O motivo pelo qual o Cordeiro era digno de abrir o rolo é que ele havia triunfado (5.5). O mesmo verbo foi usado na conclusão de cada uma das sete cartas às igrejas. Uma promessa é dada ao vencedor. Por exemplo, "Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em meu trono, assim como eu também venci e sentei-me com meu Pai em seu trono" (3.21). Assim, a cruz é representada no Novo Testamento como vitória, não derrota; como triunfo, não tragédia. Pois, como escreveu Paulo, sobre a cruz Cristo destronou e desarmou os principados e potestades do mal, triunfando sobre eles na cruz (Cl 2.15). Decerto, eles ainda vivem e atuam, pois ainda não reconheceram a derrota. Entretanto, foram vencidos e estão sob os pés de Cristo (e.g. Ef 1.22). Essa é a grande verdade do *Christus Victor*, que a igreja às vezes tem esquecido. O primeiro motivo pelo qual só o Cordeiro pode interpretar a história com todo o seu mal é que ele triunfou sobre o mal na cruz.[15]

Segundo, a cruz ilumina a história porque fala da redenção. O uso repetido do título "o Cordeiro" fazia os leitores judeus lembrarem-se de imediato da Páscoa. Pois assim como o cordeiro da Páscoa foi sacrificado, seu sangue espargido e o povo poupado, assim também Cristo nossa Páscoa foi sacrificado por nós, para que pudéssemos ser redimidos e celebrar a festa da redenção. Desse modo, a história apresenta uma trama dupla. Há a história do mundo (a ascensão e queda dos impérios) e há a história da salvação (a história do povo remido de Deus). Além disso, atrevemo-nos a dizer que aquela só é explicável à luz desta; que o que Deus está fazendo no cenário da história do mundo é para convocar de todas as nações um povo para si; e que só a cruz torna isso possível.

Terceiro, a cruz ilumina a história porque fala do *sofrimento*. Ora, os sofrimentos de Cristo, ainda que singulares em seu significado redentor, foram mesmo assim o protótipo dos sofrimentos do povo de Deus. Porque ele sofreu, seu povo é chamado para sofrer. Porque ele foi para a

[15] *Veja, por exemplo, G. Aulen, Christus Victor (1930; SPCK, 1931).*

cruz, ele nos chama a tomar nossa cruz e segui-lo. Assim, João passa do Cordeiro morto (no cap. 5) para a alma dos mártires, mortos por causa de seu testemunho fiel (no cap. 6). Assim, os que são chamados para sofrer por Cristo, aqueles cujos sofrimentos são tão difíceis de compreender e suportar, aprendem a vê-los à luz dos sofrimentos de Cristo.

Quarto, a cruz ilumina a história porque fala da *fraqueza* e, especificamente, do poder por meio da fraqueza. Esse paradoxo é visto em sua mais dramática forma em Cristo e na cruz, e na visão de João em Apocalipse 4 e 5, pois no centro do trono de Deus (símbolo do poder) posta-se um Cordeiro morto (símbolo da fraqueza). Em outras palavras, o poder por meio da fraqueza, dramatizado em Deus na cruz e o Cordeiro no trono, está situado no coração da realidade última, até do mistério do próprio Deus onipotente.

4. Cristo controlando o curso da História (Ap 6–7)

Os sete selos e as duas comunidades

Tendo celebrado o direito singular de o Cordeiro abrir o rolo e tendo-o visto tomá-lo do ocupante do trono (5.7), João agora observa o Cordeiro romper os sete selos um a um. Depois que cada um dos quatro primeiros é quebrado, um dos seres viventes grita com voz como de trovão "Venha!" e eis que aparecem um cavalo e seu cavaleiro. Esses são os famosos "quatro cavaleiros do Apocalipse", bem conhecidos dos artistas cristãos.

O primeiro cavalo era branco; e seu cavaleiro segurava um arco, recebeu uma coroa e "cavalgava como vencedor determinado a vencer". Por fazer parte de uma série de cavaleiros apocalípticos, muitos comentaristas concluem que ele também simboliza desastre — no caso dele, conquista militar. Mas em todo o Apocalipse o branco simboliza justiça; coroas e vitórias pertencem a Cristo; e em 19.11-15 o cavaleiro no cavalo branco é chamado "Fiel e Verdadeiro", "a Palavra de Deus" e até "Rei dos reis e Senhor dos senhores". Assim, estamos certos que, antes de outros cavaleiros disseminarem os horrores da guerra, fome e morte, Cristo cavalga primeiro como o cabeça da cavalgada, decidido a ganhar as nações pelo

evangelho. E ele consegue! Pois no próximo capítulo vemos diante do trono de Deus uma multidão incontável reunida de todas as nações, o fruto de sua missão internacional.

O segundo cavalo é vermelho fogo, simbolizando derramamento de sangue, quer por guerra, convulsão civil ou perseguição (veja Mt 10.34). O terceiro cavalo é preto, simbolizando condições de fome, como inflação galopante que torna os alimentos básicos caros demais para comprar e os bens de luxo, acessíveis apenas aos ricos. O quarto cavalo é amarelo pálido (como um cadáver), simbolizando a morte e o hades, ou seja, o evento e sua dominação. Eles receberam autoridade sobre um quarto da população para matar por espada, fome, praga e animais selvagens.

Em vez do surgimento de outro cavalo, a quebra do quinto selo revelou as almas dos mártires cristãos "debaixo do altar" (o lugar do sacrifício), que estavam clamando por justiça. Conforme comentou George Eldon Ladd, "o sangue dos mártires é que está pedindo justiça divina, e não os mártires exigindo vingança pessoal".[16] Em resposta, disseram-lhes que esperassem um pouco mais até que o número dos mártires fosse completado.

Após o rompimento do sexto selo houve um grande terremoto seguido pelas mais medonhas convulsões cósmicas. O sol ficou negro e a lua, vermelha; as estrelas caíram e o céu desintegrou-se; e todos os montes e ilhas foram removidos. Entretanto eles não devem ser interpretados como eventos literais, mas como agitações sociais e políticas descritas com figuras apocalípticas familiares. Eles conduzirão para o dia do julgamento, quando os seres humanos de todas as camadas sociais, de reis a escravos, vão fugir à procura de abrigo, no desejo de escapar. Eles clamarão às montanhas que caiam sobre eles para escondê-los da face de Deus e da ira do Cordeiro (cf. Is 2.19).

Esse drama de abertura dos seis primeiros selos nos dá uma visão geral da história entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Será um tempo de distúrbios e sofrimentos violentos, mas olhos da fé vão além dessas coisas e vêem Cristo que é tanto o cavaleiro coroado e conquistador sobre o cavalo branco como o Cordeiro que rompe os selos, controlado o curso da história.

---

[16] *G. E. Ladd, Apocalipse, Introdução e Comentário (Vida Nova / Mundo Cristão, 1980), p. 80.*

Agora precisamos esperar até 8.1 para ver rompido o sétimo selo. Em lugar disso, João leva-nos para um interlúdio que salienta a segurança do povo de Deus. Apocalipse 7 descreve duas comunidades humanas. A primeira (v. 1-8) soma 144.000 e é reunida das doze tribos de Israel; a segunda (v. 9-17) é uma vasta multidão incontável reunida de todas as nações, línguas e tribos. À primeira vista elas parecem dois grupos distintos (contada e não contada, Israel e os gentios) e tem havido algumas tentativas engenhosas para fazer distinção entre elas. Mas uma inspeção mais atenta deixa claro que ambas retratam a mesma comunidade remida de Deus, embora vista de diferentes perspectivas. Na primeira, as pessoas são reunidas como soldados em formação de batalha — a igreja militante sobre a terra; na segunda, são reunidas diante de Deus, com os conflitos para trás — a igreja triunfante no céu.

Tome a primeira comunidade. Eles são chamados "os servos do nosso Deus" (v. 3) e são selados ou marcados na fronte para indicar que pertencem a ele. O número 144.000 é um óbvio símbolo da igreja completa (12x 12 x 1.000); eles são mais tarde identificados (14.3) como os que "haviam sido comprados da terra" (14.3). E o único motivo pelo qual são representados como as doze tribos de Israel é que em todo o Novo Testamento a igreja é vista como "o Israel de Deus", "a verdadeira circuncisão" e "um povo escolhido ... nação santa, povo exclusivo de Deus" (Gl 6.16; Fp 3.3; 1 Pe 2.9) em quem as promessas de Deus relativas à aliança estão sendo cumpridas.

O que se diz a respeito da segunda multidão? É "uma grande multidão que ninguém podia contar, de todas as nações, tribos, povos e línguas" (v. 9). Nela se cumpre a promessa de Deus a Abraão: dar a ele um posteridade tão numerosa como a areia e as estrelas e, por meio dela, abençoar todas as famílias da terra (Gn 12.1ss.).

Depois, a multidão incontável está em pé diante do trono de Deus e do Cordeiro, gozando as bênçãos por estarem sob o governo do rei. Usam vestes brancas de justiça e agitam ramos de palmas da vitória. Também entoam em alta voz cânticos de louvor, atribuindo sua salvação a Deus e ao Cordeiro. Os anjos, anciãos e seres viventes também participam: eles se prostram e adoram a Deus. Ora, a vida do céu é uma celebração contínua e alegre, e os corais e orquestras terrenos estão ensaiando para o concerto escatológico.

Como, então, termos certeza de que pertencemos a essa multidão internacional redimida? Um dos anciãos expressou essa ansiedade com a pergunta: "Quem são estes que estão vestidos de branco, e de onde vieram?" (7.13). Ele então passou a responder a própria pergunta. Por um lado, "estes são os que vieram da grande tribulação e lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro". Não temos como nos colocar diante do trono reluzente de Deus nos trapos sujos e esfarrapados de nossa própria moralidade, a não ser que busquemos purificação no Cordeiro que morreu por nós. Por outro lado, eles "vieram da grande tribulação". Já que todos os redimidos estão sendo descritos, isso não pode fazer referência a um período específico entre a manifestação do Anticristo e a parousia de Cristo. Deve ser uma descrição de toda a vida cristã, que o Novo Testamento designa repetidamente como um tempo de tribulação (*thlipsis*. Veja, por exemplo, Jo 16.33; At 14.22; Ap 1.9). Assim, "eles estão diante do trono de Deus" (7.15), pois só os que sofrem com Cristo serão glorificados com ele (cf. Rm 8.17).

O capítulo termina com garantias gloriosas (v. 15-17) de que Deus abrigará seu povo; que este jamais voltará a sofrer de fome, sede ou calor abrasador; que — na mais ousada troca de papéis — o Cordeiro será seu pastor; e que Deus lhes lavará todas as lágrimas.

5. Cristo chamando o mundo ao arrependimento (Ap 8–11)

As sete trombetas, o rolo pequeno e duas testemunhas

A opinião geral é de que os capítulos 8 a 11 de Apocalipse são difíceis de interpretar. Eles começam com o romper do sétimo selo seguido por um "houve silêncio nos céus cerca de meia hora". Não houve nem visão nem voz, talvez para indicar que a sétima seção do rolo não possuía conteúdo próprio, mas consistia nas sete trombetas que vieram a seguir.

João também nos conta, em sua introdução a esses capítulos (v. 3-5), que o incenso do anjo e as orações do povo de Deus subiam para o trono de Deus. Ele dá a entender que a resposta divina de trovões e relâmpagos, símbolos de seu julgamento, eram reação direta às orações da igreja (cf. 6.9-17).

Agora sete anjos receberam sete trombetas. É importante lembrar, no desenvolver do drama, que o romper dos sete selos e o soar das sete trombetas não são consecutivos, mas simbolizam o mesmo período, que se estende entre as duas vindas de Cristo, ainda que visto de diferentes perspectivas.

Qual, então, seria a perspectiva distinta das trombetas? Qual a sua visão de Cristo?

Proponho que devemos ver a palavra *alerta* piscando em luzes vermelhas acima de todos esses capítulos, pois seu propósito principal é sacudir o mundo incrédulo tirando-o de sua complacência e egocentrismo, conclamá-lo ao arrependimento e alertar os impenitentes quanto a esses capítulos: um chamado ao arrependimento e um alerta de julgamento.

Alguns podem responder que esse não é o significado imediatamente óbvio desses capítulos. Então, como posso justificá-lo? Considere estes seis argumentos:

Primeiro, ainda que a trombeta fosse usada no Antigo Testamento para vários propósitos, por exemplo, para reunir o povo numa emergência e para "chamar a atenção do povo para uma comunicação de Deus"[17], uma de suas principais função era de alerta. Assim Ezequiel escreveu que se uma sentinela "vir a espada vindo contra a terra e tocar a trombeta para advertir o povo", então as pessoas serão consideradas responsáveis pela própria reação (Ez 33.1-6, cf. Jl 2.1).

Segundo, João faz uma analogia deliberada entre os julgamentos que descreve e as pragas no Egito. Ele alude, por exemplo, à água que se torna sangue, a uma pesada tempestade de granizo, aos gafanhotos e à escuridão espessa.[18] E o propósito daquelas pragas no Egito era levar o Faraó e sua corte ao arrependimento.

Terceiro, as primeiras cinco das sete trombetas anunciavam calamidades na terra, mar, água doce, céu e seres humanos, em cada uma delas um terço sofre. Essa limitação deliberada envia um sinal de alerta para os outros dois terços. Os julgamentos eram parciais, não finais.

---

[17] *B. M. Metzger, Breaking the Code: understanding the book of Revelation (Abingdon, 1993), p. 64.* [18] *Êx 7.14ss. = Ap 8.8; Êx 9.13ss. = Ap 8.7; Êx 10.1ss. = Ap 9.1ss. e Êx 10.21ss. = p 8.12.*

Quarto, a reação negativa das pessoas às trombetas mostra que havia esperança de arrependimento: "O restante da humanidade que não morreu por essas pragas, nem assim se arrependeu das obras das suas mãos" (isto é, idolatria); "também não se arrependeram dos seus assassinatos..." e outros pecados (9.20-21). Apesar dos contínuos alertas divinos, permaneciam desafiadoras e impenitentes.

Quinto, os desastres naturais simbolizados pelas trombetas eram alertas indiretos de Deus; eles eram acompanhados pelos alertas diretos de sua Palavra. O pequeno rolo representava a proclamação do evangelho e as duas testemunhas de Deus representavam a igreja missionária. Quando elas pregavam, eram "vestidas de pano de saco" (11.3), dramatizando o arrependimento que buscavam (Lc 10.13).

Sexto, mesmo que o ministério das duas testemunhas não fosse efetivo, esperava-se que a perseguição e o martírio deles conseguisse provocar o arrependimento do mundo.

Esses seis argumentos constituem uma defesa bem fundamentada. Podemos então compreender que os selos, as trombetas e os cálices estão relacionados com o mesmo período, entre as vindas de Cristo, mas de diferentes pontos de vista. Os sete selos descrevem o que Cristo *permite* em seu mundo (já que os fatos só acontecem quando ele rompe os selos). Os sete cálices (que ainda virão) descrevem como Cristo *julga* seu mundo. Mas as sete trombetas (que vêm entre os selos e os cálices) descrevem como Cristo *alerta* o mundo e o insta ao arrependimento.

Consideremos, então, o significado das trombetas.

As calamidades agora alistadas (danos à terra, mar, água doce e sistema solar) não devem ser vistos como eventos particulares, muito menos identificáveis. A grande montanha em chamas da segunda trombeta, por exemplo, não é uma referência à erupção do Monte Vesúvio em 79 d.C., embora essa erupção possa ter fornecido algumas das imagens. Antes, são desastres naturais que podem ocorrer a qualquer um, a qualquer momento, em qualquer lugar. Se devem ser entendidos literalmente, então contribuem para as adversidades na vida sobre a terra. E são alertas no sentido que foi o colapso da torre de Siloé, o que Jesus interpretou como um chamado ao arrependimento (Lc 13.4). Mas é muito mais provável que sejam

figurados e façam alusão a eventos como desastres ambientais (o verde da primeira trombeta), caos econômico (os navios destruídos da segunda), tragédia humana (o amargor da terceira) e o comportamento bárbaro (a escuridão da quarta).

Mas o futuro será ainda pior. João vê uma águia voando no meio do céu gritando alto para todos os habitantes da terra. "Ai, ai, ai", exclama, para indicar que a quinta, sexta e sétima trombetas trarão sofrimentos ainda mais intensos e, portanto, ganharão novos nomes como o primeiro, o segundo e o terceiro "ai".

Se as quatro primeiras trombetas descrevem danos à natureza, a quinta (9.1-11) e a sexta (9.12-21) descrevem danos aos seres humanos. João viu uma nuvem de gafanhotos (pelo menos é assim que ele os chama) que saiu da fumaça que subia do abismo aberto e escureceu o sol e o céu. A única coisa pela qual os gafanhotos são conhecidos — consumir toda a vegetação —, essas criaturas são expressamente proibidas de fazer. Antes, atacam o mundo incrédulo (que não tinha recebido o selo de Deus) e lhe inflige uma picada tão dolorosa quanto a do escorpião. Mas os gafanhotos não têm autoridade para matar e, embora suas vítimas humanas desejem morrer, eles mesmos não serão capazes de matar.

A descrição que João faz deles é extremamente viva. O apóstolo nos conta o que eles pareciam em sua visão ou o que eles lhe lembravam. Por oito vezes João usa comparações para os descrever. No geral, eram como cavalos de guerra e o adorno da cabeça, como uma coroa de ouro. A face deles era como a humana; o cabelo, como a de uma mulher; e seus dentes, como a do leão. Então, revertendo para sua natureza bélica, a armadura deles era como uma couraça de ferro, suas asas vibrando eram como o estrondo de cavalos e carruagens correndo para a batalha. O rei deles é chamado "Destruidor", já que estão voltados para a destruição. Mas o que mais impressionou João foi o poder que tinham de infligir sofrimento severo. Por três vezes no capítulo 9 ele nos diz que os gafanhotos picam como um escorpião (v. 3, 5, 10) e por três vezes ele se refere à capacidade que tinham de torturar, causar agonia (v. 5) ou atormentar (v. 10), causando dor tão intensa que as pessoas vão desejar morrer (v. 6).

Essas criaturas venenosas não são, é claro, literais. João também não

Mazinho Rodrigues

nos dá nenhuma indicação de que sejam hordas demoníacas. Seria possível, portanto, lembrando o ensino de Jesus de todos os tipos de males estão enterrados no coração humano (Mc 7.21-23), que seja é o que João está ilustrando de maneira viva? Professor Thomas Torrance entende que a estrela com a chave é a Palavra de Deus. Ora, nada "abre o poço sem fundo da natureza humana" como o evangelho.[19] O evangelho revela para nós e para os outros a profunda depravação de nossa natureza decaída. Com freqüência ela fica escondida, mas às vezes rompe a superfície, para intenso embaraço nosso. Ela nos convence do pecado de maneira dolorosa, pois não há dor mais doída que a de uma consciência atormentada. Ela leva alguns ao arrependimento e à fé, mas outros a endurecer o coração e, assim, a perecer.

João está ciente de que a sexta trombeta (9.12-21) traria sofrimento ainda mais agudo do que qualquer uma das cinco anteriores. Assim, destaca que a permissão para ela vinha diretamente de Deus em resposta às orações de seu povo (v. 13; cf. 8.3-5) e que ela soará apenas no momento exato que foi decretado por Deus (v. 15). Essas permissões eram necessárias por causa da escalada dos sofrimentos; a sexta trombeta trará licença real de matar um terço da raça humana (v. 15, 18). Além disso, enquanto após a quinta trombeta os agentes do julgamento divino foram gafanhotos, agora são cavaleiros. A cavalaria somava 200 milhões e fora reunida simbolicamente junto ao Rio Eufrates, de onde vieram os inimigos assírios e babilônios de Israel e onde Roma sentiu-se ameaçada pelas hordas partas. As tropas montadas que João viu eram de fato assombrosas — suas couraças eram vermelhas, azuis e amarelas, a cabeça de seus cavalos como cabeças de leão, e da boca deles saíam três pragas de fogo, fumaça e enxofre. Mas o poder de infligirem dano e morte também estava no rabo deles que pareciam cobra.

Mais uma vez não se trata de uma descrição de eventos literais, mas também não deve ser desconsiderada, como se tivesse pouca importância. A sexta trombeta parece simbolizar morte violenta, quer por guerra ou terrorismo, quer por perseguição, tendo relevância especial para nós que atravessamos grande parte do século XX, talvez o mais violento de todos

[19] *T. F. Torrance, The Apocalypse Today (James Clarke, 1960), p. 75.*

os séculos. Alguém também poderia esperar que os horrores da guerra levassem os incrédulos ao arrependimento. Mas João registra em sua visão que os que sobreviveram à morte não se arrependeram nem da idolatria (a pior infração da primeira tábua da lei) nem de outros pecados (a maior parte em transgressão da segunda tábua). Veja Apocalipse 9.20-21.

O rolo pequeno e as duas testemunhas

Como entre o sexto e o sétimo selo, também entre a sexta e a sétima trombeta há um interlúdio. Ele apresenta um pequeno rolo (10.1-11) e duas testemunhas (11.1-13). O pequeno rolo é trazido do céu por um anjo "poderoso" (que parece ser ninguém menos que o próprio Jesus Cristo), e João é encarregado de pregá-lo. As duas testemunhas, por outro lado, parecem representar a igreja missionária. Esses dois ministérios do evangelho precisam ser compreendidos em relação com as trombetas de alarme. Agora que o mundo em geral rejeitou a mensagem negativa de alerta, bem parecido com o faraó que endureceu o coração e se recusou a se arrepender, a proclamação positiva do evangelho é ainda mais essencial. Ora, Cristo ainda está chamando o mundo para si; sua paciência não se exauriu; e o fim ainda não chegou.

Quando João descreve sua visão de "outro anjo poderoso, que descia dos céus", fica evidente que não se trata de um mero anjo. Decerto, ele é sempre chamado de "anjo", mas por que não seria "o anjo do Senhor" que apareceu naquelas teofanias do Antigo Testamento que parecem ter sido manifestações pré-encarnadas do Filho de Deus?

Em todo caso, João parece ter reunido deliberadamente certo número de traços divinos em sua descrição. O "anjo" estava envolvido por uma nuvem (símbolo da presença de Deus) e tinha um arco-íris sobre a cabeça (símbolo da misericórdia de Deus ligada à aliança). Sua face brilhava como o sol e suas pernas eram como pilares de fogo, como na visão original de Cristo que João teve no capítulo 1. Ele estava segurando um pequeno rolo que estava aberto em sua mão, talvez (como pensam alguns comentaristas) exatamente o mesmo rolo que ele havia tomado da mão do Pai no capítulo 4. Naquela ocasião, estava fechado; agora está aberto. Tendo plantado um pé no mar e o outro na terra, esse colosso estava escarranchado sobre todo

o planeta, com todas as coisas sob os pés. Ele então rugiu como um leão, lembrando-nos que o Senhor soberano falou (Am 3.8) e que ele mesmo é o Leão da tribo de Judá (Ap 5.5). E quando sete trovões falaram, só ele os compreendeu, ainda que fosse proibido de divulgar seu significado. Parece haver evidências esmagadoras de que esse é Jesus Cristo.

Nesse ponto o "anjo" jurou pelo Criador eterno que não haveria "mais demora", pois quando a sétima trombeta for tocada "o mistério de Deus" (sua salvação e julgamento revelados) será cumprido.

Que dizer então do pequeno rolo? Uma voz disse a João que o tomasse (o que fez) e o comesse, digerindo seu conteúdo (o que também fez). Seu sabor na boca era doce como mel, mas deixou amargo seu estômago. Jeremias e Ezequiel antes dele tiveram uma experiência semelhante (Jr 15.16; Ez 3.1ss.). Assim, João foi renomeado para levar o evangelho a todas as nações (Mc 13.10), mas foi ao mesmo tempo alertado de que a doçura da mensagem da salvação seria seguida pelo amargor do julgamento daqueles que rejeitassem a palavra de Deus.

Antes da segunda metade do interlúdio (envolvendo as "duas testemunhas"), João é ordenado a medir o santuário de Deus, o altar e os adoradores. Com Ezequiel 40 – 48 em nossa mente (a reconstrução do templo), podemos dizer que "medir" como "selar" simboliza a proteção do verdadeiro povo de Deus. O pátio exterior (talvez a igreja nominal), porém, não deve receber a mesma segurança, porque foi entregue às nações incrédulas que pisarão a cidade santa (ou seja, perseguirão a igreja) por quarenta e dois meses, o que equivale a três anos e meio, o período apocalíptico tradicional de tribulação (cf. Dn 9.27; 12.7).

De repente, em 11.3, as "duas testemunhas" de Cristo são apresentadas sem alerta nem explicação, e a biografia dramática deles é contada. Parece claro que representam a igreja testemunha e sofredora. Eles ganham poder para profetizar (ou seja, para pregar o evangelho) por 1.260 dias, que é o mesmo período da era da igreja que os quarenta e dois meses ou os três anos e meio. Em outras palavras, o testemunho, a perseguição e a proteção divina da igreja durarão o mesmo período (11.2-3; 12.5-6, 14).

Mas por que a igreja testemunha é simbolizada por "duas testemunhas"? Parece que isso se deve a alguns fatores. Primeiro, há a exigência

do Antigo Testamento de um mínimo de duas pessoas para validar o testemunho numa corte legal (e.g. Dt 19.15; Jo 8.17). Segundo, Jesus havia enviado os setenta dois a dois. Terceiro, as testemunhas são identificadas com as duas oliveiras e os dois candelabros de Zacarias 4.1-6. Esses eram dois líderes israelitas, a saber, o sacerdote Josué e o governador Zorobabel. Quarto, eles são ainda identificados (v. 5-6) com Moisés (transformando água em sangue, Êx 7.20) e Elias (parando a chuva, 1 Rs 17.1), representando a lei e os profetas.

Em todo esse período de seu ministério profético, as duas testemunhas serão perseguidas e simultaneamente protegidas. Mas quando o testemunho delas termina, "a besta que vem do Abismo" (v. 7), talvez o Anticristo, as atacará, subjugará e matará. O corpo deles será largado na rua da cidade que recebe quatro nomes simbólicos: Babilônia ("a grande cidade"), Sodoma (símbolo da imoralidade), Egito (símbolo da opressão) e Jerusalém ("onde também foi crucificado o seu Senhor"). Por um curto período representantes de todos os povos incrédulos vão impedir que sejam sepultados (o cúmulo do desrespeito), vão tripudiar e celebrar sua morte, ou seja, regozijar que o testemunho deles foi silenciado. E o motivo para o júbilo deles? É que o testemunho fiel da igreja lhes causou grande tormento à mente e consciência (v. 10).

Depois, porém, de um curto período, a igreja martirizada e silenciada será ressuscitada por Deus (seu testemunho revive), causando terror no mundo que a observa e, por fim, será exaltada ao céu, para consternação de seus inimigos. Isso será acompanhado de um terremoto severo, causando danos devastadores e baixas tremendas e disseminando terror entre os sobreviventes. Eles darão glória a Deus, alguns por conversão, outros por submissão no dia do julgamento.

O título que dei a esses quatro capítulos (8 – 11) é "Cristo chamando o mundo ao arrependimento". Sob essa rubrica as trombetas são seus julgamentos de alerta, enquanto o rolo e as duas testemunhas são a pregação fiel do evangelho por parte da igreja. Ambos causaram "tormento" aos incrédulos (9.5, 10; 11.10), mas esses alertas divinos não os levaram ao arrependimento (9.20ss.). Então agora é tarde demais. A sétima trombeta (ou o terceiro ai) está para soar e, com ele, virá o fim.

Depois do soar da sétima trombeta, João registra um efeito tríplice, do qual o aspecto mais significativo é a seqüência de referências do tempo, todas no tempo aoristo ou perfeito, indicando o que ocorre agora de maneira irrevogável: "O reino do mundo *se tornou* de nosso Senhor..." (v. 15); "*assumiste* o teu grande poder e *começaste* a reinar" (v. 17); "*chegou* a tua ira. *Chegou* o tempo de julgares..." (v. 18); "Então *foi aberto* o santuário de Deus..." (v. 19). Todas essas afirmações indicam o caráter decisivo do que ocorreu, quer concluindo o passado, quer inaugurando o futuro.

Primeiro, vozes fortes no céu proclamaram o reino. Obviamente, o reino de Deus veio com Jesus, mas agora o domínio sobre o mundo passou para as mãos de nosso Senhor e de seu Cristo, dos quais juntos se diz então no singular: "ele reinará para todo o sempre" (v. 15).

Segundo, os vinte e quatro anciãos que representam a igreja completada prostraram-se diante do Deus eterno e onipotente, adorando-o por ter assumido o poder e começado a reinar e por ter chegado a hora de julgar os mortos, de recompensar o povo de Deus, tanto o pequeno como o grande, e de destruir os destruidores da terra.

Terceiro, João viu o santuário de Deus aberto (declarando livre acesso à sua presença) e nele a arca de sua aliança (falando de sua misericórdia). Ao mesmo tempo (simbolizando seu julgamento final) vieram trovões e relâmpagos e uma grande tempestade de granizo.

Assim João nos conduziu por uma volta completa do início à conclusão da era do evangelho e, com 12.1, recomeça todo o círculo.

6. Cristo vencendo o diabo e seus aliados (Ap 12 – 13)

A mulher, o dragão, o menino e as duas bestas

Cada vez que João recapitula sua história, à medida que ela se estende da primeira vinda de Cristo para sua segunda vinda, há perseguição, conflito, vitória e celebração. Isso fica muito claro nos capítulos 12 – 14.

Consideremos o *dramatis personae* na visão de abertura do capítulo 12. Há três atores principais: uma mulher grávida entrando em trabalho de parto, um menino que ela gera e um dragão vermelho enorme com sete

cabeças coroadas e dez chifres simbolizando seu império poderoso.

Não há dúvida quanto à identidade do dragão, já que João refere-se a ele no versículo 9 como "Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás". Também não há nenhuma dúvida quanto ao menino gerado pela mulher, pois seu destino é "governar todas as nações com cetro de ferro". Ele é o Messias, o Rei dos reis (v. 5; cf. Sl 2.9). Mas quem é a mãe que dá à luz esse filho? Uma interpretação católica romana popular é que ele é a Virgem Maria. Mas Maria não foi perseguida como essa mulher. Ela parece, aliás, não ser nenhum indivíduo, mas uma figura coletiva que representa a igreja do Antigo e do Novo Testamento em continuidade. O indício mais forte ocorre no versículo 1 em que ela é vestida com o sol, com a lua sob os pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça. Isso nos lembra o sonho de José em que o sol, a lua e as estrelas (representando seu pai, mãe e irmãos) curvaram-se diante dele (Gn 37.9).

Em outras palavras, essa senhora gloriosa que dá à luz ao Messias é um símbolo do povo de Israel, de cujos doze patriarcas estabelece-se a descendência humana de Cristo (Rm 9.5). As doze estrelas em sua coroa parecem indicar isso.

Três visões (12.1-17)

Tendo identificado os três atores principais, estamos prontos para examinar as três visões de Apocalipse 12. Todas contam a mesma história da derrota do mal, a vitória de Cristo e a proteção da igreja.

Primeiro vem a visão da *mulher, do menino e do dragão* (v. 1-6). Quando a mulher entrou em trabalho de parto, o dragão ficou em torno dela decidido (pensamos na maldade do Rei Herodes) a devorar sua criança no momento exato que ela nascesse. Mas quando ela deu à luz, seu filho foi arrebatado para Deus e seu trono. E então a mulher fugiu para o deserto, para um lugar que Deus preparou para ela, onde receberia cuidados por 1.260 dias (que são quarenta e dois meses ou três anos e meio), todo o período de ministério e perseguição da igreja (cf. 11.2-3). Assim, a primeira visão (da mulher, do menino e do dragão) é uma condensação maravilhosa da história do evangelho desde o nascimento do Messias em cumprimento do Antigo Testamento até sua ressurreição e ascensão e, depois, até o

tempo de perseguição e proteção da igreja. É também uma expressão da "inimizade" milenar entre a serpente e a mulher (Gn 3.15).

Em segundo lugar, há a visão dos *dois exércitos em batalha* (v. 7-12). Essa segunda visão não retrata eventos subseqüentes aos do primeiro, mas se sobrepõe a eles como seu contraponto celestial. Miguel, um arcanjo importante mencionado pela primeira vez em Daniel, junto com seu exército de anjos bons, envolve o dragão e suas forças demoníacas numa guerra. Mas (v. 8) o dragão e suas forças não eram fortes o suficiente. Eles foram completamente derrotados e perderam o lugar no céu. Assim, o grande dragão (que desencaminha todo o mundo) foi lançado à terra. Ou seja, seu poder de enganar foi quebrado, conforme se evidencia pela missão da igreja e pelos milhões que foram convertidos a Cristo. Também sabemos pelo restante do Novo Testamento que foi na cruz que Cristo subjugou decisivamente o diabo e pela ressurreição que sua vitória foi comprovada.

Aliás, a grande conquista de Cristo é agora celebrada em cântico (v. 10-12), pois o que agora "veio" e, portanto, tornou-se disponível a nós, são "a salvação" (pela qual morreu Cristo), "o poder" (o evangelho sendo o poder de Deus para salvação), "o Reino do nosso Deus" (que irrompeu da história por meio de Cristo) e "a autoridade de seu Cristo" (que afirmou que a autoridade universal agora pertencia a ele). Essas bênçãos são agora nossas porque Satanás, o acusador, foi lançado fora. Ora, Satanás é tanto o enganador das nações, que desencaminha o mundo (v. 9), como o acusador da igreja (v. 10), que incrimina o povo de Deus dia e noite. Mas agora que Cristo morreu por nossos pecados, não há condenação para os que estão nele (Rm 8.1, 33). Nesse meio tempo há alegria no céu e lamentos na terra porque o diabo veio abaixo, cheio de fúria.

Em terceiro lugar, há a visão da *hostilidade contínua do dragão para com a mulher* (v. 13-17). Lançado para a terra, o diabo perseguiu incansavelmente a mulher que havia dado à luz o Messias. Observamos, portanto, que a mulher que deu à luz à criança simbolizava o povo de Deus do Antigo Testamento, enquanto a mulher perseguida pelo diabo simbolizava o povo de Deus do Novo Testamento. Há uma continuidade essencial entre elas. Ela fugiu para o deserto (gozando de um novo êxodo), onde recebeu cuidados de Deus. Assim, o diabo ficou enraivecido e saiu para travar

guerra contra o restante de seus descendentes, isto é, a igreja de gerações posteriores, cujos membros obedecem aos mandamentos de Deus e prestam testemunho fiel a Jesus. A obediência e o testemunho são duas marcas essenciais da comunidade messiânica.

O tema dominante desse capítulo é a decisiva derrota do diabo. Ele foi frustrado em sua determinação de devorar o menino Cristo que, em vez disso, foi arrebatado para junto de Deus. Ele foi frustrado em seu empenho na batalha espiritual e, em vez disso, foi atirado na terra. Ele foi frustrado em suas tentativas de destruir a mulher que, em vez disso, foi resgatada por Deus. Ainda que a vitória de Cristo tenha sido alcançada de uma vez por todas na cruz, o próprio povo de Deus ganhou um meio de entrar nela: "Eles o venceram", escreveu João (v. 11), "pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do testemunho que deram" e pela sua disposição ao martírio, pois não se intimidaram nem mesmo com a morte.

A besta que saiu do mar

As três visões de Apocalipse 12 deixaram o dragão só, em pé à beira do mar (13.1). Mas ele não permaneceu só muito tempo. Três aliados juntaram-se a ele e nos são apresentados um a um. Eles são chamados "a besta que saiu do mar", "a besta que saiu da terra" e "Babilônia", uma prostituta vistosa. Eles parecem travestidos como uma paródia diabólica da Trindade. Eles também representam a cidade e o império de Roma, embora de três diferentes perspectivas.

Primeiro, a besta que saiu do mar representa Roma como *uma força perseguidora* (13.1-10). Segundo, a besta que saiu da terra representa Roma como *um sistema idólatra* (13.11-18), com referência especial ao culto a César. Essa besta é também mais tarde chamada "o falso profeta" (16.13; 19.20; 20.10). Terceiro, Babilônia, a prostituta, representa Roma como *uma influência corruptora* (14.8). Esses são retratos, escreve Richard Bauckham, do "poder opressivo de Roma, o culto imperial e a civilização corrupta de Roma".[20]

Os judeus sempre temiam o mar. O mar lhes parecia uma continuação

[20] *Bauckham, Climax of Prophecy, p. 185.*

do caos primevo e até um símbolo da hostilidade para com Deus. A fúria das nações era como a fúria do mar (Is 17.12). Desse modo, um monstro que emergisse do mar seria especialmente horroroso. Este possuía doze chifres, simbolizando poder imperial extraordinário, e sete cabeças, representando, talvez, dos sete montes sobre os quais Roma foi construída (17.9). Ele também possuía feições terríveis, lembrando um leopardo, um urso e um leão. Enquanto em Daniel 7.3ss. representavam três poderes sucessivos do mundo, aqui em Apocalipse são combinados em um, indicando a extrema ferocidade da besta. Mas especialmente importante era o fato de que o dragão delegou à besta "o seu poder, o seu trono e grande autoridade" (v. 2).

Um estranho detalhe é que uma das sete cabeças da besta sofreu um ferimento fatal que, entretanto, foi curado. A melhor interpretação é, provavelmente, que ela representava Nero, que cometeu suicídio em 68 d.C., mas se acreditava — de acordo com uma lenda — que teria sobrevivido ou ressuscitado, o que certamente ocorreu de maneira figurada quando seu sucessor, Domiciano, retomou sua política. Além disso, esses eventos eram uma caricatura da morte, ressurreição e *parousia* de Cristo.

O restante da passagem sobre a besta que saiu do mar concentra-se em seu uso e abuso do poder. Os homens cultuavam o dragão porque ele dera sua autoridade à besta. Mas eles também cultuavam a besta. Por quarenta e dois meses (toda a era da igreja) a besta exerceu seu ministério blasfemo e injurioso. Ele também recebeu poder para perseguir a igreja. Aliás, todos os habitantes da terra, se o nome deles não foi registrado no livro da vida que pertence ao Cordeiro morto antes da criação do mundo, cultuarão a besta. Esse cenário é um desafio difícil para o povo de Deus: ser fiel e recusar-se a fazer concessões.

A besta que saiu da terra

A besta que emergiu da terra parecia muito diferente da primeira besta. Em vez de ter dez chifres coroados e sete cabeças (uma ostentação impressionante de poder), era modesto o suficiente para ter só uma cabeça e seus dois chifres eram como cordeiro, disfarçado como um contraponto do Cristo, o Cordeiro. Ao mesmo tempo, sua voz era tão alta e ameaçadora quanto

a de um dragão, ou talvez como a do dragão, de quem era representante.

Mais importante que seu aspecto era seu ministério. Ele não tinha função independente. Antes, tendo recebido autorização da primeira besta, o ministério da segunda besta estava totalmente relacionado com o da primeira besta, a quem ele parece ter sido inteiramente subserviente. A segunda besta (1) fez os habitantes da terra cultuarem a primeira besta; (2) realizava mágicas em favor da primeira besta, enganando os habitantes da terra (cf. Mt 24.24); (3) ordenou ao povo que erigisse uma imagem ou estátua em homenagem à primeira besta; (4) recebeu poder para fazer a imagem da primeira besta viver e falar, e conseguir que os que se recusassem a adorar a imagem fossem mortos; e (5) forçou todos, pequenos e grandes, a receber a marca da primeira besta, de modo que ninguém pudesse comprar ou vender sem ela.

Quanto ao nome da besta ou o número de seu nome, isso certamente exige "sabedoria" e tem de fato gerado muita imaginação! Se a besta simboliza uma figura literal, histórica, há algo que se aproxima de um consenso entre os estudiosos acerca de sua identidade, a saber, que representa Nero, já que as letras hebraicas para escrever "Nero César", quando convertidas em números, somam 666. Mas os números em Apocalipse são quase sempre simbólicos. Tem sido observado, pois, que se sete é o número perfeito, seis fica a dever e representa a imperfeição. Além disso, como escreveu G. K. Beale, "a repetição tríplice do seis conota a intensificação da incompletitude e do fracasso..." Ou, mais simplesmente, 666 "indica a completitude da incompletitude pecaminosa".[21]

Mas se essa for a identidade da primeira besta, quem seria a segunda, que serve à primeira com obséquio doentio? O melhor palpite é que seria o sumo sacerdote provincial da Ásia, que era responsável pelo culto imperial e presidia seu cerimonial. Assim, o dragão deu sua autoridade à primeira besta (13.4), a primeira deu a sua à segunda (13.12) e a segunda exigiu que todos cultuassem a primeira.

Certamente o culto imperial, junto com a pressão oficial para que houvesse conformidade com ele, está por trás de muitas passagens do livro

[21] *Beale, revelation, p. 722.*

de Apocalipse. Apesar de os versículos 14 e 15 incluírem toda idolatria ou culto a deuses substitutos, a alusão mais direta deles é ao culto imperial, com sua menção ao erguimento de uma imagem em honra à besta e à pena de morte para aqueles que recusassem a adorá-la.

Foi por volta do ano 29 que o Imperador Augusto (que reinou até 14 d.C.) permitiu o estabelecimento do culto na Ásia Menor com a construção de um templo em sua homenagem em Pérgamo. Pelo final de seu reinado o culto prosperava em trinta e quatro cidades, e Tibério, seu sucessor, continuou a tradição.[22] Mas foi o Imperador Domiciano (81–96 a.C.) que levou o culto ao extremo. Ele teve uma estátua gigantesca criada em sua honra em Éfeso. "Ele até insistia em ser considerado deus e tinha grande orgulho em ser chamado 'senhor' e 'deus'".[23] "Com não menos arrogância", ele ditou uma carta circular que começava: "Nosso Senhor e nosso Deus ordena..." e assim desenvolveu-se o costume de, dali em diante, não se dirigir a ele de outra forma, mesmo em escrita ou em conversas..."[24]

As principais celebrações do culto ocorriam no Ano Novo, o aniversário do Imperador, e em conexão com uma visita pessoal dele. Nessas ocasiões havia pressões para que todos participassem. Plínio, o jovem, em cerca de 112 d.C., em uma de suas cartas ao Imperador Trajano, explicou como livrou os cristãos que "reverenciaram, com incenso e vinho, a sua imagem que eu havia ordenado que fosse trazida e, em especial porque amaldiçoaram a Cristo..."[25] Outros cristãos, porém, que se recusaram a se conformar, pagaram o preço da coragem, como Antipas em Pérgamo (2.13) e o Bispo Policarpo em Esmirna, que já foram mencionados.

Babilônia, a prostituta

Se os dois primeiros aliados do dragão foram as bestas do mar e da terra, o terceiro foi Babilônia, "a grande cidade", retratada como uma pros-

---

[22] *S. R. F. Price, Rituals and Power: the Roman imperial cult in Asia Minor (CUP, 1984), p. 54-58, 197-198.* [23] *Dio Cassius, Roman History, editado por T. E. Page (William Heinemann Ltd., s.d.), Livro 67, seção 4.* [24] *Suetônio, Domitian 13, editado por Brian Jones (Bristol Classical Press, 1995).* [25] *Kidd (ed.), Documents Illustrativa of the History of the Church, vol. 1, p. 38-39.*

tituta lasciva. Aqui ele é apenas mencionada (14.8), onde sua queda é anunciada por causa do "vinho da fúria da sua prostituição". Ela é descrita com muito mais minúcias nos capítulos 17 e 18. Os três aliados do dragão, portanto, quando João estava escrevendo, eram Roma a perseguidora (a primeira besta), Roma a idólatra (a segunda besta ou falso profeta) e Roma a sedutora (Babilônia a prostituta).

Assim, "a nossa luta não é contra seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais" (Fp 6.12). E o Apocalipse nos permite espiar por trás das cenas e ver a estratégia sutil de Satanás. Podemos vê-los nos primeiros capítulos de Atos utilizando as mesmas três armas. Primeiro, ele tentou esmagar a igreja pela força. Segundo, tentou corromper a igreja pela hipocrisia de Ananias e Safira. Terceiro, ele tentou desencaminhar a igreja com falsos ensinos, distraindo os apóstolos do ministério a Palavra e assim expondo a igreja a heresias. Por todo o mundo hoje o mesmo assalto tríplice contra a igreja é armado pelo diabo — físico (perseguição), moral (contemporização) e intelectual (ensino falso).

7. Cristo sobre o Monte Sião com seu povo redimido (Ap 14.1 – 15.4)

A alternativa radical: salvação e julgamento

O Cordeiro e os 144.000 (14.1-13)

João nos dá agora outro de seus interlúdios de abertura. Seria difícil imaginar um contraste mais marcante do que aquele que ele retrata entre o capítulo 13 e o 14. É um alívio imenso passar do dragão e sua primeira besta, cujo *habitat* é o mar incontrolável, para o Cordeiro que se coloca sobre terra firme e santa; da perseguição e a ameaça de martírio para a segurança no Monte Sião; do 666 incompleto para a completitude do 144.000; e dos que receberam a marca da besta na testa (13.16) para os que receberam o nome do Cordeiro e de seu Pai escritos na testa.

João agora ouve uma música maravilhosa que ele compara a uma queda d'água, a um trovão e a uma orquestra de harpistas. Além da orquestra

havia o coral que cantava um cântico novo diante do auditório celestial. Ninguém conhecia a letra do cântico, exceto os 144.000, mas presume-se que celebrava a vitória do Cordeiro.

Quanto aos 144.000, João fornece uma descrição com cinco dados: (1) eles "haviam sido comprados da terra" com o sangue do Cordeiro (5.9); (2) são puros e imaculados, significando não que o celibato seja moralmente superior ao casamento, mas que haviam sido fiéis a Cristo como sua noiva virgem; (3) "seguem o Cordeiro por onde quer que ele vá", até ao sofrimento e à morte (Mc 8.34); (4) "foram comprados dentre os homens e ofertados como primícias a Deus e ao Cordeiro". De modo que eram apenas as primícias; a colheita completa ainda viria (v. 14-16); e (5) eram pessoas íntegras, não contaminadas por nenhuma falsidade ou hipocrisia.

Assim, certificados da segurança do povo remido de Deus, estamos prontos para ouvir as mensagens trazidas por três anjos, um após outro. Essencial no ministério deles é a convicção de que "chegou a hora do seu [de Deus] juízo" (v. 7), ou seja, a hora de separar ou peneirar (o sentido fundamental de *keisis*) o verdadeiro do falso.

O primeiro anjo proclamou o evangelho, que João descreve como "eterno" em sua validade e universal em seu escopo ("toda nação, tribo, língua e povo"). Sua proclamação incluía um desafio a seus ouvintes: que correspondessem, temessem e glorificassem a Deus e adorassem o Criador.

O segundo anjo fez um anúncio predizendo a queda da Babilônia, expressando a certeza desse evento futuro por meio de um chamado "pretérito profético". A Babilônia merecia esse destino porque havia embriagado e seduzido todas as nações.

O terceiro anjo anunciou em alta voz um alerta para todos os que cultuam a besta e sua imagem (em lugar do Criador) e para os que recebem sua marca. Esses beberão o vinho da ira de Deus. Serão atormentados na presença do Cordeiro e dos anjos. A fumaça do tormento deles sobe para todo o sempre. Não há descanso para eles dia e noite. Eu mesmo não penso que a pergunta angustiante, se a natureza do inferno é um tormento eterno consciente ou uma aniquilação eterna final, possa ser respondida com um simples apelo a essas frases. Para começar, precisamos nos lembrar continuamente que o conteúdo de Apocalipse é uma visão simbólica,

não uma realidade literal. Depois, a essência do inferno é separação de Deus, enquanto essas frases falam de tormento "na presença do Cordeiro". O que fica claro é que o inferno é uma destruição eterna, qualquer que seja a natureza precisa dessa destruição, e que nele não haverá trégua.

Esses alertas acerca do destino dos impenitentes, acrescenta João, constituem um chamado à "perseverança dos santos que obedecem aos mandamentos de Deus e permanecem fiéis a Jesus" (v. 12). A estes é assegurada a vindicação final. "Os que morrem no Senhor", seja por martírio, seja por causas naturais são "felizes" de verdade (v. 13). Pois descansarão de suas fadigas (em contraste com os perversos, para quem não haverá descanso). Além disso, suas obras os seguirão, dando provas de sua lealdade.

A colheita e a vindima (14.14-20)

Jesus mesmo usou a metáfora da colheita para ilustrar verdades espirituais. Evangelizar é colher a safra (Mt 9.37; Jo 4.35-38). O trabalho do Messias seria juntar seu trigo no celeiro e queimar a palha (Mt 3.12). E o julgamento no último dia implicará separação entre o joio e o trigo (Mt 13.37-39).

O parágrafo que está agora diante de nós divide o julgamento final em duas partes. Aparecem duas figuras, cada uma com uma foice afiada (v. 14, 17) e cada uma recebe a ordem, dada em alta voz, de tomar a foice e ceifar (v. 15, 18). A segunda é, explicitamente, uma vindima, concluindo com as uvas sendo lançadas "no grande lagar da ira de Deus" (v. 19). Só podemos entender, portanto, que a primeira é uma colheita de grãos e representa a reunião dos justos que crêem. Num caso "a safra da terra está madura" (v. 15) e em outro "as suas uvas estão maduras" (v. 18). As duas são combinadas em Joel 3.13.

O primeiro colhedor é "semelhante a um filho de homem", usa uma coroa de ouro e se assenta sobre uma nuvem. Com certeza ele é Cristo o Senhor em sua segunda vinda. Não precisamos ficar ofendidos por ele ter recebido uma ordem bem peremptória de tomar sua foice e ceifar, pois a ordem foi dada por um anjo que saiu do templo, ou seja, com uma mensagem de Deus que destacou Jesus para ser o Juiz (Jo 5.22; At 17.31; Rm 2.16). Ele brandiu sua foice "e a terra foi ceifada" (v. 16).

O segundo colhedor recebeu ordem semelhante: "Tome sua foice

afiada e ajunte os cachos de uva da videira da terra, porque as suas uvas estão maduras!" (v. 18). As uvas foram então lançadas "no grande lagar da ira de Deus" e pisadas no lagar. A visão de sangue chegando a mais de um metro e estendendo-se por 1.600 estádios (mais de 300 quilômetros) é horrível e carece, claro, de interpretação, não de visualização. G. E. Ladd escreve: "A idéia é clara: o julgamento é radical, destruindo qualquer vestígio de maldade e hostilidade contra o reinado de Deus".[26] Dr. Leon Morris favorece um entendimento mais simbólico dos 1.600 estádios:

> *Das explicações sugeridas talvez a melhor seja a que a vê como o produto de dezesseis (o quadrado de quatro, o número da terra que é a morada dos perversos) e cem (o quadrado de dez, o número da completitude). O sangue se estendendo por 1.600 estádios, assim, significaria o julgamento completo de toda a terra e a destruição de todos os perversos.*[27]

Mais uma vez não podemos deixar de ficar impressionados com o fato de o Cristo incomparável estar no centro de cada visão. No início do capítulo 14 o vemos como o Cordeiro em pé sobre o Monte Sião, enquanto no final do capítulo o vemos sentados sobre uma nuvem como o filho do homem com sua foice. Na primeira visão ele garante a segurança de seu povo redimido; na segunda, ele atua como juiz no último dia, separando o trigo do joio.

O cântico de Moisés e o Cordeiro (15.1-4)

Antes de João descrever o derramamento das sete taças da ira de Deus, que lembrarão as pragas do Egito, ele traça uma analogia surpreendente entre o êxodo de Israel do Egito e a redenção obtida por Cristo. Assim como os israelitas reuniram-se junto ao Mar Vermelho, vitoriosos sobre o Faraó, João vê a multidão de pessoas em pé, junto ao que parecia um mar de vidro e fogo, vitoriosas sobre a besta e sua imagem. Ou seja,

---

[26] *Ladd, Apocalipse: Introdução e Comentário, p. 150.* [27] *L. Morris, The Revelation of St John (Tyndale Press, 1969), p. 186*

elas haviam resistido às pressões de seus perseguidores e se recusado a prestar homenagem a César. Assim como Moisés e Miriã cantaram em louvor a Deus (Êx 15), o cântico de Moisés (o vencedor do Antigo Testamento) também tornou-se o cântico do Cordeiro (o vencedor do Novo Testamento), louvando Deus pela grandeza de seus feitos e pela justiça de seus caminhos. Porque só ele é santo (único), é correto lhe dar glória. Aliás, todas as nações o adorarão por seus atos de justiça que foram revelados.

8. Cristo vindo como um ladrão na noite (Ap 15.5 – 19.10)

O chamado à prontidão

No meio do capítulo 16, de repente e sem que se espere, desvinculado tanto dos versículos que o precedem como dos que o seguem, Jesus interrompe a narrativa com palavras de discurso direto. Usando a primeira pessoa do singular e, ao que parece, dirigindo-se a toda e qualquer pessoa que queira ouvir, ele clama: "Eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante e conserva consigo as suas vestes, para que não ande nu e não seja vista a sua vergonha" (v. 15).

Obviamente, não é a primeira vez que o símile do ladrão foi empregado. De fato, Jesus mesmo o havia usado durante seu ministério público. Ele disse: "Mas entendam isto: se o dono da casa soubesse a que hora da noite o ladrão viria, ele ficaria de guarda ... Assim, vocês também precisam estar preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam" (Mt 24.43-44).[28]

Se ao menos o ladrão fizesse o favor de nos enviar antes um aviso (melhor ainda, um e-mail), alertando-nos quanto ao dia e a hora em que pretendesse nos visitar... Então ficaríamos prontos. Mas não, sua vinda será repentina e inesperada, como um ladrão na noite.

Essa intervenção surpreendente de Jesus, no meio do relato de João sobre o derramamento das taças da ira de Deus, parece-me ser o cenário que se

[28] *Lucas 12.39-40. Paulo também usou a metáfora (1 Ts 5.2, 4), bem como Pedro (1 Pe 3.10), de modo que parece ter sido corriqueira na igreja primitiva.*

pretende dar a esses capítulos. Alguns comentaristas entendem que as palavras de Jesus a Sardes, "virei como um ladrão" (3.3), eram um aviso de que estava vindo para tratar dos interesses da igreja. E pode ser. Mas em Apocalipse 16.15 com certeza ele se refere à sua segunda vinda no último dia.

No capítulo 16 João descreve as taças. Nos capítulos 17 e 18 a Babilônia é primeiro identificada e depois destruída. No início do capítulo 19 um grande coral celeste canta seu "Aleluia" (v. 1-10) e, no fim, Cristo cavalga em triunfo sobre um cavalo branco (v. 11-18) em poder e grande glória, seguido pelos exércitos do céu e destinado a reger as nações. Então em 19.19-20 primeiro as duas bestas e depois o dragão são destruídos (a Babilônia tendo já encontrado sua ruína), e toda a humanidade, vivos e mortos, são julgados. O tema dominante ao longo de todos esses capítulos é o julgamento final por Cristo, o juiz designado. Mas quando isso acontecerá? O julgamento é certo, mas o dia, incerto. Somos mantidos em suspense, aflitos, lembrando das palavras de Jesus: "Eis que venho como ladrão!"

As sete taças (15.5 – 16.21)

Uma chave importante para a compreensão dos capítulos 15 e 16 encontra-se em duas expressões. Primeiro, de acordo com a frase de abertura do capítulo 15, João viu "sete anjos com as sete últimas pragas, pois com elas se completa a ira de Deus". Em segundo lugar, depois de derramada a sétima taça, uma voz alta que saía do trono de Deus gritou "Está feito!" (16.17). Sendo um único verbo grego no tempo perfeito, indica que a obra de julgamento de Deus foi completada de uma vez por todas. "Completa" e "feito". São dois verbos significativos e reveladores. Os julgamentos anteriores (os selos e as trombetas) eram parciais; os das taças são finais. Pode-se expressá-lo da seguinte maneira: os olhos da fé vêem no romper dos selos a vontade permissiva de Deus; no soar das trombetas, o propósito reformador de Deus; e no derramar das taças a justiça retributiva de Deus.

Na visão preparatória de João (15.5-8) ele viu no céu que o templo estava aberto. Ou seja, foi por sanção direta de Deus que os sete anjos emergiram como agentes de julgamento. Suas sete taças estavam cheias da ira de Deus, e o templo estava cheio da glória de Deus, de modo que ninguém conseguia entrar enquanto não terminasse o julgamento.

As quatro primeiras taças, como as quatro primeiras trombetas (8.6-12), tinham por objetivo, na mesma seqüência, a terra, o mar, as águas doces (rios e fontes) e o sol. A principal diferença é que as trombetas atingiam só um terço de cada aspecto da criação, enquanto as taças atingiam cada um por completo. Na terra, as pessoas sofreram com "feridas malignas e dolorosas"; o mar e as águas doces transformaram-se em sangue, e assim todos os ali viviam morreram; e o calor intenso do sol causou queimaduras.

Falar de terra, mar, água e sol soa moderno em nossa era de sensibilidade ambiental. Estamos preocupados com a biodiversidade a terra, com o plâncton dos oceanos, com a disponibilidade de água doce e com a preservação da camada de ozônio para nos proteger da radiação e de seus efeitos nocivos. Essa prioridade dada à vida sobre o planeta Terra é também o necessário preparo para a futura renovação de todas as coisas. Como escreveu o Bispo Paul Barnett, "a destruição dos 'velhos céus e terra' está agora completa, abrindo caminho para a nova criação de Deus".[29]

O derramar da quinta taça lançou o reino da besta nas trevas e na conseqüente anarquia, causando grande sofrimento humano. Mesmo assim, as pessoas ainda "recusaram arrepender-se" (repetido nos versículos 9 e 11). Como o Faraó, que enfrentou cinco das pragas aqui descritas (úlceras, sangue, trevas, rãs e granizo), haviam endurecido o coração e agora era tarde demais. Em vez de glorificar a Deus, elas o amaldiçoavam.

O conteúdo da sexta taça foi derramado no Rio Eufrates, que já compreendemos como um símbolo das forças contrárias a Deus na fronteira nordeste do Império Romano. Secando o rio, abria-se o caminho para a invasão dos reis do leste. Nesse ponto três espíritos imundos semelhantes a rãs saem das três bocas (do dragão, da besta e do falso profeta). Talvez representem as mentiras de propaganda pelas quais os reis de todo o mundo são persuadidos a se reunir para a batalha final "no grande dia do Deus Onipotente".

Para que o povo de Deus não fique indevidamente alarmado pela for-

[29] *P. Barnett, Apocalypse Now and Then, p. 131.*

mação dos exércitos ímpios, agora o próprio Jesus intervém e clama: "Eis que venho como ladrão! Feliz aquele que permanece vigilante e conserva consigo as suas vestes" (v. 15).

João volta para a reunião dos reis e para o encontro deles num lugar chamado "Armagedom" em hebraico (v. 16). Essa é outra palavra que, apesar de seu uso popular para denotar um conflito catastrófico, causa muitas dificuldades aos comentaristas. São incertas sua grafia, localização e interpretação. Mas muitos crêem que deriva de Megido, ponto estratégico no norte da Palestina e cenário de muitas batalhas antigas. Mas não é literal. Simboliza a batalha final entre o Cordeiro e o dragão, entre Cristo e o anticristo. Ora, Cristo virá em poder e glória para derrotar e destruir as forças do mal.

Assim como as seqüências dos selos e das trombetas terminaram no clímax, na *parousia*, assim também a seqüência das taças. Uma voz forte saiu do templo gritando: "Está feito!" E uma convulsão física tremenda (incluindo trovões, relâmpagos e um grave terremoto) significaram o fim. Nunca ocorreu nenhum terremoto como aquele. A grande cidade da Babilônia e muitas outras cidades ímpias sofreram colapso em ruína total. Ilhas e montanhas desapareceram, e caíram grandes granizos, com cerca de trinta e cinco quilos cada um, fazendo com que os homens amaldiçoassem a Deus.

A identidade da Babilônia (17.1-18)

Até aqui a Babilônia foi mencionada duas vezes. Em 14.8 a queda da Babilônia fui anunciada de súbito, sem alerta. "Caiu! Caiu a grande Babilônia". Em 16.19, em conseqüência do derramamento da sétima taça, lemos que "Deus lembrou-se da grande Babilônia", que ele lhe deu de beber o cálice de sua ira e que a grande cidade foi dividida em três. Assim, os dois versículos referem-se à sua queda sob o julgamento de Deus, mas nenhum nos diz o que ela simboliza.

Portanto agora, dois capítulos inteiros são devotados ao fenômeno da "Babilônia". O capítulo 17 a identifica para nós, enquanto o capítulo 18 descreve em detalhes vivíssimos sua devastação e destruição.

Devemos a identificação da Babilônia a um dos sete anjos que se

apresentou para instruir João. Ele lhe disse: "Venha, eu lhe mostrarei o julgamento da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas" (v. 1). E mais tarde disse: "Eu lhe explicarei o mistério dessa mulher..." (v. 7). A primeira promessa do anjo cumpriu-se nos versículos 1-6, onde, em decorrência do que o anjo mostrou a João, este exclamou três vezes: "vi ... vi ... vi..." Então a segunda promessa do anjo foi cumprida nos versículos 7-18, onde ele disse a João cinco vezes "você viu ... você viu ... você viu ...", e passou a lhe explicar o significado do que ele havia visto.

Presume-se que João tenha aceito a oferta do anjo, de modo que o anjo o carregou "no Espírito" (num estado de inspiração) "para um deserto", sem dúvida o deserto em que a igreja perseguida obteve refúgio (12.14).

Primeiro, considere o que o anjo mostrou a João (v. 3-6). João diz de repente: "vi uma mulher", muito diferente da mulher perseguida pelo dragão (pois essa mulher era o perseguidor, não o perseguido). A mulher que ele viu estava sentada numa besta vermelha (logo reconhecível como a besta do mar). Ele estava sentado nela porque Roma a perseguidora e Roma a prostituta (violência e vício) estavam estreitamente ligadas uma à outra. Aliás, "a civilização romana, como uma influência corruptora, monta nos lombos do poderio militar romano".[30] A besta era "coberta de nomes blasfemos" (profundamente comprometida com o culto imperial), enquanto suas sete cabeças e dez chifres confirmavam sua identidade (13.1).

Quanto à mulher em si, estava vestida de púrpura real e escarlate vistosos, adornada com jóias reluzentes e segurando um cálice de ouro cheio da sujeira de sua imoralidade. Um título em sua testa a proclamava "Babilônia, a Grande; a Mãe das Prostitutas e das Práticas Repugnantes da Terra". Agora, por mais duas vezes, em rápida sucessão, João diz: "vi ... vi ...". Ele viu a mulher bêbada com o sangue dos mártires e o que viu o espantou. Assim, o anjo veio de novo em seu auxílio.

Considere, em segundo lugar, o que o anjo explicou a João (v. 7-8). O anjo está falando em toda essa seção e por cinco vezes o lembra daquilo que ele viu e o interpreta.

---

[30] *Bauckham, Climax of Prophecy, p. 343.*

"A besta que você viu" (v. 8), além de ser montada pela mulher e ter sete cabeças e dez chifres, "era e já não é. Ela está para subir do Abismo e caminha para a perdição". Esses quatro estágios na biografia da besta bem podem ser uma alusão ao Nero *redivivus*, que já foi mencionado (13.3). De acordo com esse mito, Nero era e já não é (cometeu suicídio), ressuscitará (seja literalmente à frente de um exército ou simbolicamente nas políticas de Domiciano), mas será destruído. Mas esse também é o curso do mal — ativo desde o início, parece às vezes morrer, reafirma-se, mas por fim será destruído.

Em seguida somos apresentados a outro quebra-cabeça que também "requer mente sábia" (v. 9). As sete cabeças da besta são sete colinas (obviamente aquelas sobre as quais Roma foi construída). São também sete reis, cinco dos quais caíram, um ainda existe e o sétimo ainda não chegou. Os comentaristas dividem-se: se os cinco são os imperadores romanos de Augusto a Nero ou se (por causa do pano de fundo na profecia de Daniel) são cinco reinos ou impérios desde a Antiga Babilônia (ou o Egito), passando pela Assíria, Caldéia, Medo-Pérsia e Grécia até chegar a Roma.

O anjo intérprete agora refere-se aos "dez chifres que você viu" (v. 12). Diz-se que são "dez reis". Mas, já que a autoridade em cada caso durará apenas uma hora (ou seja, um tempo muito curto), a referência bem pode ser a líderes em geral ou, talvez, a governadores romanos em particular. Infelizmente, o primeiro e único propósito deles é curvar-se à besta e travar guerra contra o Cordeiro. Mas o Cordeiro os vencerá (porque ele é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis) e também os vencerá seus seguidores que são "chamados, escolhidos e fiéis" (v. 14).

"As águas que você viu", continua o anjo (v. 15), sobre as quais preside a prostituta, são os povos do mundo. Mas "a besta e os dez chifres que você viu" (v. 16), que serviram fielmente à mulher, vão agora revoltar-se contra ela, irão odiá-la, desnudá-la, comer sua carne e queimá-la. Porque Deus colocou no coração deles serem agentes de seu julgamento contra ela.

Por fim, "a mulher que você viu" (v. 18) é a grande cidade que rege os reis da terra; Babilônia em símbolo, Roma na realidade, a própria essência da hostilidade contra Cristo e sua igreja.

A queda da Babilônia (18.1-24)

Agora que a identidade da "Babilônia" foi estabelecida como Roma a prostituta, auxiliada e incentivada por Roma a perseguidora, João passa de vez a descrever sua queda. Isso não ocorreria de maneira definitiva por mais outros 320 anos, quando, em 410 d.C., Alarico o godo saquearia a cidade. Mas João usou o pretérito profético em todo o capítulo 18, expressando a certeza do julgamento divino como se já tivesse ocorrido. "Caiu! Caiu a grande Babilônia!" (v. 2, como em 14.8).

É realmente impressionante que João conseguisse predizer a queda de Roma com tanta certeza. Ora, as pessoas falavam de Roma como "a cidade eterna", e o império parecia invulnerável. O Bispo Paul Barnett escreveu que, naquela época,

> *Roma estava no auge de seus poderes. Não havia nenhuma ameaça séria às suas fronteiras nem algum sinal de levante nos povos submetidos a ela. Os piratas haviam sido afastados dos mares e os bandidos, das terras. Cidades elegantes ponteavam as praias do Mediterrâneo e também se encontravam várias no interior. Logo o tirano Domiciano cairia, e o império entraria em [seu] ano áureo...* [31]

Então, como João pode ter tanta certeza? Em parte, sem dúvida, porque ele acreditava no julgamento justo de Deus contra o mal e, em parte, porque, na época, as profecias do Antigo Testamento quanto à queda da Babilônia haviam sido todas cumpridas (e.g. Is 13.19 e 21.9). Assim, o anjo enviado para anunciar a queda da Babilônia possuía grande autoridade e esplendor (v. 1). Ele chegou a declarar que a destruição da cidade já a tornara morada para espíritos malignos e aves impuras (v. 2; cf. Is 13.20-22; Jr 50.39).

E o motivo para a devastação da Babilônia era que todas as nações, reis e mercadores da terra haviam sido infectados por seus adultérios e luxos (v. 3). Esses grupos voltam a ocorrer na segunda metade do capítulo.

Enquanto isso, ouviu-se outra voz chamando o povo de Deus para

[31] *Barnett, Apocalypse Now and Then, p. 138.*

fora da Babilônia a fim de fugir da contaminação. Se não participassem de seus pecados, também não participariam de suas pragas (cf. Jr 50.8; 51.6, 45). Pois Deus lembrava seus pecados ("acumularam-se até o céu" v. 5) e lhe renderia o que merecia e até mais, por causa de seu egocentrismo e orgulho. "Pois poderoso é o Senhor Deus que a julga" (v. 8).

A mesma voz continua sendo ouvida quando se dirige a três grupos da comunidade ímpia de luto por causa da queda da Babilônia: os reis da terra (v. 9-10), os negociantes da terra (v. 11-17a) e os marítimos do mundo (v. 17b-19). Toda a passagem lembra um canto fúnebre do Antigo Testamento, especialmente o lamento de Ezequiel por Tiro e Sidom (Ez 26 – 28), e cada seção é concluída com palavras de lamento. "Ai! A grande cidade! Babilônia, cidade poderosa!" porque "em apenas uma hora" foi levada à ruína (v. 10, 16, 19).

Os reis da terra, culpados de participar da imoralidade e dos luxos da Babilônia, vão chorar e lamentar a destruição da "cidade poderosa".

Os negociantes da terra também vão prantear porque não mais terão mercados nem alguém para comprar suas cargas de jóias, tecidos finos, artigos de marfim, madeira e outros materiais, especiarias e alimentos, cavalos e carruagens. Até seres humanos eles traficavam como escravos. As frutas especiais que os fregueses cobiçavam já não estarão ao dispor deles. O capital financeiro deles desaparecerá da noite para o dia, e nunca mais será recuperado. Os mercadores que perderam tudo vão ficar de longe, lamentando que "tamanha riqueza" pudesse ser arruinada em uma hora. É um retrato do colapso econômico. Assim, os que choram a devastação da Babilônia são os que "se beneficiavam da exploração econômica romana de seu império".[32]

Os marítimos do mundo incluem não só os capitães do mar e os marinheiros (os tripulantes providos pelos donos das embarcações marítimas), mas também os que viajam de navio e os que vivem do mar (mercadores e pescadores). Esses também vão se postar a alguma distância da Babilônia e assistir ao seu incêndio. Depois irão exaltar sua singularidade: "Que outra cidade jamais se igualou a esta grande cidade?" (v. 18). Tomados de dor,

[32] *Bauckham, Climax of Prophecy, p. 371.*

vão lamentar que a riqueza e o lucro desvanecerá numa única hora.

O capítulo 18 conclui com uma combinação de opostos: uma celebração e um lamento. O versículo 20 convoca o céu, bem como os santos, apóstolos e profetas ao júbilo. Por quê? Porque Deus julgou a Babilônia quanto à maneira pela qual os tratou. À primeira vista soa como uma expressão de vingança pessoal, mas não há motivos para interpretar desse modo. Como em todo o Apocalipse (e não menos no capítulo 19), também aqui somos chamados a celebrar a justiça e o julgamento de nosso Deus justíssimo.

Em seguida, um anjo poderoso lançou ao mar uma grande pedra de moinho e disse que a Babilônia seria irrevogavelmente destruída com a mesma violência. Por conseguinte, até as coisas boas da vida da cidade desapareceriam com ela — o som das músicas, a habilidade dos artesãos, a rotina doméstica costumeira de preparar comida para a família, a luz das candeias e a risada alegre da noiva e do noivo. Nunca mais os sons e as imagens inocentes da cultura humana alegrariam a vida da cidade. Por que não? Resposta: por causa do orgulho dos mercadores babilônios que alardeavam a própria grandeza; porque a Babilônia recorria à feitiçaria para enganar as nações e porque a Babilônia havia derramado o sangue dos mártires. Por causa desses pecados, a Babilônia deixará de existir e, com seu desaparecimento, tudo o que é bom, belo e verdadeiro também desaparecerá.

No primeiro século da era cristã a Babilônia era Roma. Mas a Babilônia vem prosperando ao longo de toda a história em todo o mundo. Babilônia é a Feira da Vaidades, onde quer que exista. É fácil traçar seu perfil nesses capítulos. Parece apresentar seis componentes: (1) idolatria (infidelidade espiritual, até promiscuidade); (2) imoralidade (literal e também simbólica); (3) extravagância e luxo (18.3, 7-8); (4) uso de feitiçaria e magia (18.23; cf. Is 47.1-2); (5) tirania e opressão, levando o povo de Deus ao martírio (17.6; 18.24; cf. Is 14.4-6); e (6) arrogância, até autodeificação (18.7; cf. Is 14.13-15; 47.7ss.; Jr 50.31-32; Ez 28.2). O clamor urgente ainda chega ao povo de Deus para que saia dela a fim de evitar contaminação.

Cinco aleluias (19.1-10)

Em contraste com o silêncio da Babilônia incendiada, João agora ouve o que soou como a "voz de uma grande multidão" nos céus gritando "aleluia!", ou seja, "louvado seja Deus!" A palavra é repetida cinco vezes, caso se inclua o convite "louvem o nosso Deus" no versículo 5. Além disso, aqui, como nos Salmos, "aleluia" nunca vem só. Sempre se acrescentam algumas razões para explicar por que devemos louvar a Deus. Em geral, é porque a salvação, a glória e o poder pertencem a ele e porque seus julgamentos são "verdadeiros e justos".

Em particular, porém, nossos aleluias surgem porque Deus "condenou a grande prostituta". Ela corrompeu o mundo tanto por seus adultérios (sua múltipla infidelidade) como por sua perseguição ao povo de Deus até à morte. Agora Deus lhes vinga o sangue. Não era a vingança pessoal deles que estavam celebrando, mas a vindicação da justiça de Deus. Em seguida, os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus. endossando o reconhecimento da justiça de Deus com seu "Amém, Aleluia!" (v. 4).

Agora João repete que ouviu algo que soou como "uma grande multidão", embora dessa vez acrescente que o barulho lhe lembrava "o estrondo de muitas águas e fortes trovões". "Aleluia!" foi, de novo, a primeira palavra deles (v. 7). Em geral era porque o Senhor Deus Onipotente reinava. Mas, em particular, o convite a que se louve, desta vez, é porque "chegou a hora do casamento do Cordeiro, e a sua noiva já se aprontou". O julgamento da prostituta e a preparação da noiva do Cordeiro formam uma antítese dramática. Lembramos das roupas extravagantes da prostituta; em contraste, a noiva preparou-se com simples "linho fino, brilhante e puro", que lhe foi dado para vestir. Suas vestes representam "os atos justos" do povo de Deus, acrescentou João. Sem elas, não seria adequada para seu noivo.

Um anjo, então, instruiu João a escrever que os "convidados para o banquete do casamento do Cordeiro" são realmente felizes. Dominado pela manifestação do anjo, por sua mensagem ou por ambos, João caiu prostrado para adorá-lo, mas o anjo o impediu, lembrando-lhe que ele era apenas um servo como o próprio João e todos os seus irmãos que tes-

temunhavam de Jesus. João devia adorar a Deus e lembrar que a essência da verdadeira profecia é testificar de Jesus.

9. Cristo em triunfo sobre um cavalo branco (Ap 19.11 – 20.15)

A ruína da besta e de Satanás

"Vi os céus abertos", escreve João (v. 11). A frase alerta-nos para o fato de que ele está para receber uma revelação especial de Cristo e a dividirá conosco. De início nossos olhos deparam com um cavalo branco. Depois nossa atenção é desviada para o cavaleiro sobre o cavalo branco. Seus nomes e descrição (que se seguem) deixam-nos sem dúvida nenhuma de que esse é o Senhor Jesus Cristo na plenitude de sua majestade divina. Aliás, esse é o nono e penúltimo retrato dele em Apocalipse. Aqui ele nos é apresentado como o juiz com perfeita justiça e também como quem está se preparando para liderar a última batalha contra as forças do mal.

Sua descrição e seus nomes

Considere sua descrição. Seus olhos ardem como fogo e sondam os segredos do coração dos homens. Ele é coroado com muitas coroas, simbolizando sua autoridade universal. Seu manto é manchado de sangue, certamente indicando que carrega em si as conquistas de sua morte sacrificial. Os exércitos celestiais o seguem e, como ele, cavalgam cavalos brancos e vestem-se de linho fino (ainda que não manchado de sangue). E então, empregando três símbolos do julgamento justo do Deus Onipotente usados no Antigo Testamento, uma espada afiada sai de sua boca, ele porta um cetro de ferro e pisa o lagar do vinho da justa ira de Deus. É quase impossível visualizar esse retrato montado do Messias — seus olhos em fogo, sua cabeça com muitas coroas, sua boca sustentando uma espada, sua mão brandindo um cetro, enquanto seus pés estão pisando uvas. Simbolicamente, porém, é um quadro espetacular do Senhor Jesus Cristo em majestade, poder, autoridade e justiça, vindo para destruir os poderes do mal.

Agora precisamos considerar seus quatro nomes. Primeiro, ele é chamado "Fiel e Verdadeiro" (v. 11), como em sua carta a Laodicéia, onde se

anunciou como "a testemunha fiel e verdadeira" (3.14). Ou seja, ele nunca comprometeu sua fidelidade a Deus. Além disso, uma vez que nas Escrituras a fidelidade a Deus diz respeito a sua aliança e promessas, chamar Jesus de "Fiel e Verdadeiro" significa que é por meio de Cristo que a aliança de Deus foi estabelecida e seus louvores serão cumpridos. "Pois quantas forem as promessas feitas por Deus, tantas têm em Cristo o 'sim'" (2 Co 1.20).

Segundo, o que monta no cavalo branco tem escrito em si "um nome que só ele conhece, e ninguém mais" (v. 12). Se nosso nome significa nossa identidade, um nome oculto significa uma identidade oculta. Jesus Cristo não nos revelou tudo a seu respeito. Por mais que possamos alegar saber a respeito dele, há muito mais que não sabemos. Só ele se conhece em sua plenitude e só no último dia o conheceremos como ele nos conhece (1 Co 13.12; 1 Jo 3.2).

Terceiro, seu nome é "Palavra de Deus" (v. 13; Jo 1.1). Assim como nos revelamos em nosso discurso, Deus também vem se revelando em sua Palavra, Jesus Cristo, e no testemunho bíblico completo a respeito de Cristo. É também importante notar que aquele cujo nome é "Palavra de Deus" veste um manto manchado de sangue. Pois é na cruz que ele se revelou plenamente, tanto em bondade como em severidade, em amor como em justiça, demonstrando sua justiça no julgamento e seu amor na salvação.

Quarto, em seu manto e coxa ele possui escrito o seguinte nome: "Rei dos reis e Senhor dos senhores" (v. 16. Cf. 17.14 e Dt 10.17). Esse é o mais sensacional de todos os nomes de Cristo, e nos lembra inevitavelmente o clímax do Messias de Handel. Reis e rainhas, imperadores, presidentes e outros governantes terrenos logo ficam embriagados com o próprio poder e fama, tendendo a se tornar autocráticos. Mas Jesus Cristo os coloca no devido lugar, pois foi exaltado à posição de honra máxima, muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio humanos, e de qualquer título que possa ser dado, com tudo colocado sob seus pés (Ef 1.20-23; Fp 2.9-11). Ele é o Rei dos reis e o Senhor dos senhores.

As duas bestas são destruídas

Depois dessa revelação de Cristo como o cavaleiro sobre o cavalo

branco, espera-se naturalmente que ele siga direto para a última batalha. Antevendo isso e suas baixas, um anjo lança um convite em voz alta e sinistra às aves predadoras "reúnam-se para o grande banquete de Deus" (v. 17). É uma alternativa macabra àquele outro banquete, já mencionado, "o banquete do casamento do Cordeiro" (19.9). Os convidados para aquele banquete serão realmente benditos. Mas os convidados para o "grande banquete" de Deus serão abutres e outras aves que se alimentam de carniça, enquanto a comida servida será carne humana — a carne de reis, generais e homens poderosos e de todos os povos, pequenos e grandes que (supõe-se) receberam a marca da besta (v. 20).

Em seguida, João vê a besta, os reis da terra e seus exércitos reunidos para travar guerra contra o cavaleiro sobre o cavalo branco e seu exército (v. 19). Assim chega o momento dramático. Os dois exércitos, o divino e o demoníaco, estão frente a frente. É o limiar do Armagedom. O que acontece a seguir? Nada! "Não há batalha", só "um completo anticlímax".[33] Ora, a verdade é que a batalha já foi travada e ganha pela cruz e ressurreição de Jesus.

Em lugar disso, chega o tempo de julgamento e as forças do mal são dispostas na ordem contrária à sua introdução. A Babilônia já foi derrubada. Agora as duas bestas serão destruídas, deixando o destino do dragão para o capítulo 20. A besta do mar foi capturada e, com ela, a besta da terra, também conhecida como "o falso profeta", o símbolo da religião falsa, responsável por persuadir as pessoas a adorarem o Imperador ou sua estátua (v. 20). As duas bestas foram lançadas vivas no lago de fogo, sendo destruídas. Ao mesmo tempo precisamos lembrar que não são seres sencientes, mas símbolos da perseguição e ideologia anticristã. O capítulo conclui com dois retratos dramáticos. Primeiro, o resto do exército da besta será morto pelo cavaleiro sobre o cavalo branco, usando a espada de sua boca, o que significa que ele vencerá o mal com sua Palavra. Segundo, o espetáculo desagradável de abutres fartando-se de carne humana significa que no fim o mal será destruído de maneira completa e irrevogável.

[33] *Barnett, Apocalypse Now and Then, p. 143.*

A queda de Satanás (20.1-15)

O capítulo 19 concluiu com a visão do cavaleiro vitorioso sobre o cavalo branco, em outras palavras, com o fim da história. Não podemos imaginar, porém, que o capítulo 20 começa onde terminou o capítulo 19. Tendo uma visão "paralelista" do livro, creio que mais uma vez João está recapitulando sua história desde o início. Nos quinze versículos do capítulo 20, ele reconta o panorama da história da igreja entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Ao fazê-lo, agora que a Babilônia e as duas bestas foram destruídas, ele dá ênfase ao destino do dragão, o arquiinimigo de Deus. O capítulo divide-se naturalmente em três parágrafos: os mil anos (v. 1-6); a batalha final (v. 7-10); e o último julgamento (v. 11-15).

Apocalipse 20 é bem conhecido por sua referência a um milênio ou um período de mil anos. Suponho que, como outras enumerações no livro, não devemos interpretar isso literalmente, mas como um período muito longo, mas não especificado, na realidade toda a era do evangelho. João nos conta que ele viu um anjo descendo do céu munido da chave do abismo e também de uma grande corrente. Ele prendeu o dragão (identificado mais uma vez com o diabo), acorrentou-o, jogou-o no abismo e depois trancou e selou o local com ele dentro. O propósito disso não era puni-lo, mas "impedi-lo de enganar as nações". Em seguida, João viu alguns tronos em que se assentavam dois grupos — por um lado, santos mortos "a quem havia sido dada autoridade para julgar" (v. 4), e, por outro, mártires "que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus..." Os dois grupos estavam unidos em sua recusa seja em cultuar a besta, seja em serem rotulados com sua marca. Eles voltaram à vida (uma experiência mais tarde chamada "a primeira ressurreição", v. 5-6) e reinaram com Cristo ao longo do milênio. Eles também foram pronunciados especialmente benditos porque jamais sofreriam "a segunda morte", antes, serviriam como sacerdotes a Deus e a Cristo.

É importante observar que a expressão "durante mil anos" ocorre quatro vezes nesses seis versículos, com uma referência diferente em cada ocasião. Juntas, elas nos contam o que acontece durante o milênio. Primeiro, Satanás ficou preso "por mil anos" (v. 2). Segundo, as nações não foram mais enganadas "até que terminassem os mil anos" (v. 3). Terceiro,

os santos e mártires ressuscitados reinaram com Cristo "durante mil anos" (v. 4). Quarto, os mesmos ressuscitados serviram a Deus e a Cristo como sacerdotes "durante mil anos" (v. 6).

Uma vez cientes dessa repetição quádrupla e das quatro atividades descritas, penso que podemos afirmar com certeza que o milênio simboliza todo o período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Primeiro, foi em sua primeira vinda, especificamente por sua morte e ressurreição, que Jesus "amarrou o homem forte" (Mc 3.27 = Mt 12.29). Segundo, é durante o mesmo período entre os adventos que as nações têm sido "desenganadas" e que milhões têm-se convertido, em conseqüência da pregação do evangelho no poder do Espírito (e.g. Sl 2.8; Mc 13.10; Lc 10.18; At 1.8). Terceiro, durante o mesmo período o povo de Deus é ressuscitado e reina com Cristo, está assentado em tronos nos lugares celestiais (Ef 2.5-6; cf. Ap 3.21). Quarto, somos sacerdotes bem como reis (Ap 1.6; 5.10; 1 Pe 2.5, 9). Aqui não há menção a um milênio "sobre a terra"; o milênio é um reinado com Cristo "nos lugares celestiais".

Caso se levante a objeção de que o diabo não parece preso e que as nações também não parecem "desenganadas", talvez possamos responder de duas formas. Primeiro, a prisão de Satanás é um problema que diz respeito a todo o Novo Testamento e não só a Apocalipse 20. Em todo o Novo Testamento afirma-se de maneira incisiva que na cruz Cristo derrotou e até "destruiu" o diabo, que ele o destronou e desarmou e que tudo foi colocado sob seus pés (e.g. Cl 2.15; Ef 1.22; Hb 2.14). Segundo, Apocalipse 20 não diz que o diabo está preso no que diz respeito a todas as suas atividades, mas só no que diz respeito ao engano das nações. Olhando para trás, desde o início do evangelho, certamente tem havido um maravilhoso ajuntamento de nações para Cristo (cf. Ap 7.9).

Quando o período entre os adventos ou os mil anos terminarem, João nos diz que Satanás será libertado de sua prisão "por um pouco de tempo" (v. 3, 7), e que ele enganará as nações de novo em todo o mundo. Durante esse tempo o esforço missionário da igreja sem dúvida sofrerá oposição e será abreviado, e a igreja experimentará perseguição e tribulação em vez de expansão. Satanás também juntará povos hostis para um último assalto contra a igreja, incluindo Gogue e Magogue, símbolos de nações ímpias

em Ezequiel 38 e 39. Um grande exército será reunido e marchará cortando a terra, tendo à frente o Anticristo ou o homem da iniqüidade (2 Ts 2.1-12), e rodeará o acampamento do povo de Deus, simbolicamente Jerusalém, a cidade que ele ama. Os contornos da história são familiares. Esse exército, marchando para a batalha de Armagedom, já foi descrito três ou quatro vezes, pois João alcança o mesmo ápice repetidas vezes (e.g. 11.18; 16.12ss. e 19.19). A cada vez, quando os dois exércitos ficam frente a frente, esperamos embate de armas, violência e sangue. Mas a cada vez não há batalha, pois o próprio Deus intervém e evita o conflito. Cristo vem em pessoa, o que cavalga o cavalo branco, e vence o perverso com o sopro de sua boca (2 Ts 1.7-10; 2.8). Ou, como João expressa aqui, "um fogo desceu do céu e as devorou" (v. 9). Então o dragão foi lançado no lago de fogo, para ali encontrar as duas bestas num destino que não possui nem interrupção nem fim.

Agora que o dragão, as duas bestas e a prostituta foram todos destruídos e, portanto, toda oposição ao povo de Deus (seja perseguição física, falsas ideologias ou transgressão moral) desapareceu com eles, chegou a hora do julgamento dos indivíduos. João vê um grande trono branco. Ele está ocupado, mas se não diz por quem. Pode ser Deus Pai, já que normalmente é ele o ocupante não identificado do trono. Mas é mais provável que seja Jesus Cristo, já que é a ele que Deus delegou o trabalho de julgar (veja e.g. Mt 24.31; Jo 5.22; At 17.31; Ap 14.14). A terra e o céu desvanecem, indicando o fim da velha criação. Então João viu os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono. "Não há ausentes e não há exceções".[34] Depois os livros foram abertos — os muitos livros que registram os feitos dos mortos e o único "livro da vida" que registra os que pertencem ao Cordeiro (3.5; 13.8). Quando João diz que "os mortos foram julgados de acordo com o que tinham feito, segundo o que estava registrado nos livros" (v. 12), ele não está dizendo que os pecadores são justificados por suas boas obras. Não, nós, pecadores, somos justificados só pela graça de Deus, só mediante a fé em Cristo. Ao mesmo tempo, seremos julgados por nossas boas obras. O motivo disso é que o Dia do Julgamento será uma ocasião

[34] *Metzger, Breaking the Code, p. 95.*

pública e que as boas obras serão a única evidência pública e visível que pode ser apresentada para atestar a autenticidade de nossa fé. "A fé, por si só, se não for acompanhada de obras, está morta." Tanto o mar como o hades darão seus mortos, agora que vai ocorrer a ressurreição geral. E depois a morte e o hades serão lançados no lago de fogo, significando que a própria morte física morre. "Não haverá mais morte" (21.4). Mas o lago de fogo, que abolirá a morte física, é em si uma segunda morte, morte espiritual, separação eterna de Deus. O destino terrível de todos cujo nome não está no livro da vida é a segunda morte, o lago de fogo.

10. Cristo vindo como o noivo para buscar sua esposa (Ap 21 – 22)

O novo universo, a cidade e o jardim

O capítulo 20 terminou com o temível contraste entre os que estão registrados no livro da vida e os que sofrem a segunda morte e, assim, entre a vida e a morte como destinos alternativos que esperam a humanidade. Os capítulos 21 e 22 também mencionam a segunda morte (21.8), mas todo o foco deles está na vida — o livro da vida (21.27), a água da vida (21.6; 22.1-2; 22.17) e a árvore da vida (22.2, 14, 19).

Ora, "vida eterna" significa o conhecimento pessoal de Deus por meio de Jesus Cristo (Jo 17.3), exatamente como a segunda morte significa separação dele. Além disso João ilustra essa vida (o destino último e glorioso do povo de Deus) pelo uso de três metáforas distintas. A primeira é de segurança na cidade de Deus, a nova Jerusalém. A segunda é de acesso à árvore da vida no Jardim do Éden restaurado. A terceira é do relacionamento íntimo da noiva e do noivo no casamento. João possui uma facilidade notável de misturar suas metáforas. Ele salta abruptamente de uma para outra (a cidade, o jardim e o casamento) sem nenhum senso aparente de incongruência. Assim como o leão da tribo de Judá transformou-se num Cordeiro que parecia ter sido morto (5.5), também a Cidade Santa que João vê descendo do céu, da parte de Deus, está "preparada como uma noiva adornada para o seu marido" (21.2). É tão difícil visualizar uma cidade como noiva ou uma noiva como cidade, quanto é visualizar um

leão como cordeiro ou um cordeiro como leão. Entretanto, não é difícil interpretar os símbolos. Todas as três metáforas (a cidade, o jardim e o casamento) representam nosso relacionamento pessoal íntimo com Deus, que começa agora, quando nos reconciliamos com ele, e será consumado quando Cristo vier.

Tudo novo (21.1-8)

Os oito primeiros versículos do capítulo 21 parecem celebrar a "novidade" da obra escatológica de Deus. São variações sobre o tema da novidade. Ora, João viu um novo céu e uma nova terra (v. 1), a que desceu a nova Jerusalém (v. 2). Por conseguinte, "a antiga ordem já passou" (v. 4) e de seu trono Deus pode declarar "Estou fazendo novas todas as coisas!" (v. 5).

A promessa de um novo céu e uma nova terra foi primeiro feita por Deus a Isaías (65.17; 66.22). Jesus mesmo falou disso como "a regeneração de todas as coisas" (Mt 19.28, literalmente "o novo nascimento"), e Paulo escreveu como a criação sendo liberta de sua escravidão à decadência (Rm 8.21). É importante, pois, afirmar que nossa esperança cristã aguarda não um céu etéreo, mas um universo renovado, relacionado com o mundo presente por continuidade e descontinuidade. Assim como o indivíduo cristão é uma "nova criação" em Cristo (2 Co 5.17), a mesma pessoa ainda que transformada; e assim como o corpo ressuscitado será o mesmo corpo com sua identidade intacta (n.b. as cicatrizes de Jesus), ainda que investido de novos poderes; assim também o novo céu e a nova terra não serão um universo substituto (como se criados de novo), mas um universo regenerado, purgado de toda a imperfeição presente, já sem dor, pecado ou morte (v. 4, 8). João acrescenta o detalhe de que "o mar já não existia" (v. 1). Muitos que amam o mar lamentam isso, mas precisamos lembrar que para Israel o mar simbolizava a aflição (Is 57.20-21), a separação (Sl 139.9-10) e a hostilidade a Deus, sendo o ambiente de onde emergiu a besta do mar (13.1).

Em seguida João ouve uma voz alta que emana do trono de Deus, falando com ele em discurso direto e explicando o significado da descida da nova Jerusalém: "Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles

e será o seu Deus" (v. 3). Essa declaração maravilhosa é ainda mais impressionante porque incorpora a fórmula da aliança, que ocorre várias e várias vezes em toda a Espírito, a saber, "serei seu Deus e vocês serão meu povo". O resultado desse relacionamento vivo entre Deus e seu povo é que já não haverá lágrimas, morte, luto, choro ou dor, pois essas coisas pertencem à antiga ordem decaída do mundo que agora passou. Aliás, como continua a voz do céu, "Estou fazendo novas todas as coisas!" E só ele pode fazer isso, uma vez que ele é o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim.

Até aqui, nos primeiros versículos do capítulo 21 foram mencionadas duas das metáforas da vida eterna em Cristo, isto é, a cidade (a nova Jerusalém) e o casamento (a noiva lindamente vestida para seu marido). Agora a terceira é pelo menos sugerida em referência aos sedentos que são convidados a beber sem custo, já que é no jardim que se encontra a fonte da água da vida (v. 6). Os vencedores (os que se recusaram a ceder) são mencionados junto com os sedentos e, em contraste, são alistadas oito categorias de malfeitores que serão excluídos da cidade, do jardim e do casamento; em vez disso, encontrarão seu lugar no lago de fogo.

O restante do capítulo 21 e a maior parte do 22 devotam-se principalmente à elaboração das três metáforas.

A cidade (21.9-21)

Um anjo convida João, "Venha, eu lhe mostrarei a noiva", como outro anjo o havia convidado antes: "Venha, eu lhe mostrarei ... a grande prostituta" (17.1). A noiva e a prostituta, Jerusalém e Babilônia, são colocadas em antítese ao longo de todo o livro. Assim como no início do capítulo João viu a Cidade Santa, a nova Jerusalém, descendo lindamente vestida como uma noiva (v. 2), agora ele é convidado a ver a noiva, mas lhe é mostrada a cidade (v. 10). É óbvio que as duas metáforas ilustram a mesma verdade.

O anjo-guia de João o leva para longe, não literalmente mas "no Espírito", sua imaginação controlada pelo Espírito inspirador, para um monte alto. Desse ponto privilegiado João viu a Cidade Santa, a nova Jerusalém, descendo de Deus. A primeira coisa que se nos diz é que "ela resplandecia com a glória de Deus" (v. 11), já que o templo da velha Jerusalém era a

morada da glória de Deus (por ex. Ez 1 e 10). A cidade também reluzia com o brilho de uma pedra muito preciosa, talvez um diamante.

João agora descreve o muro da cidade, junto com as portas e as fundações do muro. As doze portas da cidade, guardadas por doze anjos, levavam os nomes das doze tribos de Israel, havendo três portas a leste, três ao norte, ao sul e ao oeste. As doze fundações do muro levavam os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. Assim, a cidade representava a igreja completa do Antigo e do Novo Testamento.

João prossegue dizendo-nos que esse anjo-guia possuía uma régua de ouro com que mediu a cidade, suas portas e seus muros. Primeiro ficamos sabendo que a cidade era quadrada, 12.000 estádios (cerca de 2.200 km) de largura e comprimento, e depois somos ainda informados de que a altura da cidade também era a mesma. De modo que a cidade era um cubo, como o santo dos santos no templo (e.g. 1 Rs 6.20), indicando que a cidade inteira lembrava o lugar santíssimo, e que a presença de Deus permeava toda a cidade. A única outra medida que temos é que o muro da cidade tinham 144 cúbitos de espessura (cerca de 65 m).

Decerto concordaremos com Dr. Bruce Metzger que a nova Jerusalém é "arquitetonicamente prepóstera".[35] Ninguém consegue nem imaginar um cubo enorme que se estenda de Londres a Atenas ou de Los Angeles a Dallas. Mas é possível imaginar o simbolismo. A nova Jerusalém é uma fortaleza maciça impugnável, simbolizando a segurança e a paz do povo de Deus. Sua medida confirma sua estabilidade. "Percorram Sião ... contem as suas torres, observem bem as suas muralhas..." (Sl 48.12-13). "Haja paz dentro dos teus muros e segurança nas tuas cidadelas!" (Sl 122.7). "Os que confiam no SENHOR são como o monte Sião, que não se pode abalar, mas permanece para sempre" (Sl 125.1).

A cidade que João viu não era só grande e sólida, mas também bonita — cada um de seus doze alicerces era decorada com uma jóia diferente, cada uma de suas doze portas eram feitas de uma única pérola, e a grande rua da cidade era de ouro puro.

Tendo percebido as vastas dimensões e o magnífico colorido da nova Jerusalém, repleta da presença de Deus, não surpreende que João tivesse

[35] *Ibid., p. 101.*

notado certas conseqüentes ausências (21.22-27). Já vimos que já não haverá pecado, dor, lágrimas ou morte (21.4); agora estamos prontos para mais quatro.

Primeiro, "não vi templo algum na cidade" (v. 22). Mas é claro que não! O Senhor Deus Onipotente e o Cordeiro são seu templo. A presença deles preenche a cidade; não há necessidade de um prédio especial para abrigá-los. A profecia de Ezequiel será realidade: "o Senhor está aqui" (Ez 48.35).

Segundo, a cidade não precisa nem do sol nem da lua (v. 23), já que a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é sua luz (cf. Is 60.19). Aliás, sua luz será suficiente até para as nações, ou seja, as multidões de gentios que serão contados entre os redimidos (Ap 7.9ss.).

Neste ponto precisamos considerar os versículos 24 e 26. "Os reis da terra lhe trarão a sua glória" e "a glória e a honra das nações lhe serão trazidas". Não devemos hesitar em afirmar que os tesouros culturais do mundo enriquecerão a nova Jerusalém. A natureza é o que Deus nos dá; a cultura é o que os seres humanos fazem com ela. Já que os seres humanos são ambíguos, sua cultura também é. Parte dela é maligna, até demoníaca, mas parte dela é também linda, boa e verdadeira. Isso é o que adornará a Cidade Santa.

Terceiro, lá não haverá noite. Por conseguinte, as portas da cidade nunca se fecharão. Elas estarão permanentemente abertas, permitindo contínuo acesso à cidade e, assim, a Deus que ali vive (v. 25).

Quarto, nada impuro jamais entrará na cidade e também não entrará ninguém que seja culpado de feitos vergonhosos ou enganosos, mas apenas os registrados no livro do Cordeiro (v. 27).

O jardim (22.1-6)

Nesses primeiros versículos do capítulo 22 ainda estamos na cidade, mencionada duas vezes. Ainda assim, agora saímos dos muros, portas e fundações da cidade e a ênfase fica no rio da vida e na árvore da vida. Essas alusões são suficientes para nos alertar que João tem em mente o Jardim do Éden com seus muitos rios e sua árvore da vida. Talvez devamos pensar no contexto como uma cidade-jardim ou um parque urbano. João refere-se sucessivamente ao rio, à árvore e ao trono.

Primeiro, o anjo mostrou a João o "rio da água da vida" (cf. Ez 47). A água era clara como o cristal e o rio brotava do trono de Deus e do Cordeiro (fluindo de sua graça soberana) e seguia pelo meio da rua principal da cidade. Assim, a água está o tempo todo à disposição dos que têm sede.

Segundo, diz-se que a árvore da vida crescia em cada lado do rio. O acesso a ela fora proibido após a queda (Gn 3.23-24), mas agora a proibição é retirada. Talvez haja só uma árvore de cada lado, mas prefiro a idéia de alguns comentaristas, já profetizada por Ezequiel (47.7), de que muitas árvores da vida alinham-se nas duas margens do rio em toda sua extensão, de modo que, como a água, seus frutos estarão bem acessíveis a todos. Assim os pobres podem comer e os sedentos podem beber para satisfazer o coração. É preciso mencionar que a palavra grega que significa "árvore" aqui é a mesma usada pelos apóstolos Pedro e Paulo em referência à cruz (xylos: At 5.30; 10.29; Gl 3.13; i Pe 2.24). João dá tanta ênfase à morte salvadora do Cordeiro que bem pode ser que ele veja na árvore da vida uma alusão simbólica à cruz. Em todo o caso, a cada mês amadureciam novas frutas da árvore, enquanto suas folhas serviam para a cura das nações, indicando os bem disseminados benefícios positivos que o evangelho traz ao mundo gentio.

João acrescenta que nunca mais haverá maldições (v. 3). É outra referência clara ao Jardim do Éden, em que a terra foi amaldiçoada por causa de Adão, produzindo espinhos e ervas daninhas (Gn 3.17). Essa maldição é revogada no novo céu e na nova terra.

Terceiro, João passa do rio e da árvore para o trono de Deus na cidade-jardim. Sua centralidade será restaurada como nos capítulos 4 e 5 e toda a vida estará subordinada ao governo de Deus e do Cordeiro. Seus servos o adorarão e verão sua face. Deus disse claramente a Moisés: "Você não poderá ver a minha face, porque ninguém poderá ver-me e continuar vivo" (Êx 33.20; Jo 1.18). Portanto, tudo o que os seres humanos viram até aqui é a glória de Deus (Êx 33.18, 22), definida como "o brilho exterior de seu ser interior". De modo que eles viram Deus na pessoa e obra de seu Filho encarnado (Jo 1.14, 18; 2.11; 14.9). Essa "visão", porém, é como o pobre reflexo de um espelho (1 Co 13.12). E assim permanecerá até o véu ser retirado quando Cristo voltar, quando o veremos "como ele é" (1 Jo

3.2), mesmo "face a face" (1 Co 13.12). Essa visão beatífica é parte indispensável do propósito maior de Deus para seu povo.

Além disso, o nome de Deus será inscrito em nossa testa (v. 4), selando-nos como propriedades suas para sempre. Mais uma "ausência" é agora repetida: "Não haverá mais noite" (v. 5, cf. 21.25), pois a luz que o Senhor Deus lança ao redor banirá a escuridão. Tudo isso se deve à soberania de Deus. Ele reina e seu povo também "reinarão para todo o sempre", sem rivalizar de maneira alguma com seu reinado, mas dividindo-o com ele.

Epílogo (Ap 22.6-21)

Os últimos dezesseis versículos do livro de Apocalipse são um tipo de apêndice ou epílogo, contendo uma variedade de alertas e exortações. Destacam-se, porém, três temas principais.

Primeiro, João está preocupado em autenticar seu livro, em demonstrar sua autoridade. Foi o próprio Jesus, afirma, quem enviou seu anjo para dar a João esse testemunho para as igrejas (v. 6, 16). Por conseguinte, João "ouviu e viu" o que passou a registrar (v. 8) e suas palavras são "dignas de confiança e verdadeiras" (v. 6). João usa uma expressão em especial, com leves variações, a saber, "as palavras da profecia deste livro" (v. 7, 9, 10, 18, 19). O dever de seus leitores para com essa revelação é claro. Eles devem "guardá-la" (v. 7, 9), ou seja, crer e obedecer. Não devem "selá-la" (v. 10, i.e., encobri-la), mas fazê-la conhecida dos outros. E ao fazê-lo não devem nem acrescentar nem subtrair (v. 18-19).

Segundo, João lança seus apelos e alertas num cenário de julgamento previsto. Quando Cristo vier, retribuirá "a cada um de acordo com o que fez" (v. 12). Então ocorrerá a terrível separação. Os que lavaram as vestes serão abençoados, gozando de acesso à árvore da vida e à nova Jerusalém (v. 14), mas os pecadores e os mentirosos não redimidos serão excluídos, como cães párias fora da cidade (v. 15).

Assim Jesus Cristo, que deu origem a todas as coisas como o Criador, consumará todas as coisas como o Juiz, pois ele é "o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim" (v. 13). Esses mesmos títulos são

atribuídos a Deus (1.8) e a Cristo (1.17; 22.13). Com essas afirmações tremendas de Cristo, João abre e fecha seu livro. Tudo está contido entre esses parâmetros. Mais que isso, a perspectiva de João é que antes da criação e depois do julgamento Jesus permanece o mesmo, pois ele é aquele que vive, o eterno (1.17). Assim ele nos desafia hoje a nos arrepender de nossa contemporização covarde e, em lugar disso, sermos suas testemunhas fiéis, seguindo-o até, se necessário, ao martírio.

"Venho em breve!"

O terceiro aspecto do epílogo do livro e o mais distintivo deles, porém, é que ele é marcado três vezes pela grande afirmação de Jesus: *"Eis que venho em breve!"* (v. 7, 12, 20).

Será que isso significa que Jesus e seus apóstolos predisseram que sua volta ocorreria quase que de imediato e que estavam enganados? Essa é uma opinião bem corrente, mas, por algumas razões, não é necessário chegar a essa conclusão.

Primeiro, Jesus disse que ele não sabia o tempo de sua vinda (Mc 13.32; cf. At 1.7; 2 Ts 2.1ss.); só seu Pai sabia. É, pois, de antemão improvável que se pronunciasse sobre aquilo que sabia não saber. Ele não ignorava a própria ignorância.

Segundo, Jesus e os apóstolos instaram seus seguidores em outras partes a se casarem e terem filhos (Ef 5.21ss.), a levantarem o próprio sustento (2 Ts 3.6-10) e a levar o evangelho aos confins da terra (Mt 24.13 = Mc 13.10; Mt 28.19; Rm 11.25). Essas instruções dificilmente seriam compatíveis com uma *parousia* iminente. Algumas das parábolas também implicavam demora (e.g. Mt 25.19).

Terceiro, Jesus predisse a destruição de Jerusalém durante a via de seus contemporâneos e às vezes é difícil discernir se ele está se referindo a isso ou ao fim (e.g. Mc 13.30).

Quarto, a "apocalíptica" é um gênero literário específico com suas próprias convenções literárias. Por exemplo, ela expressa o que ocorrerá *de repente* em termos do que acontecerá *em breve*. Alguns dos profetas dos séculos VIII e VII a.C., por exemplo, anunciavam regularmente que "o dia do Senhor está próximo" (e.g. Jl 2.1), embora isso não tenha começado a

se materializar, com a vinda de Cristo, por mais alguns séculos. Em outras palavras, muitas vezes existe uma lacuna entre a promessa e o cumprimento, já que é somente "por meio da fé e da paciência" que herdamos as promessas (Hb 6.12, cf. Hb 11.39).

Como, então, interpretar a expressão "em breve"? Precisamos lembrar que, com os grandes eventos da vinda, morte, ressurreição e exaltação de Cristo, despertou uma nova era (e.g. Lc 11.20; At 2.17; 1 Co 10.11; 2 Tm 3.1; Hb 1.2; 1 Pe 1.20; 2 Pe 3.3; 1 Jo 2.18), e que agora não existe nada no calendário escatológico de Deus antes da *parousia*. A *parousia* é o próximo evento em seu cronograma. "Era e ainda é verdade dizer", escreveu Charles Cranfield, "que a *Parousia* está ao alcance da mão".[35] Portanto os discípulos cristãos são caracterizados por fé, esperança e amor. A fé apreende o *já* do que Cristo alcançou. A esperança mantém os olhos no *ainda não* de sua salvação. E o amor caracteriza nossa vida *agora* nesse ínterim. De modo que "em breve" pode ser cronologicamente inexato, mas é teologicamente correto.

Quinto, Jesus desejava que seus seguidores fossem pacientes e também vigilantes, como lavradores esperando pela chuva (Tg 5.7ss.) e como chefes de família em prontidão contra ladrões (Mt 24.42-44. Cf. 1 Ts 5.1-4; Ap 3.3; 16.15).

No contexto do livro de Apocalipse, a garantia repetida de Cristo, "Eis que venho em breve!", possui um significado especial. Isso indica que, ainda que esteja vindo para julgar, também está vindo para completar a salvação de seu povo, vindo como o noivo celestial para reclamar sua noiva.

O casamento

Vimos que João desenvolve três metáforas da vida eterna, cada uma ilustrando de um modo diferente o relacionamento perfeito com Deus que nos aguarda no fim. A primeira era um modelo arquitetônico, a saber, as portas, os muros e os alicerces da nova Jerusalém, que não precisa de templo porque toda a cidade é o santuário interior da presença de Deus.

---

[35] *C. E. B. Cranfield, The Gospel According to St Mark: an introduction and commentary (CUP, 1966), p. 408.*

Depois veio o jardim, paraíso restaurado, com acesso contínuo à árvore da vida e à água da vida. Em terceiro lugar e de modo muito mais pessoal que a cidade e o jardim, João refere-se à união eterna de Cristo com sua igreja em termos do casamento do noivo com sua noiva.

De acordo com os costumes judaicos, o casamento ocorria em duas etapas: o noivado e o casamento. O noivado incluía uma troca de promessas e presentes, sendo considerado quase tão definitivo quanto o casamento. O casal noivo podia ser chamado "marido" e "esposa", e se houvesse uma separação, teria de ser um "divórcio" (veja Mt 1.18-19). O casamento ocorria algum tempo depois do noivado e era essencialmente uma ocasião social pública. Começava com uma procissão festiva, acompanhada de música e dança, em que o noivo e seus amigos saíam para buscar a noiva, que já estaria pronta. Ele então a levava junto com os amigos e parentes dela para sua casa para a festa de casamento que podia durar uma semana. Durante a festa, a noiva e o noivo recebiam uma bênção pública dos pais e eram escoltados para a câmara nupcial onde consumavam o casamento na intimidade da união física.

A Bíblia não insinua nenhum embaraço com relação ao sexo e ao casamento. Ela é desinibida em seu uso da metáfora do casamento para retratar a aliança entre Deus e Israel. O amor de Javé por Israel é retratado, especialmente por Isaías, Jeremias, Ezequiel e Oséias, em termos claramente físicos. Falando por meio de Ezequiel a Israel, Deus disse:

> *Você cresceu e se desenvolveu e se tornou a mais linda das jóias. Seus seios se formaram e seu cabelo cresceu, mas você ainda estava totalmente nua. Mais tarde, quando passei de novo por perto, olhei para você e vi que já tinha idade suficiente para amar; então estendi a minha capa sobre você e cobri a sua nudez. Fiz um juramento e estabeleci uma aliança com você, palavra do Soberano, o SENHOR, e você se tornou minha (Ez 16.7b-8).*

Jesus mesmo dá a entender, numa afirmação corajosa, que ele era o noivo de seus seguidores, de modo que enquanto ainda estivesse com eles seria impróprio que jejuassem (Mc 2.19-20). Então Paulo, ainda que mui-

to caluniado como misógamo, desenvolveu ainda mais a metáfora. Ele retratou Cristo como o noivo que amou sua noiva, a igreja, e se sacrificou por ela, para que pudesse apresentá-la para si mesmo imaculada e radiante (Ef 5.25-27). Ao que parece, quando Paulo acrescentou que "este é um mistério profundo", queria dizer que a experiência de "uma só carne" no casamento simboliza a união de Cristo com sua igreja (Ef 5.31-32).

É essa mesma figura viva que João toma. Ele já declarou que "chegou a hora do casamento do Cordeiro", que "sua noiva já se aprontou" e que "os convidados para o banquete do casamento do Cordeiro" são benditos (19.7, 9). Misturando metáforas, João também descreveu a nova Jerusalém: ela "descia dos céus, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido" (21.2, 9).

Mas onde está ele? Não se pode vê-lo em lugar algum! Não é a noiva quem deve buscar o noivo, mas o noivo quem deve sair para buscar a noiva! Ela se aprontou com belas roupas e jóias. Agora, porém, não pode fazer mais que esperar — exceto por tomar a liberdade e expressar seu anseio por ele: "O Espírito e a noiva dizem: 'Vem!'" (v. 17). Eis que o ministério supremo do Espírito Santo é testificar de Cristo, e o desejo supremo da noiva é receber seu noivo.

É, pois, assim que o livro de Apocalipse deixa a igreja — em estado de espera, esperança, expectativa, anseio, a noiva aguardando perseverante pelo seu noivo, apegando-se à sua promessa tríplice de que virá logo e encorajada por outros que ecoam seu "Amém. Vem, Senhor Jesus!" (v. 20; cf. 1 Co 16.22).

Enquanto isso ela está consciente de que sua graça será suficiente para ela (v. 21), até começar a festa eternal de casamento e ela ser unida a seu noivo para sempre.

Penso e espero que meus leitores tenham sido afetados pelo retrato de Cristo que João pintou no livro de Apocalipse — o Cristo eterno que nunca muda, mas que nos desafia a segui-lo hoje. Nós o vimos ora supervisionando suas igrejas na terra, ora dividindo o trono com Deus no céu, ora controlando o curso da história, ora chamando o mundo ao arrependimento, ora cavalgando sobre um cavalo branco para o julgamento e ora prometendo vir logo para reclamar sua noiva e casar-se com ela.

CONCLUSÃO

Um livro em quatro partes

As quatro partes deste livro são, todas, incursões na identidade multifacetada de Jesus Cristo. Nas Partes I e IV consideramos o testemunho do Novo Testamento acerca de Cristo, e nas Partes II e III, o testemunho da história da igreja a seu respeito.

Durante todo o tempo estivemos conscientes de que há uma diferença fundamental entre esses dois testemunhos e, portanto, entre as partes bíblicas e históricas de nosso estudo. Ora, os cristãos acreditam que as Escrituras são a revelação escrita de Deus, de modo que possuem uma autoridade divina singular, enquanto os pronunciamentos dos líderes da igreja são opiniões falíveis de seres humanos, por mais distintos que possam ser.

Essa diferença é expressa de maneira deliberada na estrutura do livro. As Partes II e III (Cristo conforme interpretado pela história da igreja) estão firmemente mantidas dentro dos parâmetros das Partes I e IV (Cristo conforme apresentado no Novo Testamento).

Senti a obrigação de lembrar dessa mesma diferença sempre que submetia as histórias das Partes II e III a um escrutínio crítico. Minha avaliação delas muitas vezes foi positiva (especialmente na Parte III), mas às vezes negativa (especialmente bíblica Parte II). Por exemplo, senti liberdade para questionar, e até criticar, a tradição monástica; o misticismo cristão; as categorias feudais da doutrina da expiação de Anselmo; o retrato de Jesus — como mero mestre humano — pintado pelo Iluminismo; a imagem de Jesus — como a vítima trágica, sem uma ênfase comparável em sua ressurreição triunfal — traçada pela Igreja Católica Romana na América Latina; a tendência dos teólogos da libertação de confundir libertação com salvação; e o Conselho Mundial de Igrejas que perdeu os imperativos da missão cristã.

Mas como ouso expressar críticas tão desfavoráveis? Não é presunção fazer isso? Minha resposta é que, sim, seria intoleravelmente arrogante se Deus não nos tivesse dado graciosamente nas Escrituras um critério pelo qual julgar todos os movimentos e tradições humanos. Em conseqüência,

precisamos continuar voltando com humildade aos retratos bíblicos de Cristo, julgando os nossos de acordo com eles, já que só eles são normativos.

Foi inevitável que eu fosse seletivo em minha escolha dos líderes da igreja e suas concepções de Cristo. Mas não temos liberdade de sermos seletivos em relação aos modelos bíblicos de Cristo, aceitando os que gostamos e rejeitando os que não gostamos. A mentalidade do "pegue e monte" de nossa cultura pós-moderna é incompatível com a maneira pela qual a mente cristã entende as Escrituras. Decerto, é legítimo selecionar tópicos bíblicos para estudos específicos (por exemplo, a visão de Paulo sobre este assunto ou a visão de Pedro sobre aquele assunto), mas só para esclarecer como essas particularidades contribuem para o retrato completo de Cristo no Novo Testamento. O alvo desses estudos não é permanecer seletivo, mas tornar-se abrangente.

A extraordinária variedades de concepções de Jesus, algumas com pouca semelhança com o Jesus autêntico do testemunho apostólico, constitui um alerta saudável para nós hoje. Por todos os meios vamos aumentar a Parte III, pois não há limites às maneiras pelas quais o Jesus do Novo Testamento pode nos influenciar e inspirar. Mas não devemos acrescentar outras concepções de Jesus à Parte II, a menos que tenhamos certeza de que elas podem ser justificadas pela referência ao próprio Jesus do Novo Testamento (Partes I e IV).

Mas como chegamos a conhecer o Jesus autêntico por nós mesmos esse Jesus incomparável sem igual?

Termino com uma história que o falecido Donald Coggan, arcebispo da Cantuária, às vezes contava (embora ele mesmo não fosse capaz de lembrar sua origem):

> *Dizem que havia um escultor que esculpiu uma estátua de nosso Senhor. E as pessoas percorriam grandes distâncias para vê-lo — Cristo em toda sua força e ternura. Elas contornavam a estátua, tentando captar seu esplendor, observando ora por um ângulo, ora por outro. Ainda assim a grandiosidade dele lhes escapava, até que consultavam o próprio escultor. Invariavelmente ele lhes respondia: "Só há um ângulo pelo qual esta estátua pode ser vista de verdade. Você precisa ajoelhar-se."*

Mazinho Rodrigues!